



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

SONIA MARTA DANTAS DOS SANTOS

**UMA LEITURA CRÍTICA DA OBRA *ERA UMA VEZ UM RIO*
DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

SONIA MARTA DANTAS DOS SANTOS

**UMA LEITURA CRÍTICA DA OBRA *ERA UMA VEZ UM RIO*
DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus de Três Lagoas, Área de concentração: Estudos Literários – como exigência final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

**TRÊS LAGOAS – MS
2009**

SONIA MARTA DANTAS DOS SANTOS

**UMA LEITURA CRÍTICA DA OBRA *ERA UMA VEZ UM RIO*
DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus de Três Lagoas, Área de concentração: Estudos Literários – como exigência final para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales – UFMS

2º Examinador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP

3º Examinador: Prof. Dr^a Kelcilene Grácia-Rodrigues – UFMS

Três Lagoas, 19 de Agosto de 2009

COMO SE FOSSE UM MEMORIAL

Era uma vez uma menina muito destemida. Ela tinha muitos irmãos, nove. Sua mãe era muito alegre, contava histórias que era uma delícia de se ouvir e era muito querida por todos na cidade. Sua avó materna, Ana, mulher forte, corajosa, deixou o sertão baiano com quatro filhos na mala. Estava viúva, veio pra São Paulo procurar uma vida melhor. A mãe da menina ficou, já era casada, fez família grande. Mas, anos depois, seguiu os passos da mãe. A menina tinha de herança a garra que toda mulher precisava ter. A perseverança e a vontade de vencer os desafios. A menina se fez mulher, mãe e professora.

Certo dia leu um livro sobre um menino que adorava um rio. Ficou tão enamorada dessa história que com o apoio de uma pessoa muito especial resolveu ir mais fundo, mergulhar, perscrutar suas entranhas. A menina se viu naquele menino e no seu rio. Saiu desse mergulho de alma lavada e aqui está o começo de uma outra história...

*Dedico este trabalho ao prof. José Batista de Sales
por acreditar que era possível...*

*à escritora Martha Azevedo Pannunzio
por nos mostrar que é possível
navegar nesse rio através da literatura.*

*À minha mãe, Laudelina Rosa Dantas,
pelo exemplo, pela garra e história de vida*

*Aos meus filhos, Artur e Bernardo, que me
fazem renovar a cada dia o desejo de viver.*

AGRADECIMENTOS

A meu orientador prof. Dr. José Batista de Sales, a minha eterna gratidão, pela maneira como soube conduzir o trabalho e por confiar a mim esta tarefa. Espero ter chegado ao menos próximo do que ele idealizara.

Aos professores do programa de mestrado em Letras de Três Lagoas: Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati pela seriedade e profissionalismo;

Ao prof. Dr. Edgar Cezar Nolasco pela irreverência;

Ao prof. Dr. João Luís Ourique pelo companheirismo;

E principalmente aos professores Dr. Antonio Rodrigues Belon e Dr^a. Kelcilene Grácia-Rodrigues pela forma dedicada e séria com que fizeram a leitura do trabalho e pelas valiosas sugestões;

Ao Claudionor, da secretaria do mestrado de Três lagoas, pela gentileza;

À Lucelena Alevato, bibliotecária da UNESP- Assis, pelo envio de material;

Ao João, bibliotecário da Unesp de Ilha Solteira, que sempre me atendeu com prontidão e gentileza;

À pesquisadora Jaqueline Magalhães Lopes por me enviar a entrevista que realizou com a escritora Martha Azevedo Pannunzio;

À editora José Olympio, na pessoa de Clarissa Peixoto, pela cordialidade no atendimento;

À Prof^a. Danielle Satim, pesquisadora, por indicações de fontes de pesquisa;

À supervisora de ensino da DE de Andradina D. Áurea Calestine Rodrigues Martinho;

Á prof^a. Yara e ao prof. Paulo pelo apoio;

Á D. Soely Zinezi, diretora da E.E de Urubupungá e também psicóloga, pelas orientações;

Ao grande amigo prof. Uilson Gonçalves Costa- USP, pelo incentivo e pelas palavras de força e otimismo;

Às funcionárias da livraria “Só cópia” Cris e Andrea, pelo excepcional atendimento, pela rapidez e presteza com que sempre providenciaram as cópias de material solicitado, ao longo de todo meu estudo;

Ao Deoclécio, técnico em informática, que não mediu esforços para resolver eventuais problemas;

À prof^a. Maria José e seu esposo Omar, pelos préstimos;

A todos meus colegas de trabalho da E.E. de Urubupungá, especialmente as professora: Jeniana, Marli Solera e Adriana pelo companheirismo;

À minha prima Gislainy pela colaboração e otimismo;
À amiga Nilva por compartilharmos momentos de alegria, dificuldades e conquista;
A todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram desse projeto;
Ao Reinaldo que, mesmo sem verbalizar, também torceu por mim;
A todos os meus familiares;
A meu irmão Gil, que desde sempre esteve do meu lado em todos os momentos da minha vida,
me apoiando, me auxiliando, por quem tenho imenso amor e gratidão;
À minha mãe que é a minha base e o meu norte;
A todos os meus alunos da E.E .de Urubupungá, os de antes, os de hoje e os de amanhã
porque são a minha inspiração;
E em especial à escritora Martha Azevedo Pannunzio pelo surpreendente apoio.



*Eu escrevo para mim!
Pra minha recreação,
pro meu alívio,
pro meu consolo!
Pra minha leitura de mundo.*

Martha Azevedo Pannunzio

RESUMO

A pesquisa realizada nesta dissertação buscou dois objetivos principais. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico voltado para as obras de Martha Azevedo Pannunzio, o qual procurou elencar as obras editadas, especificando número de edições e tiragens. E também se tentou um estudo de caráter recepcional, procurando localizar, identificar e situar no âmbito dos estudos da literatura infanto-juvenil brasileira: artigos, dissertações e teses dedicados à obra da autora. Em seguida, foi realizada análise literária da obra *Era uma vez um rio* (2004), com o objetivo específico de compreender o trabalho estético tendo em vista o seu público leitor, a criança e o jovem. Para isso, o trabalho pautou-se nas concepções teóricas sobre Literatura Infantil de Lajolo e Zilberman (2007) e nos estudos de análise da narrativa de Reuter (2004), que abrange três níveis: da ficção, da narração e da textualização. Quanto aos resultados, foi possível constatar que a escritora já publicou até o momento seis obras, cuja temática se volta para o mundo interior da criança e do adolescente que protagonizam suas obras. A análise da obra *Era uma vez um rio* mostrou que a tônica recai sobre a linguagem poética e altamente criativa. A combinação perfeita entre prosa e verso, temática e estética, estrutura e função constitui o valor da obra.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura brasileira infanto-juvenil; Martha Azevedo Pannunzio; *Era uma vez um rio*.

ABSTRACT

*The research conducted in this dissertation sought two main objectives. Initially, it was accomplished an bibliographical survey dedicated to the works of Martha Azevedo Pannunzio, which sought to gather the list of edited works, specifying number of editions and issues. And also attempted a study of receivable character, trying to locate, to identify and to situate within the studies of Brazilian infantile literature: articles, theses and dissertations devoted to the work of that author. Then, a literary analysis was performed of the work *Era uma vez um rio* (2004), with the specific aim of understanding the aesthetic work in view of the public reader, the children and the youth. For that, the work was based on theoretical conceptions on *Infantile Literature of Lajolo and Zilberman* (2007) and studies to analyze the narrative of *Reuter* (2004), which covers three levels: the fiction, storytelling and texting. In the results, it was established that the writer has so far published six books, whose topic turns to the inner world of children and adolescents who play her works. The analysis of the work *Era uma vez um rio* showed that the accent falls on the poetic and highly creative language. The perfect combination of prose and verse, thematic and aesthetic, structure and function represent the value of the work.*

KEY WORDS

Brazilian infantile literature; Martha Azevedo Pannunzio; Era uma vez um rio.

LISTA DE FIGURAS

| | Página |
|---|--------|
| Figura 1. Capa do livro <i>Veludinho</i> | 21 |
| Figura 2. Capa do livro <i>Os três capetinhas</i> | 23 |
| Figura 3. Capa do livro <i>Bicho do mato</i> | 24 |
| Figura 4. Capa do livro <i>Era uma vez um rio</i> | 25 |
| Figura 5. Capa do livro <i>Bruxa de pano</i> | 26 |
| Figura 6. Capa do livro <i>Você já viu gata parir ?</i> | 27 |
| Figura 7. Gráfico: As fases da vida | 71 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO, RECEPÇÃO E CRÍTICA DA OBRA DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO | 16 |
| 1.1. Quem é Martha de Freitas Azevedo Pannunzio | 16 |
| 1.2. Contextualização | 17 |
| 1.3. Obras publicadas | 20 |
| 1.4. Temática..... | 30 |
| 1.5. Linguagem | 37 |
| 1.6. Circulação das obras | 39 |
| 1.7. Recepção e crítica..... | 42 |
| CAPÍTULO 2 – ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA <i>ERA UMA VEZ UM RIO</i> ... | 50 |
| 2.1. Ficção- diegese | 51 |
| 2.1.1. Personagem | 53 |
| 2.1.2. Ações /Sequência..... | 57 |
| 2.1.3. Conflito | 60 |
| 2.1.4. Espaço | 61 |
| 2.1.5. O tempo fictício | 62 |
| 2.2. Narração | 72 |
| 2.2.1. Modo..... | 72 |
| 2.2.2. Narrador..... | 74 |
| 2.2.3. Narratário | 76 |
| 2.2.4. O tempo da narração..... | 78 |
| 2.2.4.1- Ordem | 78 |
| 2.2.4.2- Velocidade | 81 |
| 2.2.4.3- Frequência..... | 82 |
| 2.3. Os recursos discursivos | 84 |
| 2.3.1. Intertextualidade | 86 |
| 2.3.2. Metáfora | 88 |
| 2.3.3. Oralidade | 89 |
| 2.3.4. Neologismo | 90 |
| 2.3.5. Linguagem recreativa | 91 |

| | |
|---|------------|
| 2.3.6. Vocabulário Típico..... | 92 |
| CAPÍTULO 3 – ESTRUTURA POÉTICA EM ERA UMA VEZ UM RIO | 95 |
| 3.1. Poema 1: O rio era assim..... | 95 |
| 3.2. Poema 2: Lá vem a enchente!..... | 103 |
| 3.3. Poema 3: Amigos do rio. | 106 |
| 3.4. Poema 4: O que tem no rio? | 110 |
| 3.5. Poema 5: O rio mais amado do mundo. | 113 |
| 3.6. Poema 6: A história de um rio. | 116 |
| 3.7. Poema 7: Um mundo em um rio | 119 |
| CONCLUSÃO..... | 130 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 134 |
| ANEXO 1- Resumos publicados em anais de Congresso | 139 |
| ANEXO 2- Entrevista 1..... | 143 |
| ANEXO 3- Entrevista 2..... | 163 |
| ANEXO 4- Entrevista 3..... | 190 |
| ANEXO 5- Correspondências..... | 206 |

INTRODUÇÃO

*A infância dura tanto mais quanto
mais superior for a espécie.*

Piaget

Nunca a infância teve tanta visibilidade como nos tempos atuais. Ela representa, pelo menos em tese, a fase da vida que compreende maior preocupação de uma nação que vê na criança um campo fértil para formação de uma sociedade. E não se trata mais de encarar a criança como um adulto em miniatura, impondo-lhe princípios e valores pedagogicamente corretos, alienando-a de sua realidade. Mas de considerá-la como um ser que apresenta suas peculiaridades, inserindo-a gradativamente no mundo, sem desprezar sua necessidade de fantasia e imaginação.

Assim, não é difícil perceber a importância que a literatura tem na vida da criança. Nem é preciso lembrar que Antonio Candido (2002, p.77) já consagrou sua função humanizadora, lembrando de sua “capacidade de confirmar a humanidade do homem”. Por isso, a literatura brasileira dirigida ao público infantil há décadas vem sofrendo profundas transformações, quer no que diz respeito ao número de autores e de obras, quer nas suas realizações estéticas.

Mais e mais escritores de renome da literatura infantil escrevem livros com o intuito de sensibilizar a criança para os problemas que afligem a humanidade e, acima de tudo, fazê-la perceber que despertar para o mundo exige, antes de tudo, superar seus eventuais conflitos. E tal fenômeno precisa ser acompanhado, avaliado e registrado pelos estudos de crítica e de historiografia.

Martha de Azevedo Pannunzio (1938-), que publicou sua primeira obra em 1976 e até hoje já deu a público seis títulos, é uma dentre muitos outros criadores literários que tem sua temática focada na criança e em seu mundo interior e ainda não foi objeto de nenhum estudo sistemático. Considerada a importância de sua produção, um estudo que tenha por meta a sistematização de sua recepção e de sua produção poderá contribuir para a melhor compreensão do estudo literário no interior de toda a literatura brasileira contemporânea e seu processo recepcional.

Para tanto, dividimos o presente estudo em três capítulos. No primeiro, encontraremos um perfil da autora, uma breve esboço da evolução da literatura infantil ao longo do século XX, pautada nas reflexões de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. Na sequência, a apresentação de toda a produção literária (publicação, recepção e crítica) de Martha Azevedo Pannunzio, acompanhado de sua temática e linguagem.

No segundo, realizamos a primeira parte da análise estrutural do livro *Era uma vez um rio*, uma das obras de maior destaque da escritora, a fim de contemplar com maior dimensão a linguagem empregada pela escritora. Neste primeiro momento, examinamos a narrativa em seus três níveis: o da ficção, da narração e dos recursos discursivos, nos fundamentando principalmente nas obras de Reuter (2004), Reis e Lopes (1988), Barthes, R. (2008) e Eco (2006).

E por fim, no terceiro capítulo, efetuamos a análise de alguns poemas presentes na obra, baseando-nos nas orientações de Goldstein (2006) e Candido (2006). Revelaremos, enfim, como a escolha técnica e uma abordagem linguística diversificada podem atribuir valores substanciais para a qualidade estética da obra.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO, RECEPÇÃO E CRÍTICA DA OBRA DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO

1.1. Quem é Martha de Freitas Azevedo Pannunzio?

Martha de Freitas Azevedo Pannunzio reside em Uberlândia, Minas Gerais, onde nasceu em quatro de fevereiro de 1938. Formada em Letras Neolatinas pela Universidade Mackenzie de São Paulo, em 1959, e em Comunicação Visual e Artes Plásticas, pela Universidade Federal de Uberlândia, em 1977, foi, durante 31 anos, professora de latim, francês e português, se especializando em técnicas de redação e em literatura infanto-juvenil.

Martha viveu sua infância e juventude nos anos da ditadura militar. Tem veia política aguçada e preocupação com as questões humanitárias o que a tornaram uma mulher muito atuante na sociedade. Por isso, como cidadã e vereadora, começou sua trajetória escrevendo artigos de protesto, além de leis, alguns contos e poesias para datas comemorativas publicados em imprensa local, como jornais, revistas e anais de concurso

A autora ocupa a cadeira número 3 da Academia de Letras do Triângulo Mineiro e em trinta anos de produção já recebeu diversos prêmios nacionais e destaques literários, além de participação ativa em Programas Literários Nacionais e Consultoria e Gestão Cultural.

A escritora declara em entrevista que adorava ouvir, falar, inventar, fabular e por isso considera que está aí a semente do magistério. Suas leituras de Coelho Neto, Machado de Assis, José de Alencar, Bernardo Élis, Graciliano Ramos e Clarice Lispector fortaleceram ainda mais seu repertório literário, acredita a autora.

Começou a escrever aos sete anos. Mais tarde, no curso de Letras, ampliou suas leituras em literatura francesa, italiana, portuguesa e espanhola no original o que garantiu a ela um espírito apurado pela produção de texto. Então, tinha certeza que seria uma escritora, por isso se preparou e leu tudo que foi possível num tempo mais curto possível para acumular bagagem. Tornou-se vereadora em Uberlândia¹. Se diz agnóstica e socialista. Atualmente

¹ Dados obtidos por meio de declarações da própria escritora em entrevistas. Disponível em: SESC/SP. Entrevista Martha Pannunzio. In: Revista Terceiridade: *Estudos sobre o envelhecimento*, v.19, nº 41, Fev/ 2008, p.64-82.(anexo 4).

desenvolve o programa CERRADO & LETRAS, um encontro leitor-autor para estímulo à leitura e visita ao cerrado.

1.2. Contextualização

Antes de passarmos à apresentação das obras de Martha Azevedo Pannunzio, é preciso situá-la brevemente no contexto histórico da literatura brasileira no âmbito social. Sua obra iniciou a partir dos anos 70 do século XX e se enquadra no movimento artístico literário contemporâneo. A esse respeito, é fundamental revermos as idéias de Bosi:

[o] termo contemporâneo é, por natureza, elástico e costuma trair a geração de quem o emprega. Por isso, é boa praxe dos historiadores justificarem as datas com que balizam o tempo, frisando a importância dos eventos que a elas se acham ligadas [...]. Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. (BOSI, 2006, p. 383).

Para Bosi, o fato de o autor escrever depois dos anos 30 do século XX não significa que seja contemporâneo. Este não é o único critério para classificá-lo como tal, e, talvez, seja o menos significativo, uma vez que existem outras variantes que não estão necessariamente atreladas à época de produção. Apenas significa que o estilo próprio da literatura contemporânea é a consciente interpenetração de planos (lírico, narrativo, dramático, crítico), que possa espelhar o pluralismo da vida moderna (Bosi, 2006, p. 388).

Diante disso, é importante ressaltar, a respeito da classificação da obra de Pannunzio, que se trata menos do fato de ela ter produzido a partir dos anos 70 do século passado do que propriamente da afinidade que sua estética tem em relação às tendências literárias das últimas décadas. Como veremos a seguir no âmbito da literatura infanto-juvenil brasileira, cuja história coincide, entre outros aspectos, com a trajetória social da criança ao longo do século XX.

Lajolo e Zilberman² trouxeram grandes contribuições para o tema com um estudo detalhado da história da literatura para crianças desde suas origens, no século XVII, até os dias de hoje, com levantamento de nomes de autores e de títulos de obras, influências políticas

² LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, 2007

e, sobretudo, apresentam algumas reflexões sobre os entraves entre a literatura infantil e a não-infantil. Entraves esses que vêm sendo superados à medida que a criança modifica seus *status* e alcança mais destaque na sociedade, se constituindo em um público cada vez mais exigente e fiel, o que representa maiores possibilidades de mercado, de oportunidades e, sobretudo, de leitores emancipados.

É preciso constatar ainda que, embora seja um gênero de difícil caracterização, a presença de protagonista infantil têm sido frequente nas obras classificadas para criança ao longo do século XX e talvez por isso as seis obras já citadas de Pannunzio apareçam na categoria de Literatura infanto-juvenil, apesar de a autora não o admitir. Conforme dados de entrevista publicada em agosto de 2006:

Eu não sou uma escritora de literatura infantil, sempre que me dizem isso, até para as críticas, até nas bienais de livro, a feira do livro, eu sempre disse: ‘Me recuso a ser considerada uma escritora de literatura infantil’, não existe esse gênero. Existe um livro que pode ser bom também para o leitor mais exigente do mundo, que é a criança. Criança não lê mais do que dez páginas. E se ela não gostou, ela larga mesmo não é?! E que bom que ela seja assim, bem seletiva, bem exigente, bem criativa, mas quando ela gosta, ela ama. E ela reproduz, ela encena, dramatiza, ela canta, ela conta para os amigos, ela se apropria daquilo na sua produção, na redação da escola, na sua vida, [...]. Então, é uma literatura feita com muito cuidado, com muita responsabilidade [...]. (Anexo 2, p. 146).

Como podemos notar, ainda há alguns resquícios com relação aos contrapontos entre as literaturas infantil e para adulto, pois o fato de a autora se recusar a pertencer à literatura infantil revela-nos uma certa preocupação com o valor depreciativo que o adjetivo *infantil* pode (ou ainda pode) apresentar. Esta resistência deve ter origem em um sentimento com marcas na tradição literária, conforme afirmam os estudos de Lajolo e Zilberman (2007, p. 11):

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil, a frequência com que autores com trânsito livre na literatura não-infantil vêm se dedicando à escrita de textos para crianças, somada à progressiva importância que a produção literária infantil tem assumido em termos de mercado e de oportunidade para a profissionalização do escritor, não deixam margens para dúvidas: englobar ambas as facetas da produção literária, a infantil e a não infantil, no mesmo ato reflexivo é enriquecedor para os dois lados [...].

Portanto, é fundamental considerarmos que, por um grande período, a literatura para crianças no Brasil teve tal função educativa e talvez por isso tenha estado à margem ou encarada, por alguns intelectuais, como literatura de “encomenda”. Destacam, neste contexto, as produções em série das décadas de 1940-60, cujo objetivo era manter o mercado cativo e interessado, o que, evidentemente, contraria a natureza da arte literária.

A maioria dos escritores que surgem nessas décadas caracteriza-se por produzir quantidade considerável de obras, cujas histórias, em geral, repetem temas e/ou personagens, explorando cada veio até a exaustão, facilitando assim sua profissionalização (Lajolo e Zilberman, 2007, p.87).

A literatura infantil, popularizada na década de vigência da arte modernista, defronta-se agora com dois tipos de competidores, que podem sustar ou, ao menos, reduzir seu crescimento. De um lado, depara-se com o empenho pela elitização da cultura, ao menos daquela que circula entre as classes elevadas; isto a coloca, enquanto gênero considerado menor, na defensiva, tendo de depender de escritores sem maiores aspirações a glórias literárias, mas, ainda assim, eficientes na arte de capturar leitores assíduos. De outro, concorre, no gosto desses mesmos leitores, com a cultura de massas, que, dispondo de canais mais poderosos e internacionais, avança de modo irreversível sobre os hábitos intelectuais de consumo do homem urbano [...] (Lajolo e Zilberman, 2007, p. 95).

Toda esta trajetória histórica tem, de alguma forma, sua importância na evolução da literatura infantil brasileira. De mais a mais, devemos admitir que a visão que se tinha da criança também mudou. E é com base nessa nova visão que Lajolo e Zilberman buscam caracterizar a literatura infantil. Assim como Martha Pannunzio, elas relutam contra o peso circunstancial que o adjetivo *infantil* traz para a literatura. No entanto, contraditoriamente, ambas parecem caminhar numa mesma direção no intuito de compreender que, se por um lado o caráter frágil, desprotegido e dependente do leitor mirim pode desqualificar a literatura; por outro, esses mesmos fatores podem funcionar (mesmo que entre outros aspectos) como elementos balizadores de qualidade literária. Afinal, escrever para criança não é mérito para qualquer escritor, como apontou Pannunzio em seu depoimento. E se formos mais fundo nesta questão, chegaremos às reflexões de Lajolo (2006, p.22 - 23):

É essencial, por exemplo, compreender que a literatura infanto-juvenil é um produto tardio da pedagogia escolar: que ela não existiu desde sempre, que, ao contrário, só se tornou possível e necessária (e teve, portanto, condições de emergir como gênero) no momento em que a sociedade (através da escola) necessitou dela para burilar e

fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começaram a aprender.

É também fundamental que se entenda que a noção de criança altera-se com o tempo: que a criança da qual falava Rousseau não é a mesma para a qual escrevia Perrault; e que esta, por sua vez, não é a criança para a qual Edmond de Amicis escreveu *Cuore*; a qual, a seu turno, é diferente do pimpolho para o qual Collodi escreveu *Pinocchio*. E assim indefinidamente, como na ‘Quadrilha’ de Drummond [...].

Sendo assim, é necessário compreendermos que o adjetivo *infantil*, próprio do leitor criança, não pode ser elemento de classificação de uma obra literária, sob a pena de não levarmos em conta valores historicamente alterados. Além do que na realidade isso não traria nenhuma contribuição para a literatura já que esta também sofre com as nuances do tempo.

1.3.Obras publicadas

Pannunzio já publicou até o momento seis livros: *Veludinho* (1976), *Os três capetinhas* (1980), *Bicho do mato* (1985), *Era uma vez um rio* (2000), *Bruxa de pano* (2002), pela Editora José Olympio - RJ e *Você já viu gata parir?* (2005), pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

Veludinho é uma narrativa com narrador homodiegético. O protagonista é um menino de 10 anos chamado Edu que vivia numa cidade do interior. Seu grande sonho era ter uma espingarda de ar comprimido. Mesmo contra a vontade da mãe, ele e seu irmão Pedro adquiriram uma semi-nova. Até que um dia Eduardo foi atirar no quintal e acabou acertando um passarinho ao qual deu o nome de Veludinho. Sentindo-se triste, arrependido e deprimido, Edu levou-o às pressas para sua casa à procura de ajuda para salvar sua vida. Foi um dia inteiro de luta, mas Veludinho não resistiu e passou a viver só nas lembranças de Edu.

A narrativa contém 52 páginas e 23 capítulos. Quanto à sua apresentação, o livro tem formato retangular, no sentido vertical, com 21 x 13,5 cm. A capa de Eliardo França (Santos Dumont-MG, 1941-) apresenta as extremidades em preto, a parte inferior em branco. No centro, um quadro de contorno vermelho e rosa, contendo a imagem de um menino (Edu), só de cabeça e parte superior do tórax, com olhar triste e o rosto branco (como algodão), contrastando com os cabelos castanho-escuros, segurando com a mão direita um passarinho marrom desfalecido e com a outra, uma espingarda com cano para cima, como se tivesse

acabado de acertá-lo. Esta cena retrata coerentemente o momento que desencadeia o conflito vivido pelo protagonista, e simboliza toda a narrativa, como podemos conferir na figura 1.

O mesmo podemos dizer das cinco ilustrações em preto-e-branco (de página inteira) que surgem no corpo do texto e que representam os cinco episódios mais significativos do conjunto da obra: a primeira, (p. 7), quando Edu sai para brincar com a espingarda; a segunda, (p. 13), ele atirando no pássaro; a terceira, (p. 21), ele com o canário na mão, junto com seus amigos saindo à procura de ajuda; a quarta, (p. 35), ao ar livre, embaixo de uma grande árvore, uma roda de crianças tenta fazer uma “cirurgia” para salvar Veludinho e por fim, (p. 47), Edu está sentado sobre sua cama, de joelhos dobrados e cabisbaixo chorando a morte do pássaro.

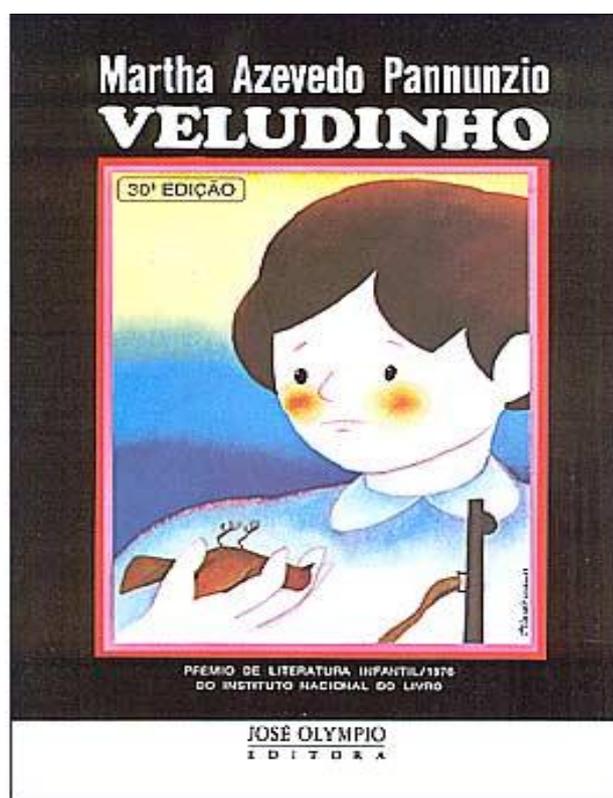


Figura 1. Capa do livro *Veludinho*, 32. ed., 2006

Já *Os três capetinhas* (1980), de formato de 23 x 16 cm, é uma narrativa de 63 páginas, com narrador heterodiegético. A história gira em torno das peripécias de três crianças que moram num apartamento com seus pais e a empregada, Didi. Trata-se de uma família de classe média dos anos de 1980-90.

A obra coloca em evidência o imaginário infantil. A ênfase não está na história, no desenrolar de ações, ou até mesmo em intrigas entre personagens. A narrativa se volta para o mundo subjetivo das crianças, seus desejos, seus sentimentos. Nessa história, os adultos são apenas pano de fundo, são objetos passivos, com os quais a criança vai dialogar e expor seus conflitos. De maneira que não se menciona o nome da mãe, ou do pai, suas profissões, o que fazem (e outros), com exceção da babá Didi que está mais próxima das crianças. Marciliano José (Marti), Inês Cristina (Neneca) e Cristiano (Cristeco) revelam seus sonhos e fantasias.

A narrativa é dividida em três momentos. Em cada um deles se sobressai uma personagem, isto é, uma das crianças: Cristeco, Neneca, Marti. São “Os três Capetinhas”. Porém, é Cristeco que rouba a cena e com ele, a narrativa começa e termina.

Cristeco tem três anos e meio. É o caçula e vive aprontando. É o centro das atenções da casa. É sobre ele que recai grande parte da narrativa. Seu grande sonho era morar em uma casa com quintal para brincar, chutar bola, para criar cachorro de verdade, brincar de índio com seus amigos imaginários: Bong e Corvaguem.

Sua irmã, Neneca, é um “estrepzinho” de quatro anos e meio. É a menina mais vaidosa e cheia de vontades. Quer ser mocinha, vive usando as roupas e sapatos da mamãe. Quando está quietinha, pode apostar que está aprontando alguma (Pannunzio, 2006b, p. 33).

E Marciliano fez seis anos. É redondinho desde que nasceu. E um garoto alegre, estudioso e de boa paz (Pannunzio, 2006b, p. 26).

A ilustração de Flávia Savary vem corroborar esse espírito imaginativo e descontraído da narrativa de Martha Pannunzio. Já na capa aparece a imagem de um móvel de onde parte uma flecha com a seguinte frase: “mesa da cabeceira da mamãe”. Sobre a mesa estão três porta-retratos das três crianças. Cada qual com uma flecha indicando o nome de cada uma. Estão dispostos em ordem crescente de tamanho. Primeiro está Neneca com cabelos estilo “Maria Chiquinha”, a mão apoiando o queixo, fazendo pose, num porta-retratos menor, de ferro fundido, formando curvas nas bordas, lembrando pétalas de rosa. Logo atrás, está Marti, de cabelos lisos repartidos ao meio, num porta-retratos comum, de formato retangular.

Por último, fica o de Cristeco, é o maior de todos. Tem formato de coração, vê-se logo um menino rechonchudo com franjas e vestido com uma capa, cujas pontas ele levanta com as mãos, formando atrás de si uma imagem semelhante a uma asa, lembrando um anjo. E não podemos ignorar os prédios ao fundo das três imagens, representando o grande vilão do progresso.

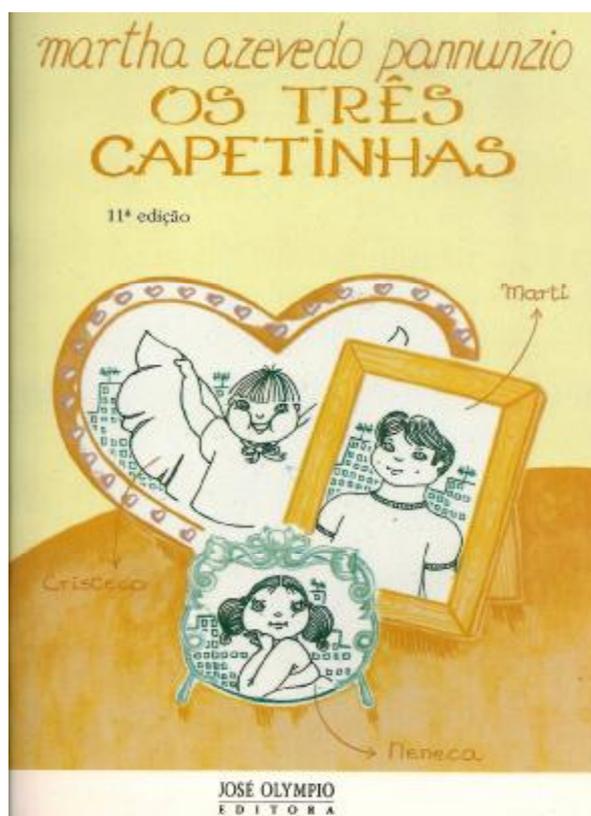


Figura 2. Capa do livro *Os três capetinha*, 11. ed., 2006

Na verdade, a capa se estende para a contracapa. Podemos conferir quando abrimos o livro, deixando-o virado sobre a mesa. E vemos na contracapa uma foto de prédios, com céu cinzento, duas nuvens brancas, à frente de um sol quadrado e esverdeado, dando a impressão de uma vista sombria, de um ambiente barulhento e sem sinais de natureza viva. E uma flecha indicando: “vista de onde eles moram”.

As ilustrações de dentro do livro também são bastante sugestivas. Há sete intercaladas no livro inteiro. Todas em preto-e-branco e a maioria tomando o espaço de duas páginas. A primeira, por exemplo, (Pannunzio, 2006b, p.14-15) retrata Cristeco, parado à porta do quarto, arrastando um travesseiro ao chão. Dele parte um balão imenso que se projeta na outra página, como se indicasse o que ele está pensando. Dentro desse balão há um desenho de uma casa, com chaminé, nuvens, sol, árvores frutíferas e alguns animaizinhos domésticos, incluindo borboleta e tartaruga, uma alusão a seu imenso desejo de viver numa casa com quintal e com total liberdade.

A terceira obra da autora, *Bicho do Mato* (1985), apresenta uma trama que se desenrola no meio rural de Minas Gerais, no começo do século XX. Martha optou por uma

linguagem roceira (destoando das características linguísticas dos demais livros). O narrador homodiegético, Tião, menino de 12 anos, filho de um empregado da fazenda, retrata a vida, os costumes e os conflitos do homem do campo.

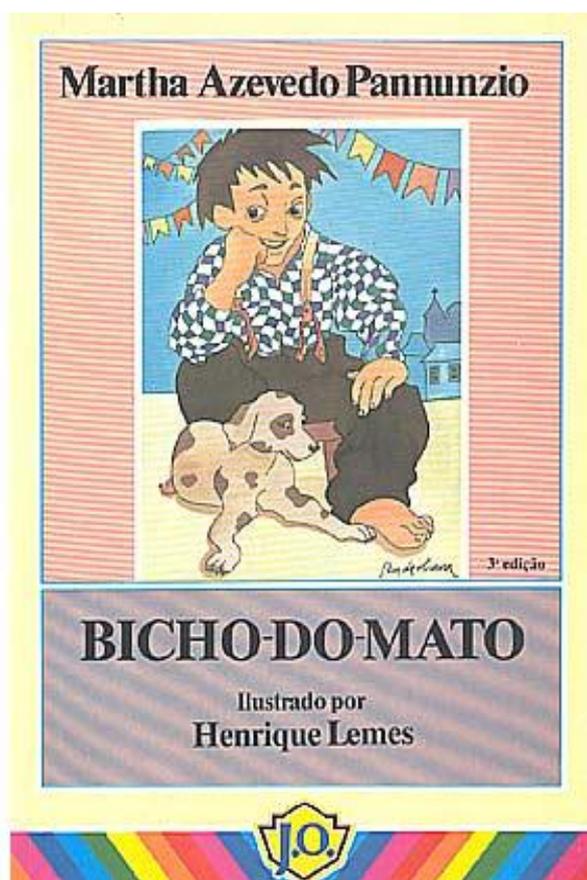


Figura 3. Capa do livro *Bicho do mato*, 3. ed., 1997

O livro tem o formato 23 x 16 cm, contém 77 páginas e engloba 17 capítulos, com quatro ilustrações de Henrique Lemes (Uberlândia-MG, 1960-) em preto-e-branco de página inteira (p. 15; 23; 27 e 70). A primeira corresponde à imagem de toda a família de Tião: os pais (Maria e Olício) e os irmãos (Sinhana, Chico, Militina, Dequinha e Bento); a segunda, Tião, o pai com o Bento no colo e o doutor; na terceira ilustração aparece Tião e seu pai na venda com Luizote (o dono da venda); e a última representa o baile, os casais dançando.

Na capa colorida, vê-se um menino (Tião) usando uma calça com suspensório e camisa de manga longa xadrez, sentado num banco com a mão apoiando o queixo e um olhar esguio e maroto. Ao pé dele, deitado está o cachorro Barão. Ao fundo, uma igreja e um varal de bandeirolas, para enfeitar o ambiente das festas na roça, certamente se referindo ao local

onde aconteceria a festa de casamento da irmã do protagonista, Tião — assunto central da narrativa.

Quinze anos depois, Pannunzio publica *Era uma vez um rio* (2000), um romance que tematiza o amor de um menino por um rio. O livro, de 23 x 16 cm aproximadamente, contém 126 páginas, num total de 40 capítulos. A narração é autodiegética. O narrador-personagem é Augusto, que recorda sua infância ao lado de um rio. O livro será objeto de análise desse trabalho nos próximos capítulos.

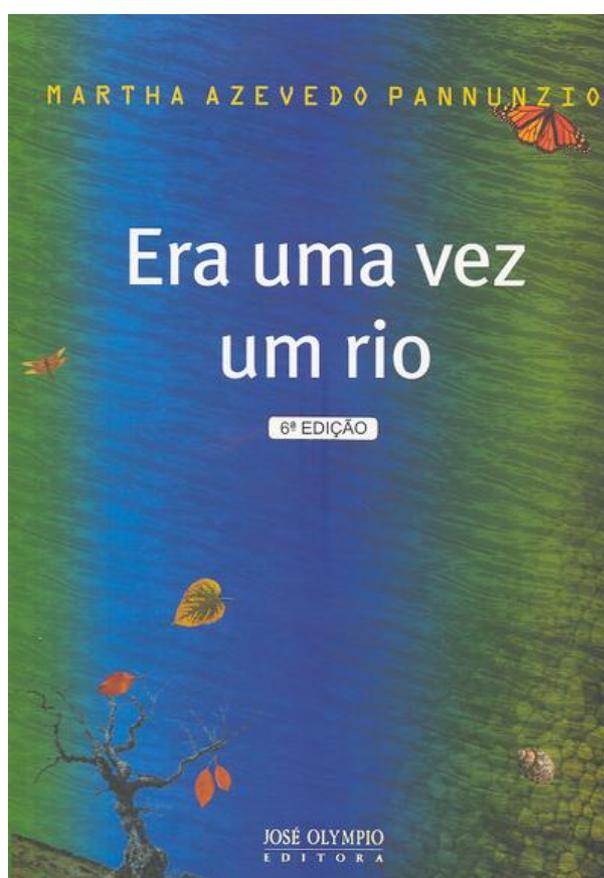


Figura 4. Capa do livro *Era uma vez um rio*, 4. ed., 2004

Sem ilustrações em seu interior, a capa, elaborada por Rio Texto, exhibe uma grande mancha azul tomando todo o espaço no sentido vertical, com tonalidades verdes nas laterais, sendo que, de um lado, aparecem pedras do fundo do rio e, de outro, uma árvore de galhos secos com algumas folhas ao vento. Uma borboleta colorida no alto do canto direito e outra menor à esquerda denunciam a beleza e a destruição da natureza.

Bruxa de pano (2002) também apresenta um narrador homodiegético. O narrador-personagem é Ritinha, uma menina de quatro ou cinco anos, travessa e teimosa, vivia em pé de guerra com seus três irmãos. Seu grande desejo era ter uma irmã com quem brincasse. Suas únicas companhias eram a avó Laurinda (a quem ela chamava de Bisa) e suas bonecas de pano. A narrativa segue por conta do mundo imaginário da menina. Semelhante ao que ocorre com *Os Três Capetinhas*, os fatos aqui não obedecem a nenhuma sequência lógica, são lembranças ou fantasias de situações vividas na infância sob a ótica da criança.

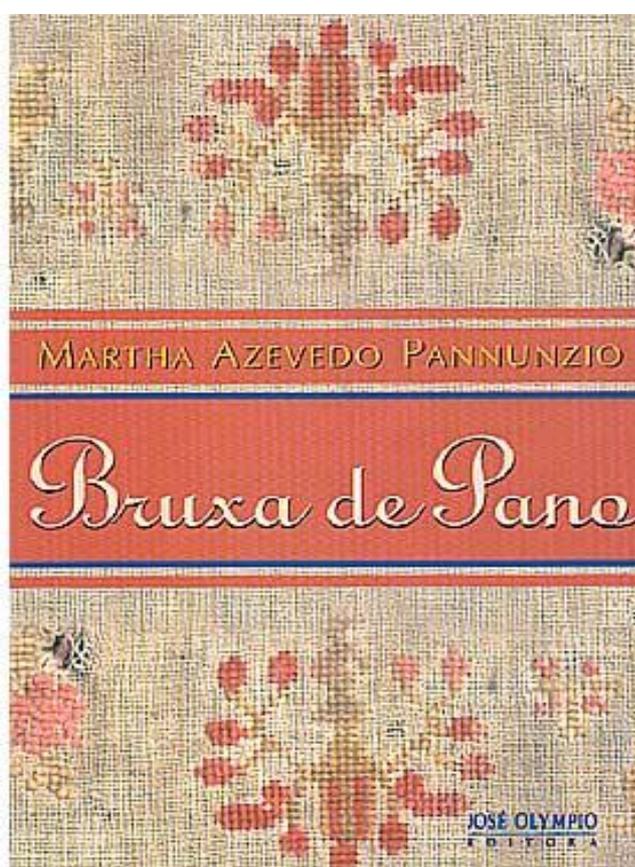


Figura 5. Capa do livro *Bruxa de pano*, 2002

O livro tem 23 x 16 cm aproximadamente e 122 páginas, com 39 capítulos. Não há ilustração no seu interior. A capa de Isabella Perrotta (1961-) e Hybris Design apresenta a estampa de um tecido amarelado e envelhecido, com bordado em tons rosa e salmão e duas marcas de ruptura causadas pelo tempo. (Uma faixa de 4,5 cm na horizontal ao centro, com o título do livro, e outra, mais estreita acima, com o nome da autora). Lembrando algo muito pessoal, que traz lembranças de um passado longínquo. A própria protagonista, Ritinha,

adianta para o leitor a história desse retalho, no segundo capítulo cujo título é: “O que é, o que é?”:

É um paninho de amostra, de 20x30, pouco maior do que um palmo. De linho. Puído. Esgarçado. Desbotado.

Os três alfabetos bordados com lã colorida, em letras maiúsculas, de imprensa e cursiva, incluem as letras K e Y. No terceiro ela se esqueceu de bordar a letra U. Há uma seqüência numérica de 1 a 0. Duas guirlandas singelas enfeitam as laterais. Há um patinho, um ramallete, um L e, espremidos entre os três abecedários, o nome da borboleta — LAURINDA — e o ano — 1900.

Estamos em 2002. Cento e dois anos se passaram. É fantástico que este paninho de amostra esteja aqui, nas minhas mãos (Pannunzio, 2002, p. 10).

Em *Você já viu gata parir?* (2005) o narrador homodiegético é uma menina de seis anos que conta para sua priminha como nasceram os filhotes da gata Pérola. A narrativa inclui detalhes sobre as pessoas, conversas, ambiente e outros fatos relacionados com o parto, além de uma fantasia sobre os primeiros momentos de vida dos cinco gatinhos que nasceram naquela noite. A história retrata a vida em família, a convivência entre diferentes gerações, a presença dos animais domésticos, a disputa entre as crianças e a maternidade responsável e carinhosa, que tem como símbolo a gata rajada.

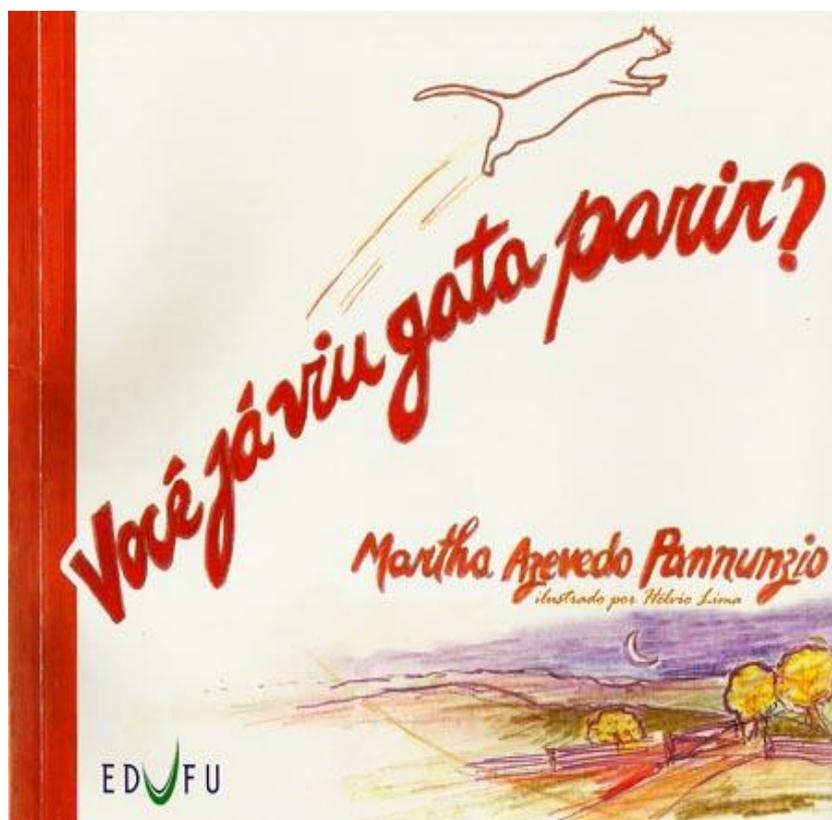


Figura 6. Capa do livro *Você já viu gata parir?*, 2005

Este mais recente livro da autora apresenta um formato um pouco diferente dos demais, tem 21 x 23 cm, é semelhante a um quadrado. A obra tem 47 páginas e sete capítulos. O tamanho da letra também é maior do que o dos demais livros da autora. Sua temática está direcionada mais ao público infantil.

A capa tem uma estreita faixa vertical vermelha na lateral esquerda e o título está escrito em letra cursiva, também em vermelho, partindo do canto inferior esquerdo para o canto superior direito, sugerindo um movimento em diagonal (semelhante ao do arco-íris) e acima, na mesma direção, surge uma gata em posição de movimento como se estivesse saltando por sobre o título. A ilustração é de Hélivio Lima. São oito ilustrações coloridas de página inteira e outras menores da gata sozinha ou acompanhada dos seus filhotes.

Como foi visto, quatro das seis obras de Martha Pannunzio apresentam ilustração em seu interior. Com exceção de *Era uma vez um rio* e *Bruxa de pano*,

É preciso registrar que, segundo informações da editora José Olympio, as capas das obras de Martha Pannunzio nunca sofreram alteração desde a primeira publicação. Porém, já há um projeto para modificações.

Para Lajolo e Zilberman (2007), é cada vez mais frequente o uso de ilustrações em livros infantis para reforçar a história e atrair o leitor mirim. Todavia, é necessário destacar que a ilustração não é a preocupação maior de Martha Azevedo Pannunzio, como afirma em entrevista³:

A criança faz do livro que ela ama um objeto de companhia. Ela guarda, ela leva na hora de dormir, na hora da mesa do café, pinga leite, a mãe fica brava, às vezes rasga, estraga, é isso mesmo! Livro é um objeto de consumo, ele pertence ao leitor. Por isso é que eu; não é sua pergunta, mas eu vou dizer, não permito que a editora faça a produção de um texto meu com luxo, porque luxo você compra na joalheria não é? Livro é para consumo. A gente compra arroz, feijão e alimenta o corpo. E a gente lê, pinta, dança e canta para consumo espiritual [...]. Então o livro não precisa ser ricamente ilustrado, encadernado luxuosamente, não precisa custar um absurdo, eu dispenso até ilustração nos meus livros... porque o meu leitor, ele é capaz de criar, imaginar na cabecinha dele: que rio ele quer? É o dele, que ele conhece, é esse que está ali, não aquele que está desenhado (Anexo 2, p.146 - 147).

A única obra de Pannunzio de ilustração colorida é *Você já viu gata parir?* A autora explica por que:

³ Entrevista concedida a Giselle Pereira Vilela. Disponível em; 278 Cadernos Espaço Feminino, v.14, Ago/Dez. 2006.

Agora no livro *Você já viu gata parir?* eu solicitei da editora da Universidade Federal de Uberlândia, o direito de trazer o ilustrador. Primeiro porque eu gosto muito do trabalho do Hélivio Lima, que é um artista plástico autodidata, e segundo que eu imaginei que aquele fato de crianças de cinco e sete anos; ele poderia ser beneficiado pelo apoio que se sofre da ilustração como recurso. Então, quando eu digo: ele estava na cozinha, e a avó estava arrumando o fogão, e a gata no rabo do fogão... o menino não sabe que o fogão tem rabo, ele sabe que o gato tem, mas o fogão não [...] então Hélivio veio assim, para complementar aquele fogão, o rabo do fogão, [...].

[...] eu achei que o trabalho do Hélivio possibilitou uma segunda leitura, uma opção muito boa, de conhecer a nossa realidade. Eu não disse que os ipês estavam floridos, que eram amarelos; ele simplesmente desenhou uma porteira, uma árvore tom de amarelo e se a criança quiser saber se algum dia ela enxergar uma árvore, ela vai saber que aquilo é um ipê, uma vegetação brasileira [...] (Anexo 2, p. 147).

Sobre o fato de *Veludinho* só ter ilustração em preto-e-branco, a autora também tem uma explicação:

Mas no geral, *Veludinho* vem ilustrado. O Concurso Nacional, que eu era membro nata da comissão avaliadora e eu bati o pé para que nenhuma daquelas ilustrações, eram dezessete artistas plásticos da melhor qualidade, treze ilustradores do eixo Rio-São Paulo e eu bati o pé e não deixei. Porque 'Veludinho' é uma tragédia, eu estou falando de uma vida que corre perigo e de um grupo infanto-juvenil que quer salvar, quer consertar o erro que produziram. 'Veludinho' estava ferido, mas naquele dia eles já haviam assassinado uma porção de passarinhos. [...] Contar isso aí, não comporta nenhuma cor... é bico de pena, preto sobre branco, é uma tragédia! Então eu amo a ilustração de *Veludinho*, são só cinco pranchas, mas bico de pena. Nunca, em vinte e cinco anos encontrei nenhuma criança, em nenhum lugar que eu fui, que me pedissem um autógrafo no livro dela e que tivesse tido necessidade de colorir. Ele permanece intocado. Eu acho maravilhoso, porque o que eu achei que era mesmo, a criança entende que tragédia é tragédia (Anexo 2, p. 147 -148).

Intencionalmente ou não, o fato é que, segundo o depoimento da autora, o leitor-mirim entendeu a mensagem e não coloriu o livro, já que a morte está condicionada ao preto, fúnebre e opaco e as cores remetem à vida — como o arco-íris e a primavera estão associados ao renascer e ao desabrochar do espírito. Portanto, a intenção da autora ao não colorir *Veludinho* talvez seja retratar o trágico do acontecimento, e passar a idéia de que a morte faz parte da vida e viver o luto também. E essa mensagem parece ter sido percebida pelo jovem leitor (mesmo que de forma inconsciente).

1.4. Temática

Como já dissemos, as obras da autora respondem às tendências da literatura infantil contemporânea. Devemos reconhecer que sua estética definitivamente não encontra eco nas narrativas tradicionais, pelo menos no ponto em que marca um descompromisso com valores ideológicos oficiais. A temática das narrativas de Martha Azevedo Pannunzio gira em torno do universo imaginário infantil, abordando conflitos enfrentados pelas crianças em seu cotidiano, no convívio familiar.

As histórias abandonam totalmente figuras como fadas, heróis e animais. Não retratam a realidade urbana, como miséria, drogas, menores abandonados, a exemplo de outras histórias dos anos de 1970-80. Na maior parte delas, as crianças vivem com a família, têm pai, mãe, irmãos, enfim o retrato de uma família tradicional. Não há complexidade, nem muitas personagens. Pelo contrário, são narrativas simples, que normalmente partem de situações reais de sua própria vivência (como a autora repetidamente já anunciou em entrevistas), cujo foco não está no cenário, nem na trama, mas na personagem (a criança) e em seus sentimentos e seu mundo interior.

Quanto a condições de produção, é possível percebermos que a escritora Martha Azevedo Pannunzio não se prende a exigências de mercado ou de editoras, nem no que diz respeito à sua temática, nem em relação à periodicidade de publicação (passou 15 anos até escrever *Era uma vez um rio*, seu terceiro livro).

A temática parte de situações peculiares, subjetivas e seguem o ritmo de sua consciência social, ou talvez um compromisso político. “Eu escrevo para mim! Pra minha recreação, pro meu alívio, pro meu consolo! Pra minha leitura de mundo”. (Anexo 3, p. 173).

Em outra entrevista, Martha Azevedo Pannunzio confirma que aborda em seus livros assuntos que surgiram todos da realidade: “Os meus seis livros são calcados em fatos que para muita gente passaram despercebidos, mas fui fundo para saber o que era aquilo” (Anexo 4, p. 196). Em *Veludinho*, por exemplo, os nomes das personagens coincidem com os dos próprios filhos da autora e o tema foi inspirado em uma situação real, como afirma a autora nessa entrevista:

[...] A justificativa da comissão julgadora para premiação de *Veludinho* foi essa: pela primeira vez a morte é abordada com toda a naturalidade, e sem a luta do bem e do mal, não tem o castigo eterno, não tem a condenação do grupo, nada. Uma criança assume a responsabilidade pelo que fez, e ela vai prosseguir atirando, não mais naquele alvo, que eram os pardais, os passarinhos, mas em lata de goiabada.

[...] E a vida é assim, no aprendizado: dor é muito bom, perda é muito importante, não dá para viver sem perda [...]. A comissão julgadora viu tanto mérito em Veludinho que me surpreendeu. Eu havia escrito sobre um fato que aconteceu na minha casa, era só isso [...] (Anexo 4, p. 198).

A autora declara que não saberia fazer *Veludinho* se alguém tivesse cobrado isso (Anexo 3, p.181). Em *Os Três Capetinhas*, a idéia de contar a história de um menino que tinha um sonho de morar numa casa com quintal, segundo a autora, foi inspirada em um sobrinho que mudou do terreiro para um apartamento e um dia saltou a janela, porque ele precisava de um espaço. (Anexo2, p. 161).

E sobre *Bicho do Mato* Pannunzio ressalta:

Eu escrevi *Bicho do Mato* quando era vereadora, porque a cidade estava começando um processo de surgimento de favelas... e aquilo deixava a comunidade muito assustada. A cidade (Uberlândia) dormia de um tamanho e amanhecia de outro. Assim, eu escrevi *Bicho do mato*, pressionada. Eu era vereadora e ficava impressionada de ver aqueles “guetos” populacionais pobres. Aquelas mulheres eram muito submissas e eu as encontrava machucadas, chorando, infelizes, doentes, abortando, é...muito fragilizadas. E aquilo me agredia pessoalmente... Como aquelas mulheres toleravam a grosseria, o desrespeito? O desacato que os companheiros faziam. E o tanto que elas trocavam de companheiros também... (risos). As meninas já muito cedo entrando na vida sexual e já grávidas. E aquilo me convocava para uma reflexão. Quero tanto que a mulher levante a cabeça. Não é pra disputar não, é só pra conquistar o espaço dela, não é? [...]

E aí eu escrevi *Bicho do Mato* pressionada pelo meu momento político que era o momento político de uma cidade que ia começar a crescer doente, equivocada, né? Mas não que fosse nada da moda e do mercado. É porque o meu discurso era pequeno demais pra acordar a minha câmara, o meu prefeito, os deputados... Então foi um livro bem engajado politicamente naquela época, mas ao escrevê-lo, eu joguei a ação para um certo passado. Não sei porque fiz isso. Podia ter dito: ‘É hoje mesmo!’, mas não, os meus personagens estão na zona rural e têm uma vida do século XIX. Total machismo. Menina nasceu pra obedecer, obedece ao pai, ao tio, ao irmão, ao padrinho, ao vizinho, enfim, todo mundo! Então foi isso, mas não foi nada com “marketing”, não! Não tem nada a ver (Anexo 3, 171 - 172).

E aqui cabe uma indagação: como uma obra que narra uma história que supostamente ocorreu no século XIX pode interessar a um leitor de hoje, ainda mais quando esse leitor é uma criança ou adolescente? Devemos reconhecer que boa parte da resposta pode ser encontrada no próprio conceito de literatura e sua função como representação e expressão artística. Ora, através da literatura o homem toma conhecimento de outras culturas, distantes tanto no espaço quanto no tempo. Esse conhecimento é essencial para sua formação,

tornando-o mais sensível e humano em sua interação com o outro, como observa Candido (1995, p. 180):

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

No caso da obra *Bicho de mato*, isso se manifesta no momento em que a criança e/ou o adolescente de hoje pode(m) conhecer e entender o drama vivido pela personagem Tião que representa um adolescente que viveu no meio rural no século XIX e que tinha problema com a linguagem, com a irmã, com sua sexualidade, com seus pais. Enfim, em todos os casos, podemos verificar elementos da realidade humana. São situações e conflitos que na maioria das vezes encontram cumplicidade com o leitor de hoje, porque independem do lugar e do tempo.

Era uma vez um rio foi escrito motivado por um sentimento de culpa. Martha Azevedo Pannunzio, como agricultora, cumpria contrato com o banco e era forçada a utilizar venenos em sua lavoura. Fato que não correspondia a suas convicções e ideais políticos. Segundo palavras da própria autora: “vendo o meu rio Uberabinha, onde tanta gente morreu afogada de tanta água que tinha agora ele está com as pedras afloradas como a gente vê! Esse [o livro *Era uma vez um rio*] é até um pedido de desculpa para o cerrado” (Anexo 2)

Bruxa de pano “Foi um encontro meu com um paninho; bordado no ano 1900... e veio toda essa avalanche de lembranças e de saudade; de um momento em que criança e velhinho podem muito bem trilhar por um tempo juntos” , relata a autora em entrevista (Anexo 2).

Você já viu gata parir? É uma história que partiu de uma brincadeira:

[...] É um momento que uma neta de cinco anos que está beijando um gatinho insistentemente, e é advertida pela priminha de sete anos que ela não deve fazer isso porque gato é um animal sujo, que dá doença na gente, que pode desenvolver alergia e que ela não deve beijar o gato. Especialmente porque gato é muito nojento, quando ele nasce, ele nasce cheio de tripa, cheio de sangue, todo melado, e a mãe dele muito porca, lambe e come tudo aquilo.

Então, o que mais chocou essas crianças foi esse fato de ter sido testemunha de um parto de uma gata... a mais velha ficou muito chocada com aquilo, porque ela assistiu. O que ela conseguiu ver naquele momento, é que era sujo, sem higiene, era nojento... No momento, ela não quis o gatinho dela, porque nasceu naquelas condições que ela julgou terríveis. Mas ao relatar esse fato posteriormente para a prima pequena em outras férias, ela concluiu que mesmo sendo nojento... é lindo! E o pai e a mãe, então contam pra ela que todo o bichinho que mama nasceu do mesmo jeito; inclusive ela. Ela fica horrorizada: “Eu não! Eu nasci linda. Eu vi as fotos; eu estou vestida, bonita e arrumada”. Mas na foto, na verdade você nasceu igualzinho esse gatinho.

Então, por que eu deixei que isso passasse de um texto da minha gaveta, um original só, para um livro? Porque acho que nós temos que fazer elogio do parto normal. As mulheres hoje são reféns de médicos que estão muito ocupados ou com pressa, e que para resolver um atendimento mais amplo a mais clientes, eles interferem com o parto científico e cheio de anestésias e tudo que é o parto cirúrgico; a cesariana. Então aqui; eu que sou mãe de cinco filhos, nasceram todos por parto normal, não tenho sido avó de menino que nasceu de parto normal; quase todos os meus netos nasceram com intervenção. E é uma pena, porque o parto normal tem que ser praticado. A mãe está aí para ser mãe, dentro da naturalidade que isso pode ter, e que toda mulher, ou quase toda, seja capaz de produzir a sua cria, num ambiente de normalidade, de calma, de paciência para esperar que a natureza cumpra o seu papel. Então, a gatinha Pérola para mim, depois de escrito, hoje, agora e sempre fica o meu elogio para as mães que tiveram paciência, coragem para enfrentar um parto normal. A gatinha aqui é só uma parábola; na verdade é a mamãe. E o carinho da gata pelo filho, a amamentação, a paciência com aquela situação: tantas crias ao mesmo tempo [...] (Anexo 2, p.160 - 161).

Considerando o perfil intelectual da autora, com sua intensa convivência com crianças e adolescentes, tanto no âmbito familiar quanto no ambiente escolar, é compreensível que toda essa vivência tenha reflexo sobre a natureza dos conflitos vividos pelos seus protagonistas. A autora mergulha fundo na alma infantil, desvendando todas as suas inseguranças e dramas de consciência. Em *Veludinho*, por exemplo, é possível vislumbrar esses sentimentos em diversas passagens, semelhantes a esta:

Mamãe falou uma porção de coisas. Falou à toa, porque eu não ouvi nenhuma. Como é que ela pôde? Minha própria mãe?!? Quem é que não tinha importância? Eu não queria falar com ninguém. Saí da cozinha porque eu não tinha voz para dizer nada. [...] Encolhi as pernas, abracei os joelhos e neles escorei minha cabeça. O Pedro Paulo estava sozinho lá. Eu e uma ruindade enorme dentro e fora de mim. Então comecei a pensar em tudo. Na vontade que eu tinha de ter uma espingardinha de ar comprimido. No torneio de caça ao pardal. Cincão cada pardal morto! Na hora em que eu catei o passarinho no chão do galinheiro. Na plumagem linda feito um veludo marrom. Na proposta de embalsamar. No aparelho de infravermelho. (...) Na ruindade da minha vida. Por que é que eu tinha gostado dele? Por que é que eu tinha puxado o gatilho? Que tinha ele de ser tão bonitinho. Tão maciinho? Tão pequenininho? Será que ele tinha dono? Será que tinha ninho? Será que era filhote? Ou será que era fêmea e tinha uma porção de ovinhos no ninho, em algum lugar da cidade? Em algum lugar do mundo? Se eu morresse, minha mãe não ia chorar? Se minha mãe morresse, eu não ia sofrer? Foi por isto que eu fui ficando triste, triste, e comecei a chorar. Bem baixinho. Chorei. Chorei. Chorei. Chorei até,

mesmo! Até perceber que o quarto estava escuro, que estava anoitecendo (Pannunzio, 2006a, p. 48).

Valores como liberdade, justiça, solidariedade e instituições como família, escola são preocupações constantes na trajetória de vida da autora e é possível encontrar algumas dessas marcas em suas obras.

A idéia de família exemplar, com pais perfeitos, de posturas inquestionáveis não é o foco principal das narrativas de Pannunzio. Vejamos algumas situações e passagens que revelam (mesmo que implicitamente) a maneira como autora equaciona no texto determinados conceitos.

Sobre a família, a mãe, a mulher forte, aquela que coordena tudo, que põe ordem que controla todos os acontecimentos da família:

Eu vivia sonhando com uma espingardinha de ar comprimido. O estilingue já não bastava. Eu tinha feito nove anos e, pra mim, a melhor do mundo era atirar com a arma do meu primo. Então resolvi. Já que minha mãe não deixava papai comprar arma de fogo pra nós, eu mesmo ia juntar dinheiro e comprar uma [...] (Pannunzio, 2006a, p. 3).

Mas nem sempre a mãe e os adultos aparecem como donos da verdade ou acertam em suas atitudes.

Gente, minha mãe está com o maior ciúme desta casa! Ela não deixa nenhum de nós esbarrar o dedo em nenhum destes brinquedos. Ela quer tudo bem novinho, para a gente brincar quando crescer, sabia? Por enquanto nós só podemos brincar na terra suja do terreiro. Vamos para lá? Vocês sabem fazer panelinha de barro? Eu sou craque isto. A mãe de vocês é brava? Minha mãe é uma onça pintada! (Pannunzio, 2002, p. 56).

Não raro os mais velhos têm suas vaidades e ambições:

Leandro é menino sem pai, aparecido ninguém não sabe de onde, filho ninguém não sabe de quem [...] filho do mundo, no entanto é dos mais bonzinhos. Pacioso com tropa na linha, jeitoso com vaca parida de pouco e carapina caprichoso. Mãe acha que quem casar com ele tá feita, vai ter um maridão pro resto da vida. Mãe é tão velhaca que 'sturdia, conversa vai, conversa vem, escutei ela dizendo pras meninas que, se casasse uma delas com Nego, outra com Leandro, podia morrer sossegada. Na falta dela e do pai, os dois davam conta do recado. Sabe o que que (sic) é o recado? É uma penca de menino capeta que nem eu, seis por tudo, se não

aparecer mais [...]. No dia que ela falou isso eu fiquei furo de raiva. Por desaforo fiz má-criação. Tá fácil, hein, mãe!?, senhora mais pai enchem o mundo de filho, depois ficam querendo jogar na cacunda dos outros! Ah, pra quê! Que tunda que eu levei! Vara de marmelo, já viu? Pois é. É com aquela desgrama que ela amansa a tropa [...] (Pannunzio, 1997, p. 13).

Os adultos também devem reconhecer quando erram e pedir desculpas:

E minha mãe? Era uma santinha, por acaso? Por acaso ela não era brava demais? Gritadeira? Batedeira? E ‘aquilo’ que ela fez comigo, não passou da conta, não? E o pedido de desculpa, não precisava, não?
Mamãe lá dentro morre ou não morre, e eu remoendo essas coisas feias. Eu não sou uma boa filha, eu pensava. A hora é delicada, ela precisa de ajuda, não de censura. Porém eu tinha que enfrentar essa conversa comigo mesma (Pannunzio, 2002, p. 109).

Em *Os três Capetinhas*, na ocasião em que Marciliano tomou vinho pensando ser um suco de uva e ficou bêbado, a mãe e a babá ficaram assustadas e o zelador do prédio disse que era arte de menino que não era para a mãe judiar dele, *que se tivesse gente cuidando dela*, não faria isto (Pannunzio, 2006b, p. 27, grifo nosso). Uma crítica ao descuido da mãe e da babá. Verificamos também a satisfação de Cristeco de contar que as duas tinham sido censuradas pelo zelador do prédio onde moravam, numa espécie de vingança:

[O zelador] Ainda passou um pito na mamãe e na Didi, viu só que zelador legal? Apanhar ele [Marciliano] não ia mesmo porque o susto foi tão grande e ele dormiu tantas horas que, quando acordou, as duas deram graças a Deus.
Uma coisa que ele está ficando é malcriado. Só em casa, bem entendido. Só para a mamãe. Porque do papai ele tem um respeito que péla. Com os estranhos também ele é obediêntíssimo. Um dia destes mamãe estava implicando muito com ele, Marciliano faz isto, Marciliano faz aquilo, Marciliano anda depressa, olha as horas, Marciliano!... ele perdeu a paciência. Virou pra ela e disse assim: — Você parece um controle remoto na minha vida! Assim não dá né, mãe! (Pannunzio, 2006b, p. 28).

Observamos nessa passagem uma representação da total liberdade com que as personagens mirins interagem com os adultos da família. É possível que tenhamos aí uma amostra de como a autora aborda essa questão do relacionamento familiar nos tempos de hoje, colocando em evidência a imagem do adulto refletida no pensamento infantil. Não apenas o

pensamento de uma personagem-narrador ao qual o leitor tem acesso (muitas vezes sem barreiras), mas também verbalizada por outras personagens.

Vejamos outro exemplo:

[...] a mamãe não quis costurar o papinho. Medrosa. [...] — A mamãe? Ainda mais ela!... Medrosa!...U’a má vontade!...Sabe o que ela queria? Levar pra lavadeira! Eu não deixei de jeito nenhum. Aquela gigante da dona Silvina ia esbagaçar meu canarinho e era bem capaz de jogar no fogo da fornalha. Pelo menos comigo ele está vivo (Pannunzio, 2006a, p. 26; 29).

Vemos a personagem Edu de *Veludinho*, num momento de desespero, tentando salvar o pássaro que havia ferido, confidenciar para o leitor que achava a mãe medrosa e sem sentimentos e não escapou nem a lavadeira gigante⁴.

É raro encontrarmos passagens como esta numa obra com características tradicionais, pois, como já vimos, nessas obras as personagens mirins serviam de modelo de comportamento. Destarte, uma personagem que enxerga e/ou aponta os defeitos e/ou fragilidades dos adultos, e principalmente do pai e da mãe, não seria “um bom exemplo” para os leitores do início do século passado.

E ademais, como bem observa Held (1980, p. 35), *O imaginário no poder*,

[...] Os pais, na vida real, são mais ou menos ‘positivos’: têm suas qualidades, seus defeitos, suas pequenas falhas e suas fraquezas, tudo isso em dosagens muito diversas. E por que a criança não deveria encontrar nos livros essa diversidade que pode, ao contrário, em muitos casos, auxiliá-la a viver e a superar suas próprias dificuldades?.

Como foi exposto, em todas as obras de Pannunzio, há um protagonista menino ou menina (nas quatro primeiras obras são meninos e nas outras duas meninas) que moram com seus pais, avós, tem casa e família, diferentemente do que ocorre hoje na grande maioria das famílias brasileiras.

Diríamos que o formato dessa família parece tradicional, mas não a relação que há entre adulto e criança. Como vimos, os adultos das histórias são, em sua maioria, passivos,

⁴ Percebemos o adjetivo “gigante” carregado de negatividade. Podemos entender: gigante na maldade, na falta de sensibilidade, etc.; enfim, gigante poderia representar também a distância entre o adulto e a criança, sob todos os aspectos.

não são donos do poder, aceitam com mais facilidade os problemas e os dramas infantis. E as crianças têm voz e vez, expressam seus sentimentos sem medo e são sempre questionadoras. Talvez esteja aí uma marca não da Martha Pannunzio escritora, mas da Martha mulher, mãe, idealista, socialista. É possível que ela não consiga se desligar desses valores, até mesmo considerando toda sua formação e sua história de vida como foi revelada nas entrevistas.

1.5. Linguagem

Quanto à linguagem, é necessário destacar que a literatura de Martha Pannunzio traz marcas da contemporaneidade. Suas histórias apresentam uma linguagem coloquial, espontânea, bem próxima do universo linguístico da criança e distante da linguagem utilizada do início do século XX. Conforme afirmam os estudos de Lajolo e Zilberman (2007), naquele tempo, havia uma preocupação com a linguagem das histórias dos livros infantis, uma vez que a literatura era encarada como um complemento da escola, com fins educativos, por isso nem sempre a linguagem estava ao alcance da criança, ou até mesmo prazerosa. Não quer dizer que hoje não haja essa preocupação.

Nos tempos atuais, a linguagem é priorizada, mas não com os mesmos objetivos do início do século XX — quando sua valorização era no sentido de que ela fosse acessível ao entendimento da criança, afinal como a literatura iria cumprir seus objetivos meramente pedagógicos com uma linguagem que a criança não entendia? Agora, a finalidade é outra: despertar na criança e no jovem o prazer da leitura (que passa ter um papel fundamental na formação do cidadão), por isso a linguagem fica mais próxima do universo infantil e mais atrativa.

A distância entre narrador e linguagem era notória, causada provavelmente pela relação histórica adulto/criança que sempre refletiu também na literatura. Conforme denotam os estudos de Rosemberg (1985, p.30):

O caráter unilateral da relação estabelecida pelo livro infanto-juvenil não decorre apenas do domínio exercido pelo adulto sobre a criação de um texto ou de uma imagem, mas também de seu poder sobre a produção, difusão, crítica e consumo de um livro. São adultos os escritores, ilustradores, diagramadores, programadores, capistas, editores, chefes de coleção; são também adultos os agentes intermediários (críticos, bibliotecários, professores, livreiros) responsáveis pela difusão do livro junto ao comprador que também é adulto (bibliotecários, pais, parentes). Aqui a

distância entre criação e consumo é máxima, pois o público-leitor infantil, enquanto categoria social, não participa diretamente da compra do produto que consome e quase não dispõe de canais formalizados para opinar livremente sobre o livro que lê [...].

Assim, pois, a partir da década de 1970, o mercado editorial e escritores priorizaram cada vez mais a linguagem literária tanto no que diz respeito ao conteúdo, nas condições e efeitos da criação artística quanto ao formato e apresentação (de natureza plástica) dos livros infantis, com auxílios de ilustrações extras. Habitualmente, encontramos livros que valorizam menos a linguagem verbal do que a não-verbal, o que vem sendo motivo de muitas críticas, por acreditarem que algumas obras colocam a ilustração como um fim em si e não como um elemento complementar .

Os livros infantis brasileiros contemporâneos vão manifestar ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto-suficiente. [...] onde letras e palavras abandonam a linearidade peculiar à linguagem verbal, estruturam-se em grafitis e caligramas [...] letras e palavras se encorpam e configuram visualmente o significado do texto [...] (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 127- 128).

Nas produções de Martha Pannunzio, a relação entre linguagem e o mundo interior do narrador é cada vez mais estreita, porque encurtou o distanciamento entre a figura do narrador e o universo narrativo que é percebido no uso da linguagem. Se antes havia uma linguagem culta para a fala do narrador e outra, coloquial, para a fala de determinadas personagens, mais tarde, na literatura contemporânea isso é menos perceptível. O narrador-protagonista na voz de uma criança é livre de qualquer censura. Portanto, linguagem e pensamento tendem a se confundir, conforme podemos confirmar no fragmento abaixo:

Um tiro por caçador. Quebra. Põe chumbo. Trava. Faz pontaria. Pimba! Era só pena de pardal que voava pelo terreiro. Pegou na cabeça! Pegou de raspão! Dá uma paulada nele! Acaba de matar! Rancou a asa! Errou! Cegão! Aí, caçador de folha seca! UUUUUUUU! Quem é que falou que era bom no tiro, hein? Quem? Me dá essa espingarda que eu vou te ensinar como é que se atira. Ai-Ai! Atira de novo, siô! Não, agora é minha vez! Ladrão! Esse pardal é meu! Eu vi primeiro! Larga de ser mentiroso, siô! Ele aqui está de prova. Não de hoje que eu estou negociando esse pardal. Não é que eu te mostrei Pedro? Cala a boca! Cala a boca já morreu quem manda na sua boca sou eu, tá? Aí, voou. [...] (Pannunzio, 2006a, p. 11).

1990), 17^a, 18^a 19^a; em 1991, a 20^a e 21^a ; em 1992, a 22^a, 23^a em 1993. Depois seguem edições em 1994, 1995, 1996, 1997, 1999, 2001, 2002, 2004, 2006 e duas em 2007 (a 33^a e 34^a). Num total de oito anos com duas edições e um ano com três.

Tabela 1 – Edições de Martha Azevedo Pannunzio publicadas pela Editora José Olympio

Os três capetinhas

| | |
|-----|--------|
| 1a | ago/80 |
| 2a | jan/81 |
| 3a | fev/83 |
| 4a | dez/84 |
| 5a | mar/88 |
| 6a | fev/93 |
| 7a | mar/95 |
| 8a | mai/97 |
| 9a | jul/97 |
| 10a | set/00 |
| 11a | jan/06 |

Era uma vez um rio

| | |
|----|--------|
| 1a | jul/01 |
| 2a | jan/02 |
| 3a | jun/02 |
| 4a | abr/04 |
| 5a | fev/05 |
| 6a | jan/07 |
| 7a | fev/07 |

Bruxa de pano

| | |
|----|--------|
| 1a | 2000 |
| 2a | out/02 |

Bicho do mato

| | |
|----|--------|
| 1a | jan/85 |
| 2a | jul/88 |
| 3a | nov/97 |

FAE - Programa Governo

Veludinho

| | |
|-----|--------|
| 1a | nov/78 |
| 2a | mar/79 |
| 3a | dez/79 |
| 4a | fev/81 |
| 5a | mai/82 |
| 6a | ago/83 |
| 7a | jul/84 |
| 8a | mai/85 |
| 9a | jul/85 |
| 10a | abr/86 |
| 11a | dez/86 |
| 12a | ago/87 |
| 13a | ago/87 |
| 14a | mai/88 |
| 15a | fev/89 |
| 16a | ago/89 |
| 17a | jan/91 |
| 18a | mar/91 |
| 19a | mai/91 |
| 20a | fev/92 |
| 21a | jun/92 |
| 22a | mar/93 |
| 23a | out/93 |
| 24a | mar/94 |
| 25a | abr/95 |
| 26a | jul/96 |
| 27a | jul/97 |
| 28a | mar/99 |
| 29a | fev/01 |
| 30a | jul/02 |
| 31a | set/04 |
| 32a | jan/06 |
| 33a | mar/07 |
| 34a | dez/07 |

Reimpressão em ago/1990 e out/1990

PNBE

Veludinho é uma espécie de menina dos olhos da escritora. Foi o livro que lhe rendeu o Prêmio de Literatura Infantil, Instituto Nacional do Livro- INL, 1976. Prêmio “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – RJ- 1978, e prêmio Jabuti Jannart Moutinho Ribeiro, Câmara Brasileira do Livro, SP, 1979.

Os três capetinhas (1980) obteve, até janeiro de 2006, onze edições. Com edições em 1981, depois em 1983, 1984, 1988, 1993, 1995, a 8ª e a 9ª em 1997, a 10ª em 2000 e a 11ª em 2006. Além de uma retirada de 40.000 mil para a coleção “Ciranda de Livros”, Hoeschst/FNLIJ/Fundação Roberto Marinho-RJ, em 1984.

Já *Bicho do mato*, mesmo com apenas 3 edições, 1985, 1988, 1997, recebeu o prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte/APCA, em 1986. Prêmio Bienal Câmara Brasileira do Livro/1986. Em 1988, participou da Coleção Novos Caminhos, livro de leitura, 4ª série, “Histórias que encantam”, FAE/S. E. Educação, para distribuição gratuita aos alunos das escolas rurais de Minas Gerais.

Lançado em 2000, *Era uma vez um rio* está na 7ª edição, duas edições em 2002, depois 2004, 2005 e a 6ª e a 7ª em 2007. Selecionado pelo IBL- Instituto Brasil Leitor e pela FNLIJ para o programa “Implantação de Bibliotecas Públicas em cada Município”, Portaria 662, Francisco Weffort, Ministro da cultura. *Bruxa de pano* está na 2ª edição. Em 2003 foi selecionado pela FNLIJ para representar o Brasil na Feira de Livros Infantis de Bolonha, Itália. E, finalmente, *Você já viu gata parir?* (2005), segundo informações da editora Edufu, ainda se encontra na 1ª edição.

Como vemos, as obras de Martha Pannunzio tiveram uma boa vendagem. Se considerarmos uma média de 3.000 exemplares para cada edição, renderia um total de aproximadamente 120.000 para *Veludinho*, fora as tiragens para o governo 40.000, que, conforme informou a editora José Olympio, não paga o preço de capa.

Os três Capetinhas ficariam com 28.000, *Bicho do Mato* com 12.000, *Era uma vez um rio* com 21.000, *Bruxa de pano* com 6.000 e, por fim, *Você já viu gata parir?* com 3.000 mil. Resultariam em um total de 230.000 mil livros vendidos.

Pelo que pudemos notar, *Veludinho* e *Era uma vez um rio* são as obras que tiveram maior público. Ganharam adaptação para o teatro, com apresentação no SESC de São Paulo e em Uberlândia, onde participam de projetos educacionais.

Apesar de tudo, Martha Pannunzio não é uma escritora de popularidade nacional, como o é Ruth Rocha, Lígia Fagundes Telles ou Lígia Bojunga Nunes, a não ser no triângulo mineiro, especificamente em Uberlândia, onde nasceu e vive até hoje. O que provavelmente explique a escassez de pesquisadores interessados em analisar sua obra. Por isso, essa busca

inicial teve pouco retorno, já que não encontramos registros ou qualquer referência a seu nome ou a suas obras em livros de literatura brasileira, nem mesmo nas pesquisas mais recentes sobre autores de literatura infanto-juvenil.

1.7. Recepção e Crítica

Não há registros de teses ou dissertações de mestrado que tenham a escritora Martha Pannunzio ou uma de suas obras como objeto de estudo. Além de anúncios de venda de seus livros na internet, pudemos encontrar, numa busca mais avançada, a existência de pelo menos seis pesquisadores, num total de dez trabalhos acadêmicos (entre artigos e resumos) e três entrevistas. Alguns são de graduandos de iniciação científica e outros de professores universitários. Seis deles estão inseridos em projetos de pesquisa sobre leitura e produção de textos no ensino fundamental na UNESP de Assis sob orientação do prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini. Constam: Lopes (2004 e 2005); Sales e Oliveira (2005); Sales e Martha (2004); Sales (2008) e Silva (2007a, 2007b, 2007c e 2007d).

O último é Silva, C. (1992), um trabalho de conclusão de curso de graduação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul sob a orientação da Prof.^a Claudia Luiza Caimi.

Há ainda três entrevistas com a escritora: a primeira realizada por Giselle Pereira Vilela, Bacharel do Curso de Pedagogia – Gestão e Tecnologia Educacional, da UniMinas (Anexo 2); a segunda consta do trabalho de Jaqueline Magalhães Lopes, graduanda da UNESP de Assis (Anexo 3) e a terceira publicada na revista TERCEIRIDADE– *Estudos sobre o envelhecimento* (Anexo 4).

Além disso, é importante destacar que algumas destas publicações são ainda muito recentes e, portanto, até este momento, não foi possível o acesso aos seguintes trabalhos:

1. LOPES, Jaqueline Magalhães. A prosa poética de Martha Azevedo Pannunzio no ensino Fundamental. In: *XVII Seminário do CELLIP* (Centro de estudos linguísticos e literários do Paraná), 2005, Guarapuava PR. Caderno de resumos, 2005, p. 117-118.

2. SILVA, Vanessa Regina Ferreira. Entre versos e vozes. In: *II Ciclo de Histórias de Professores: a experiência vivida em sala de aula*, 2007, Assis-SP: UNESP, 2007b.
3. SILVA, Vanessa.Regina.Ferreira. Um diálogo entre a prosa poética de Martha Azevedo Pannunzio e a narrativa de Ricardo Azevedo. In: *XVIII Seminário do CELLIP- Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná*, 2007, Ponta Grossa- PA. Caderno de Resumos. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007 d. p. 412-413.
4. SILVA, Cledi de Fátima Guterres da. *A Questão dos Valores na Literatura Infanto-Juvenil da Martha Azevedo Pannunzio*. 1992. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Orientador: Claudia Luiza Caimi.

Estabelecendo contato com bibliotecas, editoras e autores, tivemos acesso apenas aos seguintes trabalhos:

Lopes (2004)⁵ apresenta um resumo de uma pesquisa intitulado ERA UMA VEZ UM RIO DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO. Neste trabalho, a pesquisadora relata em poucas palavras as atividades realizadas no projeto *De mãos dadas: Leitura e Produção de textos no ensino fundamental*, o qual teve por objetivo abordar tanto aspectos relativos à produção quanto à recepção da obra *Era uma vez um rio* de Martha Azevedo Pannunzio por alunos da 5ª série do Ensino Fundamental das escolas públicas da região de Ourinhos-SP.

A metodologia, conforme declara a pesquisadora, abrange análise da obra, “com a discussão de alguns de seus aspectos temático-formais; o levantamento de resenhas, artigos e outros estudos sobre a obra, produzidos pela imprensa e pela crítica acadêmica; a coleta e a análise de impressões de leitura da obra junto a alunos do Ensino Fundamental” (Anexo 1a).

Mesmo sem finalizar o trabalho, ela destaca alguns resultados parciais. No seu entender, trata-se de uma obra de bom nível literário e que seu valor é cada vez maior sob o ponto de vista da crítica especializada tanto ao nível de produção quanto da recepção:

⁵ LOPES, Jaqueline Magalhães. *Era uma vez um rio: um estudo introdutório*. In: XVI CIC UNESP 2004 - Iniciação Científica e o mercado de trabalho, 2004, Ilha Solteira, 2004.

No nível da produção da obra, a análise revela a poeticidade da linguagem empregada pela autora em seu texto, desdobrando-se em inúmeros aspectos (lexical, rítmico, métrico etc.) e a competente urdidura literária das diferentes instâncias narrativas, num conjunto artístico de forte organicidade

No nível da recepção do texto pelos alunos, verificam-se a adesão à obra pela maioria dos sujeitos envolvidos na pesquisa, o estímulo para que se estabeleça um forte vínculo leitor-livro e, ao mesmo tempo, um razoável nível de estranhamento propiciado pelo texto poético, trazendo uma significativa contribuição por parte da obra para ampliação dos horizontes de expectativas dos alunos. . (Anexo 1a , p.141).

Ao final, ela ressalta que esse estudo tornou evidente a diferença entre a leitura de um texto literário no interior de um livro didático e pela leitura do objeto livro infanto-juvenil' e contribuiu, sobretudo, para a ampliação do nível de produção dos alunos que perceberam a dialética entre a leitura e a escrita, aumentando também o envolvimento entre livro e leitor.

O artigo *Leitura emancipatória: do texto ao sentido metafórico*, de Sales e Oliveira (2005) revela a preocupação com a prática de leitura desenvolvida no ambiente escolar e apresenta a leitura emancipatória como uma alternativa para suprir as deficiências e equívocos existentes. Segundo os autores, esse tipo de leitura deixa de lado a visão meramente pedagógica e moralizante ainda reinante, trazendo uma prática mais dinâmica, ampla e profunda e, acima de tudo, mais prazerosa, sendo literariamente mais produtiva. Como podemos confirmar no seguinte trecho:

[...] a leitura emancipatória surge para preencher a lacuna existente no ambiente escolar. Esta pretende aproximar-se da realidade concreta e contemplar a literatura enquanto arte, prazer estético, criação do leitor; ao contrário da prática de leitura tradicional, cuja preocupação era manipular e propagar moralidades e ensinamentos. Destarte, o texto adquirirá uma função estética, uma arte que pode significar e resignificar.

Dessa forma, a leitura emancipatória será responsável pela formação individual do pequeno leitor, uma vez que se procurará despertar a emoção a partir do envolvimento deste com o texto. Semelhante processo denominado por Aristóteles de catarse representa o deleite, o prazer estético e literário, enfim, 'a ressonância de uma grande alma', na qual o espectador manifesta um comportamento específico de identificação e assimilação da mensagem a ponto de se sentir como se fosse o próprio autor' Aristóteles (1998, p.83) (Sales e Oliveira, 2005, p. 94 - 95).

Tendo isso como base, os autores desse artigo propõem uma prática de leitura de *Era uma vez um rio* (2002) a fim de demonstrar um novo modo de trabalhar textos em sala de aula que vai desde a escolha da obra, com preferências àquelas que tenham personagens dinâmicas que possam contribuir para a libertação individual da criança e sua participação no processo, até os procedimentos e estratégias de leitura utilizados. No caso específico de *Era*

uma vez... os autores encontraram um campo fértil para essa análise, porque, além do aspecto estético, a obra permite também outras abordagens que incitam discussões, debates, pontos de vista sobre temas como a vida, a natureza e a sociedade.

Em Sales e Martha (2004)⁶ há uma análise abordando aspectos da linguagem poética empregada em *Era uma vez um rio*. Neste trabalho, sob o título *A poesia da narrativa*, os autores colocam em evidência os três primeiros capítulos da obra e chama a atenção para uma profunda integração entre a personagem (menino) e o rio e como a escritora constrói essa imagem por meio dos recursos da linguagem. Tirando como amostra alguns trechos da obra, o autor aponta marcas e recursos lingüísticos tanto no plano estrutural e sintático quanto no plano sonoro, incluindo ritmo e sinestésias.

O efeito junto ao leitor pode ser o da mais completa identificação, quando se volta para os aspectos emotivos e afetivos. E se tal efeito pode ser alcançado de maneira um tanto empírica por parte do leitor escolar, a riqueza e a complexidade da linguagem, que é justamente a fonte mais promissora para bom aproveitamento da obra, exige cuidadosa participação do professor na atividade de mediador de leitura (Sales e Martha, 2004, p. 137).

Para Sales, a obra apresenta uma surpreendente realização estética, pois a autora consegue associar prosa e a poesia, bem como a estrutura e a função, contemplando forma e sentido.

Sales (2008)⁷ expõe uma interpretação de *Bicho do Mato* com um artigo intitulado *Uma leitura centrada na identificação*. Além da apresentação da obra, o autor destaca o modo como a tensão entre os elementos espaço, narrador, linguagem e temática é perfeitamente equilibrada no momento em que é compreendida sob o viés da identidade. Segundo Sales, “[o] espaço, nesta obra, caracteriza-se como local de trabalho, de vida, de transformação e de construção social” (Sales, 2008, p.87). Diferentemente da tendência dos anos de 1970-80 em que o espaço na literatura infantil passou a ter marcas da realidade urbana, com personagens em período de férias escolares, que fugiam da agitação das metrópoles. “Neste espaço não

⁶ SALES, José Batista; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A poesia, a oficina e o rio. In: PEREIRA, Rony P.; BENITES, Sonia A.L; (orgs). *à roda da leitura*: Língua e Literatura no jornal Proleitura, São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis: ANEP, 2004. p.125-137.

⁷ SALES, José Batista. Uma leitura centrada na identificação. In: CECCANTINI, João Luis; PEREIRA, Rony Farto (orgs.). *Narrativas Juvenis*: Outros modos de ler. São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

haveria lugar para o cotidiano, para a idéia de construção ou de identificação” (Sales, 2008, p.87).

Dessa forma, *Bicho do Mato* aparece, em contrapartida, trazendo uma criança como narrador, que utiliza uma linguagem própria do seu ambiente rural e de sua faixa etária (bem distante do registro padrão), de maneira que narrador e personagens se interagem sem desníveis lingüísticos, livre de alienação. Por outro lado, estabelece-se um conflito entre o compromisso pedagógico da literatura para crianças e seu valor estético, uma vez que mesmo reconhecendo os preceitos lingüísticos impostos pela escola, o narrador-personagem não consegue se afastar de seu registro habitual, “naquele em que se formou sua identidade mais profunda” (Sales, 2008, p.90), vivendo assim um constante dilema.

Se estes conflitos são naturais ou previsíveis para a criança de doze anos, devem-se considerar dois elementos importantes para a reflexão sobre a literatura infantil, na sua relação com a literatura e a pedagogia. Inicialmente, notar que a personagem, ao se expor de forma direta e franca, não confirma os valores estritamente pedagogizantes propostos por uma educação que vê na literatura um conjunto de exemplos a serem impostos com o objetivo de manter a criança dentro de parâmetros rigorosamente controláveis.

Conseqüentemente, ao proporcionar que, pela leitura da obra, o leitor entre em contato com novos valores, *Bicho-do-Mato* atinge um grau de maturidade estética superior. E ao permitir tal possibilidade, esta obra confirma uma assertiva de Candido: ‘Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta’ (Candido, 1972, p. 803-9). Ou seja, a história de Tião comporta revelações genuinamente humanas, não importando a sua inconveniência moral ou pedagógica, com objetivos cerceadores (Sales, 2008, p. 98 - 99).

Sendo assim, este contraponto é perfeitamente justificável se se considerar que a coerência interna da obra está pautada na escolha do tema e solução lingüística adequados, levando-se em conta o espaço da narrativa. Portanto, não poderia ser diferente, pois, do contrário, a literatura não cumpriria seu papel.

Silva (2007^a)⁸ trata-se de um resumo sob o título *Era uma vez... com Martha Azevedo Pannunzio* de uma pesquisa intitulada “As narrativas infanto-juvenis de Martha Azevedo Pannunzio: Aprofundando questões de produção e recepção em contexto escolar” que se insere num projeto maior: “De mãos dadas: Leitura e produção de texto no ensino

⁸ SILVA, V. R. F.. *Era uma vez com Martha Azevedo Pannunzio*. In: XIX Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2007, Araraquara-SP. XIX Congresso de Iniciação Científica da UNESP. Araraquara-SP: CGB/PROPE e UNESP, 2007. p. 1-3.

Fundamental” desenvolvido pelo grupo de pesquisadores da UNESP de Assis, como já foi mencionado anteriormente. Este texto descreve de forma abreviada as fases e resultados obtidos com as atividades realizadas de fevereiro a agosto de 2007. O objetivo da fase final dessa pesquisa foi aprofundar a análise abordando outros aspectos da obra *Era uma vez um rio* não contemplados anteriormente. Depois disso, compará-la a outras narrativas tanto do gênero infanto-juvenil quanto do “gênero adulto”, até mesmo com obras da própria autora e finalmente confrontá-la com a obra *Pobre corinthiano careca* (2000), de Ricardo Azevedo, observando os aspectos estético e recepional no contexto escolar.

Nesse ínterim, foram realizadas análises detalhadas de todas as obras determinadas para a pesquisa, incluindo fichamentos. E, ao final, constatou-se que havia intertextualidade temática das narrativas da escritora Martha Azevedo Pannunzio, assim como com os outros *textos* do “gênero adulto”. Já em relação ao estudo comparativo de recepção da obra *Era uma vez...* com *Pobre corinthiano careca*, percebeu-se que aquela não teve sucesso junto aos alunos e esta conquistou 90% dos leitores.

E quanto à produção das obras, concluiu-se que essas duas obras têm seu valor artístico, principalmente no que diz respeito à renúncia da visão adultocêntrica, adotando uma linguagem coloquial, sem preocupação com formalismo e regras. O que possibilita uma maior aproximação entre leitor e obra.

Conclui-se que, cada uma [*Era uma vez um rio* e *Pobre corinthiano careca*], com suas singularidades, possui status artístico. Este ilustra-se, entre outros aspectos, pela renúncia da visão adultocêntrica, tão cara ao gênero por anos, pois a assimetria entre o emissor e o destinatário conferiu à literatura para crianças muitos problemas, levando até ao questionamento do estatuto artístico da mesma. É importante salientar, ainda, que essa renúncia é muito importante, pois possibilita condições de aproximação entre o leitor e a obra.

Semelhante a Ricardo Azevedo, a escritora Martha A. Pannunzio também conferiu ao seu texto perfeita desenvoltura, adotando o registro coloquial, destacando palavras oriundas da cultura popular, sem preocupação com formalismos e regras, possibilitando, assim, uma significativa integração entre leitor e texto (Anexo 1b, p. 142).

E ela conclui o texto dizendo (noutros termos) que, após ter realizado as leituras teóricas e literárias, pode constatar que a literatura infanto-juvenil brasileira, especialmente em sua fase contemporânea, não deve nada para a literatura adulta.

Silva (2007c) apresenta um resumo de uma pesquisa, cujo título é: *A representação simbólica do espaço: nas narrativas de Martha Azevedo Pannunzio*, inserida no Projeto “De mãos dadas: leitura e produção de textos no ensino fundamental”. Segundo essa pesquisadora, Martha Azevedo Pannunzio tem grande representatividade no panorama infanto-juvenil, devido, principalmente, à qualidade de suas obras que apresentam “um amplo cuidado com a linguagem e à adequação de seus textos aos leitores” (Anexo 1c, p. 143). Nessa pesquisa, analisou-se a representação do espaço em duas obras da escritora: *Os três capetinhas* (1980) e *Era uma vez um rio* (2001). Observou-se que o espaço assume um papel fundamental, pois “descreve os protagonistas por metonímia (REUTER), além desse aspecto simbólico, em ambas as obras, os espaços físicos invocados contribuem para confirmar outro aspecto da produção de Pannunzio, seu lado verista” (Anexo 1c, p. 143).

Ao fim, chegou-se à conclusão de que

[...] em relação à funcionalidade do espaço nas obras analisadas, nota-se que o meio representa papel relevante, mesmo que de formas distintas, uma vez que para o personagem Cristiano o espaço simboliza repressão, já para Guto, libertação. Ainda, é importante ressaltar que a felicidade de ambas personagens, está condicionada ao meio. Pois, só através dele, que elas encontram seus desejos realizados — Cristiano, personagem de *Os três Capetinhas*, almeja ‘uma casa bem grandona... com um quintalão bem grandão’, já Guto, personagem de *Era uma vez um rio*, além de definir-se pelo meio que o circunda ‘Era uma vez um rio. O meu/Era uma vez um menino. Eu’, seu desejo maior, no final da narrativa, é salvar este rio (Anexo 1c, p. 143).

Lopes (2006)⁹ trata-se de uma entrevista em que a autora responde a vinte e nove (29) perguntas de forma abrangente e espontânea que vão desde o processo de criação literária, passando pelas influências de autores e do mercado editorial até detalhes sobre seu projeto *Cerrado e Letras* e a produção teatral das obras *Veludinho* e *Era uma vez um rio*.

Vilela (2006)¹⁰ na entrevista concedida para graduanda Giselle Pereira Vilela da Universidade de Assis - SP, em janeiro de 2006. Contém dez perguntas que abrangem temas a cerca das condições de produção de cada uma das obras publicadas. A autora expõe seu ponto de vista sobre a sua relação com a criança e o adolescente e o que isso influencia no seu trato com alguns aspectos referentes à literatura e à leitura.

⁹ Entrevista cedida por Jaqueline Lopes via e-mail.(Anexo 3, p.164

¹⁰ VILELA, Giselle Pereira. Entrevista com Martha Azevedo Pannunzio. In:

WWW.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/12/7-Acesso em 15/03/2008 (Anexo 2, p. 144)

SESC (2008)¹¹ a última entrevista publicada na revista *Terceiridade* é composta de 36 questões e bastante abrangente. Nela, além dos assuntos já contemplados nas entrevistas anteriores, a autora responde também a perguntas sobre sua vida pessoal, sua atuação como professora, como vereadora, enfim seu modo de ver o mundo.

Diante disso, vale registrar aqui uma questão para futura reflexão: por que Martha Pannunzio não apresenta hoje a popularidade em âmbito nacional do patamar de Ruth Rocha ou de outras autoras já citadas? Talvez isso se deva ao fato de Pannunzio estar isolada do centro cultural. Ainda assim, se considerarmos os prêmios que a autora conquistou com *Veludinho*, nos espanta o fato de ela não constar do panorama das obras mais relevantes elencadas nos estudos de Lajolo e Zilberman, os quais se revelam imprescindíveis como fonte para qualquer trabalho na área.

¹¹ SESC/SP. Entrevista Martha Pannunzio. In: *Revista Terceiridade: Estudos sobre o envelhecimento*, v.19, nº 41, Fev/ 2008, p.64-82.(Anexo 4, p. 191).

CAPÍTULO 2

A ESTRUTURA DA OBRA *ERA UMA VEZ UM RIO*

Neste capítulo, faremos a análise da obra *Era uma vez um rio* (2004) considerando a princípio seus aspectos internos, ou seja, elementos de sua organização, construção formal e dos conteúdos apresentados. Segundo Yves Reuter (2004, p. 40-41), a análise interna de uma narrativa literária deve abranger três níveis: da ficção, da narração e da textualização do discurso que substituiria a distinção clássica fundo/forma. Isso nos permitiria classificar os romancistas de acordo como o nível por eles privilegiado.

No caso específico de Martha Azevedo Pannunzio, podemos perceber, diante da leitura de suas obras, que a tônica de seu estilo recai precisamente sobre a linguagem, a estilística, como comprovaremos ao final dessa análise.

Era uma vez um rio, publicada no Rio de Janeiro pela editora José Olympio, 4ª edição (2004), contém 126 páginas, num total de 40 capítulos. O próprio título da obra já nos remete a uma atmosfera de fantasia e imaginação: a expressão “Era uma vez...” dialoga com os nossos conhecidos contos de fadas, ou histórias de encantamento que é reforçado pela palavra introdutória numa só página: “começo” (Pannunzio¹², 2004, p.11), “meio” (p. 87) e “fim” (p. 113), uma alusão às histórias infantis que costumam ter um enredo linear.

Trata-se de uma história de um número reduzido de personagens e ações; por outro lado, e provavelmente por isto, parece intrigante, pois o que chama mais a atenção é o modo como a autora articula a linguagem e a organização do texto de maneira que a atmosfera recaia justamente sobre um sentimento: o amor que une um menino a um rio, até a vida adulta.

É imanente ao universo infantil o apego a algo como objetos, animais, pessoas como personagens imaginárias, mas, nesse caso, é um rio. E não é qualquer rio. É o rio que se inscreve em prosa e verso na vida de um menino e que preenche todo o espaço de fantasia e imaginação presente na personagem. Para ele, o rio é um amigo inseparável, é parte de sua vida. Sua adoração por esse rio é tão envolvente a ponto de humanizá-lo e por vezes, para o leitor, isso parece ser real, sensação de que o rio se torna também uma personagem da história.

¹² A partir desta citação, sempre que se tratar desta obra, indicaremos apenas o número da página.

Talvez esteja aí o tom da narrativa: o projeto estético aponta para uma prosa poética e a temática se encontra fortemente relacionada com um dos problemas que mais perturbam o mundo atual: a água (ou a falta de) e o meio. Coincidência? Não. Conforme já dizia Candido (2002, p. 81): “[...] a fantasia quase nunca é pura...”.

Sobre isso Carvalho (1989, p. 223) aponta: “[a] Literatura Infantil tem que combinar fantasia e razão; enriquecendo aquela e aprimorando esta, pois a criança associa e harmoniza genialmente uma e outra, ou seja, fantasia e realidade, a fim de satisfazer às exigências de sua alma de artista”.

2.1. FICÇÃO¹³ - (DIEGESE):

Para Reuter (2004, p. 47), “ficção é constituída pelas ações, efetuadas pelas personagens num determinado universo espaço-temporal”. Podemos dizer, por outras palavras, que à ficção corresponderia o conjunto de elementos que compõem a história, que, para alguns teóricos tem o nome de “fábula”, “intriga”.

Sob o prisma da história, é possível entendermos que a obra *Era uma vez um rio* não apresenta complexidade, sem discutir por ora outros fatores como a representatividade do tema e outros valores abordados na obra. Limitemo-nos a dizer que o que nos chama a atenção nessa obra da escritora mineira é justamente o que Todorov denomina “discurso”:

Em nível mais geral, a obra literária tem dois aspectos: ela é ao mesmo tempo uma história e um discurso. Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagem que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas a obra é, ao mesmo tempo, discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los. As noções de história e de discurso foram definitivamente introduzidas nos estudos da linguagem após sua formulação categórica por E. Benveniste (Todorov, 2008, p.220 - 221).

¹³ A divisão proposta nesta análise segue, em parte, à da obra *Introdução à análise do romance* (REUTER, 2004), apenas com algumas alterações.

Desse ponto de vista, há em *Era uma vez um rio* elementos relativamente simples. O que temos: uma personagem central, Augusto, que recorda sua infância, no interior, vivida ao lado de um rio pelo qual tinha grande amor. Quando adolescente, ele parte para estudar na metrópole e depois de anos retorna ao lugar de origem. Já adulto, casado e com um filho de nove anos, reencontra seu rio agonizando.

Como vemos, trata-se de uma história, à primeira vista, sem muitos atrativos, se não fossem o apelo emocional e o uso de uma linguagem altamente poética, conforme veremos adiante. Por ora, seria prudente enfatizarmos que a estrutura da obra é o resultado de todos esses níveis: ficção, narração e textualização.

É bom lembrar que esses níveis não existem isoladamente. Entretanto, para esta análise, é viável focarmos cada nível por vez para criarmos um contraponto entre eles e até para entendermos melhor como isso ocorre.

Na opinião de Umberto Eco (2006, p. 42) “[u]m texto narrativo pode não ter enredo, mas é impossível que ele não tenha história ou discurso”. Não pretendemos aqui nos aprofundar nesta questão, poderíamos para escolhermos uma linha de pensamento (já que a obra em si já nos dá essa margem) fazermos uma leitura focalizando primeiro a prosa e em seguida, a poesia.

Se vamos analisar uma narrativa, é imprescindível que recorramos ao que diz Greimas. Segundo Reuter (2004, p. 49), o linguista francês Greimas, entre outros estudiosos da narrativa, chegou à conclusão de que toda narrativa por mais simples, teria uma organização interna, apoiada em uma estrutura subjacente, que ele chama de *esquema canônico da narrativa ou quinário*, devido às suas cinco grandes etapas.

Se formos investigar essas etapas na obra *Era uma vez um rio*, teremos o seguinte:

1ª: Situação inicial: A normalidade, a vida em harmonia e amor ao lado do rio.

2ª: Complicação (ou força perturbadora): O desejo de aprender tudo a respeito de rio para que no futuro pudesse ajudá-lo, se fosse preciso.

3ª: Dinâmica: Parte para estudar fora. Faz mestrado, doutorado, escreve livros.

4ª: Resolução (ou força equilibradora): O retorno e a busca de salvação para o rio.

5ª: Situação final: A volta à normalidade.

Como vemos, como narrativa, essa história é possível de ser contada em apenas um parágrafo. A história segue o ciclo da vida da personagem, isso fica evidente

principalmente na divisão do livro em *começo*, *meio*, e *fim* (conforme veremos quando formos tratar do tempo). Portanto bastante previsível, sem complexidades, em se tratando de categorias como intriga, personagem e espaço, como veremos a seguir.

2.1.1. Personagens

Não há no enredo multiplicidade de personagens e estas, por sua vez, exercem função secundária na história. Elas são basicamente pessoas da família. Alguns não são identificados pelo nome, são caracterizados como “o pai”, “a mãe”, “o avô”, “a esposa”, “a professora”, “o carteiro”. Somente a avó Augusta, a tia Zeré, Zarita (amiga), o filho (Yuri) e o próprio Augusto — o narrador-personagem, são nomeados. Além dos colegas Zé Prequeté, Vicente e outros citados em um ou outro episódio de suas lembranças, de pouca relevância para narrativa.

Como em quase todos os livros da autora, a qualificação das personagens nesta obra é quase inexistente, com raríssimas descrições físicas e psicológicas, e poucos comentários explícitos, quase nenhuma referência à idade, profissão ou planos. A caracterização se dá de forma indireta ao longo da narrativa, quase que exclusivamente pelo narrador-personagem. Os outros personagens não se autocaraterizam e nem emitem opiniões entre si sobre qualquer aspecto de si ou de outros.

Podemos dizer que essa caracterização fica fortemente condicionada a fatores intencionalmente apontados pelo próprio narrador-personagem, Augusto, por meio de atos praticados pelas personagens e de diálogos estabelecidos com ele, e, portanto, sob sua perspectiva, ou seja, ao sabor das relações de afeto entre Augusto e cada personagem no momento em que aparece.

Dessa forma, o leitor tem acesso somente às informações que ele (a personagem Augusto) julga necessárias às circunstâncias do fato narrado. Tomando a mãe como exemplo, nas cenas em que ela o proíbe de ir ao rio ou o coloca de castigo, Augusto exterioriza somente a atitude rígida da mãe, descartando outros aspectos de natureza psicológica como: amor, cuidado, preocupação, que, evidentemente, estão por trás desse comportamento, que são muitas vezes interpretados pela personagem-menino como implicância e impaciência.

Com relação às demais personagens, isso também ocorre. É Augusto (menino) que revela para o leitor o que cada personagem tem de especial e o que elas representam para

ele , para sua vida. Por isso não há regras ou padronizações nas caracterizações, isto é, parece não haver intenção dele, como narrador, de relatar as caracterizações das personagens, de forma sistemática, como é comum em outras narrativas. Pelo contrário, ele evidencia apenas elementos fortemente condicionados ao contexto do fato narrado. Portanto, ora ele aponta algum traço físico, ora um traço psicológico, ou comportamental, ora um modo de ser, de agir ou de pensar de um ou outro personagem. Isso tudo aparece não raro como desabafo. Vejamos como ele mostra alguns membros da família:

A mãe é apresentada como brava e controladora: “— Presta atenção, Guto, você está ter-mi-nan-te-men-te pro-i-bi-do de brincar no rio, ouviu bem?” (p. 17).

Percebemos que a separação das sílabas nas palavras “terminantemente” e “proibido” dá-nos uma idéia de como ocorreu a fala da mãe, reforçando a idéia de severidade e dureza .

Ou: “[...] O problema estava lá em casa, nas vasilhas, na água da cisterna, nos milhões de dedos sujos de irmãos e primos, na implicância da minha mãe com minhas experiências científicas, na sua impaciência. [...]” (p. 33).

E neste exemplo, é possível notarmos também sua visão dos irmãos e primos. Como numa metonímia, ele passa uma imagem negativa dele, naquele momento. Não quer dizer exatamente que eles sejam sujos, ou que não tomam banho, ou que as mãos estavam sujas porque estavam brincando. O que fica evidente nesta passagem é sua excessiva preocupação com sua experiência com os girinos, a ansiedade de vê-los se transformarem em sapos e o cuidado para que nada dê errado. A presença dos irmãos e primos e a impaciência da mãe representam uma ameaça e podem atrapalhar sua experiência. Registramos, assim, mais uma marca de uma classificação subjetiva e circunstancial das personagens.

O pai de Augusto aparece sempre como uma pessoa compreensiva e companheira, porque se interessava por suas descobertas e não colocava obstáculos em sua relação com o rio:

Meu pai ficou comigo até muito tarde, interessado, me ajudando a descobrir coisas. Papai tinha estudado só até o quarto ano primário mas era muito inteligente e muito esforçado. Parece que ele sabia de tudo um pouco, por isso era um mecânico tão famoso na nossa cidade (p. 41).

Já a avó Augusta é do tipo bem tradicional, daquelas que fazem crochê, conta historinhas para os netos e muito religiosa, não perde uma missa: “Vó Augusta pegava com

Deus. — Que desatino é este por causa deste rio, meu filho? Justo você, o meu neto mais velho, um rapazinho tão bonito, tão ajuizado!... Sabia que foi Deus que fez o rio, meu filho?” (p. 73).

A avó representava a religiosidade da família, os costumes, as crenças. Augusto gostava muito da avó, sempre repetia seus provérbios, mas adorava dar um jeitinho de não ir à missa:

— Vó, não fica com raiva de mim, não! Domingo que vem eu vou com a senhora à missa das dez, juro, mas agora escuta, vó, sabia que este Deus nosso nem é o mais famoso do mundo? Tem muitos outros deuses por aí. E tem gente que nem acredita em Deus. Acredita em coisas. No sol, na lua, no trovão!...
 — Pára de blasfemar, menino, você está me desrespeitando! Onde já se viu gente largar de acreditar em Deus para acreditar em lua? Coisa mais sem pé nem cabeça!... Quem é essa gente tão herege que acredita nessas bobagens?
 — É índio, vovó — eu expliquei.
 — E índio por acaso é gente? — ela perguntou (p. 75).

Com o avô era melhor ainda. Ele é do tipo amigão, muitas vezes cúmplice em suas travessuras:

A missa era comprida demais da conta! O padre falava, falava, falava... A botina apertava meu pé... Meu irmão queria beber água... O caçula queria fazer xixi... Meu avô arranjava uma tosse daquelas!... Por fim minha avó achou que a tosse dele atrapalhava a missa e resolveu, da cabeça dela, que ele podia seguir a missa do lado de fora da capela, fazia o mesmo efeito.
 Eu acho que ele ficou pra lá de Bagdá de contente. Porque estava cheio de outros velhos na porta da igreja, decerto todos ruins dos peitos, e eles ficavam num assuntão que só vendo! (p. 72).

A tia Zeré era uma solteirona e o ajudava nos trabalhos escolares e tinha habilidades com desenho e era muito organizada: “Minha tia comprou uma caderneta grande, de capa dura, preta, pautada, de cem folhas, com páginas numeradas. Fez o índice pela cor dos lápis, em letras góticas que ela sabia talhar como ninguém” (p. 45).

Sua proximidade com a tia normalmente estava associada a tudo que tinha relação com a escola: “Tia Zeré, sem querer ia despertando em mim o gosto pela pesquisa e a calma para esperar que as coisas surtisserem efeito. [...] Eu gostava muito, muito, muito daquela tia, porque ela era super legal [...]” (p. 46).

As únicas referências a características físicas, ainda de forma mínima, dizem respeito à amiga Zarita (vestimenta): “[...] E Zarita saliente, me aplaudindo, toda bonitinha dentro de um vestido de gola marinheira” (p. 90); à sua esposa, cujo nome não é citado: “Na bagagem eu trouxe uma mulher de cabelo de fogo e olhos azuis” (p. 115) e a seu filho Yuri: “É um menino idem, de nove anos” (p. 115).

Vale lembrar que a maior parte das personagens não tem autonomia no processo da narrativa. Elas não aparecem isoladas, não agem e nem dialogam entre si, são, por isso, personagens passivas. Se formos classificá-las em grau de importância, em primeiro plano ficariam o avô, o pai, a mãe, a avó e a tia Zeré, com quem Augusto mais interage.

Augusto sempre foi um garoto esperto, curioso, questionador e cheio de vida: “Desde pequeno eu fui rebelde mesmo. Inconformado. Cheio de dúvidas. De vontade de desmontar coisas, idéias” (p. 73).

Sua relação com os parentes mais próximos se resume da seguinte maneira: “Minha tia me dava o maior apoio. Minha mãe ficava muito preocupada. Meu pai via com naturalidade. Meu avô piscava o olho direito e falava ESSE É DOS MEUS! Mas a coitadinha da vovó Augusta ficava escandalizada” (p. 73).

Tudo isso é compreensível e parece fazer parte da coerência interna de uma obra dessa natureza, pois a narração ocorre sob a perspectiva de Augusto, um garoto de 12 ou 13 anos que evidentemente não se interessa pelas características físicas de seus familiares, até porque a própria relação de cunho familiar não permite uma observação de fundo estético.

Raramente um filho descreve a mãe ou o pai pelas suas características físicas. Normalmente associa à relação existente entre eles, seja de diálogo e compreensão, possibilitando sentimentos como amor, ternura e amizade; seja de choque de gerações, causando desentendimentos entre ambos, e/ou rivalidades. Enfim, qualquer que seja a natureza dessa relação, a visão que um tem do outro estará sempre atraída por esses sentimentos.

Além do mais, as personagens da obra, como já vimos, são em sua maioria pessoas da família do narrador-personagem como pai, mãe, avô, avó, tia e exercem uma função de categoria. São tipos¹⁴ que quase nada destoam dos que já existem na vida real, dispensam, portanto, maiores caracterizações uma vez que já povoam o universo do leitor, são

¹⁴ Tipos, neste contexto, segundo Reis e Lopes (1988, p. 224) caracteriza uma personagem pré-construída, previsível e facilmente reconhecida, “assentando os seus fundamentos no contexto sociomental que envolve a produção literária. [...] Do ponto de vista funcional, o *tipo* pode corresponder a uma personagem *plana*, na medida em que se refira a entidades suscetíveis de identificação fácil e reconhecimento imediato [...]”.

facilmente reconhecidos. Essas personagens têm atitudes, comportamentos e discursos previsíveis e “aceitáveis” por aquele. E poderiam ser classificados quanto à sua composição como planas, estáticas.

2.1.2. Ações/sequência

Observamos ao longo da narrativa que não há necessariamente uma sequência de ações. Elas não estão concatenadas entre si, porque, muitas vezes estão associadas às recordações da personagem-narrador. Ou seja, não fica explícito para o leitor que uma ação narrada num determinado capítulo tenha ocorrido imediatamente após outra narrada no capítulo anterior. Não encontramos marcas temporais específicas como: *no dia seguinte, após, depois disso, em seguida* e outras. A própria natureza da obra não dá margem a essa linearidade temporal. Mesmo porque o texto não está composto somente de ações. Por se tratar de uma prosa poética, aquelas dividem espaço com as descrições.

Ambas [descrição e narração] se alternam quase que continuamente ao longo da obra. Por isso, ao pretendermos traçar sua estrutura, não podemos deixar de lado os fragmentos descritivos que ocupam aproximadamente cinquenta por cento de toda a narrativa. Do primeiro ao décimo capítulo, predomina a descrição do rio, em que Augusto expõe as peculiaridades de um rio que seria igual a qualquer outro se não fosse o seu. E se não fizesse parte da sua história. Não podemos, dessa forma, nos esquecer que, neste caso, pode ocorrer uma considerável sobrecarga afetiva com relação à enumeração dos atributos, englobando assim muitos aspectos que vão desde o formato do rio, os seres que vivem nele e até os que com ele convivem (humanos ou não).

Reis e Lopes (1988, p. 23) afirmam que, “[e]mbora tradicionalmente se considera que a descrição é uma *ancilla narrationis*, na medida em que funciona como expansão dos núcleos narrativos propriamente ditos, é, no entanto, difícil conceber um texto narrativo desprovido de elementos descritivos [...]”. Para além disso, nesta obra, especificamente, é importante salientar também que essa descrição, da forma como aparece, tem característica diversa da que convencionalmente lhe é atribuída em textos narrativos, isto é, sua função não é “meramente decorativa ou ornamentalista”, para utilizar as palavras de Reis e Lopes. Por outras palavras, o emprego da descrição em *Era uma vez um rio* (2004) não está precisamente em trazer informações sobre as personagens (no caso: o rio), ou de criar um cenário diegético.

Para Reis e Lopes (1988, p. 23), “é sobretudo na interação contínua e fecunda com os eventos diegéticos que a *descrição* (grifo dos autores) se justifica, ganhando um papel de relevo na construção e na compreensão global da história”.

Nesse caso, em *Era uma vez um rio*, a descrição não se apresenta como meio de preparar os fragmentos narrativos, e sim como um fim em si mesma. E tem significativa relevância para a formação da narrativa, uma vez que contribui para a compreensão do universo psicológico do narrador-personagem. A progressão da narrativa se dá por meio de um eixo temático: o rio, como podemos comprovar se observarmos o primeiro parágrafo de cada capítulo:

- Cap. 1 (p. 13): “Era uma vez um rio. O meu/ Era uma vez um menino. Eu.”
- Cap. 2 (p. 14): “O rio era... era assim...”
- Cap. 3 (p. 16): “Na seca, vazio, lajeado, praieiro. (...)”.
- Cap. 4 (p. 17): “Vira-e-mexe morria uma gente afogada. Grande. Menino. (...)”.
- Cap. 5 (p. 19): “Meu rio não é um monstro. Não é assassino. [...]”.
- Cap. 6 (p. 22): “Tem bicho sem pé que se arrasta no seco em qualquer caminho [...]”.
- Cap. 7 (p. 23): “Tem vivente encantado, sem pé, sem cabeça, sem mão, sem bico, [...]”.
- Cap. 8 (p. 24): “Péra lá, também não é só desgraceira! Tem muito vivente batuta que ama meu rio”.
- Cap. 9 (p. 26): “Tem um bicho de couro, de pata e focinho, com chifre e sem chifre, de rabo e sem rabo que ama meu rio”.
- Cap. 10 (p. 27): “Os reis? Os reis eram os peixes e os jabutis que reinavam nas águas fresquinhas e turvas. Ainda bem que eram turvas!”.
- Cap. 11 (p. 29): “Minha cabeça pensava assim: meu rio é o mais tudo do mundo, e eu, seu único dono. [...]”.
- Cap. 12 (p.31): “Parecia que ninguém ligava muito para aquele rio. Só eu. Ninguém falava com ele. Só eu. [...]”
- Cap. 13 (p. 33): “Todo dia, sistematicamente, eu atravessava o rio pra lá e pra cá, de casa para a escola, da escola para casa”.
- Cap. 14 (p.37): “Eu escutava a sirene e saia voando e ainda chegava antes da chamada na sala de aula. Coração bufando, em tempo de sair pela boca”.
- Cap. 15 (p. 39): “O papel almaço está meio amassado, amarelado, mas as letras góticas continuaram lindas para sempre. E o desenho que ela fez com lápis de cor, nem se fala!”.
- Cap. 16 (p. 42): “O rio valente” (poema)
- Cap. 17 (p. 43): “Se pudesse, eu ficava o tempo todo por conta do rio. Mas eu não podia. Tinha a escola. Os deveres de casa. Os avós. Os primos. A meninada da rua. As coleções. As brincadeiras. O futebol”.
- Cap. 18 (p. 48): “O futebol foi a paixão de todos nós, descomparadamente a melhor de todas as brincadeiras de grupo”.
- Cap. 19 (p. 50): “Um dia aconteceu um grande vexame. Fazia muito tempo que nós planejávamos batizar os times. O nome era segredo oficial, nem pra os irmãos menores seria contado. Pirralho, já viu, é fogo, abre o bico mesmo!”.
- Cap. 20 (p. 57): “O rio contava com amigos muito leais, unha e carne, que nunca o deixaram na mão. De plantão permanente desde que o mundo é mundo. Sabe quem? O povinho verde, de raiz fincada no chão.

- Um sem o outro, nada feito. O capim e o capão. O mato e a selva. As palmeiras e as árvores [...]”.
- Cap. 21 (p. 62): “O rio não estudava. Não colecionava lápis. Não jogava futebol aos sábados e, aos domingos, não ia à missa das dez nem à matinê. “Não escovava dente nem tomava banho, que sorte! Não teimava mas também não obedecia, que bom! Não estudava nem tomava bomba, que folga! Não namorava, que pena!”.
- Cap. 22 (p. 66): “Uma noite eu vinha de carro com minha família. Tardão da noite. Madrugada, eu acho. Nós estávamos chegando de viagem de uma fazenda longe, não me lembro direito, sei que só eu e meu pai estávamos acordados”.
- Cap. 23 (p. 70): “Hoje é domingo/Pé de cachimbo/toca a viola/toca o sino/o sino é de ouro/bate no touro [...]. O que é que eu fazia domingo?”.
- Cap. 24 (p. 72): “Minha mãe queria porque queria que eu comesse o domingo com o pé direito. Primeiro a obrigação, depois a devoção. A obrigação era missa. E eu com a cabeça no rio e nos peixes, pensa bem, que suplício!...”
- Cap. 25 (p. 75) : “— Vó, posso te falar uma coisa? / — Não! / — Mas eu tenho que falar, vó! Eu estou na escola pra quê? Para aprender coisas. [...]”.
- Cap. 26 (p.79): “O mar..! O mar era minha diferença. Eu me lembro disto nitidamente. Eu tinha uma certa bronca do mar. Para mim ele era um engolidor de rios. Poderoso... Violento... Sorrateiro... Perigoso... Genioso... Sonso... Agressivo...”.
- Cap. 27 (p. 83): “Aquela notícia foi pra mim como um choque de 220 volts. Senti uma grande emoção e sinto até hoje sempre que me lembro daquele momento incrível. Guardei a ficha que o professor de geografia preparou para a feira de Ciências daquele ano”.
- Cap. 28 (p. 89): “Quando terminei os estudos na escola que ficava na outra margem do rio, aquela paquera diária também terminou. [...] Depois a vida foi tomando outro rumo. Quanto mais eu estudava, menos eu pescava. Nadar pelado? Nunca mais! O rio continuava sendo a minha devoção, como dizia minha avó, mas eu precisava estudar se quisesse cuidar dele um dia. E eu queria. Como queria!”.
- Cap. 29 (p. 91): “Passei no vestibular [...]. Eu gostava tanto daquela escola feinha quanto da minha própria casa. Daí o nó na garganta na hora da despedida. [...] Agora, com dezenove anos, medindo um metro e oitenta e oito centímetros, o vão não me parecia tão alto nem o parapeito tão perigoso. Havia desafios maiores esperando por mim, mas havia também, aquele nó na garganta”.
- Cap. 30 (p. 96): “Bença, pai! Bença, mãe! Era a hora de fazer as malas e dizer adeus! Eu me repetia que era por pouco tempo mas meu coração adivinhava que a demora seria longa”.
- Cap. 31(p. 99): “Os outros rios do mundo era muito diferentes do meu. Completamente diferentes. Só encontrei um rio igual ao meu: o SENA”.
- Cap. 32 (p. 101): “Tem papel que a gente nunca joga fora. Um telegrama... um recorte de jornal... uma nota fora de circulação onde, faz muito tempo, uma pessoa querida assinou o nome e datou... Quando me formei, a família inteira foi à festa, toda enfiotada. Até Zarita foi junto, de contrapeso, lindinha como sempre. [...] Eu fui escolhido para orador da turma”.
- Cap. 33 (p. 103): “Biografia e história de um rio”.
- Cap. 34 (p. 108): “Meu grandioso rio! Tinha sido uma paixão arrebatadora. E agora, na manhã da minha formatura, lendo aqueles dois textos, me senti como se embarcasse no túnel do tempo. ZUUUUM, e lá estava eu de volta ao passado, revivendo coisas, revisitando sítios”.

- Cap. 35 (p.109): “Os rios eram incansáveis. Cavavam seu leito, abriam caminhos. [...] ZUUUUUM!... E agora eu estava ali, em transe, de volta do meu túnel do tempo. Bem no dia da formatura! Atorreado. Emocionado. Confuso”.
- Cap. 36 (p. 111): “Depois de formado eu estudei pra burro, muito mais do que havia estudado na faculdade. Fiz especialização. Mestrado. Doutorado. Escrevi teses. Livros. Proferi palestras em línguas estrangeiras. Particpei de debates e conferências. Rodei o mundo. Quanto mais eu sabia, mais difícil ficava eu voltar”.
- Cap. 37 (p. 115): “Então eu voltei. Na bagagem eu trouxe uma mulher de cabelo de fogo e olhos azuis. E um menino idem, de nove anos”.
- Cap. 38 (p. 116): “Depois que todos se deitaram eu saí pé ante pé. Queria percorrer sozinho aquele caminho. [...] Caminhei pela ponte lentamente, deixando minha mão deslizar pelo parapeito de cimento. Queria acariciá-la docemente, silenciosamente, como convém depois de uma tão longa ausência. [...] — Augusto? É você, Augusto? — o rio sussurrou, querendo que fosse eu mas sem acreditar, depois de tanto tempo”.
- Cap. 39 (p. 120): “Pensei que estivesse sozinho na beira do rio, mas vi dois velhos perto de mim. Tinham chegado agora? Fazia tempo? Oi, vô!?!... eu disse em pensamento.[...] olhei em volta procurando meu avô. Ele não estava mai ali, mas era como se estivesse”.
- Cap. 40 (p. 123): “Quando Yuri chegou na cozinha, meio sonolento, meu pai sentou-o no colo e disse: vem cá, meu neto, eu vou te contar uma história muito linda. E começou devagarinho, escolhendo as palavras mais fáceis para aquele netinho gringo. — Era uma vez um rio pequenininho que passava perto de uma cidade pequenininha onde morava um menino [...]”.

Como já vimos, não há linearidade cronológica entre um capítulo e outro, porém existe um seqüenciamento implícito. No final de cada capítulo, há um pretexto, uma espécie de pista, ou um sinal que insinua o assunto do próximo.

2.1.3. Conflito

Não podemos perder de vista que o fio condutor desta história é o amor que Augusto sente por um rio. Era um amor incondicional, sem barreiras. Por isso, a narrativa não apresenta conflitos externos, uma vez que não havia quem o impedisse de viver esse amor, na figura de um antagonista, a não ser o receio de no futuro não poder contar mais com sua existência (por um motivo ou outro): “eu morria de medo de acordar um dia e não o encontrar mais. Medo de que ele [o rio] secasse por falta de uma montanha na cabeceira. Me dava uma gastura, uma aflição, uma ruindade por dentro só vendo, que coisa mais esquisita...” (p. 98).

Em sua vidinha simples numa cidadezinha dividida por esse rio, só os compromissos com a família e com a escola poderiam dificultar seus encontros: “Se pudesse, eu ficava o tempo todo por conta do rio. Mas eu não podia. Tinha a escola. Os deveres de casa. Os avós. Os primos. A meninada da rua. As coleções. As brincadeiras. O futebol” (p. 34).

Ou, ocasionalmente, quando havia boatos de acidentes no rio e sua mãe resolvia se opor às suas idas ao rio, por precaução:

Era um castigão, sabia? Porque era uma penalidade dupla, severa demais para mim, que não tinha nada a ver com a história. Além de não poder brincar no rio, eu ainda ficava impedido de ir lá, até minha mãe esquecer a tragédia. E eu me sentia infeliz demais naqueles dias! (p. 17-18).

Conforme já dissemos, é comum nas obras de Martha Pannunzio os dramas vividos pelas crianças, muitas vezes causados por elas mesmas, devido a suas próprias dúvidas e inseguranças, raramente movidos diretamente por fatores externos.

2.1.4. Espaço

Segundo Reuters (2004, p. 51) , “o espaço encenado pelo romance pode ser apreendido de acordo com duas grandes entradas: suas relações com o espaço ‘real’ e suas funções no interior do texto”. Em *Era uma vez um rio*, o espaço está centrado numa cidadezinha do interior que é dividida por esse rio. Neste caso, podemos reconhecer que o espaço está intimamente relacionado com a temática da narrativa. “Incrível a história destas bolinhas! Como é que elas vieram parar nas minhas mãos? Eu, nascido e criado bem dizer na roça, numa cidadezinha do interior, como é que tinha juntado umas jóias como aquelas?” (p. 43). E ainda: “Todo dia, sistematicamente, eu atravessava o rio pra lá e pra cá, de casa para a escola, da escola pra casa. Atravessar a ponte, dar um pulinho na beira do rio, era sagrado para mim [...]” (p. 33).

Massaud Moisés (2005, p.108), a respeito do ambiente, declara que “a paisagem não é pano de fundo, mas algo como personagem inerte, interiorizada e possuidora de força dramática [...]”. O ambiente rural e aberto, as brincadeiras e as peladas à beira do rio são

elementos que concebem a idéia de uma infância saudável, feliz. Combinam perfeitamente com o sentimento puro e nobre presentes normalmente em pessoas que vivem em contato direto com a natureza. É o caso de nossa personagem Augusto. Cenas assim são comuns e bem próximas do universo do leitor, proporcionando maior credibilidade à história, por conterem um alto grau de verossimilhança. Sobre o efeito do real, Yves Reuter (2004, p.150, grifo do autor) afirma:

A narração não deve colocar obstáculo à crença em uma ficção apresentada como verdadeira. É preciso, pois, *justificá-la*. Dois procedimentos são aqui utilizados. Um é a justificativa da origem da história: o narrador a recebeu de uma pessoa digna de fé com quem realmente os fatos aconteceram. Outro é a ocultação da origem e de qualquer referência à enunciação.

Massaud Moisés (2005, p.150) salienta, ainda, que “a paisagem adquire significado ou conteúdo e pode assumir feições antropomórficas”. É o que ocorre com o rio em certas circunstâncias da narrativa em que ele é personificado pela imaginação do menino, como podemos confirmar na ocasião em que Augusto, já adulto, imbuído de todo sentimento de amor e ainda com a alma pueril, conversa com o rio que está à beira da morte:

- Que fizeram com você? Quem foi?
- Não foi ninguém, Guto... foi... foi todo mundo...
- Ele [o rio] disse com muita dificuldade.
- Rio, fica calmo, eu vou quem foi? Eu posso te ajudar, respire fundo...
- [...]
- ...respira funda, meu rio valente,... assim... calma... (p.118).

2.1.5 Tempo fictício

A duração do tempo da história não está bem delimitada na narrativa. Os fatos não apresentam cronologicamente uma precisão temporal. No entanto, há alguns acontecimentos datados, bem como outros elementos que nos remetem a uma época, tais como: tipos de brincadeiras, costumes, linguagem e outros que serão abordados mais tarde e que nos permitem afirmar que a história se passa por volta dos anos sessenta e setenta do século XX.

Para Todorov (2008, p. 242):

O problema da apresentação do tempo na narrativa impõe-se por causa de uma dissemelhança entre a temporalidade da história e a do discurso. O tempo do discurso é, em um certo sentido, um tempo linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional. Na história, muitos acontecimentos podem-se desenrolar ao mesmo tempo; mas o discurso deve obrigatoriamente colocá-los um em seguida ao outro [...].

A questão do tempo em *Era uma vez um rio* apresenta um terreno muito fértil para estudo. A narrativa mescla esses dois tempos com precisão, recuando e acelerando estrategicamente a fim obter o efeito desejado, como veremos adiante. A esse respeito confirma Umberto Eco (2006, p. 60):

O tempo da história faz parte da história. Se o texto diz que ‘mil anos se passam’, o tempo da história são mil anos. Mas, no nível da expressão lingüística, ou no nível discurso ficcional, o tempo de escrever (e ler) a frase é muito curto. É por isso que um tempo do discurso rápido pode exprimir um tempo da história bastante longo. Naturalmente, o contrário também pode acontecer: vimos na conferência anterior que Nerval precisou de doze capítulos para nos contar o que aconteceu em uma noite e um dia; e, depois em dois capítulos curtos nos contou o que aconteceu no decorrer de meses e anos.

É difícil buscarmos o tempo da história sem considerar pistas contidas no tempo da narração. Como se o primeiro ficasse numa linha horizontal, na base, e o outro suspenso. Porém, após uma leitura mais atenta, é possível organizarmos uma linha temporal da narrativa, baseada em um levantamento de acontecimentos da história fictícia e de eventos comprovadamente históricos (reais).

Era uma vez um rio traz uma narrativa com marcas sutis da passagem do tempo, o que nos permite pensar que ela desenvolve um tempo fictício, cronologicamente impreciso, mas que pode ser representado pelo ciclo da vida, em suas três fases (infância/adolescência, maturidade), distribuídos em três partes (denominadas respectivamente “começo”; “meio” e “fim”) e em quarenta capítulos.

Porém, essas noções são muito vagas. Não há um “começo” da narrativa (história) bem definido. O primeiro capítulo inicia com um “*Era uma vez...*” o que já remete o leitor a uma noção de tempo indeterminado e o leitor entra nesse clima de instabilidade temporal e

apenas se deixa levar. Talvez esse seja o desejo da autora, ou pelo contrário: o objetivo seja instigar o leitor a decifrar o mistério.

Seja como for, parece propício para essa análise tentarmos reconstituir a sequência cronológica da história rastreando algumas pistas do texto.

Os primeiros capítulos são preenchidos basicamente por descrições do rio, alguns diálogos e pensamentos, além de um ou outro fio narrativo que tanto pode ter acontecido quando a personagem-narrador estava com 7, 8, 9, 10 ou 11 anos, ou até mesmo com doze, idade em que parece iniciar a narrativa. E segue até o capítulo 27, provavelmente quando a personagem-narrador completava 18 anos.

Isso não significa que o tempo fictício da primeira parte (começo) tenha durado exatamente 18 anos, já que os primeiros fragmentos narrativos que aparecem temporalmente datados partem da idade de 11 ou 12 anos, por volta de 1960 (isso já no capítulo 15), quando Augusto recorda o concurso de poesias da escola em que ele tira o terceiro lugar e recebe de prêmio um atlas que tanto desejava e por sugestão de seu pai escreveu na primeira página o seguinte: “Este atlas pertence a Augusto e ao seu rio e foi recebido como prêmio no concurso de poesia da festa da primavera da minha escola, no dia 23 de setembro de 1960, hoje. Estou na 1ª série do curso ginásial. Eu fiz doze anos no mês passado” (p. 41).

Daí em diante, a narrativa prossegue apresentando alguns sinais de sequência temporal, intercalados por algum devaneio, ou lembranças vagas. No capítulo 17, por exemplo, há outra referência à sua idade: “A coleção de lápis me dava um trabalho dos diabos! Eu mandava cartas e cartas para o Brasil inteiro, dizendo que meu nome era Augusto, tinha onze anos, cursava a 1ª série do curso ginásial, colecionava lápis, tinha visto um muito bonito na firma deles [...]” (p.44). E ainda: “Devagarinho eu fui alterando os dizeres da carta... tenho doze anos, estou na 2ª série... tenho treze anos, faço a 3ª série do ginásio...” (p. 45).

No capítulo 26, um acontecimento do mundo real permite-nos precisar o dia e o mês do tempo da história, num dado momento, além de realçar o efeito de verossimilhança. Trata-se da ida de Yuri Gagarin, piloto soviético, ao espaço, no dia 12 de abril de 1961. Augusto ainda estava com doze anos: “1961. Eu já era grande, ia completar treze anos em agosto. Foi pelo rádio que veio a notícia. Que notícia era aquela? Todas as rádios repetiam a mesma informação. Havia um homem no céu, um piloto. Fora da órbita da Terra? Meu Deus!...” (p.79).

No capítulo 28, verificamos outra marca da passagem do tempo. Augusto já estaria com dezoito anos, se alistando no exército: “Então veio o tempo das calças compridas.

Do tiro-de-guerra. Eu jurando a bandeira, empolgado. Sol de rachar. A farda engomada pinicando o pescoço [...]” (p. 89).

Vejamos: a última data foi 1961 (Augusto ia completar 13 anos), então hipoteticamente teremos 1962 (14 anos), 1963 (15 anos), 1964 (16 anos), 1965 (17 anos), 1966 (18 anos). Estimando, assim, uma duração mínima de 6 anos.

A segunda parte vai do capítulo 28 até o 36 (nove capítulos). Também não há como precisarmos sua duração. Porém, percorrendo algumas pistas, é possível fazer a seguinte leitura:

No capítulo 28, é possível inferir, na seguinte passagem, que Augusto já esteja com 18 anos, se alistando no exército, provavelmente no ano de 1966.

Então veio o tempo das calças compridas. Do tiro-de-guerra. Eu jurando a bandeira, empolgado. Sol de rachar. A farda engomada pinicando o pescoço. Onze horas! O patriotismo saindo pelo suor dos meus poros. Pela minha garganta, em altos brados.

... Porém se a pátria amada
For um dia ultrajada
Lutaremos com fervor.
Amor febril
Pelo Brasil... (p. 89).

No capítulo 29, por exemplo: “*Passei no vestibular*” (p. 91). O vestibular marca o início de uma nova etapa da vida de um jovem. Não tem data expressa, mas se fizermos um cálculo, levando em conta os dados anteriores, chegaremos ao ano de 1967, a personagem Augusto entra na faculdade. Podemos confirmar nessa passagem: “Agora, com dezenove anos, medindo um metro e oitenta e oito centímetros, o vão não me parecia tão alto nem o parapeito tão perigoso. Havia desafios maiores esperando por mim, mas havia também aquele nó na garganta” (p. 93).

No Capítulo 34, aparece o momento da formatura, uma outra etapa da vida de Augusto. Presumimos que nessa altura da narrativa já havia se passado quatro anos. “Meu grandioso rio! Tinha sido uma paixão arrebatadora. E agora, na manhã da minha formatura, lendo aqueles dois textos, me senti como se embarcasse no túnel do tempo” (p.108).

Capítulo 35, no discurso de formatura, Augusto estava com 23 anos, já por volta do ano de 1971. “Eu era pouco mais que um menino. Imberbe ainda. Tinha só vinte e três anos, mas já sabia onde ficava o meu norte” (p.110).

Deste ponto em diante, não há mais referência explícita a datas ou à idade de Augusto (ou de qualquer outra personagem da narrativa), senão sinais da passagem do tempo, como veremos a seguir no capítulo 36:

Depois de formado eu estudei pra burro, muito mais do que havia estudado na faculdade. Fiz especialização. Mestrado. Doutorado. Escrevi teses. Livros. Proferi palestras em línguas estrangeiras. Particpei de debates e conferências. Rodei o mundo. Quanto mais eu sabia, mais difícil ficava voltar (p. 111).

Quantos anos estão implícitos somente neste parágrafo? Se entendermos que a escritura do livro tenha sido depois do doutorado, e depois as palestras, as conferências e as viagens, podemos imaginar que se passou muito tempo.

Sentia saudade do meu pai. Dos cinco irmãos, que eu chamava de ‘meninos’ mas já eram todos pais de família. Do meu avô, agora já liberado para sempre das missas de domingo. Do meu anjo da guarda, tia Zeré. Da minha avó, a quem eu não poderia mais pedir desculpas pelo atrevimento” (p. 111).

A morte do avô e da avó também representam uma marca do transcorrer do tempo, assim como o fato de “os meninos” (seus irmãos) já terem se tornado pais de família.

Outro sinal do tempo está na barba grisalha de Augusto: “[...] E ainda bem que não viu a água salgada que verteu do meu coração, saltou dos meus olhos, rolou pela barba grisalha e pingou no chão” (p. 115).

O tempo pode ser percebido nas alterações do espaço físico, como veremos a seguir:

Eu lhe prometi que voltava um dia mas nunca voltei. Malandro, eu, hein? Coisa feia! De todos eu tinha saudade. Do rio eu tinha banzo. Aquela saudade doída, apertada, engasgada, cheia de culpa...

As notícias que vinham de casa falavam de uma cidade próspera, cheia de chaminés e caldeiras que geravam emprego e progresso. E impulsionavam o comércio.

Falavam da Universidade Federal e seus múltiplos cursos. Da moçada bonita e sabida que vinha estudar, obrigando nossa cidadezinha a crescer em pensionatos, repúblicas, lanchonetes, barzinhos, botecos, restaurantes, hotéis, postos de gasolina, oficinas mecânicas, clubes, hospitais, religiões, sacolões, butiques etc. etc.

As cartas, jornais e revistas mostravam um Distrito Industrial crescente. A implantação de cursos profissionalizantes. Uma rede bancária pujante. A chegada das multinacionais. Só do rio é que ninguém falava nada. E eu pensava: mau sinal, preciso voltar urgente! (p. 112).

Dentro deste lapso temporal, é possível pensarmos numa duração de pelo menos 20 anos: “Caminhei pela ponte lentamente, deixando minha mão deslizar pelo parapeito de cimento. Queria acariciá-la docemente, silenciosamente, como convém, depois de uma tão longa ausência” (p. 116). E, ainda: “As lágrimas vertiam fartas e mansas dos meus olhos. Depois de tantos anos, de tanta vacilação, de uma espera tão cheia de aflição, de um exílio que parecia nunca ter fim, a alegria do reencontro me nocauteava” (p. 119).

A terceira parte é a menor, corresponde aos capítulos 37, 38, 39 e 40. A duração temporal se reduz, o período torna-se mais curto, de um dia para outro, possivelmente de algumas horas: seria o tempo de Augusto chegar de viagem com a família. Imaginamos que seja noite, pois ele não espera o dia amanhecer para ver o rio, passar a noite ao lado do rio, tomar o café da manhã com os pais e sair às 9 horas:

Capítulo 37: “Então eu voltei. Na bagagem eu trouxe uma mulher de cabelo de fogo e olhos azuis. E um menino idem, de nove anos” (p. 115).

Capítulo 38: “Depois que todos se deitaram eu saí pé ante pé. Queria percorrer sozinho aquele caminho” (p. 116).

Depois de mergulhar em recordações, Augusto amanhece ao lado do seu rio: “— BOM DIA MEU RIIIIIIIIÔÕÕÕÕÕÕ!” (p. 118).

Capítulo 39: Passadas algumas horas, já em casa, Augusto toma o café da manhã com pai e a mãe: “Tomamos o café quentinho, só nós três, mamãe, papai e eu” (p. 121).

Em seguida seu filho levanta:

Capítulo 40: “Quando Yuri chegou na cozinha, meio sonolento, meu pai sentou-o no colo e disse: vem cá, meu neto, eu vou te contar uma história muito linda [...]” (p. 123).

A narração se rompe quando Augusto vai para a Universidade, certamente procurar ajuda para o rio e o pai fica para levar o menino (Yuri) para conhecer a Pedra de Sino e o rio:

Eu me levantei de um salto e avisei que tinha que me apresentar às 9 horas em ponto no departamento de geografia da Universidade.

Chamei meu pai para ir comigo mas ele fez que não com a cabeça. Tinha coisa mais importante a fazer, ele disse. Ia levar o neto para conhecer a Pedra de Sino e o rio que falava riês.

—Você sabe essa história? — me perguntou Yuri.

—Mais ou menos, eu respondi engasgado.

—Depois você me conta, papai? (p. 126).

E aqui se encerra a narrativa, não a história, pois a impressão que fica para o leitor é que a história continua, agora com Yuri, o filho de Augusto, como um ciclo da vida: “Se pudesse, eu parava o tempo ali, naquela quadra da minha vida [...]” (p. 125).

Talvez possamos chegar a um tempo fictício de aproximadamente 30 anos: “ — Era uma vez um rio pequenininho que passava perto de uma cidade pequenininha onde morava um menino pequenininho...” (p. 123).

O diminutivo nesta passagem reforça a idéia de distância temporal, como também dá um ar nostálgico, de uma época que já se passara há muito tempo.

Convém revermos os acontecimentos pontuais da vida do narrador-personagem. O que temos até aqui: uma narrativa que se inicia com o tempo suspenso e termina da mesma maneira. A primeira parte tem vinte e sete capítulos e 86 páginas de narração (discurso) para hipoteticamente seis anos de história (dos 12 aos 18 anos). A segunda tem nove capítulos e vinte e seis páginas para, no mínimo, vinte e um anos de história (dos 19 aos 40 anos) e a terceira parte tem quatro capítulos e doze páginas para, no máximo, 24 horas de história.

Então deduzimos um tempo da história de pelo menos 34 anos, ou seja, o tempo zero seria quando Augusto tivesse a idade de seis anos (já freqüentava a escola) e o tempo final coincide com a idade de no mínimo 40 anos, naturalmente levando em consideração todos os acontecimentos ocorridos com ele (graduou, fez mestrado, doutorado, escreveu livros, viajou muito ministrando palestras), com sua família (a morte dos avós, da tia, os irmãos já casados), e com a cidade (todo o progresso).

Vejamos como fica a seqüência cronológica:

Linha do tempo:

1948- (Agosto-Nascimento de Augusto) (inferência)

1959- 10 anos-(informação explícita, p.107)

1960 -11/12 anos- (informação explícita, p.41) (início da narrativa- 5ª série)

1961- 12/13 anos (12/04, Yiru Gagarin vai ao espaço sideral, p.79/80)

1967- 19 anos (data inferida, p.93)

1971- 23 anos (data inferida, p.110)

1988- 40 anos (término da história?)

De qualquer forma, para obtermos uma visão global da organização da obra e de como se dá a divisão das três partes, vamos esquematizá-la do seguinte modo:

Tabela 2 – Divisão da obra

| 1ª parte: “Começo” | 2ª parte: “Meio” | 3ª parte: “Fim” |
|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| Até o capítulo 27 - p.86 | Do capítulo 28 ao 36 - p.112 | Do capítulo 37 ao 40- p.126 |
| 27 capítulos | 9 capítulos | 4 capítulos |
| 1960 | 1967... 1987? | 1987? |
| ... 11 / 12 até os 18 anos... | Dos 19... 23... até 40 anos? | Anos? |

| | | |
|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • As brincadeiras no rio • Suas manias: a pescaria o estilingue as bolinhas de vidro coleção de lápis, o álbum de figurinha • Escreve a poesia sobre o rio • Ganha um atlas de prêmio • O sonho de viver na ilha • O futebol com os amigos do outro lado do rio • as missas aos domingos • a notícia : a terra é azul. | <ul style="list-style-type: none"> • Alista-se no exército • passa no vestibular • despedida da família, da escola e do rio • a descoberta de outros rios • formatura • lembranças • biografia e história de um rio • especialização • Mestrado • Doutorado • Escreve livros • Participa de debates e conferências • viagem • casamento • o filho de 9 anos • a morte dos avós • a morte da tia • desenvolvimento da cidade. | <ul style="list-style-type: none"> • O encontro com o rio e com os pais • lembranças. |
|---|--|---|

Devemos ressaltar que grande parte dos acontecimentos na vida de Augusto não são narrados, são apenas citados. Ocorre aí o que Reis e Lopes (1988, p. 120) chamam de elipse, um recurso da narrativa que tem como função justamente “elidir ou resumir eventos menos relevantes”. Para estes críticos, a elipse é antes de tudo

toda a forma de supressão de lapsos temporais mais ou menos alargados, supressão essa que é denunciada de modo variavelmente transparente [...]. designa primordialmente uma amputação de elementos discursivos suscetíveis de serem recuperados pelo contexto [...]. (Reis e Lopes, 1988, p. 242-243).

Reis e Lopes afirmam que o recurso da elipse tem relação direta com o tempo da narração. Desse modo, ele é muito empregado quando o autor deseja acelerar o curso da narrativa em alguns pontos para se prender especialmente aos episódios que interessam à sua proposta estética.

No caso de *Era uma vez um rio*, percebemos isso claramente. Se confrontarmos o número de páginas de cada parte do livro com a quantidade de acontecimentos correspondente a cada uma, veremos que há uma discrepância entre tempo da narrativa/tempo da narração/discurso, como foi exposto acima. Os fatos ocorridos na segunda parte, por exemplo, são basicamente citados, pois não era interessante saber o que ocorreu durante o mestrado, o doutorado, as viagens. Ou até mesmo, como Augusto conheceu sua esposa, de que nacionalidade ela é, quanto tempo demorou até que ela engravidasse, quais seriam seus sentimentos diante do nascimento de seu filho, Yuri.

Como vemos, todos esses eventos foram suprimidos da narração, até porque nesse período, enquanto ele estava fora de sua cidade natal, seus pensamentos estavam o tempo todo voltados para sua infância, e para seu rio.

Se fizermos uma comparação entre tempo da narração e tempo da história, chegaremos à seguinte conclusão: a quantidade de acontecimentos correspondentes às três fases da vida da personagem que fazem parte da história não corresponde proporcionalmente ao número de páginas empregado para a narração, veremos que a fase adulta é a menor em tempo de narração em relação à fase da infância como podemos ilustrar no gráfico logo abaixo:

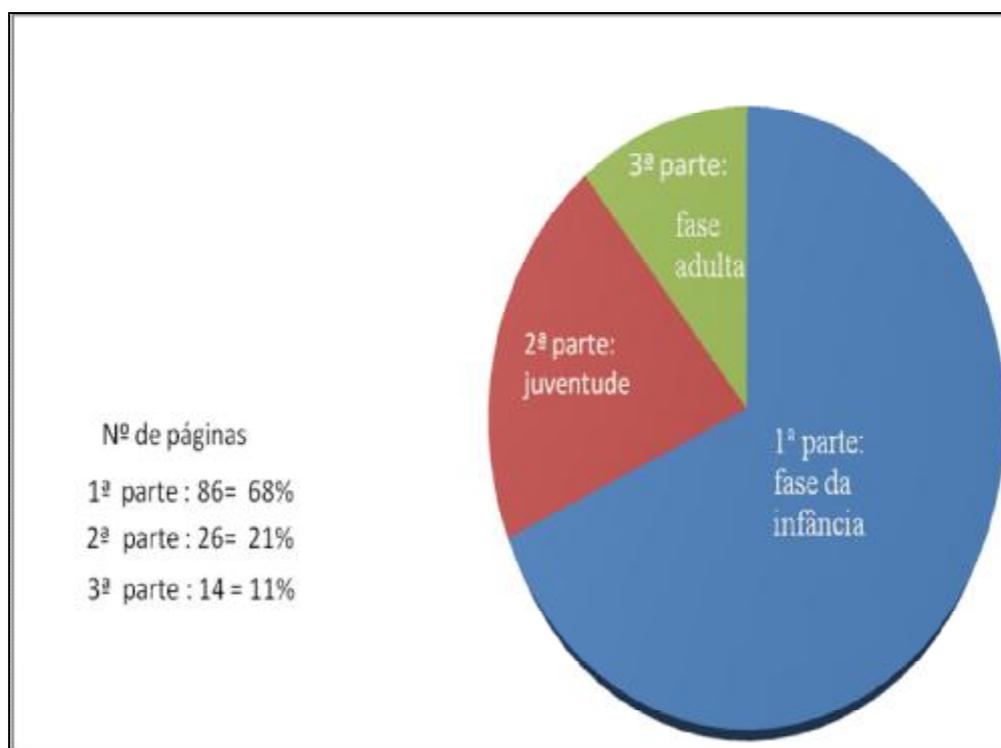


Figura 7. Gráfico: As fases da vida

Na verdade, ocorre que nesse período o narrador - personagem (Augusto) conta as lembranças que ele próprio teve quando estava fora de casa. Ou seja: uma lembrança dentro de outra. Provavelmente por isso, os outros acontecimentos ficaram fora da narração. Como podemos comprovar em uma das passagens da segunda parte do livro:

Bati asas e voei pra bem longe. Cada vez pra mais longe. Atravessei pontes e pontes. Vi rios e rios. Todos mais largos que o meu, muito mais importantes, muito mais badalados. Rios que estavam desenhados nos atlas do mundo inteiro. Muita água tinha passado debaixo das pontes daqueles rios. [...].

Lembrava meu riozinho querido, vagaroso, manso, cortando minha cidadezinha ao meio. Era por ele que eu tinha ido tão longe! Precisava aprender tudo a respeito de hidrografia para voltar e ajudar meu rio (p. 96).

No dia de sua formatura, toda a família foi participar. Sua mãe levou um presente original. Ela mandou emoldurar sua poesia premiada “O rio valente” e a redação que ele teria feito na quarta série sobre a biografia do rio: “Ah, que prazer reler aquele ‘livro’ delicioso, escrito a lápis,

com força, cheio de erros de ortografia e concordância!... Mesmo assim ri muito das minhas bobagens e achei que eu levava jeito para biógrafo” (p. 101).

Neste trecho, a personagem Augusto se recorda da sensação que sentiu quando viu seu texto num quadro. Esta sensação ocorreu dentro de um passado remoto, que já fazia parte das recordações de Augusto- homem. O que nos permite concluir que há uma lembrança dentro desta que está sendo relada no momento da narração.

Eco (2006, p. 48) diz que esse ziguezague temporal talvez não seja percebido por alguns leitores. Quiçá, ainda, alguns apreciem a nebulosidade, o mistério e prefiram não se privarem do encanto de estar perdidos. De qualquer maneira continuaremos a tratar do tempo mais adiante.

2.2. NARRAÇÃO

Segundo Reuter (2004, p.65), “a narração diz respeito à organização da ficção na narrativa que a expõe”. Deste modo, a narração implica antes de tudo o modo e as escolhas técnicas, bem como suas combinações a fim de obter o efeito esperado.

2.2.1. Modo

Sobre os modos da narrativa, é importante recorrermos ao que diz Todorov (2008, p. 250) em *As categorias da Narrativa Literária*, a saber:

Os aspectos da narrativa concerniam à maneira pela qual a história era percebida pelo narrador; os modos da narrativa concernem à maneira pela qual este narrador no-la expõe, no-la apresenta. É a estes modos da narrativa a que nos referimos quando dizemos que um escritor nos ‘mostra’ as coisas, enquanto tal outro só faz ‘dizê-las’. Existem dois modos principais: a *representação* e a *narração*. [grifo do autor] [...].

Para Reis e Lopes, a questão da representação e da narração tem relação com a perspectiva adotada pelo narrador, isto é, com a presença ou o distanciamento deste frente à narrativa:

De fato a primeira [a representação] inspira normalmente a adoção de um ponto de vista inserido na ação, acompanhando o seu desenvolvimento em princípio de forma isócrona, já que a personagem que participa nesse desenvolvimento acaba por assumir praticamente como testemunha de eventos que, mais do que relatados pelo narrador, aparecem ‘mostrados’ (cf. o termo *showing*) por essa espécie de consciência refletora; assim se persegue uma mimese temporal em contraste com a opção pelo *telling*, já que, neste caso, é o narrador que, distanciando-se da história, se responsabiliza inteiramente pela sua representação [...], reduzindo ao mínimo as intervenções das personagens (diálogos ou monólogos) alheando-se de quaisquer preocupações de fidelidade temporal [...] (REIS e LOPES, 1988, p. 262).

E ainda:

O modo rege a ‘regulação da informação narrativa’; ‘pode, com efeito, contar-se mais ou menos o que se relata contá-lo segundo tal ou tal ponto de vista (Genette, 1972:183). Compreende-se, assim, que ao modo digam respeito os problemas da representação narrativa, não exatamente na acepção lata que podemos atribuir ao termo representação [...], mas no sentido preciso de seleção quantitativa e qualitativa daquilo que é narrado; daí que no modo se integrem as questões atinentes à determinação da distância [...] e da perspectiva [...], conexiando-se com esta última a implicação subjetiva do narrador no discurso que enuncia [...], implicação decisiva também para determinar o processo de seleção mencionado (Reis e Lopes, 1988, p. 265-266, grifos no original).

Genette (2008, p. 266) adota uma distinção entre esses dois modos e chega, grosso modo, aos termos *diegesis* para o modo de contar e *mimesis* para o modo de mostrar. Reuter (2004, p. 66) recupera esses dois conceitos e associa o primeiro a *sumário* e o segundo à *cena*.

Segundo Reuter, a escolha de um ou de outro modo tem influência no efeito que se deseja obter com a obra. E a esse propósito assegura que o modo mimético produz um melhor efeito, uma vez que as falas e diálogos aproximam mais obra e leitor, provocando assim maior expressividade. Dessa forma, o escritor pode alternar os dois modos narrativos conforme os objetivos que deseja atingir.

Em *Era uma vez um rio* verificamos a predominância do uso de cenas (*mimesis*) e essas correspondem especialmente aos momentos de maior intensidade da narrativa, ou seja,

aos episódios em que a personagem-narrador recorda e traz à tona sua vivência e sua relação com o rio por meio de descrições, poemas, devaneios, monólogos, diálogos com o próprio rio e com os familiares.

Num total de quarenta capítulos, dezoito tem predominância de cenas. Desses , quinze pertencem à primeira parte do livro, denominada “começo” que correspondem às lembranças da infância do narrador junto ao rio. E em vinte capítulos predominam o sumário e quanto aos outros dois que faltam: o capítulo dezesseis (p. 42) corresponde ao poema que Augusto produziu na escola: *O rio valente* e o capítulo trinta e três (p. 103) à *Biografia e História de um Rio* que ele teria feito quando estava na 4ª série.

É evidente, como disse Reuter (2004), que a predominância das cenas traz para a narrativa mais expressividade. Noutros termos, a presença do diálogo e a suspensão temporal aproximam o leitor da narrativa, faz parecer que tudo está acontecendo no tempo presente. Isso acentua o efeito causado por emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza, que por ventura possam invadir a alma do leitor.

2.2.2. Narrador

Para retratar o amor de um menino por um rio, a autora adota como estratégia uma narrativa introspectiva, com narrador homodiegético e focalização interna, com função testemunhal.

Importa, pois, termos em conta que o narrador é, nos termos de Reis e Lopes (1988), uma entidade criada pelo autor empírico. Dessa forma, o narrador da narrativa é Augusto, que quando menino, vivia ao lado de um rio, com sua família, e que tinha um sonho de conhecer tudo sobre rios para um dia poder ajudá-lo.

A propósito do narrador, Reis e Lopes (1988, p. 61, grifos no original) afirmam: “será entendido fundamentalmente como *autor textual*, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso [...], como protagonista da *comunicação narrativa*”. Por isso, é ele quem conduz a narrativa, selecionando o que entra e o que não entra nela.

E, somando-se a isso, há algo que devemos refletir: tomando por certo que o tempo da narração é ulterior (afinal Augusto narra seu passado certamente quando já estava

adulto, com filho — depois de retornado à sua casa), algo nos causa estranhamento, isto é, não nos parece que o narrador em questão seja um adulto. Temos de admitir que o Augusto que narra seu passado já não é mais o mesmo que o viveu. Por outras palavras: o narrador que aparece na narrativa não é um adulto, pelo contrário, o que vemos é um Augusto — menino, com alma, sentimento e linguagem de menino. Vamos observar alguns exemplos que ilustram essa idéia, na definição que Augusto faz de seu rio:

O rio era... era assim... como é que eu explico? ...Era cheio de água. [...] Ai, que bobagem, todo rio é cheio de água... [...] O meu tinha girinos pretinhos na espuma da margem. Tinha peixes pequenos que eu via em cardume, nadando desorientados na beira do barranco: lambaris, piabas, timburés, carás... [...] Creio, aliás, creio, não, tenho certeza absoluta, que ele era igual a todo rio do mundo. Seria? A diferença é que os outros passavam longe, sei lá onde; e o meu passava a três quarteirões da minha casa.

Não era grande nem pequeno. Era médio.

Nem largo nem estreito. Espreado.

Nem fundo nem raso. Dissimulado.

Nem limpo nem sujo. Turvo (p. 14).

Tudo o que fazia, pensava ou dizia tinha relação com o rio.

Minha cabeça pensava assim: meu rio é o mais tudo do mundo, e eu, seu único dono.[...] Eu nadava bem demais pra minha idade. [...] “Meu pensamento ficava zigzagueando pra lá e pra cá e me dava uma canseira dos infernos! De tonto que eu era. Podia muito bem perguntar pros mais velhos... Mas eu, não. Eu ficava naquela perdeção de tempo, parafusando e parafusando um milhão de idéias dentro da minha cabeça (p. 29-30).

O rio era, para ele, sua própria vida: “Meu plano era outro. Meu plano era o rio. Eu queria aprender tudo a respeito de água, de rio, de mar, para um dia, mais adiante, ajudá-lo quando chegasse a hora, se fosse preciso” (p. 55).

Veremos o que dizem Reis e Lopes a esse respeito:

o narrador autodiegético aparece então como entidade colocada num tempo ulterior [...] em relação à história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos. Sobrevém então uma *distância* temporal mais ou menos alargada entre o *passado* da *história* e o *presente* da *narração*, dessa distância temporal decorrem outras: ética, afetiva, moral, ideológica etc., pois que o

sujeito que no presente recorda já não é o mesmo que viveu os fatos relatados.[...] (Reis e Lopes, 1988, p. 119).

Daí, podemos pensar que a escolha do narrador possa fazer uma relativa diferença no resultado da obra, já que um narrador adulto para essa mesma narrativa fatalmente não teria o mesmo efeito, perderíamos no mínimo o ar lúdico, a leveza que tornam essa narrativa tão surpreendente.

2.2.3. Narratário:

Em grande parte da obra não encontramos o narratário explícito. No geral, o narrador, segundo Reis e Lopes (1988, p.64), projeta “no enunciado as interrogações do narratário a que procura dar resposta”. Ou, na verdade elas representam suas próprias dúvidas, como podemos observar em uma das muitas ocorrências na obra.

Quem é que governa a chuva? Sei lá! Um dia ainda hei de saber. Vou estudar tudinho.

— Onde fica a cabeceira do açude?

— Ali.

— Ali onde?

— Ali em cima.

— Em cima de quê?

— De nada. Trinta léguas pra cima.

— Pra cima de onde?

— Pra cima daqui. Pra trás, subindo a corrente.

— Me leva?

— Tá maluco, moleque?

— Não. Estou só curioso.

— Curiosidade mata, sabia, Gutinho?

— Mata nada!... Se soubesse o caminho eu ia sozinho.

— O caminho eu não sei.

— Vamos pelo rio?

— Pelo rio não dá.

— E não dá por quê?

— Porque tem uma curva atrás desta curva.

— A gente vai pela margem, pelo raso.

— Tem hora que é fundo.

— E depois?

— Tem curva e mais curva... tem cachoeirinha... tem barra de córrego... tem mato fechado... tem pedra com lodo... tem banco de areia traiçoeiro escondido debaixo d'água... tem correnteza... tem tronco caído estorvando o caminho...

— E se eu fosse a nado?

— A nado não dá.

- E se eu fosse de barco?
 — De barco não dá.
 — E se eu fosse de a pé?
 — De a pé tá errado. É zero na escola. É a pé que se diz.
 — A pé posso ir?
 — Pode não, seu bocó. Rio não foi feito pra bicho-de-pé.
 — Pé é meu, por que não?
 — Porque tem barranco de pedra, tem brejo e atoleiro...
 — CURUIS CREDO!
 — ...covoal, areião, cipoal...
 — CURUIS CREDO!
 — ...desemboque, cascalho e rochedo...
 — CURUIS CREDO!
 — ...tem mato, espinheiro, lameiro...
 — CURUIS CREDO!
 — ...tem canal, caldeirão, cachoeira...
 — CURUIS CREDO!
 — ...e tem curva e mais curva, a gente tonteia...
 — CURUIS CREDO!
 — ...tem raso e rasura,
 tem fundo e fundura
 a montante e a jusante...
 — CURUIS CREDO!
 — Tem chão movediço
 que é um chá de sumiço
 — CURUIS CREDO!
 — Pelo rio não dá
 nem a pé nem a nado,
 muito menos de barco.
 Tem maleita, tem chagas,
 tem até jacaré.
 — Verdade, Mané?
 — Verdade, Gutinho! (p. 19-21)

Como vemos, o narrador-personagem não introduz seu interlocutor. Primeiro ele faz pergunta às quais ele mesmo responde em forma de discurso indireto livre. Em seguida, ele introduz o travessão e inicia um diálogo entre ele e uma outra pessoa, cujo nome só se revela no final: Mané. Esse “Mané” também não é ninguém que faz parte do elenco de personagens da narrativa, ele não tem passado, nem futuro. Trata-se de um menino qualquer, sem importância, como seu próprio nome, portanto serve apenas de figurante, ou de apoio para se fazer revelar as inquietações de Augusto.

Muitas vezes temos a impressão de que ele conversa com ele mesmo ou com o rio:

- O rio não estudava. Não colecionava lápis. Não jogava futebol aos sábados e, aos domingos, não ia à missa das dez nem à matinê.
 Não escovava dente nem tomava banho, que sorte! Não teimava mas também não obedecia, que bom! Não estudava nem tomava bomba, que folga! Não namorava, que pena! Nunca tinha que explicar onde foi, com quem foi e jamais precisava voltar mais cedo para casa. Que ótimo!
 — Pra casa, Gutinho? Que casa? Ei, acorda, neguinho!

Bom, não tinha casa, é verdade, mas isto é o de menos. Trabalhar, ele não trabalhava. Não fazia nada. Era um boa-vida e eu morria de inveja.

[...]

— Comendo e bebendo? Rio tem boca? Que raciocínio fajuto, seu Guto?

— Ter não tem, não, mas come e bebe. Tanto que engorda, transborda, derrama e, se não come nem bebe, fica magrinho, esquelético e seca.

— E bebe o quê? O que é que ele come?

— Se chove, ele bebe água limpa, purinha, do céu (p.62).

2.2.4. O tempo da narração

O tempo da narração diz respeito ao momento em que a história é narrada em relação ao momento em que supostamente ela ocorreu. Sendo assim, temos na obra em questão (como já foi exposto) uma narração ulterior, ou seja, o narrador já adulto conta sua história de vida desde a infância ao lado de um rio.

O tempo visto num campo mais restrito apresenta um caráter introspectivo, muitas vezes indefinido, tornando-se (com raras exceções) sensível às oscilações das recordações imersas no imaginário do menino Augusto. Algumas dessas lembranças são constituídas de pequenos episódios pontuais, ora ocorridos no rio, ora na escola, ora em casa (cujo assunto sempre é o rio), mas a maior parte delas é uma espécie de ode ao rio.

2.2.4.1 Ordem

A ordem temporal da narração se apresenta sob dois aspectos. Primeiro podemos perceber uma linha temporal linear fisicamente demarcada na própria divisão do livro: começo, meio e fim. De forma linear, pelo menos no que diz respeito à superestrutura do texto. Dessa forma, o tempo marca as etapas da vida da personagem (a fase da infância/adolescência, da juventude e fase adulta) coadunadas respectivamente com as três partes do livro:

Começo (capítulos 1 a 27), até a página 86; que corresponde a fase da infância e adolescência; “Hoje é domingo / pé de cachimbo / toca a viola / toca o sino / o sino é de ouro/

bate no touro... [...] O que eu fazia no domingo? [...] eu ia mesmo era namorar meu rio. [...] Moleque de tudo, dez, doze anos, era para ele que eu contava o que me afligia” (p. 70).

Meio (Capítulos 28 a 36), da página 87 até a 112, que representa a fase da juventude, período em que ele sai para estudar fora: “Bença, pai! Bença, mãe! / Era a hora difícil de fazer as malas e dizer adeus! [...] Bati asas e voei pra bem longe. [...]” (p.96); “BYE, BEYE, MEU RIO/ ME ESPERA QUE EU VOLTO!” (p. 100) ; “BYE,BYE , INFÂNCIA ,/ NUNCA MAIS EU VOLTO!” (p. 86).

E **Fim** (Capítulos 37 a 40) da página 113 até a 126, a fase adulta. “Então eu voltei. Na bagagem eu trouxe uma mulher de cabelo de fogo e olhos azuis. E um menino idem, de nove anos” (p. 115).

O segundo ponto a observar é que não há uma necessariamente uma linearidade temporal no interior de cada etapa. Ou seja: na etapa dois, não há narração dos acontecimentos ocorridos com ele (Augusto) no tempo em que ficou fora, não revela sequer o local, a quantidade de anos, quanto tempo ficou fora. Por outro lado, também não são narrados os fatos ocorridos com sua família em sua cidade natal. Como vemos tudo isso fica suspenso e o que aparecem são suas lembranças da infância. Que são eventualmente interrompidas, quando é preciso dar prosseguimento à narrativa.

É recorrente o recurso da analepse nas seguintes passagens. O tempo da história hipoteticamente inicia quando o personagem Augusto estava na 5ª série, em 1960. Essa informação aparece explícita no capítulo quinze, em ocasião do concurso de poesia da escola. O fato é que nesse mesmo instante ele se recorda de uma biografia do rio que teria escrito na 4ª série, supostamente no ano anterior, 1959.

Tia Zeré falou que aquela poesia era filha única de mãe viúva. Dito feito. Foi o único poema que eu ousei escrever na minha vida, se é que aquilo podia ser chamado de poema. Assim como o prêmio literário, primeiro, último e único. Adivinhando que eu não levava jeito para fazer versos, mamãe achou que era importante guardar aquela preciosidade bem guardada para a posterioridade. Se era pra ficar bonito, tinha que ser passado a limpo pela minha tia. Mamãe disse que, se o desenho ficasse bonito, depois minha tia ia arrumar bem caprichadinho, com a letra dela, que era uma maravilha, o livro Biografia e história de um rio, que eu tinha escrito a lápis na 4ª série. Só que naquele momento ela não tinha tempo de procurá-lo. Estava bem guarda. Por aí. Em algum lugar (p. 37).

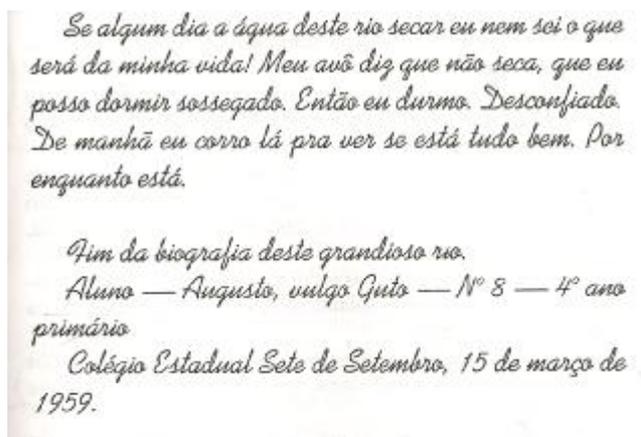
Podemos perceber esses fatos sob dois aspectos: primeiro que o fato de ele ter escrito a biografia sugere uma analepse em relação ao curso da narrativa e ao mesmo tempo

uma prolepse (ou catáfora), uma vez que essa biografia é apresentada posteriormente no capítulo 33, com letra cursiva, como se fosse a cópia fiel do texto entregue à professora naquela ocasião.

Quem foi que disse que o menino é o pai do homem? Foi o poeta inglês Wordsworth, há duzentos anos! Nunca vi nada mais certo na minha vida. Eu, aos dez anos, escrevi a biografia do meu rio, uma biografia longa, malfeita, igual ao meu nariz, mas escrevi.

Não era propriamente um livro. Na verdade aquilo era uma semente, apenas uma boa semente que germinaria robusta, saudável, ligando o menino ao homem (p. 102).

Vamos transcrever aqui apenas o trecho final:



Se algum dia a água deste rio secar eu nem sei o que será da minha vida! Meu avô diz que não seca, que eu posso dormir sossegado. Então eu durmo. Desconfiado. De manhã eu corro lá pra ver se está tudo bem. Por enquanto está.

Fim da biografia deste grandioso rio.
Aluno — Augusto, vulgo Guto — Nº 8 — 4º ano primário
Colégio Estadual Sete de Setembro, 15 de março de 1959.

Outro ponto é que essa mesma passagem em que o narrador conta que escreveu um poema sobre o rio tem função catafórica, pois esse poema poderia ter sido transcrito no momento em que foi enunciado, entretanto, estrategicamente a narrativa segue e podemos entender que houve um adiantamento do assunto que seria, posteriormente retratado e transcrito no capítulo 16, com o título homônimo: “O rio valente”.

Há outras passagens de analepse na narrativa como a seguir:

Podia muito bem ter lhe contado que ela tinha sido minha melhor professora de Português, o que era a pura verdade. Mas é aquela velha história, eu era ruim pra estas coisas. Eu disse apenas que a gente ainda ia se ver antes da minha viagem. Entreguei-lhe os lápis, virei as costas e saí, sem pressa, passando de sala em sala, em busca de um menino chamado Augusto, que entrara lá pela primeira vez aos sete anos, assustado, trazido pela mãe... Na capanga de pano veio um lápis, uma

borracha, um caderno e uma merendinha de pão com carne de lascar e duas ameixas-de-queijo. Me lembro como se fosse ontem!...(p.92-93).

A prolepse se manifesta também quando Augusto pressente a morte dos avós quando ainda estava menino. Antes de partir para estudar fora, sente que no futuro iria perdê-los: “Esta foi a atitude mais errada da minha vida. Eu me arrependi amargamente de ter levado aquela briga a ferro e a fogo. Custava nada ter falado desculpa, vovó? Era só abrir a boca.” (p. 77). E ainda:

Quanto mais ele me consolava, mais eu me sentia perdido. Minha cabeça era um corrupio...E se adoecesse alguém? Se morresse? Vovô e vovó já estão velhos... papai precisa de mim na oficina... lá em casa tem cinco meninos abaixo de mim... eu sou um fulano egoísta, um mutreção deste, quase vinte anos de idade, na hora de ajudar o pai, caio fora, sacrificando a família, dependendo de mesada...(p.94-95).

Diante da leitura deste fragmento o leitor também percebe a preocupação do personagem e é capaz de inferir a morte de seus avós na narrativa.

2.2.4.2 Velocidade:

O que podemos notar com relação a isso é que a primeira parte do livro (que corresponde à infância) tem uma extensão maior do que as outras duas. Uma hipótese seria pensarmos que por se tratar de recordações, o foco da narrativa recaia precisamente sobre o passado.

No caso da personagem, a infância, que foi uma época vivida com muita intensidade. É especialmente o período das descobertas, das indagações, dos devaneios, dos segredos, dos mistérios, das travessuras, das transgressões muitas vezes sem censura, sem culpa. Trata-se de cerca de setenta por cento da obra, que é composta de 126 páginas. Depois, vai ocorrendo uma diminuição gradativa em cada etapa da vida de Augusto.

A parte do meio vem adquirindo um ritmo mais rápido e conseqüentemente o número de páginas vai reduzindo. É o tempo em que a personagem partiu para estudar fora e se formar. Nesta parte, quase não há relatos de situações que certamente ele tenha vivido, mas

que evidentemente não tiveram grande importância para ele (nem para obra), uma vez que ainda estava com a mente presa à infância e ao rio. Ocorre o que Genette (citado por Reis e Lopes, 1988, p. 242-3) chama de eclipse. Nessa fase, ele utiliza o recurso do sumário para dizer que fez faculdade, mestrado, doutorado e escreveu livros, todas essas ações tomam muito tempo da vida de Augusto, são muitos anos condensados num espaço de um parágrafo, sem narração de como tudo aconteceu.

Depois disso, dá-se um salto no tempo e ele já aparece na terceira fase, de volta ao lugar de origem. Lugar onde o rio ainda o esperava, coincidindo com os momentos finais da história e do livro, e com um número ainda bem menor de páginas. A narrativa começa a morrer com o rio.

2.2.4.3 Frequência

A frequência na narração, segundo Genette (citado por Reis e Lopes, 1988, p. 257-8), define “a relação quantitativa estabelecida entre o número de eventos da história e o número de vezes que são mencionados no discurso”.

A esse aspecto, percebemos que há uma predominância do modo *iterativo* (cf. Reis e Lopes, 1988, p. 263) que consiste numa narração única para eventos ocorridos com frequência no passado, com o auxílio da técnica do sumário. Noutros termos, o texto narra uma vez o que aconteceu diversas vezes. Este procedimento forma todo o quadro contextual da vida do menino Augusto, ou seja, tomamos conhecimento de como era a rotina dele, de sua família, da cidadezinha em que morava, enfim, cria-se uma atmosfera como pano de fundo e o leitor mal inicia a leitura e já se sente íntimo e conhecedor de todo o universo de Augusto

Esse efeito é alcançado por meio de algumas expressões que indicam repetição e do uso do pretérito imperfeito do indicativo. Observemos a seguir alguns fragmentos retirados da obra e atentemos para as palavras e expressões destacadas:

a) “Ela podia danar comigo o tanto que quisesse, que eu, ó, nem tium! Quem gostasse de coleção, que colecionasse, feito eu *que toda vida, desde pequeno*, fui um guardador de coisas” (p. 47).

b) “Sábado de manhã, *entra ano, sai ano, chovesse ou fizesse sol*. Não que a molecada gostasse de apanhar ou de bater, mas a verdade verdadeira é que o quebra-quebra era uma das partes mais divertidas do jogo.[...]” (p. 49).

c) “Como filho mais velho, *tinha* também minhas obrigações: tratar das galinhas, dos passarinhos, aguar a horta-de-couve *duas vezes por semana*, trazer lenha para a cozinha...”. (p. 43).

d) “[...] O carteiro *já chegava* em casa dando risada, com o pacotinho na mão”. (p.45). Notemos que a determinação do carteiro, com o uso do artigo definido (o) também reforça a idéia de que ele lhe familiar, por fazer a mesma ação repetidamente.

e) “Minha confusão tinha procedência. É que, lá em casa, dormir era coisa sagrada. *Toda noite*, às 9 horas em ponto, minha mãe *batia* palmas e *ia* espantando a gente para o banheiro. De mamando a caducando, sem choro sem vela.” (p. 64).

f) “E *todo dia eu ficava* um tempão olhando, olhando, olhando lá longe a ilha verdinha na curva do rio. *Entra ano, sai ano*. [...]” (p. 33).

Como sabemos, essas ações não precisam ser repetidas na narração para imaginarmos que fazem parte da rotina da vida de Augusto e dos familiares. Desse modo, é uma técnica necessária, pois alguns tipos de repetição em geral desgastam o leitor, principalmente quando não têm objetivo estético. Nesta obra, ocorre o oposto: ela cria uma intimidade entre o personagem e o leitor e traz a impressão de que este conhece aquele há muito tempo, ampliando, por fim, o laço afetivo entre ambos. Isso tem notável repercussão no final da narrativa, quando Augusto retorna à cidade natal, a emoção de seu reencontro com o rio é facilmente compartilhado com o leitor que já conhece sua história de vida.

Outros procedimentos discursivos também são utilizados na obra, entretanto com menos frequência, o *singulativo*, por exemplo, que equivale a narrar uma vez algo que ocorreu uma vez é o mais incomum. Aparece apenas para dar andamento na narrativa, como neste exemplo “Depois de formado eu estudei pra burro, muito mais do que havia estudado na faculdade. Fiz especialização. Mestrado. Doutorado [...]” (p. 111).

Além disso há o processo contrário, isto é, narrar diversas vezes o que foi realizado uma vez. É o caso da poesia e a biografia sobre o rio que Augusto teria feito na 4ª série e que são retomados ao longo da narrativa.

Destacamos, ainda, a recorrência temática de difícil classificação, porque não estaria simplesmente dentro de uma relação fato/narração (como comentado acima) e sim numa relação tema/narração. Alguns assuntos são retomados com frequência na obra sem que isso canse o leitor. Talvez porque a cada aparição ele toma numa roupagem, ou porque estando o narrador na voz de um menino, isso possa tomar ares pueris, perdendo assim o senso de praticidade e leva o leitor a embarcar nesse universo sem restrição. Neste caso, as repetições são bem aceitas e apreciadas, pois não têm só função de retardar a narrativa como

também exercem uma função primordial na sensibilização do leitor, muitas vezes dando tempo para este reviver certas experiências de vida ou mesmo se emocionar.

Como podemos observar, a *frequência* tem relação com a *velocidade* que se quer dar à narrativa. Quando se quer diminuir o ritmo, aumenta a frequência do número de narração de um mesmo fato ou tema. E o contrário: para acelerar o ritmo, diminui a frequência.

Analisando todos esses elementos da narrativa de *Era uma vez um rio* concluímos, então, que a narrativa demora mais nos momentos em que o narrador-personagem evoca o rio, que são, na verdade, os trechos de maior lirismo e poeticidade. Daí a demora tem razão de ser, conforme afirma Eco (2006, p. 56) a respeito da narração: “[...] Se algo importante ou absorvente está ocorrendo, temos de cultivar a arte da demora”. Daí se explica a neutralidade de algumas categoria como a personagem, espaço, ação, tendo em vista que toda a obra está centrada nas experiências vividas na infância da personagem.

2.3. OS RECURSOS DISCURSIVOS

Passaremos, agora, a analisar alguns aspectos da linguagem escolhidos pela autora para compor a obra e obter os efeitos estéticos esperados.

Como já vimos acima, a obra *Era uma...* mescla prosa e verso. Porém, não é dispensável a abordagem de certas escolhas textuais e estilísticas recorrentes na obra que conferem seu valor estético.

O primeiro capítulo é formado por um poema de dois versos, já apontando para duas figuras: o rio e o menino

E ra uma vez um rio. O meu.
E era uma vez um menino. Eu. (p. 11)

É interessante notarmos que a primeira letra do primeiro verso inicia com um desenho¹⁵ (gótico) de letra diferente das demais, muito semelhante a que era utilizada

¹⁵ E isso se repete em quase todas as primeiras letras do início dos capítulos da obra – com exceção dos capítulos em que ele (o narrador-personagem) não faz narração, é o caso, por exemplo, do capítulo 16 (p.42); em que o narrador-personagem transcreve o poema que fez na escola sobre seu rio cujo título é : “ O rio Valente”;

freqüentemente em livros de histórias antigas ou até mesmo em pergaminhos, o que vem corroborar ainda mais o espírito da narrativa: a fantasia.

Se observarmos a disposição dos versos, veremos logo uma intrínseca relação entre as duas personagens, vislumbrados no paralelismo sintático. Os dois apresentam uma mesma estrutura frasal, e não é por acaso, afinal o menino e o rio levam uma vida paralela. Uma interação intensa, que pode ser percebida também no campo sonoro, nas rimas internas toantes *rio/menino* e nas externas consoantes *meu/eu*. É o que observa um estudo introdutório da obra realizado por Sales e Martha (2004, p. 132-133, grifos no original):

É possível antes da compreensão cognitiva, visualizar a quase total integração da personagem humana (o menino, o narrador com a natureza (o rio). Pela repetição parcial, um perfeito paralelismo, a primeira oração está mergulhada, ou imbricada, na terceira: *Era uma vez um rio* (1º) *Era uma vez um* (3ª). Na segunda frase, segunda metade da oração ou do verso, a idéia de imbricação, de integração se manifesta no plano sonoro: *meu/eu*, em que o som /eu/ está contido, ou antecipado, no som /meu/; e/ou inversamente, o som /eu/ da palavra *meu* ecoa na palavra *eu*. Igualmente no plano sonoro, os sons /i/ e /o/ de *rio* estão presentes na palavra *menino*. Prosseguindo, nota-se, graças à marcação de ritmo curto, seco, o qual corrobora para a força dos sons que se ecoam, observado o extrato fônico, fortalece-se a idéia de integração total entre espaço, tempo, personagem e linguagem específica, nos estratos semântico e temático.

Como vimos, há uma profunda interação entre o menino e o rio (e por extensão à natureza). Podemos dizer que estes dois versos resumem semanticamente toda a obra. E isso se confirma na seqüência da leitura.

A primeira parte do livro é marcada por um discurso puramente poético, com maior ocorrência de versos (em relação ao todo da obra) e há um capítulo que é composto apenas de poema. É o caso do capítulo 16 (que já foi citado anteriormente) (p.42), em que o menino vai anunciando seu amor e admiração pelo seu rio.

Recorrendo ao que diz Nelly Novaes Coelho a respeito da linguagem na contracapa do livro, temos:

[...] sua linguagem seivosa traz a ‘marca’ da autora: a esplêndida fusão do falar roceiro com uma ágil fluência poética. Dessa fusão, perpassada por um olhar crítico e culto, resulta uma linguagem pitoresca e densa de sabedoria de vida — aquela

do capítulo 23 (p.70) que também começa com poema e do capítulo 33 (p.103), em que o narrador transcreve a redação que ele teria feito na escola.

gerada pelo viver profundo, ligado às raízes e à verdade essencial das coisas e seres, através dos quais a vida se cumpre.

Ainda neste contexto do falar “roceiro” de que fala a crítica, podemos comprovar com alguns exemplos que remontam a hábitos e costumes comuns em regiões rurais, principalmente nas décadas passadas (tempo da história) e também usos dos conhecidos ditos populares. Como seguem:

- 1- “Tens uns peixinhos de boca aberta que não parecem nem parentes dos peixes do meu rio mas, tudo bem, *de cavalo dado a gente não olha os dentes*, minha avó falou” (p. 39).
- 2- “E aconselhou: você dá um tempo, um mês de prazo. Se não chegar resposta, manda outra carta. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*.” (p. 45).
- 3- “[...] *Quem fala a verdade não merece castigo*, é ou não é? [...]” (p. 55).
- 4- “Não, Guto, *mentira tem perna curta*. [...]” (p. 94).
- 5- “[...] Meu pai é que tinha pensado que eu estava enjoado. Eu apenas fiquei calado. *E, quem cala, consente*.” (p. 67).
- 6- “Todo santo dia eu arranjava um tempinho e dava um corridinha lá, nem que fosse só pra dizer BOM DIA, RIO! Nem que fosse só pra *tirar o pai da força*, como dizia meu avô” (p. 56).
- 7- “Minha mãe queria porque queria que eu começasse o domingo *com o pé direito. Primeiro a obrigação, depois a devoção*. A obrigação era a missa. E eu com a cabeça no rio e nos peixes, pensa bem, que suplício!...” (p. 72).
- 8- “Ai, ai, ai, pra que que eu falei isto? Minha mãe *só faltou me chamar de santo e rapadura!*” (p. 73).
- 9- “Quando castigo acabou, fui correndo ver meu rio. Tinha que contar tudo pra ele, como de fato contei, tintim por tintim, do meu jeito, é claro, *puxando as brasas para minha sardinha*” (p. 78).
- 10- “Então eu dei tempo ao tempo e aprendi *que não há nada como um dia atrás do outro*, é ou não é?” (p. 78).

2.3.1. Intertextualidade:

Em *Era uma vez um rio*, a intertextualidade é muito frequente. Já se manifesta na própria temática: o rio, que também é tema de um poema de Mário de Andrade sob o título:

“A meditação sobre o rio Tietê¹⁶”. Este poema contém onze estrofes e 351 versos e o eu - lírico também evoca o rio, misturando crítica e lirismo. É útil visualizarmos, aqui, alguns trechos deste poema:

“Água do meu Tietê, onde me queres levar?
Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...
É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável”

[...]

“Meu rio, meu rio Tietê, onde me levas?...”

[...]

“Onde me queres levar?...”

[...]

“Me induzindo com a tua insistência turrona paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!”

[...]

“Eu tenho medo... Meu coração está pequeno, é tanta
Essa demagogia, é tamanha,
Que eu tenho medo de abraçar os inimigos,
Em busca apenas dum sabor,
Em busca dum olhar,
Um sabor, um olhar, uma certeza...
É noite... Rio! meu rio! meu Tietê!
É noite muito!... As formas... Eu busco em vão as formas
Que me ancorem num porto seguro na terra dos homens
É noite e tudo é noite. O rio tristemente
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
Água noturna, noite líquida... Augúrios mornos afogam
As altas torres do meu exausto coração”.

Semelhante ao que ocorre em *Era uma vez um rio*, o poema também estabelece uma relação entre o homem e a natureza, representada pelo rio Tietê, o que atravessa a cidade de São Paulo, onde nasceu o poeta. Sua afinidade com o rio se parece muito com a que tem a escritora Martha Pannunzio pelo seu rio Uberabinha.

Outros traços da intertextualidade presentes no interior da narrativa são referências a personagens de outras histórias da literatura infantil como: Pinóquio, Capitão Gancho, Mogli, Tarzan, como podemos ilustrar nos seguintes trechos, grifos nossos:

¹⁶ Produzido em 30/11/1944 a 12/2/1945. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/and.html#meditacao>

1. “*Cavalo-marinho* por acaso é feliz? Cavalo-marinho nada em cardume? E se um cardume deles errasse o caminho e entrasse pela foz, rio acima, e viesse parar no meu pocinho? E se com ele viesse um tubarão? A *baleia do Gepeto*? O navio do *Capitão Gancho*?” (p. 30).
2. “—Vai largar tudo isto, menino? Vai morar num galho de pau, feito um bicho-preguiça, uma fera? Ou vai virar *Mogli* e anda com *Baguera*?” (p. 36).
3. “— Vai virar Tarzan? Só que tem uma coisa: lá na ilha não *tem Jane nem cipó nem Chita*” (p. 36).
4. “Meu pai comprou um mapa do Brasil e um mapa-múndi, bem grandões, coloridos, pegou um sarrafo, fez as molduras e os dependurou na parede do meu quarto. E assim eu fui conhecendo meu país e o mundo, devagarinho, viajando nas asas invisíveis dos meus lápis e das minhas bolinhas. Eu, *Aladim, e eles, meu tapete mágico.*” (p. 45).
5. “Apareceu cada livro enorme de grande, encadernado, chique demais, cheio de poesia do tempo antigo, falando de flores que eu nunca vi mais gordas, de *palmeiras onde canta o sabiá*, de cajueiros pequeninos, [...]” (p. 40).

É exemplo de intertextualidade, também, a alusão à famosa frase de Shakespeare que foi traduzida para o Português como: “Ser ou não ser: eis a questão”, no exemplo: “Ele dorme ou não dorme? Esta era a questão!” (p. 65).

Outro recurso explorado na obra é o apelo ao didatismo para criar um efeito real dos fatos narrados. Por exemplo, a seguinte parlenda para introduzir o que ele costumava fazer aos domingos: “Hoje é domingo/ Pé de cachimbo ...” (p. 70).

2.3.2. Metáfora

Candido (2006) afirma que a metáfora literária é aquela feita conscientemente pelo escritor para obter um determinado efeito sobre o leitor, mas ele não nega que a linguagem corrente é tecida de metáforas, criadas e usadas inconscientemente e incorporadas ao patrimônio léxico do povo.

Podemos chamar de metáfora do tipo comum, bastante presente na obra *Era uma vez um rio*, coadunando plenamente com os outros elementos da narrativa, já que o narrador-personagem é um menino que vive em área rural, simples, puro e, acima de tudo, sonhador. Sendo ele o narrador, não haveria explicação para um possível desnível linguístico. Por isso, o fluxo de metáforas deste tipo é intenso e bem aceito pelo leitor, tanto infantil quanto adulto por reunir simplicidade e qualidade estética. Enumeramos alguns exemplos, grifos nossos:

1. “Não sei quem foi o *espírito-de-porco* que futricou umas coisas no ouvido dela. A gente era menino naquele tempo, ouviu a galinha cantar mas não sabia cadê o ovo” (p. 44).
2. “Coitado do moço, ficou com *cara de tacho!* Então como ele já conhecia a coleção que eu estava começando, me deu as bolinhas de presente” (p. 44).
3. “Eu ficava feito uma galinha de pinto, não deixava ninguém pôr a mão *nos meus tesouros*. Só meu pai e minha tia, porque eles, além de me darem uma bruta ajuda, não ficavam naquela pedição: ME DÁ UM?” (p. 47).
4. “— Vai largar tudo isso menino? Vai morar num galho de pau, feito bicho-preguiça, uma fera? Ou vai virar *Mogli* e andar com *Baguera?*” (p. 36).
5. “E assim eu fui conhecendo meu país e o mundo, devagarinho, *viajando nas asas invisíveis dos meus lápis e das minhas bolinhas*. Eu, *Aladim*, e eles, *meu tapete mágico*” (p. 45).
6. “Naquela histórica manhã de outono muito azul eles ganharam de goleada. Oito a um. Tomamos *uma lavada!*” (p. 53).
7. “Nós, além de amargarmos uma derrota *do tamanho do mundo*, ainda ganhamos apelidos horríveis, porque a maioria era ruim de bola mesmo e, por coincidência, não tinha nem um único negro na nossa gloriosa ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA”(p. 54).

2.3.3. Oralidade

Como já comentado em outros momentos da análise, a perspectiva centrada na personagem-narrador favorece uma linguagem mais solta e livre de censuras. Dessa forma, linguagem e pensamento se mesclam e isso faz com que a narrativa se torna mais atrativa e prazerosa porque, em geral, envolve e surpreende o leitor.

Neste contexto, a linguagem toma corpo e se configura visualmente em grafitis e/ou caligramas. Os textos e/ou as palavras ora se apresentam em forma de parágrafos, ora em versos, ora com fonte padrão, ora com letra cursiva, ora em caixa alta. Há também o que Reuter (2004) chama de “colagem”. Na obra, ela se apresenta em forma de quadros explicativos e esquemas.

As repetições, os paralelismos sintáticos também são frequentes recursos linguísticos que podem ser considerados marcas da oralidade. A seguir, faremos uma breve demonstração de alguns destes recursos, grifos nossos.

1. “[...] Não que a molecada gostasse de apanhar ou de bater, mas a *verdade verdadeira* é que o quebra-quebra era a parte mais divertida do jogo [...]” (p. 49).
2. “[...] cursava a 1ª série do curso ginásial, colecionava lápis, tinha visto um muito bonito da firma deles, *assim, assim*, por isto pedia que me mandassem pelo menos um de cada cor “ (p. 44).
3. “Furacão? P.q. p.! Onde é que aquela crioulada foi arranjar tanta idéia?” (p. 51).
4. “[...] *Nunca dos nuncas* que ia existir um campo de futebol daquele lado” (p. 52).
5. “[...] Meu pai abraçou nosso capitão pelo ombro e foi *levando, levando, falando, falando, falando*, até que os dois voltaram” (p. 53).
6. “[...] Ele nunca trai, nunca mente, nunca passa raiva na gente. Não compete. Não passa rasteira” (p. 54).
7. “[...] Eu tinha prova provada de que ele trabalhava sem parar durante o dia” (p. 64).

2.3.4. Neologismo

O neologismo é outro recurso que a autora utiliza para dar mais dinamismo ao texto. Sua característica lúdica e bem humorada assume ares de brincadeira de criança

1. “Trinta léguas rio acima? Quem foi que mediu? De que jeito mediu? Mediu rio acima? Ou mediu rio abaixo? Ou será que mediu com *achômetro, chutômetro e queixômetro?*” (p. 97).
2. “Meu pensamento ficava *zigzagueando* pra lá e pra cá e me dava uma canseira dos infernos” (p. 30).
3. “[...] A professora toda *sengracinha*, disse que tinha sido erro de gráfica [...]” (p. 30).
4. “— Gutinho, Gutinho, *cê tá passaroco, menino?*” (p.35).
5. “[...] De tonto que eu era. Podia muito bem perguntar pros mais velhos... Mas eu, não. Eu ficava naquela *perdeção* de tempo, parafusando e desparafusando um milhão de idéias dentro da minha cabeça” (p. 30).
6. “Então, lerdamente, *senvergonhamente*, caladinho, boiando de olhos fechados, eu dei uma mijada morna, demorada, pra lavar a minha alma e a minha honra” (p. 55).
7. “Em terra firme ele ficava *riando, rasurando, cachoeirando, correntezando, rebojando, garganteando, canalando, remansando, lagoando, cascateando, estuariando, delteando, fozeando*, se divertindo com os estabanados cardumes de dourados, lambaris, piraçanjubas, piaus, pacus...” (p. 63).
8. “[...] *marolando, mareando, oceanando, vagueando, procelando...*” (p. 63).

9. “[...] Sua única saída era ficar ventando, *brisando*, *furacãozando*, *tornadeando*, nublando, nevoando...” (p. 63).

10. “[...] Vinha orvalhando, geando, garoando, chuviscando, chovendo, *granizando*, nevando, gelando, congelando, descongelando, *lençolando*, *olho-d’aguando*, *cabeceirando*, *agudeando*, *ribeirando*, *riando*, rasurando, encachoeirando, de novo, de novo, de novo...” (p. 63). (grifos nossos).

2.3.5. Linguagem recreativa

A autora apela frequentemente também para uma manipulação lúdica da linguagem. Faz uso de algumas articulações e desarticulações lexicais que contribuem para formar sugestivas imagens fonéticas e sonoras, associando com recursos visuais . Vejamos alguns:

Jurei bem alto, gritando com toda força que eu tinha dentro do meu peito de menino forte e fiel.

“R I I I I I Õ Ô Ô Ô Ô Ô Ô ... (p. 31).

“MINHA IIIIIILHAAAAAAAAAAAAAAAA... (p. 36).

“QUANDO EU CRESCER VOU AIIIIIIIIIIII !!!..”(p. 36)).

“CÊ ESPERA POR MIIIIIIIIIMMM ? (p. 36).

Há muitos outros exemplos dessa natureza:

— Porque tem barranco de pedra, tem brejo e atoleiro.

— CURUIS CREDO!

— ... covoal, areião, cipoal...

— CURUIS CREDO . (p. 20).

— CURUIS CREDO

— C U R U I S C R E D O!

— C U R U I S C R E D O! (p. 22).

As letras garrafais dão a impressão de um grito e o aumento da fonte de forma gradativa leva-nos a crer que o personagem está gritando cada vez mais alto. E o espaçamento entre as letras demonstra o prolongamento do grito, ou seja, quanto mais longo o espaçamento, mais demorado o grito. E para completar, esse “curuis” no lugar de “cruz” remete-nos a uma linguagem utilizada corriqueiramente em ambientes rurais, sem qualquer preocupação formal.

O outro exemplo interessante é o surgimento da palavra “T I B U M!”, sozinha no meio de uma página, onomatopéia. Trata-se da ocasião em que a personagem relata um

episódio em que ele e seus amigos foram nadar. Com esse barulho não fica difícil imaginarmos como os garotos pulavam nas águas do rio.

2.3.6. Vocabulário típico:

a) Linguagem: “Me dava *um nó na garganta* toda vez que eu passava por lá na *boquinha da noite*, sol se pondo...” (p. 31).

“Foi por isso que fiz um juramento. Eu ia ser seu melhor amigo nem que *chovesse canivete aberto*” (p. 31).

b) Xingamentos: “*Branquelo!* / *Pó-de-arroz!* / *Perna-de-pau!* / *Barata descascada!*” (p. 54).

c) Crenças:

— Tem vivente encantado, sem pé, sem cabeça, sem mão, sem bico, sem asa, sem pena, sem focinho, sem chifre, sem rabo... una... duna tena... catena... saco de pena... Adivinha o que é, seu Zé Prequeté.

— Rá-rá-rá, seu medroso, é assombração!

— Assim mestiçado de gente e de bicho:... nego-d’água... lobisomem... subiteiro... mula-sem-cabeça... fantasma... curupira... ’mboitatá” (p. 23).

d) Brincadeiras infantis: “O estilingue e a capanginha de pedras eu penduro em qualquer galho fino” (p. 34).

“Minhas bolinhas de vidro ficam no chão [...]” (p. 34).

e) Sinestesia: “Eu respirei fundo, bem fundo, de olhos fechados. O ar da noite era tão puro, tão fresquinho, que entrava dentro do meu peito feito uma faca afiada. E decerto havia por ali, em algum quintal, delicioso que eu, até hoje, de noite, fecho os olhos, penso nele, inspiro e sinto. Ou penso que sinto, não sei. Um cheiro da meninice feliz, de pai amoroso, de vidinha boa...” (p. 67).

f) Personificação: A personificação é uma figura mais utilizada, principalmente na figura do rio, o vento e outros elementos da natureza. É responsável pelos momentos de mais emoção da obra.

“— Guto... eu... eu... estou... morrendo! — ele [o rio] confidenciou, arfando.— A areia... o esgoto... o lixo... a química... as vacas mortas... os cachorros mortos... os pneus velhos... não são meus afluentes... Me ajuda!” (p. 118).

E:

“A tragédia estava iminente. Então o vento, que naquele momento ventava forte por ali, percebendo minha fragilidade, passou por mim despenteando meu cabelo encaracolado, como se me acarinhasse... Era como ele sabia dizer eu te amo, um jeitão estouvado, moleque, brincalhão” (p. 118).

E:

“— Engole essas lágrimas, Guto, agora a gente está junto, está tudo bem...Eu até vou cantar e dançar, olha, vem comigo! — ele [o vento] convidou” (p. 119).

Esse acúmulo de citações seria extravagante se não nos servisse para melhor visualizar a dimensão do conteúdo estético da obra. Afinal, qual é a importância que tem a utilização desses recursos para sua composição artística ? Seria o mesmo que querer saber por que uma artista produz um quadro.

Como vimos, o emprego do tempo da narração, principalmente os avanços e recuos, teve, também, forte impacto na formação de uma imagem que correspondesse fielmente aos pensamentos confusos e conflitantes da personagem. E por fim, no uso da linguagem, encontramos, por um lado, marcas de um menino ainda preso à família, nos usos frequentes de ditos populares e de superstições, e, por outro, os sinais das brincadeiras de criança e do espírito aventureiro estão presentes nas repetições, nas alternâncias de tipos de letras, na apresentação lúdica de eventuais palavras e expressões. O desejo de liberdade podem ser percebidos nos neologismos, na linguagem solta, nos paralelismos sintáticos e na oralidade. Os sinais de pontuação: exclamação, interrogação e reticências também estão presentes em frases e expressões que exprimem os mais diversos sentimentos.

Considerando que as manifestações artísticas sempre estiveram presentes na história da humanidade e mesmo frente a todas as transformações ocorridas na sociedade e no mundo, não podemos negar que a ficção e a literatura terão sempre sua cadeira cativa, pois a necessidade de fantasia é imanente à natureza humana.

CAPÍTULO 3

ESTRUTURA POÉTICA EM *ERA UMA VEZ UM RIO*

Os poemas, como vimos, participam ativamente da estrutura de *Era uma vez um rio*, colaborando, assim, para maior poeticidade e acentuando a qualidade estética da obra de Martha A. Pannunzio. Eles representam quase cinquenta por cento da composição do livro. Por esse motivo reservamos um capítulo à parte para estudá-los separadamente.

É preciso salientar, ainda, que, com exceção de apenas um, os poemas não têm título, são fragmentos que parecem surgir aleatoriamente em meio à prosa, ao sabor dos pensamentos peculiares de um narrador ainda criança. Ao analisarmos sua formação, constatamos que exibem, em sua maioria, traços descritivos e reproduzem os momentos em que o narrador evoca o rio, revelando suas características, bem como sua fauna e flora e sua relação com o homem. E por apresentarem um formato semelhante, selecionamos somente alguns para análise.

3.1 Poema 1- O rio era assim...¹⁷

*Não era grande nem pequeno. Era médio.
Nem largo nem estreito. Espreado.
Nem fundo nem raso. Dissimulado.
Nem limpo nem sujo. Turvo.
5 Nem veloz e nem lerdo. Espevitado.
Nem bom nem perverso. Guloso.
Nem sábio nem burro. Sisudo
Nem prosa nem mudo: chué... chué...
Nenhuma cachoeira por perto,
10 garganta nenhuma,
na margem, prainha,
no leito, corredeira e marola,
na curva, uma ilha,

um rebojo aqui,
15 um rebojo acolá...
Mas tinha uma ponte e a ponte era tudo:*

¹⁷ Os títulos dos poemas são criações nossas.

mistério, perigo, travessia e sonho.
A cidade branca acabava na margem de cá
e aí, atravessando a ponte,
 20 *uma cidade negra, roceira,*
começava na margem de lá
e lentamente subia a ladeira.
O que o rio dividia
a ponte ligava.
 25 *De cá gente rica,*
de lá gente pobre.
Era assim que eu via
e que eu imaginava.
 (p.14-15).

Antes de iniciarmos a análise do poema, é preciso situá-lo no contexto da obra. O poema pertence ao capítulo 2, em que o eu - lírico deseja descrever o rio, porém parece não saber como fazê-lo. O capítulo se inicia com o seguinte trecho disposto em parágrafo: “O rio era... era assim... como é que eu explico?... Era cheio de água./Ai, que bobagem, todo rio é cheio de água!...” (p. 14). Não se trata aqui de uma descrição físico/geográfica. Não parece ser essa a intenção do eu - lírico. Pelo contrário, tratava de descrever o que esse rio significava ou representava para ele. A análise de seus diversos aspectos permite-nos verificar como isso ocorre.

O poema é composto de 28 versos, divididos em duas partes: que aparecem em páginas seguidas (14-15). A primeira com treze versos e a outra com quinze. Ao fazer a escansão, verificamos que não há simetria métrica, sendo, portanto, versos irregulares. Os mais curtos têm seis sílabas métricas e o mais longo apresenta quinze.

Por se tratar de uma descrição, percebemos que o poema é construído basicamente em torno de adjetivos, principalmente na primeira parte.

Quanto à rima, percebemos a presença de algumas rimas externas, misturadas dentre uma porção de versos brancos, frequentes em poemas contemporâneos. Algumas rimas são consoantes e pobres tanto no aspecto gramatical quanto no aspecto fônico como: versos 2-3-5: *Espraiado/Dissimulado/Espevitado* (adjetivos); versos 15-18-21: *acolá/cá/lá* (advérbios); versos 24-28: *ligava/imaginava* (verbos); versos 23- 27: *dividia/via* (verbos).

Há, ainda, uma rima consoante e rica nos versos 20 e 22: *roceira/ladeira* (adjetivo e substantivo). Notamos também a recorrência de algumas rimas internas pobres toantes como nos versos 5-6 *lerdo/perverso* (adjetivos); versos 7-8: *burro/mudo* (adjetivos);

versos 11-13: *prainha/ilha* (substantivos); e internas consoantes nos versos 9-12: *cachoeira/corredeira* (substantivos).

Quanto à alternância rítmica, não encontramos regularidade. Segundo Goldstein (2006, p. 20) a partir da segunda década do século XX, “o ritmo dos poemas tornou-se mais solto, livre, menos regular, menos simétrico”, mais distanciado das regras da métrica tradicional.

O ritmo, como veremos, se mostra alterado ao longo do poema. Analisando o primeiro segmento, observamos algumas ondulações mais acentuadas nas 2ª, 5ª e 8ª sílabas, (versos 6, 7 e 8), outras somente nas 2ª e 5ª sílabas como nos versos 10 e 11. Da 6ª a 12ª sílabas as ondulações são mais acentuadas. Como visualizar no quadro de escansão:

| Metro | | Acento | | | | | | | | | | | | |
|-------|-----|--------|------|------|-----|------|---------|---------|------|-----|-----|-----|-----|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | |
| | não | E | ra | GRAN | de | nem | pe | QUE | no. | E | ra | MÉ | dio | 4-8-12 |
| | nem | LAR | go | nem | es | TREI | to. | Es | prai | A | do | | | 2-6-10 |
| | nem | FUN | do | nem | RA | so. | Di | ssi | mu | LA | do. | | | 2-5-10 |
| | nem | LIM | po | nem | SU | jo. | TUR | vo. | | | | | | 2-5-7 |
| 5 | nem | ve | LOZ | e | nem | LER | do | Es | pe | vi | TA | do. | | 3-6-11 |
| | nem | BOM | nem | per | VER | So. | Gu | LO | so | | | | | 2-5-8 |
| | nem | SÁ | bio | nem | BU | rro. | Si | SU | do. | | | | | 2-5-8 |
| | nem | PRO | sa | nem | MU | Do: | Chuá... | Chuá... | | | | | | 2-5-8 |
| | Ne | NHU | ma | ca | cho | EI | ra | por | PER | to, | | | | 2-6-9 |
| 10 | gar | GAN | ta | ne | NHU | ma, | | | | | | | | 2-5 |
| | na | MAR | gem, | pra | I | nha | | | | | | | | 2-5 |
| | no | LEI | To, | co | rre | DEI | ra/e | ma | RO | la, | | | | 2-6-9 |
| | na | CUR | va, | u | ma | I | lha | | | | | | | 2-6 |

Por outro lado, se associarmos as ondulações com as pausas, delimitadas com o auxílio da pontuação e da própria estrutura sintática, com a repetição da conjunção “nem” no interior dos versos 1 ao 8, teremos um ritmo bem demarcado. Vejamos como isso se dá: No primeiro verso (*Nem era grande nem pequeno. Era médio*), percebemos duas pausas: a primeira mais breve depois de “grande” e a segunda mais longa após “pequeno”, forçada pelo emprego do ponto final. Formando, assim, três tempos:

| 1° | 2° | 3° |
|----------------|--------------|-----------|
| Nem era grande | nem pequeno | Era médio |
| Nem largo | nem estreito | Espraiado |

E assim ocorre até o 8° verso. Já nos versos 9 e 10, há um tempo contínuo. E nos versos 11,12 e 13 ocorre novamente uma cesura com o uso da vírgula, representando a elipse, forçando outra pausa e aí teremos dois compassos:

Vejamos:

| 1° | 2° |
|------------|----------------------|
| na margem, | prainha |
| no leito, | corredeira e marola, |
| na curva, | uma ilha |

Na segunda parte, o ritmo volta a acelerar com os versos breves 14 e 15: (*um rebojo aqui,/um rebojo acolá*). Em seguida, no verso 16 formado por um período composto, ligado pela conjunção aditiva “e”, em que ocorre uma desaceleração do ritmo que fica ainda mais fragmentado no verso 17 devido ao uso do aposto em: “mistério, perigo, travessia e sonho”.

O mesmo podemos notar nos versos 19 e 20, o uso das vírgulas estabelecendo as pausas: (*e aí, atravessando a ponte/ uma cidade negra, roceira*). Nos versos 21 e 22, o ritmo volta a ficar contínuo. E por fim, há uma sucessão de versos truncados (do 23 ao 28), por meio de uma relação sintática e semântica, o verso 24 completa o 23 (*o que o rio dividia/a ponte ligava*); o 26 completa o 25 (*De cá gente rica,/de lá gente pobre*), ritmo reforçado pelas antíteses “dividia/ligava”; “rica/pobre”. Finalmente os versos 27 e 28 terminam o poema com o ritmo desacelerado, auxiliado pelas conjunções “e/que” que provocam uma ruptura no verso anterior, além do verbo “imaginar” que dá uma idéia de vaguidão.

É preciso ressaltar aqui que, segundo Goldstein (2006, p.49), em se tratando de versos livres, o ritmo fica atrelado à leitura, podendo ser percebido de forma diferente de leitor para leitor. A autora registra, ainda, que, ao contrário do que pensam alguns, o verso livre “é muito mais difícil do que o regular” (idem). Manuel Bandeira citado pela autora confirma:

Mas verso livre cem por cento é aquele que não se socorre de nenhum sinal exterior senão o da volta ao ponto de partida, à esquerda da folha de papel: verso derivado de vertere, voltar. A primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar seu ritmo sem auxílio de fora. [...] Sem dúvida, não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão-somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre. Se fosse, qualquer um poderia pôr em verso até o último relatório do Ministro da Fazenda (Goldstein, 2006, p. 49-50).

Aprofundando ainda mais a análise, é possível afirmar que nos oito primeiros versos há um paralelismo sintático, de maneira que cada verso se encontra dividido em dois segmentos. O primeiro é composto por orações coordenadas aditivas e o segundo é formado apenas de um predicativo do sujeito, sendo que todas as orações apresentam sujeito implícito (o rio). Conforme constatamos, é mínima a presença de verbos, principalmente na primeira parte (do verso 1 ao 13). Somente no primeiro verso aparece o verbo de ligação “era”: (*Não era grande nem pequeno. Era médio*), já nos demais, o mesmo verbo está implícito, evidenciando somente o predicativo do sujeito.

A omissão do verbo “era” nos demais versos não causa nenhum prejuízo ao entendimento em se tratando de predicado nominal, o mais importante é o predicativo — que é núcleo — ocupado pelo adjetivo. Do contrário, não possibilitaria o efeito final, pois essas cisões provocadas principalmente pelo uso do ponto final no interior dos versos e na mesma

posição sintática dividem o verso de maneira quase simétrica, permitindo efeito de um pingue-pongue sonoro: (*Nem largo nem estreito. Espreado.*). O mesmo acontece nos versos 25 e 26 (*De cá gente rica, de lá gente pobre*).

O narrador descreve o que havia e o que não havia próximo ao rio. Com o verbo *haver* os versos ficariam assim: “**Não havia** cachoeira por perto/ **nem havia** garganta”(versos 9 e 10); “na margem **havia** prainha”; “no leito, **havia** corredeira e marola” (versos 11 e 12); “na curva, **havia** uma ilha”. “**Havia** um rebojo aqui” e “**Havia** um rebojo acolá” (versos 13, 14 e 15). Certamente não traria o mesmo efeito.

Por se tratar de uma sequência textual de caráter descritivo, percebemos que o poema é construído basicamente em torno de adjetivos (principalmente na primeira parte), organizado de maneira a formar um jogo de oposições entre dois extremos de características, dois quais o narrador procura nomear uma que não esteja nem em um extremo, nem em outro: (*Nem bom nem perverso. Guloso / Nem sábio nem burro. Sisudo.*).

O vocabulário apresenta um nível de linguagem coloquial na maior parte dos versos, o que de modo geral é frequente nos poemas contemporâneos, como afirma Goldstein (2006, p. 88). Apenas algumas ocorrências da variedade padrão. Temos “bom” e “guloso” como registro coloquial e “perverso”, “sábio” e “sisudo” como registro culto.

Vemos também a presença de advérbios de lugar (*cá, lá e acolá*) que podemos interpretar que “lá” cidade é negra, roceira, humilde e “cá” do outro lado da ponte como sendo uma cidade “branca”, uma cidade de sonhos, rica. (*de cá gente rica,/de lá gente pobre*). O tempo verbal pretérito imperfeito do modo indicativo remete-nos a um distanciamento temporal: (*era assim que eu via/e que eu imaginava.*). Além do verbo de ligação “ser” e o verbo “ter” também aparecem outros verbos no mesmo tempo e modo como “acabar”, “atravessar”, “começar”, “subir”, “ligar” e “dividir”.

Observamos a aliteração na repetição do som consoante /m/ e /n/ ao longo do poema, este recurso lingüístico produz ao leitor um efeito de ondas (vai e vem das águas, movimento). Além da anáfora externa e interna presente nos oito primeiros versos. Citemos apenas os versos 1,2 e 3: não era grande **nem** pequeno / Era **médio/nem limpo nem** sujo. Turvo./ **nem** veloz e **nem** lerdo. Espevitado.”

Assonância, aparece na repetição do fonema vocálico /a/, sugere aos leitores uma sensação de clareza, cristalino, nos versos 9; 10; 27 e 28 : “nenhuma **cachoeira** por perto /, /**garganta** nenhuma”;“**era** assim que eu via / e que eu imaginava”.

Prosseguindo, percebemos a presença marcante de onomatopéia na expressão “chuá... chuá...”, sugerindo o som da água do rio. Vale dizer que este recurso é bastante frequente em toda a obra de Martha Pannunzio.

Além da elipse, há também o zeugma, uma figura bem próxima da elipse, no segundo verso na omissão do verbo “era” expresso no verso anterior: (Nem [era] largo nem [era] estreito. [Era] espriado). A inversão também se faz presente em vários pontos do poema, especialmente nos versos 19 e 20 (*e aí, atravessando a ponte,/ uma cidade negra, roceira*).

A metáfora também é uma figura utilizada no verso 18 (*A cidade branca acabava na margem de cá*) e no verso 7 (*uma cidade negra*). É possível interpretarmos a “cidade branca” como sendo uma cidade dos sonhos, rica e cheia de mistérios a serem desvendados, já a “cidade negra” traz consigo a pobreza, a dificuldade de atingir objetivos, tristeza e obscuridade.

Ainda é preciso mencionar a presença de antíteses nas expressões do verso 1 (*grande/pequeno*); verso 2 (*largo/estreito*); verso 3 (*fundo/raso*); verso 4 (*limpo/sujo*); verso 5 (*veloz/lerdo*); verso 6 (*bom/perverso*); verso 7 (*sábio/burro*); verso 8 (*prosa/mudo*); versos 14-15 (*aqui/acolá*); versos 23-24 (*dividia,ligava*); versos 25-26 (*rica/pobre*).

Todos os elementos apontados, que constituem uma possível abordagem do poema, produzem como efeito uma maior afinidade entre o eu - lírico e o leitor mirim, tendo em vista o processo de representação literária. A maneira como o eu - lírico tenta definir seu rio apresenta marcas de instabilidade. A procura de um termo apropriado talvez seja o reflexo de uma mente que busca sua identidade, muito comum na infância e na adolescência.

Por outro lado, como pano de fundo, podemos verificar que o eu - lírico se define como uma criança que já percebe o mundo no qual está inserida, com suas as divisões de classes, de raças e os preconceitos. E não havia como ignorar isso já que seu rio era o marco dessa divisão nos versos 23;24;25 26: *O que o rio dividia/a ponte ligava/De cá gente rica/de lá gente pobre*. Vemos, então, a cor negra associada à pobreza nos versos 18;19;20 e 21: *A cidade branca acabava na margem de cá/ e aí, atravessando a ponte,/ uma cidade negra, roceira/começava na margem de lá*. A primeira é a cidade rica, dos sonhos; a segunda, a cidade pobre, triste, roceira

A crítica de valores é também um traço dominante na obra de Martha Azevedo Pannunzio, como fica claro no trecho a seguir:

Pra falar a verdade, o futebol e a pancadaria foram a ponte que uniu a molecada dos dois lados do rio numa amizade muito jóia, muito sólida, pelo resto de nossas vidas e acabou com aquela cretiníssima divisão social, com os preconceitos. A escola também ajudou bastante. Minha escolinha feia, do lado de lá da ponte (p. 55-56).

3.2. Poema 2 – Lá vem a enchente..

Arreda, meu povo!
Óia o capado rodando!...
Acode!
Óia a carroça descendo a enxurrada!.
 5 *Óia a água entrando no rancho!...*
Levanta, Zequinha!...
Apruma, Corina!...
Quem ombra vó Lina?
Minha Virgem Maria!
 10 *Minha Nossa Senhora!...*
Destramela a porteira, Tonico,
solta a tropa na larga,
solta a bezerrada!...
Minha Nossa Senhora!
 15 *Minha Santa Luzia!...*
Acode, gente,
socooorro!
Jesus amado,
tem piedade de nós!
 (p.16)

Levando em conta a introdução do capítulo 3: “Na seca, vazio, lajeado, praieiro. Nas águas, bufando, derramando pros lados” (p. 11), notamos já numa primeira leitura que o poema relata o instante em que o fluxo do rio subia, fazendo com que as famílias que moravam ao seu redor se deslocassem de suas casas, mudando para outro lugar.

Trata-se da descrição de uma enchente. Nos versos 4 e 5 (*Óia a carroça descendo a enxurrada! Óia a água entrando no rancho*) notamos a idéia de muitas vozes gritando ao mesmo tempo a fim de salvar todas as pessoas e os animais que vivem nas redondezas do rio. O poema é composto por uma estrofe com dezenove versos irregulares, com ausência de rimas e ritmo irregular, conforme observamos no quadro que segue:

Metro

Acento

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | |
|----|-------|------|-----|------|------|-----|----|------|-----|-----|----|----------|
| | A | RRE | da | meu | PO | vo! | | | | | | 2-5 |
| | ÓIA-o | ca | PA | do | ro | DAN | do | | | | | 1-3-6 |
| | A | CO | de! | | | | | | | | | 2 |
| | ÓIA-a | ca | RRO | ça | des | CEN | do | a-en | xu | RRA | da | 1-3-6-10 |
| 5 | ÓIA-a | Á | gua | en | TRAN | do | no | RAN | cho | | | 1-5-8 |
| | Le | VAN | ta | Ze | QUI | nha | | | | | | 2-5 |
| | A | PRU | ma | co | RI | na | | | | | | 2-5 |
| | quem | OM | bra | VÓ | LI | na | | | | | | 2-4-5 |
| | MI | nha | VIR | gem | Ma | RI | a | | | | | 1-3-6 |
| 10 | MI | nha | NO | ssa | Se | NHO | ra | | | | | 1-3-6 |
| | Des | tra | ME | la-a | por | TEI | ra | To | NI | co | | 3-6-9 |
| | sol | ta-a | TRO | pa | na | LAR | ga | | | | | 3-6 |
| | SOL | ta-a | be | ze | RRA | da | | | | | | 1-6 |
| | MI | nha | NO | ssa | se | NHO | ra | | | | | 1-3-6 |
| 15 | MI | nha | SAN | ta | lu | ZI | a | | | | | 1-3-6 |
| | A | CO | de | GEN | te | | | | | | | 2-4 |
| | so | COOO | rro | | | | | | | | | 2 |
| | JE | su | Sa | MA | do | | | | | | | 1-4 |
| | tem | pie | DA | de | NÓS | | | | | | | 3-5 |

O ritmo acelerado é percebido pelo uso de frases soltas, verbos no imperativo e os pontos de exclamação que dão uma idéia de intensa gritaria e espanto, emoção e sentimento: verso 1 *Arreda meu povo*. Os vocativos nos versos 6-7: *Levanta, Zequinha!..!Apruma, Corina...!*, em que se desencadeiam as falas e os eventos descritos no poema, passa, também, a idéia de movimento.

A sonoridade é outro recurso explorado no poema e tem relevância para uma reflexão mais profunda sobre a sua intencionalidade. Desta forma, podemos perceber, pelo menos três recursos sonoros: o primeiro é a aliteração, a repetição da consoante /r/ que levamos a idéia de movimento, correria: “*arreda meu povo!*” (verso 1); “*óia a carroça descendo a*

enxurrada!...” (verso 4); “*Destramela a porteira, Tonico,*” (verso 11) e até mesmo exagero como em “*solta a bezerrada*” (verso 13); “*socooorro*” (verso 17).

A assonância, em que a frequência da vogal /a/ exprime sons estridentes, altos e fortes sugerindo gritaria; “*Levanta, Zequinha!..., / Apruma, Corina!...*”(versos 7 e 8). E, por último, o efeito causado pelo /o/ prolongado no verso 17: “*socooorro*”.

Destacamos, ainda, a presença de palavras que nos remetem a movimento como os verbos “descer” (v. 4), “entrar” (v. 5), “levantar”(v. 6), “destramelar” (v. 11) e “soltar”(vs. 12 e 13), além do substantivo “*enxurrada*” (v. 4) em: “*descendo a enxurrada!...*”.

Notamos que todos os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, indicando ordem: “Arreda” (v. 1); “levanta” (v. 6); “apruma” (v. 7) e “solta” (v. 12). Ao mesmo tempo, observamos os sinais de pontuação, ponto de exclamação e reticências, mais uma vez reforçando a idéia de gritaria, continuidade e correria: “*Acode!*” (v. 3), “*solta a bezerrada!...*” (v. 13).

Também é importante destacar, a esse propósito, a linguagem regionalista, simples, bem próxima da religiosidade e dos dizeres populares; “*Acode!*” (v. 3); “Arreda” (v. 1), no sentido de “afastar”, “desviar”, “recuar”; “Apruma” (v. 7) no sentido e “endireitar-se”, “ficar esperta”; “Destramela” (v. 11) e “óia” (vs. 4 e 5) em vez de “Olha” são usos comuns do meio rural; sem contar com a costumeira evocação aos santos: “*Minha nossa Senhora/Minha Santa Luzia..!*” (vs. 14 e 15).

Os versos são formados de orações simples. Alguns deles são apenas frases como os versos 9, 10, 14, 15 que parecem ter função de vocativos. E o uso frequente do vocativo também intensifica o tom de oralidade: “*Arreda, meu povo!*” (verso 1); “*Levanta, Zequinha!...*” (verso 6); “*Apruma, Corina!...*” (verso 7).

Por fim, todos estes elementos colaboram para construir o efeito esperado. Observamos, então, que mesmo a proposta de um tema regional como o “período das águas” e o uso de uma linguagem rural não sendo do universo do leitor mirim urbano, e possível, por meio destes recursos, reforçados por uma marcante musicalidade, com ritmo forte e intenso, estimular o imaginário infantil e mexer com as emoções.

3.3. Poema 3 – Os amigos do rio

*Tem garça cinzenta
 e garça branquinha,
 marreco, socó, curicaca,
 ema, seriema, tucano e jaó,
 5 João-de-barro e joaninha,
 Jandaia, sofrê, maritaca,
 Inhambu, pardal, curió,
 codorna, perdiz, beija-flor,
 quero-quero, tiziu e anum,
 10 passopreto, sanhaço e rolinha,
 sabiá, azulão papagaio,
 periquito e mutum,
 pica-pau, tico-tico, andorinha,
 tem pomba-de-bando,
 15 João-bobo, tesourinha
 e tem juriti,
 canarinho-da-terra, bicudo
 e tem paturi,
 pato, arara e mulata
 20 fazendo bravata,
 tem passopreto-soldado
 todo enfatiotado
 e alegres maracanãs
 esverdeando as manhãs,
 25 que amor!,
 sem esquecer que a morte
 tem seu mensageiro,
 o urubu carniceiro,
 que horror!,
 30 esquadrilha disciplinada,
 paciente,
 obediente
 ao comandante supremo
 que dá a primeira bicada,
 35 o urubu-rei,
 pensa que eu não sei?
 (p.24)*

O capítulo oito do qual o poema faz parte inicia com o eu - lírico enumerando os bichos que amam o rio:

Tem muito vivente batuta que ama meu rio.
 – Vivente, Gutim?
 – É sim!”Tem bicho bem lindo, de bico, de asa e de pena, voador, nadador, barraqueiro, dia e noite adejando meu rio (p. 24).

Trata-se de uma imensa lista de espécies do reino das aves. Tem valor informativo por ser altamente descritivo. Poderia ser considerado totalmente dispensável para a narrativa se não reforçasse a idéia de que o eu - lírico é um grande admirador do rio e por extensão de todos aqueles que o amam.

O poema contém trinta e seis versos distribuídos em duas estrofes, com dezoito cada. Há predominância de rimas misturadas, ricas e consoantes como nos versos 2-5: *branquinha/joaninha* (adjetivo/substantivo); versos 21-22: *passopreto-soldado/enfatiotado* (substantivo/adjetivo); versos 35-36: *urubu-rei/sei* (substantivo/verbo); versos 30-34: *disciplinada/bicada* (adjetivo/ substantivo); e predominância de rimas pobres consoantes como nos versos 23-24: *maracanãs/manhãs*; versos 19-20: *mulata/bravata*; versos 3-6: *curicaca/maritaca*; versos 4-7: *jaó/curió*; versos 10-13-15: *rolinha/andorinha/tesourinha*; versos 9-12: *anum/mutum*; versos 16-18: *juritipaturi*; versos 27-28: *mensageiro/carniceiro*; versos 25-29: *amor/horror*; (todos substantivos) e versos 31-32: *obediente/paciente* (adjetivos).

O ritmo se apresenta acelerado e truncado, principalmente na primeira parte. Isso se dá, possivelmente, devido ao fato de existir uma sequência de três nomes de aves em cada verso ligados por vírgulas. Especialmente, porque cada nome inicia com uma consoante diferente, forçando uma grande alteração em sua articulação. Podemos perceber as alternâncias das sílabas fortes recorrentes ora na 2ª e na 5ª posição, ora na 3ª e 6ª no quadro abaixo:

| | Metro | | | | | | | | | | | Acento |
|---|-------|-----|-----|------|-------|-----|----|----|------|----|----|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | |
| | Tem | GAR | ça | cin | ZEN | ta | | | | | | 2-5 |
| | e | GAR | ça | bran | QUI | nha | | | | | | 2-5 |
| | ma | RRE | co, | so | CÓ, | cu | ri | CA | ca, | | | 2-5 |
| | E | ma, | se | ri | E | ma, | tu | CA | no/e | ja | Ó | 5-8-11 |
| 5 | jo | ÃO | de | BA | rro/e | jo | a | NI | nha, | | | 4-8 |
| | jan | DAI | a, | so | FRÊ, | ma | ri | TA | ca, | | | 2-5-8 |
| | inham | BU, | par | DAL, | cu | ri | Ó | | | | | 2-4-7 |

| | | | | | | | | | | | | |
|----|-----|-----|------|------|-----|------|------|-------|------|-----|------|---------|
| | co | DOR | na, | per | DIZ | beiI | ja | FLOR, | | | | 2-5-8 |
| | QUE | ro | QUE | ro, | ti | ZIU | e a | NUM, | | | | 3-6-8 |
| 10 | pa | sso | PRE | to, | sa | NHA | ço/e | ro | LI | nha | | 3-6-9 |
| | sa | bí | A, | a | zu | LÃO, | pa | pa | GAI, | o | | 3-6-9 |
| | pe | ri | QUI | to/e | mu | TUM, | | | | | | 3-6 |
| | pi | ca | PAU, | TI | co | TI | co, | an | do | RI | nha, | 3- 6-10 |
| | tem | POM | ba | do | BAN | do, | | | | | | 2-5 |
| 15 | jo | ão | BO | bo, | te | sou | RI | nha | | | | 3-7 |
| | e | TEM | ju | ri | TI, | | | | | | | 2-5 |
| | ca | na | RI | nho | da | TE | rra, | bi | CU | do | | 3-6-9 |
| | e | TEM | pa | tu | RI, | | | | | | | 2-5 |

Quanto às questões ligadas a sonoridade fica clara a presença de assonância /a/ em: “pato, arara e mulata,/fazendo bravata,” (vs. 19-20) e da aliteração /c/ e /r/ em: “e garça branquinha/marreco, socó, curicaca,” (vs. 2-3); “João-de-barro e joaninha” (v.5) e “passopreto, sanhaço e rolinha” (v. 10).

Verificamos que a maior parte do poema está constituída apenas de uma estrutura gramatical simples, quase não se percebe períodos compostos. O primeiro verso se inicia com o verbo ter (com valor de “haver”) que é seguido de uma grande enumeração de nomes de aves.

Essa seqüência é quebrada na segunda estrofe, no verso 20, quando surge a expressão “fazendo bravata”, em que a descrição passa a tomar ares mais subjetivos e o eu - lírico se revela mais íntimo dos seres que nos aponta. Como mulatas fazendo bravata, passopreto-soldado, todo enfatotado e as maracanãs alegres, esverdeando as manhãs. Aparece, então, a expressão: *Que amor!* (verso 25), causando cisão rítmica na estrofe e ao mesmo tempo, acentuando o nível de lirismo:

Lembra uma canção, um “trava-línguas”, devido ao jogo sonoro de oclusiva e fricativa que percebemos logo no início, bem como o ritmo acelerado proposto pelo poeta. Assim, há uma enumeração de nomes de aves que vivem à beira do rio, mesmo as que não são muito conhecidas do leitor urbano. Revelando, dessa maneira, uma visão do eu - lírico mais experiente e amante da natureza.

Metro

Acento

| | | | | | | | | | |
|----|--------|-------|--------|-----|-------|-----|-------|-----|-------|
| | PA | to, | a | RA | ra/e | mu | LA | ta | 1-4-7 |
| 20 | fa | ZEN | do | bra | VA | ta, | | | 2-5 |
| | tem | PA | sso | PRE | to | sol | DA | do | 2-4-7 |
| | TO | do/en | fa | ti | o | TA | do | | 1-6 |
| | e/a | LE | gres | ma | ra | ca | NÃS | | 2-7 |
| | es | ver | de | AN | do/as | ma | NHÃS, | | 4-7 |
| 25 | que /a | MOR!, | | | | | | | 2 |
| | sem | es | que | CER | que/a | MOR | te | | 4-6 |
| | tem | seu | men | sa | GEI | ro, | | | 1-5 |
| | o/u | ru | BU | car | ni | CEI | ro, | | 3-6 |
| | Que/ho | RROR! | | | | | | | 2 |
| 30 | es | qua | DRI | lha | dis | ci | pli | NA | 3-8 |
| | pa | ci | EN | te, | | | | | 3 |
| | o | be | di | EN | te | | | | 4 |
| | ao | co | man | DAN | te | su | PRE | mo | 4-7 |
| | que | dá/a | pri | MEI | ra | bi | CA | da, | 2-4-7 |
| 35 | o | u | ru | bu | REI | | | | 5 |
| | PEN | sa | que/eu | não | SEI? | | | | 1-5 |

Na sequência, aparece a figura do urubu, como o mensageiro da morte, que andam em bando, disciplinados, pacientes e obedientes ao comandante supremo que dá a primeira bicada. E, mais uma vez, surge uma expressão “Que horror!” (v 29), sintaticamente semelhante e paralela a anterior, porém semanticamente oposta, o que evidencia as alterações psíquicas e o sentimentalismo do narrador que toma, por fim, ares de ingenuidade quando termina o poema com: *pensa que eu não sei?*.

O léxico se compõe, especialmente na primeira parte, do verso 1 ao 18, de substantivos concretos. O eu - lírico evoca um sucessão de nomes de aves, que certamente são naturais de sua região e, portanto, pouco conhecidas do universo mirim e urbano, causando, por isso, certo estranhamento. Palavras como: “socó”, “jaó”, “inhambu”, “sanhaço”, “paturi”, “azulão” e “mutum” mexem com a imaginação e a curiosidade do leitor, proporcionando também maior enriquecimento de seu universo linguístico

Por fim, entendemos que o narrador prioriza a descrição, com a intenção de informar o narratário, mas sem interferir na literariedade ou na essência do poema.

3.4. Poema 4- O que tem no rio?

—Tem bicho de couro, de pata e focinho, com chifre e sem chifre, de rabo e sem rabo, que ama meu rio.

*Capivara, veado e tatu,
Paca, bandeira e meleteo,
jacaré-de-papo-amarelo,
sapo, macaco e cateto*
5 *Tem porco-espinho,
gato e cachorro-do-mato,
mico-estrela, lagarto e tiú,
mão-pelada, mico e coelhinho,
tem lontra, raposa e rato,*
10 *camundongo, lebre e quati,
rã, calango e preá
e tem lagartixa e sagüi.
Tem jaratataca fedida
e onça soberba e veloz:*
15 *jaguatirica,
canguçu
e suçuarana,
cada um mais feroz
no cerrado que é savana.*
20 *Tem também cutia e gambá,
ai que medo do lobo-guará!*
(p. 26)

O ponto culminante do poema é a enumeração dos animais que “amam o rio”, isso porque o poeta antecipa ao leitor o tema que irá abordar: “— Tem bicho de couro, de pata e focinho, com chifre e sem chifre, de rabo e sem rabo, que ama meu rio.” (p.26). O poema se parece muito com o poema analisado anteriormente. Entretanto, desta vez enumera animais terrestres, que, segundo o eu - lírico, amam e vivem no/do rio. Outra vez, aparecem espécies de animais não muito conhecidos do universo cultural do leitor.

O poema contém 21 versos livres, distribuídos em uma única estrofe. Na escansão dos versos, verificamos uma irregularidade quanto à sílaba tônica. Entretanto, há uma alternância rítmica nas 5ª e 8ª sílabas em pelo menos seis versos, como podemos comprovar observando o quadro abaixo:

Metro**Acento**

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
|----|-----|-------|-------|------|-------|------|-----|------|-----|------|--------|
| | ca | pi | VA | ra, | ve | A | do | e | ta | TU, | 3-6-10 |
| | PA | ca, | ban | DEI | ra/e | me | LE | to, | | | 1-4-7 |
| | ja | ca | RÉ | do | PA | po/a | ma | RE | lo, | | 3-5-8 |
| | SA | po, | ma | CA | co/a | ca | TE | to. | | | 1-4-7 |
| 5 | Tem | POR | co/es | PI | nho, | | | | | | 2-4 |
| | GA | to/e | ca | CHO | rro | do | MA | to, | | | 1-4-7 |
| | MI | co/es | TRE | la, | GAR | to/e | ti | Ú, | | | 1-3-5 |
| | mão | pe | LA | da, | MI | co/e | co | e | LHI | nho, | 3-5-9 |
| | tem | LON | tra, | ra | PO | sa/e | RA | to, | | | 2-5-7 |
| 10 | ca | mun | DON | go, | LE | bre | qua | TI, | | | 3-5-8 |
| | RÃ | ca | LAN | go/e | pre | Á | | | | | 1-3-6 |
| | e | TEM | la | gar | TI | xá/e | sa | GÜI. | | | 2-5-8 |
| | TEM | ja | ra | ta | TA | ca | fe | DI | da | | 1-5-8 |
| | e | ON | ça | so | BER | ba/e | ve | LOZ: | | | 2-5-8 |
| 15 | ja | gua | ti | RI | ca, | | | | | | 4 |
| | can | gu | ÇU | | | | | | | | 3 |
| | e | su | çu | a | RA | na | | | | | 5 |
| | ca | da | U | ma | MAIS | fe | ROZ | | | | 3-5-7 |
| | no | ce | RRA | do | QUE/É | sa | VA | na. | | | 3-5-7 |
| 20 | Tem | tam | BÉM | cu | TI | a/e | gam | BA, | | | 3-5-8 |
| | ai | que | ME | do | do | LO | bo | gua | RÁ! | | 3-6-9 |

Notamos que o ritmo inicia-se com compassos regulares fortes e acelerado nos primeiros versos, talvez provocado pelo uso recorrente da vírgula na exposição de nomes de animais e também pela própria sintaxe: sem variação, praticamente fechada no objeto direto. Como podemos notar, até o verso 15, não há alternância que normalmente ocorre quando se passa do sintagma nominal para o verbal. Nesse caso, a estrutura fica presa no predicado. Sendo assim, o ritmo se torna redundante e regular, semelhante a batidas de um tambor.

De acordo com sua distribuição ao longo do poema, as rimas se classificam como misturadas. A saber, as rimas pobres e consoantes são: *tatu/tiú* (vs. 1- 7); *meleto/cateto* (vs. 2-4); *porco-espinho/coelhinho* (vs. 5- 8); *cachorro-do-mato/rato* (vs. 6 - 9); *quati/sagüi* (vs.10-12); *veloz/feroz* (adjetivos) (vs. 14-18); *suçuarana/savana* (vs. 17-19); *gambá/lobo-guará* (vs. 20-21) e uma rima rica e toante *fedida/jaguarica* (adjetivo/substantivo) (vs. 13-15). Verificamos também a existência de rimas consideradas órfãs.

A maior parte do poema está construída com versos curtos, em períodos sintáticos simples. O verbo “ter” aparece no início do parágrafo, dando complemento, e depois nos versos 5, 12,13, e 20:

“**Tem** porco-espinho,”
 “e **tem** lagartixa e sagüi.”
 “**Tem** jaratataca fedida”
 “**Tem** também cutia e gambá”

Percebemos assonância do fonema /a/ nos versos 1 e 2: “Capivara,veado e tatu,/paca,bandeira e meleto,”. E aliteração /m/ nos versos 7 e 8: “mico-estrela, largado e tiú /mão-pelada, mico e coelhinho”.

O poema trabalha com um vocabulário simples, porém pouco comum para as regiões urbanas. Enfim, enfatizamos que o caráter descritivo da obra é de grande valia para a sua interpretação, já que o autor exprime uma relação de amor pelo rio e por extensão a todos aqueles que também o apreciam.

3.5. Poema 5 – O rio mais amado do mundo..

O capítulo 10 mescla prosa e verso. Vale a pena transcrevermos na íntegra, (p. 27-28):

Os reis? Os reis eram os peixes e os jabutis que reinavam nas águas fresquinhas e turvas. Ainda bem que eram turvas!

Moleque besta, eu pensava que o rio era meu. Só meu, dos peixes e daqueles anfíbios quadrúpedes, cascudos, inofensivos e lerdos. Nós éramos os legítimos donos de tudo. Dos remansos, dos rebojos, da rasura, da cachoeira, da ilha, da superfície e das profundezas das águas, que para mim eram pra lá de limpinhas.

Tinha dia que eu subia na Pedra do sino e ficava horas e horas testando meu mandonismo:

*Marola, marolinha,
pára de marolar
e fica quietinha!*

O vento ia pouco a pouco parando de ventar. A marola acalmava. Eu estufava o peito cheio de orgulho da minha força sobre todas as coisas e ficava ali maravilhado de mim, do meu poderio. Depois gritava benevolente:

*Vento, ventinho,
pode ventar!
Marola, marolinha,
volta a marolar!*

Eu era completamente feliz, só não era rei. Os reis eram os jabutis e os peixes.

*Lambaris de rabo dourado,
piabas de rabo vermelho,
tubaranas,
piaus e cascudos,
bagres, piaparas,
pacus canivetes,
langüiras, chorões,
algumas traíras
e terríveis mandis
com seus bigodões.*

–E a saparia?

–Nem fale, que cantoria!

–Não mente, ingazeiro, responde ligeiro: Qual é o rio mais limpo do mundo?

–*O nosso rio!*

–Qual é o rio mais gostoso do mundo?
 –*O nosso rio!*
 –Qual é o rio mais lindo do mundo?
 –*O nosso rio!*
 –Qual o rio mais tudo do mundo?
 –*O nosso rio!*
 –*O nosso rio!*
 –*O nosso rio!*

Como podemos notar, a estrutura deste capítulo é composta de parágrafos, versos e diálogo intercalados. Vale a pena observar, também, a alteração do tipo e tamanho de letra, técnica muito utilizada em toda a obra: os textos em versos aparecem com outra fonte e em itálico. Acreditamos que esse apelo visual retrata o espírito aventureiro do eu - lírico e chama a atenção do leitor jovem.

Se entendermos que o poema foi interrompido pelos parágrafos, temos, então um total de dezessete versos distribuídos em três estrofes: a primeira com três versos, a segunda com quatro e a terceira com dez.

Nas duas primeiras estrofes, vemos a infância representada pela pureza e inocência estampados na simplicidade do vocabulário, lembrando uma cantiga infantil até mesmo da ingenuidade do eu - lírico em achar que poderia ter o comando da natureza.

As rimas internas *marola/marolar* (1ª e 2ª estrofes) e externas e ricas (*marolinha/quietinha*) (na 1ª estrofe) e *ventinho/marolinha, ventar/marolar* (na 2ª estrofe) garantem a musicalidade, além do uso de aliteração na repetição dos fonemas consonantais /v/ e /m/ e assonância do fonema vocálico /a/ em : “**Marola, maroninha/volta a marolar!**”, contribuindo assim para criar o efeito do vai-e-vem das ondas).

O poema tem uma carga melódica ampla, essencialmente nas duas primeiras estrofes, assemelha-se a uma canção devido à musicalidade e à repetição de palavras, pois o eu - lírico expressa seus sentimentos, sem obedecer a uma regra rígida. O ritmo regular causa um efeito de musicalidade, como demonstramos a seguir:

Metro**Acento**

| | | | | | | | | |
|--|----|----|-----|------|----|------|------|------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | |
| | ma | RO | la, | ma | lo | LI | nha, | 2- 6 |
| | PÁ | ra | de | ma | ro | LAR | | 1- 6 |
| | e | FI | ca | quie | TI | nha! | | 2- 5 |

| | | | | | | | | |
|--|-----|------|-----|-----|------|----|------|-----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | |
| | VEN | to, | ven | TI | nho, | | | 1-4 |
| | PO | de | ven | TAR | | | | 1-4 |
| | Ma | RO | la, | ma | ro | LI | nha, | 2-6 |
| | VOL | ta/a | ma | ro | LAR | | | 1-5 |

O verbo “pára” (imperativo) indicando ordem reforça a ideia de “mandonismo”, demonstrando a ingenuidade e o egocentrismo comuns no temperamento infantil, o que causa maior impacto no leitor mirim que se projeta:

Moleque besta, eu pensava que o rio era meu. Só meu, dos peixes e daqueles anfíbios quadrúpedes, cascudos, inofensivos e lerdos. Nós éramos os seus legítimos donos de tudo. Dos remansos, dos rebojos, da rasura, da cachoeira, da ilha da superfície e das profundezas da águas, que para mim eram pra lá de limpinhas (p. 27).

A terceira estrofe destoa das anteriores, o eu-lírico parte para uma outra enumeração de espécies de peixes que, segundo ele, vivem em seu rio. Por isso, ao poema fica construído em torno de substantivos e adjetivos, sem a presença de verbos, trazendo mais leveza à sua estrutura rítmica. Vejamos:

Metro

Acento

| | | | | | | | | | | |
|----|-----|-------|------|------|-------|------|-----|----|------|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | |
| | lam | ba | RIS | de | RA | bo | dou | RA | do, | 3-5-8 |
| | pi | A | bas | de | RA | bo | ver | ME | lho, | 2-5-8 |
| | tu | ba | RA | nas, | | | | | | 3 |
| | pi | AUS | e | cas | CU | dos, | | | | 2-5 |
| 5 | BA | gres, | pi | a | PA | ras, | | | | 1-5 |
| | pa | CUS, | ca | ni | VE | tes, | | | | 2-5 |
| | lan | GÜI | ras, | cho | RÕES | | | | | 2-5 |
| | al | GU | mas | tra | Í | ras | | | | 2-5 |
| | e | te | RRÍ | veis | man | DIS | | | | 3-6 |
| 10 | com | SEUS | bi | go | DÕES. | | | | | 2-5 |

Por fim , o eu - lírico inicia um diálogo com o ingazeiro. Lembrando um tipo de brincadeira de criança, ele pergunta ao ingazeiro qual é o rio “mais limpo”, “mais gostoso”, “mais lindo”, "mais tudo do mundo?”. E o ingazeiro sempre responde “*O nosso rio*”. É importante observar que a expressão “*o nosso rio*” a cada vez que é utilizada , aparece em itálico e com uma fonte cada vez maior passando uma idéia de um pingue-pongue. Tudo isso somado à interação com o ingazeiro torna-se, no campo do imaginário infantil, altamente sugestivo.

Sabendo-se que o poema está inserido num contexto em que o eu - lírico se encontra mergulhado em uma de suas recordações junto ao rio, essa estratégia leva-nos a pensar que a representação gráfica pode reforçar o espírito instável e até mesmo espontâneo do eu – lírico que carrega pelo rio um grande sentimento de amor, de admiração e por que não de posse.

3.6. Poema 6 - A história de um rio

O RIO VALENTE

*Presta atenção, minha gente,
na historia que eu vou contar.
Era uma vez um rio valente
que nasceu pequeno,
5 abriu seu caminho no peito,
se encheu de afluente
e foi indo, meio sem jeito
mas sempre contente,
rio abaixo, deslizando.
10 Pelejou tanto, tanto,
e morreu na praia,
coitado,
como por encanto!
Meu riozão,
15 riozinho,
tão grandão
tão pequenininho
mas mesmo assim cabe inteiro
dentro do meu coração!
(p. 42)*

“O rio valente” é o título do poema que o personagem Augusto teria escrito na escola. Ele aparece depois sozinho num capítulo com o mesmo nome. Este título já carrega uma carga metafórica, possuindo a função catalisadora, visto que esta expressão simboliza força, coragem e exuberância. O eu - lírico demonstra todo seu sentimento de adoração e amor pelo rio, chegando a personificá-lo.

Trata-se de um poema composto de uma única estrofe, com dezenove versos. Apresenta rimas misturadas e consoantes (A/B/A/C/D/A/D/A/E/F/G/E//D/H/I/H/I/D/H), com predominância de rimas ricas nos versos 1-3: *gente/valente* (substantivo-adjetivo); 6-8 *afluente/contente* (substantivo-adjetivo); 10-13: *tanto/encanto* (pronomes/adjetivo); 15-17: *riozinho/pequeninho* (substantivo-adjetivo) e 16-19: *grandão/coração* (adjetivo-substantivo); e rima pobre nos versos 5-7: *peito/jeito* (substantivos).

É importante destacar, ainda, a presença do recurso da personificação que se estende em quase toda a obra, isso porque o eu - lírico atribui ao rio sentimentos humanos, como nos seguintes exemplos: “mas sempre contente” (verso 8) e “coitado” (verso 12). Notamos, também, a presença outras figuras de estilo como é o caso da anáfora no verso 10 “pelejou tanto, tanto” e da antítese do verso 14 ao 17.

Meu riozão,
Riozinho,
Tão grandão
Tão pequenininho

A hipérbole nos versos 18 e 19: “mas mesmo assim cabe inteiro/dentro do meu coração!” .E as metáforas no verso 5: “*abriu caminho no peito,*” e no verso 11: “*e morreu na praia*”.

O poeta trabalha com uma linguagem simples, popular (“minha gente,” v. 1), próxima da linguagem infantil, usando termos como “Era uma vez”, palavras no diminutivo “pequeninho” e aumentativo “riozão”, assim o eu-lírico consegue descrever todo seu carinho pelo rio utilizando de uma linguagem simples, porém sem parecer piegas.

O poema tem caráter narrativo e seu formato lembra o percurso de um rio. Como se ele estivesse se movendo para alguma direção, efeito causado pelo emprego do verbo “deslizar” reforçado pelo uso das reticências: “rio abaixo deslizando...” (v. 9). O rio nasce, percorre seu caminho e deságua no mar, assim como a vida. O ritmo é acelerado e irregular, como podemos observar na escansão a seguir:

| | Metro | | | | | | | | | Acento |
|----|-------|------|------|------|--------|-------|------|--------|-----|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | |
| | PRES | ta-a | ten | CÃO, | mi | nha | GEN | te, | | 1-4-7 |
| | na | his | TÓ | ria | Que/eu | VOU | con | TAR | . | 3-6-8 |
| | ERA | u | ma | VEZ | um | rio | va | LEN | te | 1-4-8 |
| | que | nas | CEU | pe | QUE | no, | | | | 3-5 |
| 5 | a | BRIU | seu | ca | MI | nho | no | PEI | to, | 2-5-8 |
| | Se/en | CHEU | de | aflu | EN | te | | | | 2-5 |
| | e | foi | IN | do, | MEIO | sem | JEI | to | | 3-5-7 |
| | mas | SEM | pre | con | TEN | te, | | | | 2-5 |
| | ri | o/a | BAI | xo, | des | li | ZAN | do.... | | 3-7 |
| 10 | Pe | le | JOU | TAN | to, | TAN | to, | | | 3-4-6 |
| | e | mo | RREU | na | PRAI | a, | | | | 3-5 |
| | coi | TA | do, | | | | | | | 2 |
| | CO | mo | POR | en | CAN | to! | | | | 1-3-5 |
| | Meu | ri | o! | ZÃO | | | | | | 1-4 |
| 15 | ri | o | Zi | nho, | | | | | | 3 |
| | TÃO | gran | DÃO | | | | | | | 1-3 |
| | TÃO | pe | que | ni | NI | nho | | | | 1-5 |
| | mas | MES | mo/a | SSIM | ca | be/in | TEI | ro | | 2-4-7 |
| | DEN | tro | do | MEU | co | ra | CÃO! | | | 1-4-6 |

O uso do verbo no imperativo indicando ordem (vs. 1 e 2: *”Presta atenção, minha gente,/na historia que vou contar.”*) encerra um vocativo. Os sinais de pontuação: as vírgulas e os pontos finais também colaboram na composição do ritmo.

“*O Rio Valente*” representa, portanto, um sentimento de adoração, de amor, de admiração e de companheirismo que o personagem Augusto nutre pelo seu rio.

3.7. Poema 7- Um mundo em um rio

*O capão¹⁸, o mato e a selva.
 Os capins com sua pele de relva,
 sua flecha, sua cana.
 Jaraguá¹⁹, colchão
 5 grama cuiabana,
 pangola, colonião,
 navalha, macega,
 cavalinha, flechão,
 mumbeca,
 10 barba-de-bode,
 vê se pode!?,
 e o cheiroso gordura,
 florada roxinha,
 certeza de leite,

 15 queijo e fartura!
 E os coqueiros verdinhos,
 com seus cocares de palmas
 ao vento, fuleiros,
 às vezes rasteiros,
 20 vassoura, indaiá,
 e às vezes pernaltas, altaneiros,
 guariroba, piaçava,
 buriti, macaúba, jervá...
 seus troncos, fibras e palhas,
 25 cocos, castanhas e óleos?...*

*E os salpicos de cores?
 Unha - de- vaca,
 malícia,
 sangra-d'água...
 30 E lírio-de-são-josé,
 você sabe o que é?
 Perfumado,
 embatumado,
 escondendo urutu,
 35 jararacuçu,
 na beira do brejo
 onde a saparia faz um frejo!...
 E o príncipe-d'água?*

¹⁸ Porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato

¹⁹ Capim da família das gramíneas (*Hyparrhenia rufa*), de origem africana, muitíssimo espalhado pelos pastos do Brasil como uma das principais forragens para o gado bovino, e que alcança uns 2m de altura, produzindo inflorescências cor de ferrugem; provisório.

40 *É como orquídea boiando,
roxo claro, lavanda,
sobre o espelho das lagoas.
E os lírios e taboas?*

*E as samambaias
de todas as rendas?*
45 *E as miudinhas avencas
nas pindaibas molhadas?
Cipó-imbé, baunilha
e os outros cipós,
desde eras priscas até as calendas*
50 *enlaçando igapós²⁰!
Gravatás²¹ e bromélias faceiras,
engalanando casqueiros, pedreiras...
Nos troncos, em musculoso abraço,
epífitas orquídeas de todas as cores,*
55 *a raiz aérea, o nó, o laço.*

*E as frutas? Doces... .vasqueiras...
cajuzinho e pequi,
araticum²², veludinho, ingá,
a gameleira²³ frondosa,*
60 *gabiropa e murici,
jambolão²⁴, tamarindo,
a viscosa baco-pari,
mama-cadela, jatobá,
fruta-de-lobo, curriola,*
65 *jenipapo, guapeva,
a traiçoeira cagaita
e o espinhento joá.
Mangaba²⁵, pitanga, araçá*

²⁰ Mata cheia de água, i. e., trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo estagnada:

²¹ Designação comum a vários gêneros da família das bromeliáceas, dos quais há espécies ornamentais, que são epífitas e terrestres; caruatá, caruatá-de-pau, coroá, coroá-verdadeiro, craguatá, crauaçu, crauatá, curuatá, curuatá-de-pau, gravatá.

²² Designação comum às espécies nativas do gênero Anona. Árvore do cerrado, da família das anonáceas (Anona crassiflora), cujos frutos, enormes bagas múltiplas, doces, perfumadas e agradáveis ao paladar, chegam a pesar 2 quilos, e cujas flores são amplas e coriáceas; araticum-cortiça, marolo.

²³ Árvore leitosa, da família das moráceas (Ficus anthelmíntica), comum nas matas úmidas, de folhas coriáceas e luzidias, e cujo látex tem propriedades vermícidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes; quaxinguba, gameleira, figueira-brava.

²⁴ Árvore da família das mirtáceas (Eugenia jambolana), originária da Ásia e muito vulgar entre nós, de folhas oblongas e coriáceas, flores com numerosos estames, e cujo fruto, comestível, é uma baga que expele um corante violáceo; jambolão, jalão

70 *e a goiaba tão cheirosa,
branca e rosa!...*

*_ SIÁ JOAAAAANAAAAAAA,
AREIA O TACHO DE COOOBRE!
É TEMPO DE GOIABADA
EM CASA DE RICO E DE POBRE!*

75 *Ah, os remédios antigos,
santos,
de graça, quantos!
Gente velha sabe e ensina,
um verdadeiro tesouro!*

80 *Catuaba, quina,
pau-de-óleo, urucum,
chapéu-de-couro,
jatobá, mentrasto,
arnica,*

85 *fedegoso,
congonha,
cana-de-macaco,
boldo amargoso,
ipê roxo, picão,*

90 *assa-peixe, quebra-pedra,
sabugueiro,
barbatimão,
anil, quaresminha,
amarelinha,*

95 *mamona bem oleosa
e a babenta babosa.
(p. 57- 60)*

Este poema é o mais longo da narrativa, apresenta uma imensa lista de espécies de plantas, árvores flores e remédios caseiros, com certo teor regionalista. Tem valor informativo por ser altamente descritivo. Poderia ser considerado totalmente dispensável para a narrativa se não reforçasse a idéia de que o narrador-personagem é um grande admirador do rio e por extensão de todos aqueles que utilizam do rio como um meio de sobrevivência.

O poema é precedido por três parágrafos também com sequência descritiva. O primeiro se inicia da seguinte forma: “O rio contava com amigos muito leais, unha e carne,

²⁵ O fruto da mangabeira: baga do tamanho de um limão, polposa e doce.

que nunca o deixaram na mão. De plantão permanente desde que o mundo é mundo. Sabe quem? O povinho verde, de raiz fincada no chão. Um sem outro, nada feito.” (p .57),

Com 96 versos distribuídos em 6 estrofes. As rimas são constantes em todo o poema tanto rimas consoantes e pobres (a maior parte de substantivo) quanto toantes.

A primeira estrofe apresenta 25 versos com as seguintes rimas: versos 1e 2: *selva/relva*; 3 e 5: *cana/cuiabana*; 4 e 6: *colchão/ colonião*;7 e 9: *macega/mumbeca* (toantes); 10 e 11: *bode/pode*;12 e 15: *gordura/fartura*; 13 e 16: *roxinha /verdinhos* (toantes);18 e 19: *fuleiros/rasteiros*; 20 e 23: *indaiá/jerivá*; 22 e 24 *piaçava/palhas* (toantes).

A segunda estrofe com 17 versos e rimas nos versos 27 e 29: *vaca/água* (toantes); 30 e 31: *lírio-de-são-josé/é*; 32 e 33: *perfumados/embatumado*; 34 e 35: *urutu/jaracuçu*; 36 e 37: *brejo/frejo*; 39 e 40: *boiando/lavanda* (toantes); 41 e 42: *lagoas/taboas*.

A terceira estrofe tem 13 versos e rimas nos versos 44, 45 e 49 : *rendas/avencas/calendas* (toantes); 48 e 50: *cipós/igapós*; 51 e 52: *faceiras/pedreiras*; 53 e 55: *abraço/laço*.

A quarta com 15 versos e rimas nos versos 57 e 60: *pequi/murici*; 58 e 63: *joá/araçá* ; 67 e 68: *joá/araçá*; 59 e 64: *frondosa/curriola* (toantes); 69 e 70: *cheirosa/rosa*.

A quinta com 4 versos tem semelhança a um refrão. Está escrito em caixa alta e com prolongamento da vogal nas palavras: “ JOAAAAANAAAAAAA” e “COOOBRE”. A rima aparece nas palavras “COOOBRE” e “POBRE” .

A sexta estrofe contém 22 estrofes, com rimas nos versos 76 e 77: *santos/quantos*; 78 e 80: *ensina/quina*; 79 e 82: *tesouro/couro*; 85 e 88: *fedegoso/amargoso*; 89 e 92: *picão/barbatimão*; 93 e 94: *quaresminha amarelinha* e 95 e 96: *oleosa/babosa*.

O ritmo se apresenta de forma intensa, com freqüências nas 2ª e 5ª sílabas em grande parte dos versos, revezando nas 3ª e 5ª, conforme verificamos a seguir, com a escansão do poema:

| | Metro | | | | | | | | | | Acento |
|---|-------|-----|------|-----|-------|-----|-----|-----|-----|----|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
| | O | ca | PÃO, | o | MA | to | e/a | SEL | va. | | 3-5-8 |
| | Os | ca | PINS | com | sua | PE | le | de | REL | va | 3-6-9 |
| | Sua | FLE | cha, | sua | CA | na. | | | | | 2-5 |
| | JÁ | ra | GUÁ, | col | CHÃO, | | | | | | 3-5 |
| 5 | GRA | ma | cui | a | BA | na, | | | | | 1-3-5 |

| | | | | | | | | | | | |
|----|-------|------|------|-------|------|------|-------|----------|-----|------|--------|
| | Pan | GO | la, | co | lo | ni | ÃO, | | | | 2-7 |
| | Na | VA | lha, | ma | CE | ga, | | | | | 2-5 |
| | Ca | va | LI | nha, | fle | CHÃ | Ô | | | | 3-6 |
| | Mum | BE | ca, | | | | | | | | 2 |
| 10 | BAR | ba | de | BO | de, | | | | | | 1-4 |
| | VÊ | se | PO | de!?, | | | | | | | 1-3 |
| | e/o | chei | RO | so | gor | DU | ra, | | | | 3-6 |
| | flo | RA | da | ro | XI | nha, | | | | | 2-5 |
| | cer | TE | za | de | LEI | te, | | | | | 2-5 |
| 15 | QUEI | Jo/e | far | TU | ra! | | | | | | 1-4 |
| | E/os | co | QUEI | ros | ver | DI | nhos, | | | | 3-6 |
| | com | SEUS | co | CA | res | de | PAL | mas | | | 2-4-7 |
| | ao | VEN | to, | fu | LEI | ros, | | | | | 2-5 |
| | ás | VE | zes | ras | TEI | ros, | | | | | 2-5 |
| 20 | va | SSOU | ra, | in | dai | Á, | | | | | 2-6 |
| | e/ ás | VE | zes | per | NAL | tas, | al | ta | NEI | ros, | 2-5-9 |
| | gua | ri | RO | ba, | pi | a | ÇA | va | | | 3-7 |
| | bu | ri | TI, | ma | ca | Ú | ba, | je | ri | VÁ | 3-6-10 |
| | seus | TRON | cos, | FI | bras | e | PA | lhas, | | | 2-4-7 |
| 25 | CO | cos, | cas | TAN | nhas | e | Ó | leos?... | | | 1-4-7 |

Metro**Acento**

| | | | | | | | | | | | |
|----|------|-----|------|--------|-----|-----|------|---|---|----|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
| | E/os | sal | PI | cos | de | CO | res? | | | | 3-6 |
| | U | nha | de | VA | ca, | | | | | | 1-4 |
| | ma | LÍ | cia, | | | | | | | | 2 |
| | SAN | gra | D'A | gua... | | | | | | | 1-3 |
| 30 | E | LÍ | rio | de | SÃO | jo | SÉ, | | | | 2-7 |
| | vo | CÊ | SA | Be/o | que | É? | | | | | 2-3-6 |
| | Per | fu | MA | do, | | | | | | | 3 |
| | em | ba | tu | MA | do, | | | | | | 4 |
| | es | con | DEN | do/u | ru | TU, | | | | | 3-6 |
| 35 | ja | ra | ra | cu | ÇU, | | | | | | 5 |

| | | | | | | | | | | | | |
|----|------|-------|------|-----|-----|------|-----|-----|--------|--|--|-------|
| | na | BEI | ra | do | BRE | jo | | | | | | 2-5 |
| | on | de/a | sa | pa | RI | a | faz | FRE | jo!... | | | 5-8 |
| | E/o | PRÍN | ci | pe | D'Á | gua? | | | | | | 2-5 |
| | È | co | mo | or | QUÍ | dea | boi | AN | do, | | | 5-8 |
| 40 | RO | xo | CLA | ro, | la | VAN | da, | | | | | 1-3-6 |
| | SO | bre/o | es | PE | lho | das | la | GO. | as | | | 1-4-8 |
| | E/os | LÍ | rios | e | ta | BO | as? | | | | | 2-6 |

Metro**Acento**

| | | | | | | | | | | | | |
|----|------|------|--------|------|------|------|------|-------|-----|--------|-------|----------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | |
| | E/as | as | mam | BAI | as | | | | | | | 4 |
| | de | TO | das/as | REN | das? | | | | | | | 2-4 |
| 45 | E/as | miu | DI | nhas | a | VEN | cas | | | | | 3-6 |
| | nas | pin | da | Í | bas | mo | LHA | das? | | | | 4-7 |
| | Ci | PÓ | im | BÉ, | bau | NI | lha | | | | | 2-4-6 |
| | e/os | OU | tros | ci | PÓS, | | | | | | | 2-5 |
| | DES | de | E | ras | PRIS | cas | a | TÉ/as | ca | LEN | das | 3-5-8-10 |
| 50 | en | la | ÇAN | do | i | ga | PÓS! | | | | | 3-7 |
| | Gra | va | TÁS | e | bro | MÉ | lias | fa | CEI | ras, | | 3-6-9 |
| | en | ga | la | NAN | do | cas | QUEI | ros, | pe | DREI | ras.. | 4-7-10 |
| | Nos | TRON | cos, | em | mus | cu | LO | so/a | BRA | ço, | | 2-7-9 |
| | E | PÌ | fi | tas | or | QUÍ | deas | de | to | das/as | CO | 2-5-10 |
| 55 | a | ra | IZ | a | É | rea, | o | NÓ, | o | LA | ço | 3-5-8-10 |

Metro**Acento**

| | | | | | | | | | | | | |
|----|------|-----|------|-------|-------|------|------|-------|----|-----|----|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | |
| | E/as | FRU | tas? | DO | ces.. | vas | QUEI | ras.. | | | | 2-4-7 |
| | ca | ju | ZI | nho/e | pe | QUI, | | | | | | 3-6 |
| | A | ra | ti | CUM, | ve | Lu | DI | nho, | in | GÁ, | | 4-7-10 |
| 60 | ga | bi | RO | ba | e | Um | ri | CI, | | | | 3-8 |

| | | | | | | | | | | | | |
|----|------|------|------|--------|-----|------|-----|-----|----|--|--|-------|
| | jam | bo | LÃO, | ta | ma | RIN | do, | | | | | 3-6 |
| | a | vis | CO | sa | BA | co | pa | RI, | | | | 3-5-8 |
| | MA | ma | ca | DE | la, | ja | to | BÁ, | | | | 1-4-8 |
| | FRU | ta | de | LO | bo, | cu | rri | O | la | | | 1-4-8 |
| 65 | je | ni | PA | po, | gua | PE | va, | | | | | 3-6 |
| | a | traí | ço | EI | ra | ca | GAI | ta | | | | 4-7 |
| | e/o | es | pi | NHEN | to | jo | Á. | | | | | 4-7 |
| | man | GA | ba, | pi | TAN | ga, | a | ra | ÇA | | | 2-5-9 |
| | e/a | goi | A | ba | TÃO | chei | RO | sa, | | | | 3-5-7 |
| 70 | BRAN | ca/e | RO | sa!... | | | | | | | | 1-3 |

Mais uma vez a presença (como nos poemas analisados anteriormente) do ritmo acelerado, revezando versos curtos e longos, e estruturalmente similares. Mantém-se, então, uma certa sequência descritiva informativa, porém eventualmente interrompendo por interferências de expressões coloquiais em vocativos e interrogações, constituindo, assim, um contraponto linguístico com expressões de caráter subjetivo tais como: “vê se pode!?” (v. 11); “—SIÁ JOAAAAANAAAAAAA,/AREIA O TACHO DE COOBRE!/É TEMPO DE GOIABADA/EM CASA DE RICO E DE POBRE!” (vs. 71, 72, 73, 74).

Metro

Acento

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
|--|------|-----|-------|--------|------|------|------|-----|-----|----|-------|
| | _SIÁ | JO | AAAAA | NAAAAA | | | | | | | 2-4 |
| | A | REI | A/O | TA | CHO | DE | COOO | BRE | | | 2-4-7 |
| | Ê | TEM | PO | DE | GOIA | BA | DA | | | | 2-6 |
| | EM | CA | SA | DE | RI | CO/e | DE | PO | BRE | | 2-5-8 |

As interjeições, os pontos de interrogação e de exclamação, as reticências além de auxiliarem no abrandamento do forte ritmo, também evidenciam o subjetivismo que pode ser ofuscado pela extensa enumeração a qual nos referimos anteriormente.

Metro

Acento

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | |
|----|-----|------|------|------|------|------|------|------|-----|---------|
| 75 | AH, | os | re | MÉ | dios | an | TI | gos, | | 4-7 |
| | SAN | tos, | | | | | | | | 1 |
| | de | GRA | ça, | QUAN | tos! | | | | | 2-4 |
| | GEN | te | VE | lha | SA | be/e | en | SI | na, | 1-3-5-8 |
| | um | ver | da | DEI | ro | te | SOU | ro! | | 4-7 |
| 80 | Ca | tu | A | ba, | QUI | na, | | | | 3-5 |
| | pau | de | Ó | leo | u | ru | CUM, | | | 1-3-7 |
| | cha | PÉU | de | COU | ro, | | | | | 2-4 |
| | ja | to | BÁ, | men | TRAS | to | | | | 3-5 |
| | ar | NI | ca, | | | | | | | 2 |
| 85 | fe | de | GO | so, | | | | | | 3 |
| | con | GO | nha, | | | | | | | 2 |
| | CA | na | de | ma | CA | co, | | | | 1-5 |
| | BOL | do/a | mar | GO | so, | | | | | 1-4 |
| | i | PÊ | RO | xo, | pi | CÃO, | | | | 2-3-6 |
| 90 | a | ssa | PEI | xe, | QUE | bra | PE | dra, | | 3-5-7 |
| | sa | bu | GUEI | ro, | | | | | | 3 |
| | bar | ba | ti | MÃO, | | | | | | 4 |
| | a | NIL, | qua | res | MI | nha, | | | | 2-5 |
| | a | ma | re | LI | nha, | | | | | 4 |
| 95 | ma | MO | na | bem | o | le | O | sa | | 2-7 |
| | e a | ba | BEN | ta | bo | BO | sa. | | | 3-6 |

A sinestesia designa a percepção de um sentido para o outro, isto é, a fusão, num só ato perceptivo. Conforme veremos: Tato: “os capins com sua pele de relva,” (verso 2); “nas pindaíbas molhadas?” (verso 46); “nos troncos, em musculoso abraço,” (verso 53) ; Olfato: “e o cheiroso gordura,” (verso 12); “perfumado” (verso 32); “roxo claro, lavanda,” (verso 40); Visão: “florada roxinha” (verso 13). Além da gradação no verso 1: “O capão, o mato e a selva”

Defrontamo-nos, enfim, com um vocabulário baseado em nomes de espécies da fauna e flora brasileiras e nos perguntamos o que isso possa acrescentar para o universo do leitor infantil, principalmente. E, em seguida, concordamos que o poema possa estar cumprindo com uma das funções da literatura que é a de trazer informações do mundo externo para ampliar o conhecimento da criança e com isso torná-la mais integrada à sociedade.

Ao fazer um balanço da composição poética de toda a obra, é importante reconhecer o papel que o trabalho com a linguagem representa na construção dessa obra e a função que esta exerce especialmente perante o público infanto-juvenil. Para Carvalho, (1989, p.222) “Literatura é [também] comunicação, é fonte de conhecimentos, é veículo de formação”

Se o constante uso dos poemas torna sedutora a leitura da obra, não menos eficiente se torna a construção em prosa. A seguir, apresentamos um trecho em prosa que dá sequência ao poema acima e podemos perceber que ao fugir da estrutura sintática convencional, o trabalho com a linguagem proporciona uma nova roupagem, o que também acrescenta valor à obra:

Há palhas e fibras, pra vassoura, abano, tipiti, peneira, balaio, esteira, rede, cesto de embala
neném... Pra trançar a cobertura dos ranchos de pau-a-pique

E tem as madeiras. Mais fracas. Mais fortes. De lei. Cada qual com sua serventia. Pra lenha... Pra
cabo de enxada, esticador e poste de cerca, esteio de curral, tronco, porteira... Pra gamela, colher de pau, pilão,
banca de queijo, bica d'água, monjolo...Pra tamborete, jirau, catre... (p. 60)

[...]

Taboa, taboca, bambu, indaiá, guatambu, pau-terra, amarelinho, ipê. Jatobá, sucupira, peroba, óleo,
jequitibá, cedro, jacarandá, bálsamo, angico e a poderosa aroeira, eterna, cerne puro, vermelha

Nossa, meu rio era um felizardo, estava sortido de amigos (p. 61).

Enfim, verificamos que todos estes recursos podem expressar e representar o universo infantil, atualizando todos os sentimentos que transitam a mente da criança, como por exemplo a fantasia e a imaginação.

Dessa forma, é inevitável que a linguagem poética venha despertar os sentimentos mais profundos da alma humana e por isso tem uma ação transformadora na vida principalmente dos jovens leitores.

Carvalho afirma que

Nenhuma formação prescinde da educação do espírito, porque esta é que vai formar o homem, despertando a sensibilidade, os valores éticos, para a conscientização do ser humano e de seu relacionamento. Esta educação é feita pela cultura que, em maior ou menor grau, se vai adquirindo, é só a Literatura pode fornecê-la (1989, p. 222).

É assim que se torna possível compreender a construção estética da obra *Era uma vez um rio*, pois proporciona que o leitor entre em contato com sentimentos e valores que para ele, muitas vezes são conflituosos: “Parecia que ninguém ligava para aquele rio. Só eu. Ninguém falava com ele. Só eu. Ninguém cuidava dele, o que com certeza o fazia extremamente infeliz. Creio que ele pensava assim, se pensasse:

Quem sou?

De onde eu venho?

Para onde eu vou?

Para que eu sirvo?

Até quando eu vou?

Quem se importa comigo?”

Não é difícil perceber que esses sentimentos não são do rio, e sim do próprio Augusto. A perda da infância, o luto do corpo perdido, a insegurança do futuro geram muita angústia. Vejamos outra passagem que ilustram melhor esta idéia: “Um belo dia...Tem sempre um belo dia na vida da gente. O dia em que o rio da nossa vida faz uma curva inesperada e toma um rumo diferente. Para sempre. [...] 1961. Eu já era grande, ia completar treze anos em agosto”. (p.79).

Como podemos notar, esses sentimentos confusos estão a todo tempo na vida de Augusto. Alguns vão; outros vêm e assim se revezam. Uns mais suaves, outros mais dolorosos. Na adolescência essa inconstância torna-se constante. Augusto conviveu como ninguém com a dúvida ,com o medo e, ao mesmo tempo, com o amor, a ilusão, o desejo de liberdade e de lançar ao mundo em busca de conhecimento.

Isto posto, temos, então, três elementos que tiveram papéis imprescindíveis na construção da obra: primeiro a decisão de eleger como tema o amor de uma criança por um rio, seguido de uma estrutura interna coerente (o modelo do narrador, a natureza das personagens, do espaço, do tempo, do modo) e, por fim, escolha de uma linguagem poética e altamente criativa compõem a perfeita harmonia da obra que, no dizer de Candido (2002, p. 91) assim, cumpre sua função, uma vez que cumpre seu papel humanizador.

CONCLUSÃO

Caminhamos para o fim do nosso trabalho e devemos destacar que assim como os escritores, também optamos por uma proposta de trabalho. O objetivo central dessa pesquisa era apresentar a obra de Martha Azevedo Pannunzio, bem como analisar a obra *Era uma vez um rio*. Diante de tudo que apresentamos sobre a autora e sua obra, podemos garantir que representa apenas o início de um caminho que nos parece promissor. Muitas perguntas ainda ficaram sem respostas. Restam muitas questões para se explorar em relação à autora, a suas obras e até mesmo à literatura infanto-juvenil.

Iniciamos com o perfil da autora e diante de tudo que apresentamos, devemos admitir que sua história de vida revelada nas entrevistas, é o reflexo de uma mulher de decisões firmes, com ideais humanitários, que nasceu e viveu num ambiente de muita liberdade e encontra na literatura a expressão da vida e de tudo que ela representa.

Verificamos, também, que as obras da escritora têm como tema central um sentimento de uma criança ou de um adolescente. Como vimos, *Veludinho*, seu livro mais vendido, retrata o conflito vivido pelo menino, Edu, que terá de conviver com a culpa de não ter conseguido salvar o passarinho. *Os três Capetinhas*, por sua vez, revela o que passa na mente de uma criança que sonha com a liberdade. *Bicho do Mato* mostra o drama de um adolescente, Tião, menino da roça, convivendo com os problemas existenciais. *Bruxa de Pano* e *Você já viu gata parir?* aborda as fantasias e conflitos de uma menina. E, finalmente, *Era uma vez um rio* apresenta uma história de amor entre um menino e um rio. Como vimos, todas as suas obras estão centradas no universo interior da criança

Como reflexão final, resta-nos uma pergunta: Que elementos da obra de Martha Azevedo Pannunzio colaboram para sua expressiva vendagem e aceitação? Sabemos que suas obras não apresentam reis, rainhas, mágicas, ou mesmo crianças ou adolescentes em aventuras, como aconteciam nas histórias tradicionais, voltadas para o público jovem.

Se tem ou não essa preocupação, o fato é que as obras de Martha Azevedo Pannunzio não exploram situações externas, pelo contrário ela convida o leitor a fazer um mergulho na alma e no imaginário infantil, já que todos os seus protagonistas convivem com sentimentos. E talvez aqui esteja a resposta: em geral são sentimentos conflitantes vividos por qualquer criança e adolescente de qualquer época ou lugar. Isso tudo aproxima a obra do público, tornando-a, ainda mais prazerosa. E abre uma reflexão sobre em que consiste o

verdadeiro valor de um escritor e de sua obra. Estaria nos números de sua vendagem ? Em sua popularidade?

È inegável que a literatura acompanha o movimento da vida social e muitos se questionam se a recíproca não seria verdadeira, quiçá com razão. E com a literatura infanto-juvenil não é diferente. Candido (2000) contribui muito para essa discussão quando diz que a obra de arte é mediadora entre o autor e o público e este está entre a obra e o autor. Nesse sentido o autor só conhece o valor de sua obra quando tiver o retorno desse público.

Características como o egocentrismo, a sensação de pequenez, a solidão, o antropomorfismo, o sonho, a fantasia são próprias da criança. E, como vimos, estão presentes em todas as obras da escritora Martha Azevedo Pannunzio. No caso específico de *Era uma vez um rio*, o sentimento de posse e solidão é visível já no primeiro capítulo.

Os dois versos: “Era uma vez um rio . O meu./ E era uma vez um menino. Eu “ apresentam uma estrutura frasal que reforça esses sentimentos. Notemos que o “Eu” e o “meu” aparecem sozinhos, depois de um ponto final. E de uma maneira gradativa, os versos também estão isolados do resto da narrativa, ocupando um só capítulo. O rio é só dele e ele , por sua vez, era o único menino que conhecia aquele rio. Isso pode ser o reflexo da sensação de solidão que a personagem-narrador demonstrava durante toda a narrativa. Augusto não tinha amigos, não interagia com os irmãos e nem dizia nada a respeito deles, nem seus nomes ou idade (sabia-se que eram menores). Era simplesmente ele e o rio. Sua ligação com o rio era tão forte que podemos visualizá-la já no paralelismo sintático desses versos.

Como vimos, a temática e a estética se interagem mutuamente também por toda a obra, que é composta estruturalmente de prosa e verso que se revezam na alma da personagem , dando vazão a sentimentos dos mais diversos que possam transitar na mente infantil. Na definição de seu rio, Augusto demonstra sentimentos ambivalentes : “ O rio era assim...” ; “ Não era grande nem pequeno. Era médio / Nem largo nem estreito. Espreado”.

É preciso lembrar que a história da vida de Augusto parece caminhar conjugada com a história do rio. Assim como a vida, o rio também tem seu percurso. Na vida de Augusto isto pode corresponder aos momentos de transição entre a infância e a adolescência: “Eu pensava assim, dentro da minha cabeça: eu estou crescendo feito um varapau, por quê? ” (p. 64). Nesta fase, é comum surgirem outros sentimentos conflituosos. A adolescência, como todos sabem, vive a crise da identidade, em que a maior busca é encontrar a si mesmo; para isso, entre outros recursos, ele (o adolescente) busca seu idêntico: “outro adolescente”. No caso de Augusto, esse outro é representado pelo rio. É nele que Augusto se projeta.

Como representante de uma grande parte dos adolescentes, ele também sentiu a necessidade de sair de casa, desgarrar-se da família, em busca da liberdade, pois se fosse livre estaria consigo mesmo e sem a autoridade da família (representada pela figura da mãe e da avó) poderia encontrar sua identidade e se tornar um homem voltar forte para viver junto de seu rio para sempre.

Paralelo a isso, quando penetramos no campo da estrutura da obra, percebemos que algumas estratégias tiveram significativa participação no seu processo construtivo. A começar pela escolha do narrador, com perspectiva passando por uma personagem mirim, e a neutralidade dos demais personagens e do narratário enfatizam o egocentrismo e a solidão da personagem central.

E ainda temos na divisão gráfica do próprio livro as fases da vida de Augusto (como também já foi mencionado anteriormente). Na primeira parte, para apresentar a pureza não só do rio, mas do próprio garoto, os poemas são colocados em meio à narração em prosa e ajudam a criar um ambiente de magia infantil. Demonstra o período em que o rio estava puro e a visão do garoto era romântica.

Na segunda parte do livro, a autora coloca o jovem Augusto diante da necessidade de sair de sua cidade natal para buscar sua vida na cidade grande. É a idade da razão, do trabalho, da busca intelectual e profissional.

E por fim, na terceira e última parte da obra, a autora coloca o Augusto – homem diante do rio (velho amigo). Ambos mudados pelo tempo e pelas lutas da vida. Aqui parece haver espaço para um velho pensamento do filósofo Heráclito de Éfeso (filósofo naturalista dos primeiros momentos da Filosofia Grega); dizia Heráclito que “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”. O caráter de mudança das coisas (tese principal da filosofia heraclitiana) faz com que tanto o rio quanto a pessoa que se banha pela segunda vez tenham sofrido transformações. Assim acontece na obra *Era uma vez um rio*. Tanto o rio quanto o menino deixaram de ser o mesmo.

Não podemos, enfim, nos esquecer do inegável apelo ambiental presente na obra; a preocupação com o meio ambiente passou a ser um dos temas mais pertinentes no mundo atual. Desde a Eco 92 que especialistas e governos de todo o mundo passaram a discutir questões ambientais com maior seriedade do que vinham discutindo anteriormente (se é que discutiam).

Assim, falar da degradação que o rio sofre na obra em questão é um meio de Martha Azevedo Pannunzio tocar em um assunto extremamente importante para nossa geração. Suscitar a reflexão acerca do que aconteceu com o rio para que atingisse esse ponto

de doença e morte é um modo de dar à obra literária um caráter sócio-ambiental tão necessário às futuras gerações.

E se formos ainda mais fundo, podemos interpretar essa ligação entre Augusto e o rio como uma busca da sua identidade. O rio nos remete à água que simboliza a vida. Sendo assim, essa relação entre os dois poderia corresponder, para Augusto, à contemplação de sua própria vida no seio da mãe natureza. Desse modo, a busca da infância ao lado do rio, seria a razão de sua existência, o encontro com seu “eu”, que talvez possa estar ainda mais além: mergulhado no líquido acolhedor do ventre de sua própria mãe.

Encontramos, enfim, uma resposta para o valor da obra *Era uma vez um rio* que reúne intrinsecamente forma e conteúdo numa combinação perfeita entre estrutura e função ; literatura e sociedade. O menino e o rio; o homem e o universo, como um só.

E já que começamos com a apresentação da escritora, com ela terminaremos: Quem é Martha Azevedo Pannunzio? Por ora, ainda movidos pelo espírito estético de *Era uma vez um rio*, poderíamos responder, criando um outro paralelismo, entre escritora e obra:

“Era uma vez um livro. O meu

E era um vez uma escritora. Eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Ed.43, São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- _____.Antonio. O escritor e o público. In: *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo:T. A. Queiroz, 2000. p. 73 - 88.
- _____.Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2002. p.77- 92.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura infantil: Visão História e Crítica*. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Campanhia das letras, 2006.
- GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, R. et.al. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto; *Análise Estrutural da Narrativa*. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LOPES, Jaqueline Magalhães. Era uma vez um rio: um estudo introdutório. In: XVI CIC UNESP 2004 - Iniciação Científica e o mercado de trabalho, 2004, Ilha Solteira, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 2005.
- PANNUNZIO, Martha Azevedo. *Você já viu gata parir?*. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- _____. *Bruxa de pano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002
- _____. *Era uma vez um rio*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- _____. *Bicho do mato*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- _____. *Os três capetinhas*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006b.
- _____. *Veludinho*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006a.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. 2. ed. , São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- SALES, José Batista; MARTHA, Alice Aurea Penteado. A poesia, a oficina e o rio. In: PEREIRA, Rony P.; BENITES, Sonia A. L.; (orgs.). *à roda da leitura: Língua e Literatura no jornal Proleitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis: ANEP, 2004. p.125-137.
- _____. José Batista; OLIVEIRA, Danielle C. Santim. Leitura Emancipatória: Do texto ao sentido metafórico. In: GUERRA (ORG.), Vânia M. Lescano. *Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem*. Cáceres: Editora UNEMAT, 2005.
- _____. José Batista. Uma leitura centrada na identificação. In: CECCANTINI, João Luis; PEREIRA, Rony Farto (orgs.). *Narrativas juvenis - Outros modos de ler*. São Paulo: UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.
- SESC/SP. Entrevista Martha Pannunzio. In: Revista Terceiridade: *Estudos sobre o envelhecimento*, v.19, nº 41, Fev/ 2008, p.64 - 82.
- SILVA, V. R. F.. *Era uma vez com Martha Azevedo Pannunzio*. In: XIX Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2007, Araraquara-SP.; CGB/PROPe e UNESP, 2007a. p. 1-3.
- _____. V.R.F. *A representação simbólica do espaço nas narrativas de Martha Azevedo Pannunzio*. In: III Colóquio Internacional Centro-Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos linguísticos e Culturais- Interminati Spazi e Sovrumani Silenzi: Representações do espaço nas visões artísticas, 2007, Assis-SP: SAEPE-UNESP, 2007c. v. 2. p. 79 - 80.
- TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, R. et.al. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto; *Análise Estrutural da Narrativa*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- VILELA, Giselle Pereira. *Entrevista com Martha Azevedo Pannunzio*. In: www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/12/7- Acesso em 15/03/2008.

Obras Consultadas

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- AGUIAR. Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Aurea (orgs.). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, ANEP, 2006.
- BARTHES, R. et.al. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto; *Análise Estrutural da Narrativa*. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

- BORGES, Jorge Luís. *Esse Ofício do Verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *O ser e o tempo da poesia*. 7. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.
- _____. *Céu, inferno*. Ed.34, Ed. Duas cidades, 2003. p. 461- 479.
- _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Ed.43. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CALVINO, Ítalo. Visibilidade. In: *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.97-114.
- CAMARGO, Luis. *A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilpot.htm>. Acesso em: 2 de Nov.2008.
- CANDIDO, A.et. al. *A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e cultura (São Paulo), v. 24, n.9, p. 806-9, set. 1972.
- _____. *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. ed.34.São Paulo: duas cidades, 2002.
- _____. *Literatura e Sociedade: estudo de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.
- _____. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- _____. *Na sala de aula: Caderno de análise literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura infantil: Visão História e Crítica*. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra; 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. *A estrutura ausente: Introdução á pesquisa semiológica*. Trad. Pérola de Carvalho. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- _____. *Leitura do texto literário- Lector in fabula*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2005.

- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia as escolas*. 2.ed. São Paulo: PAULUS, 2005.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R.. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. *Metáfora: do ornato ao transtorno*. In; _____. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.123 - 186.
- MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MAGNANI, Maria do rosário Mortati. *Leitura, Literatura e escola - sobre a formação do gosto*. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 2005.
- _____. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *A criação literária: Poesia*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- OLIVEIRA, Ieda de.(org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.
- PANNUNZIO, Martha Azevedo. *Você já viu gata parir?*. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- _____. *Bruxa de pano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002
- _____. *Era uma vez um rio*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- _____. *Bicho do mato*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- _____. *Os três capetinhas*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- _____. *Veludinho*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- POUND, E. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: CULTRIX, [1961?].
- RAPPAPORT, Clara Regina.et al. *Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU, 1982.(v.4).
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. *Introdução à análise do romance*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto: Ensaios*. 2.ed. São Paulo: perspectiva, 1973.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Como e Por que ler a literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1993.

ANEXO 1

ANEXO 1a

ERA UMA VEZ UM RIO DE MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO. Jaqueline Magalhães Lopes, João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – Letras - Departamento de Literatura - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis.

Esta pesquisa, inserida no Projeto “De mãos dadas: Leitura e Produção de textos no Ensino Fundamental – Segunda Fase”, coordenado por Rony Farto Pereira e João Luís C. T. Ceccantini, tem por objetivo a realização de um estudo introdutório da obra *Era uma vez um rio* (2000), de autoria da escritora mineira Martha Azevedo Pannunzio. O trabalho procura abordar tanto aspectos relativos à produção da obra quanto aqueles que dizem respeito à sua recepção por alunos de 5ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas da região de Ourinhos (SP).

Nossa análise da obra e do contexto de sua produção conduziu à idéia de que se trata de um texto de muito bom nível literário, destacando-se no cenário da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea e começando a ser valorizada pela crítica especializada. Acreditamos que essa narrativa mereça ser, cada vez mais, objeto de divulgação, na medida em que pode constituir um instrumento de boa qualidade e bastante eficiente, na luta em prol da leitura e da formação de jovens leitores no País.

A metodologia adotada na pesquisa inclui a análise da obra, com a discussão de alguns de seus aspectos temático-formais; o levantamento de resenhas, artigos e outros estudos sobre a obra, produzidos pela imprensa e pela crítica acadêmica; a coleta e a análise de impressões de leitura da obra junto a alunos do Ensino Fundamental; a coleta e a análise de textos produzidos por esses alunos, tendo por motivação a leitura da obra e de outros textos a eles propostos, que mantêm relações intertextuais com a narrativa de Pannunzio.

Embora a análise dos dados coletados ainda esteja em processo, sobretudo daqueles relativos à análise das impressões de leitura dos alunos sobre a obra e ao exame dos textos por eles produzidos, já é possível enfatizar alguns resultados obtidos.

No nível da produção da obra, a análise revela a poeticidade da linguagem empregada pela autora em seu texto, desdobrando-se em inúmeros aspectos (lexical, rítmico, métrico etc.) e a competente urdidura literária das diferentes instâncias narrativas, num conjunto artístico de forte organicidade.

No nível da recepção do texto pelos alunos, verificam-se a adesão à obra pela maioria dos sujeitos envolvidos na pesquisa, o estímulo para que se estabeleça um forte vínculo leitor-livro e, ao mesmo tempo, um razoável nível de estranhamento propiciado pelo texto poético, trazendo uma significativa contribuição por parte da obra para a ampliação dos horizontes de expectativas dos alunos.

No nível das produções textuais realizadas pelos alunos e motivadas pela leitura da obra, foi possível perceber as relações dialéticas que se estabelecem entre o processo de ler e o de escrever, pois ao ouvir a “voz” do outro – o autor –, o leitor sente-se instigado a exteriorizar a própria “voz”. Além disso, a proposta de produção proporcionou aos alunos a possibilidade de integrar suas práticas de leitura à reflexão sobre a própria língua, distanciando-se daquelas práticas relacionadas com o texto literário que passam por uma abordagem meramente superficial e que ficam presas apenas a análises gramaticais e a “questões de interpretação do texto”.

Tornou-se patente, também, a diferença proporcionada pela leitura do texto literário no interior do livro didático e pela leitura do “objeto livro infanto-juvenil”, que, como suporte íntegro e muito específico, associado ao universo letrado e ao patrimônio cultural instituído, proporcionou um significativo envolvimento emocional do leitor com o texto, motivando-o bastante para a leitura. A análise dos dados sugere que o livro proporciona um convite intenso e menos “escolar” para que o aluno relacione conteúdos textuais com dados de sua própria experiência, evitando dessa forma o frio distanciamento do leitor com a obra, o que fica perceptível, geralmente, na relação com os muitos livros didáticos que se fazem presentes no cotidiano dos estudantes.

Bolsa: CNPq/PIBIC

ANEXO 1b

ERA UMA VEZ ... COM MARTHA AZEVEDO PANNUNZIO. Vanessa Regina Ferreira da Silva, João Luís Cardoso Tápias Ceccantini. – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

A pesquisa intitulada “As narrativas infanto-juvenis de Martha Azevedo Pannunzio: Aprofundando questões de produção e recepção em contexto escolar”, insere-se em um Projeto maior: “De mãos dadas: Leitura e produção de texto no Ensino Fundamental”, coordenado pelos professores João Luís C. T. Ceccantini e Rony Farto Pereira.

Esta fase da pesquisa – final –, desenvolvida de fevereiro a agosto de 2007, teve por objetivo maior, além da continuação da mesma, iniciada em janeiro do mesmo ano, o aprofundamento de uma análise temático-formal da obra *Era uma vez um rio* (2000), contemplando aspectos não explorados em fases anteriores, assim como a comparação desta com outras narrativas, tanto do gênero infanto-juvenil – incluindo as produções da autora em questão –, como do “gênero adulto”. Além disso, neste período, foi selecionada uma das narrativas trabalhadas no Projeto “De mãos dadas” para traçar um estudo comparativo com a obra de Pannunzio, *Pobre corinthiano careca*, de Ricardo Azevedo, tanto no aspecto estético quanto no aspecto recepional, em contexto escolar.

A delimitação deste *corpus* teve por objetivo contextualizar com maior precisão a produção literária de Pannunzio, principalmente da narrativa *Era uma vez um rio*, bem como levantar a aceitação da obra da autora em um espaço real: a sala de aula.

A metodologia adotada nesta fase da pesquisa incluiu a análise detalhada de todas as narrativas contempladas para a pesquisa, leituras e fichamentos de livros teóricos, específicos para este período do projeto, sugeridos pelo meu orientador, versando sobre: *metodologia científica; história e teoria da literatura infantil-juvenil; literatura e ensino; recepção e produção de textos*, bem como a ampliação do meu repertório literário do gênero em questão, principalmente de sua fase contemporânea, com qualidade literária, usando como referência a tese de doutorado de João Luís Cardoso Tápias Ceccantini - *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978/1997)*. Além disso, houve minha participação em eventos científicos sobre Literatura, Leitura e Educação, tanto na qualidade de ouvinte como de aluno-autor.

Com o auxílio desse procedimento, consegui alguns resultados, como a constatação da intertextualidade temática das narrativas de Martha A Pannunzio entre si: a identificação/desejo da personagem com um objeto significativo para ela, assim como, a intertextualidade com outros textos, no gênero adulto, com um dos temas desenvolvidos na prosa poética de Pannunzio.

No que concerne ao estudo comparativo de recepção da obra *Era uma vez um rio* com, *Pobre corinthiano careca* (2000), pude perceber que aquela não teve sucesso junto aos alunos, diferentemente desta que conquistou mais de 90% dos leitores.

Quanto ao que se refere à produção, conclui-se que, cada uma, com suas singularidades, possui status artístico. Este ilustra-se, entre outros aspectos, pela renúncia da visão adultocêntrica, tão cara ao gênero por anos, pois a assimetria entre o emissor e o destinatário conferiu à literatura para crianças muitos problemas, levando até ao questionamento do estatuto artístico da mesma. É importante salientar, ainda, que essa renúncia é muito importante, pois possibilita condições de aproximação entre o leitor e a obra.

Em *Pobre corinthiano careca*, essa renúncia foi atingida. Apesar de o autor explorar uma temática social, suas soluções literárias não conferiram ao texto um tom documental, comum nos textos de vertentes realistas. Entre esses recursos, têm-se a linguagem coloquial, a aproximação do narrador com o personagem, o humor e, em maior intensidade, o apelo à fantasia.

Semelhante a Ricardo Azevedo, a escritora Martha A Pannunzio também conferiu ao seu texto perfeita desenvoltura, adotando o registro coloquial, destacando palavras oriundas da cultura popular, sem preocupação com formalismos e regras, possibilitando, assim, uma significativa integração entre leitor e texto.

Já em relação ao efeito questionador do romance contemporâneo, pode-se concluir que Pannunzio foi mais ousada que Azevedo, pois suas escolhas literárias são muito singulares, como já salientei, atingindo alta qualidade estética, com base na noção de “estranhamento”, consolidada pelos formalistas russos,

No que se refere a uma conclusão mais geral sobre a fase do “boom” da literatura para crianças, as diversas leituras, tanto teóricas como literárias, e as pesquisas sobre a literatura Infanto-juvenil brasileira, principalmente, em sua fase contemporânea, comprovou, como salienta Zilberman, que esse gênero chegou “à modernidade com a ambição maior de dialogar em pé de igualdade com a literatura não-infantil”. (Lajolo, Zilberman, p. 182, 1993)

ANEXO 1c

Vanessa E. F. Silva
(Graduanda UNESP/Assis _ Bolsista PIBIC/CNPq)

A representação simbólica do espaço: nas narrativas de Martha Azevedo Pannunzio

Esta pesquisa, inserida no Projeto “De mãos dadas: leitura e produção de textos no Ensino Fundamental”, financiada pela PIBIC/CNPq, tem como objeto de pesquisa_ *As narrativas infanto-juvenis de Martha Azevedo Pannunzio*. Esta escritora mineira tem grande representatividade no panorama infanto-juvenil, devido, entre outros fatores, à qualidade estética de suas obras, as quais apresentam um amplo cuidado com a linguagem e à adequação de seus textos aos leitores, pois como se sabe, o gênero, que se insere a autora, apresenta uma assimetria entre o autor e o leitor. A produção, da autora mencionada, insere-se na fase contemporânea do gênero _ “a geração de 70” _ que trouxe grandes inovações para o texto infanto-juvenil, como o deslocamento do discurso utilitário para o discurso estético, segundo Edmir Perroti, e a experimentação na linguagem. Entre as cinco narrativas de Pannunzio, em duas_ *Os três Capetinhas* (1980) e *Era uma vez um rio* (2001), o espaço assume uma função primordial_ descrever os protagonistas por metonímia (REUTER), além desse aspecto simbólico, em ambas as obras, os espaços físicos invocados contribuem para confirmar outro aspecto da produção de Pannunzio, seu lado verista, que é uma das correntes do gênero infanto-juvenil, da década de 70. Quanto aos resultados, em relação à funcionalidade do espaço nas obras analisadas, nota-se que o meio representa papel relevante, mesmo que de formas distintas, uma vez que para o personagem Cristiano o espaço simboliza repressão, já para Guto, libertação. Ainda, é importante ressaltar que a felicidade de ambas personagens, está condicionada ao meio. Pois, só através dele, que elas encontram seus desejos realizados_ Cristiano, personagem de *Os três Capetinhas*, almeja “uma casa bem grandona... com um quintalão bem grandão”, já Guto, personagem de *Era uma vez um rio*, além de definir-se pelo meio que o circunda “Era uma vez um rio. O meu/Era uma vez um menino. Eu”, seu desejo maior, no final da narrativa, é salvar este rio.

ANEXO 2

ANEXO 2

Entrevista com Martha Azevedo Pannunzio

Giselle Pereira Vilela- 278 Caderno Espaço Feminino, v.14, n.17, Ago./Dez. 2006.

Disponível em : www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/12/7 - Acesso dia 15/03/2008.

Entrevista realizada com a escritora uberlandense Martha Azevedo Pannunzio concedida à Giselle Pereira Vilela.

1. O que ainda encanta as crianças no livro infantil?

Olha a criança se encanta com tanta coisa, porque a criança é uma página em branco; você pode escrever o que você quiser. A criança se encanta com o Harry Potter que é uma impossibilidade: menino que voa, vassoura que voa isso é o absoluto mundo da magia. Mas criança se encanta também com a verdade, com o cotidiano; e eu acho que nos meus livros, no caso, o que o meu leitor aprecia muito é que tudo que está dito ali pode acontecer com ele de repente, com o primo, com o colega, na rua dele, na família dele, aquela avó da estória pode ser que seja até parecida com a avó dele. Então eu tenho que dar um “choque”, eu só sei trabalhar, dramatizar a verdade, algum fato importante que tenha me sensibilizado. O que tem me trazido também algumas complicações é que as pessoas retratadas, elas ficam tão evidenciadas no meu trabalho que elas ficam magoadas comigo, e elas não gostam que eu diga uma coisa que me pareceu importante mesmo quando a atitude tomada não foi bonita, não foi de aplausos, e sim de censura, mas a gente só se constrói assim não é. Eu acho que sou verdadeira até quando eu sou personagem e esse personagem pratica um ato falho. Se eu pratiquei, eu conto! Por exemplo, “Bruxa de Pano” é a estória de uma menina que não tinha irmã, só tinha irmãos e que mijava na cama porque estava infeliz. Eu conto! Porque eu fui uma menina mijona. Mas só eu no mundo? Cadê os outros? Então eu não tenho nenhum constrangimento em dizer para quem decodificar o meu recado, e entender que em Bruxa de Pano, a Ritinha sou eu mesma em alguns momentos. Eu fui uma menina mijona e ninguém me acudiu, acho que ninguém percebeu; isso podia ser solucionado. E sofri muito por isso. As crianças que têm essa deficiência e dificuldade, elas sofrem muita humilhação. Da irmandade, dos familiares, dos tios, dos primos, e é muito difícil sair de casa. São aqueles que nunca vão dormir na casa das tias, na casa da avó. Então é aquele constrangimento, e que dependia apenas de um entendimento. Então mesmo quando o personagem não está num momento de beleza, de poderio e de auto-aceitação, eu conto! Eu conto porque isso não tem importância

para mim e eu sou gente igual a todo mundo né. Acho que esse ingrediente de verdade também, a criança gosta muito de encontrar. Ela se encontra, é singelo, um recado só, não complicado, a minha estória é uma só, e eu quero até fazer um depoimento de um menino que me visitou, nesse segundo semestre na fazenda, junto com a escola dele, uma escola pública, estadual, e ele me disse: “Gosto dos seus livros por três motivos: primeiro porque eles são finos, depois porque a letra é grandona, terceiro porque a Senhora não complica, é uma estória só, acabou, acabou”. E eu perguntei: Mas você não gosta dos meus livros porque eles são bons de ler? “É... eles não são ruins não, eu até acho legal, tipo, você não inverte, eu gosto dos seus livros porque são bons de ler, e depois te digo o resto, a Senhora quer que eu minta? Eu vejo na biblioteca o livro que é fino, claro, para começar! Então eu estou falando para a Senhora, a verdade”. E eu aprecio muito o depoimento daquela criança porque mesmo com treze anos não negociou comigo, mesmo estando se beneficiando do meu espaço, na fazenda, passeando, matando aula aquele dia, ele não negociou. Ele disse: “Primeiro porque é fino, e depois o resto”. Então isso é muito bom. O meu personagem é esse aí, que se assume. O Gutinho amava o rio mesmo que alguém diga: Nossa, um menino que ama o rio, o que é isso?! Que menino esquisito né! E que menino bobo. E existe menino que fala com o rio? Eu conheço crianças que falam com o rio, que falam com a lua, com as estrelas. Então, o meu Gutinho fala com o rio... e o rio fala com ele, que foi a grande descoberta que me perturbou muito ao escrever aquilo, porque o rio aceitou aquele monólogo e o transformou num diálogo. E que fez muito bem pra mim, Martha adulta, com mais de sessenta anos, escrevendo aquela estória. Então essa interação maravilhosa, que eu acho que ocorre quando não se abre mão do delírio, do devaneio, do que é bom para a alma da gente, da fantasia... de personalizar os objetos que não têm personalidade, os seres, sei lá, inertes ou não... é uma fuga, mas ela também é saudável, faz parte da cura, do processo de cura que a humanidade toda precisa permanentemente

2- Com esse maior acesso da criança às informações, há necessidade de uma mudança na temática da literatura infantil?

Não, eu acho que não existe uma temática de literatura infantil, bom, eu acho que não existe nem literatura infantil, e acho uma pena que tenham consagrado este rótulo. Não é literatura infantil, é literatura boa para a criança ler. A literatura de qualidade, a produção e a escrita de qualidade, ela serve para qualquer idade. A crítica literária mesmo, eu converso

com eles, quando leu o meu “Era uma vez um rio” para prefaciá-lo, ela disse: “Bom para leitores dos nove aos noventa”. E ela com mais de oitenta, se emocionou muito. Portanto, quando o texto é trabalhado com felicidade, porque é uma felicidade trabalhar um tema ou um texto que possa servir para o autor e para mais alguém. Então quando isso acontece, não tem idade; uma criança ouve por exemplo a fofoca feia da família com uma atenção incrível, não é da conta dela, mas ela gosta de ouvir nem que seja atrás da porta, interessa a ela.

Então, mudar a temática, eu acho que não tem temática infantil, tudo é a descoberta que é importante, a confirmação de valores é importante, sem fazer livro que seja moralizante, isso tudo tem que acabar: não faça, não é bom, não é bonito, você não deve; o livro do não, eu sou absolutamente contra; cuidado, você pode se estrear, você tem que cuidar da sua vida, olha o futuro, olha depois, olha o pecado, esse pecado horrível que a humanidade, a população cristã do planeta carrega, o pecado original: você tem que batizar o menino porque senão ele fica com o pecado, ele não tem culpa de nada mas já nasceu devendo, então tem uma literatura moralizante que eu acho execrável: literatura religiosa, literatura política, o que é muito ruim. Literatura é arte, e arte é beleza e emoção e ponto final, acabou.

Eu não sou uma escritora de literatura infantil, sempre que me dizem isso, até para as críticas, até nas bienais de livro, a feira do livro, eu sempre disse: “Me recuso a ser considerada uma escritora de literatura infantil”; não existe esse gênero. Existe um livro que pode ser bom também para o leitor mais exigente do mundo, que é a criança. Criança não lê mais do que dez páginas. E se ela não gostou, ela larga mesmo não é?! E que bom que ela seja assim, bem seletiva, bem exigente, bem criativa, mas quando ela gosta, ela ama. E ela reproduz, ela encena, dramatiza, ela canta, ela conta para os amigos, ela se apropria daquilo na sua produção, na redação da escola, na sua vida, no comportamento, ela quer ser aquele em algum momento; e tem o livro que é bom para a criança, porque senão fica parecendo que é um gênero, e como gênero corre o risco de ser um gênero menor, e como pouca gente consegue escrever alguma coisa que seja bom para a criança, há uma tendência de se considerar literatura infantil como um gênero menor, e não é não!

Eu desafio todos os bons que escrevem para adultos, que venham escrever para criança. Por que eles não vêm, não é?! Então, é uma literatura feita com muito cuidado, com muita responsabilidade, de tal maneira comvente que ela possa cercar uma criança, envolvê-la naquele carinho, naquela sedução, naquele desafio, naquela descoberta. Querer ler mais, de novo, presente a um amigo, guardando especialmente, perto de sua cabeceira da cama. A criança faz do livro que ela ama um objeto de companhia. Ela guarda, ela leva na hora de

dormir, na hora da mesa do café, pinga leite, a mãe fica brava, às vezes rasga, estraga, é isso mesmo!

Livro é um objeto de consumo, ele pertence ao leitor. Por isso é que eu; não é sua pergunta, mas eu vou dizer, não permito que a editora faça a produção de um texto meu com luxo, porque luxo você compra na joalheria não é?! Livro é para consumo. A gente compra arroz, feijão e alimenta o corpo. E a gente lê, pinta, dança e canta para consumo espiritual. Você tem que alimentar essa parte que não é o corpo; é outra coisa. E alimentar dessa energia que só a arte dá! Então o livro não precisa ser ricamente ilustrado, encadernado luxuosamente, não precisa custar um absurdo, eu dispenso até ilustração nos meus livros... porque o meu leitor, ele é capaz de criar, imaginar na cabecinha dele: que rio ele quer?! É o dele, que ele conhece, é esse que está ali, não é aquele que está desenhado.

Agora, no livro “Você já viu gata parir?”, eu solicitei da editora, da Universidade Federal de Uberlândia, o direito de trazer o ilustrador. Primeiro porque eu gosto muito do trabalho do Hélivio Lima, que é um artista plástico autodidata, e segundo que eu imaginei que aquele fato de crianças de cinco e sete anos; ele poderia ser beneficiado pelo apoio que se sofre da ilustração como recurso. Então, quando eu digo: ele estava na cozinha, e a avó e estava arrumando o fogão, e a gata no rabo do fogão... o menino não sabe que o fogão tem rabo, ele sabe que o gato tem, mas o fogão não, talvez ele não tenha visto um fogão a lenha. Então, Hélivio veio assim, para complementar aquele fogão, o rabo do fogão, o gato por ali tomando aquele leite, as coisas singelas que eu não disse porque eu já sei que não preciso, mas que a pintura poderia trazer.

Então, em “Você já viu gata parir?”, eu achei que o trabalho do Hélivio possibilitou uma segunda leitura, uma opção muito boa, de conhecer a nossa realidade. Eu não disse que os ipês estavam floridos, que eram amarelos; ele simplesmente desenhou uma porteira, uma árvore tom de amarelo e se a criança quiser saber se algum dia ela enxergar uma árvore, ela vai saber que aquilo é um ipê, uma vegetação brasileira. Então, eu não disse, mas o ilustrador disse.

Mas, no geral, “Veludinho” vem ilustrado. O Concurso Nacional, que eu era membro nata, da comissão avaliadora, e eu bati o pé para que nenhuma daquelas ilustrações, eram dezessete artistas plástico da melhor qualidade, treze ilustradores do eixo Rio – São Paulo, e eu bati o pé e não deixei. Porque “Veludinho” é uma tragédia, eu estou falando de uma vida que corre perigo, e de um grupo infanto-juvenil que quer salvar, quer consertar o erro que produziram.” Veludinho” estava ferido, mas naquele dia eles já haviam assassinado uma porção de passarinhos. Então, salvar aquela vida foi um curativo naquele momento.

Contar isso aí, não comporta nenhuma cor... é bico de pena; preto sobre branco, é uma tragédia! Então eu amo a ilustração de “Veludinho”, são só cinco pranchas, mas bico de pena. Nunca; em vinte e cinco anos encontrei nenhuma criança, em nenhum lugar que eu fui, que me pedissem um autógrafo no livro dela e que tivesse tido necessidade de colorir. Ele permanece. Intocado. Eu acho maravilhoso, porque o que eu achei que era, era mesmo, a criança entende que tragédia é tragédia.

3- Há espaço para a divulgação de livros na internet?

Eu acho que nós temos que tomar essa iniciativa rapidamente, mas há um obstáculo muito grande aí. Primeiro, o livro, desde que ele cai nas mãos da editora, ele pertence à editora. Nós firmamos um contrato de publicação, que tem uma duração talvez de cinco anos. Então o livro é nosso, mas não nos pertence! Ele está cedido; os direitos de autoria são da editora. E a editora não vai de maneira nenhuma perder essa possibilidade de ganho, de um produto que ela trabalhou pelo qual ela se esforçou, que investiu na divulgação, para disponibilizar para a humanidade. É uma pena que seja assim. Tem um tempo, eu não sei qual é esse tempo, até preciso me informar, que, alguém com que meu já conversei, diz que quando o livro faz trinta anos, ele não pertence mais nem ao autor, nem a ninguém. Ele é domínio do público, ele é da humanidade. Então se for, muito bom. Trinta anos é um tempo enorme! Porque seria muito bom se todo mundo pudesse acessar e ter gratuitamente aquilo, não é?!

Mas o Brasil está muito longe disso. Não sei quando isso vai acontecer, mas, eu quero que isto aconteça. Assim que os meus contratos vencerem, eu já constituí um advogado no Rio para ver se isto é possível; porque “Veludinho” daqui a pouco faz trinta anos. E quando fizer, se ele puder sair na internet, eu vou achar muito bom. Porque também, o que se ganha, eu, por exemplo, que tenho só seis livros publicados, nem cogito de sobreviver de literatura, porque o direito autoral é uma porcentagem irrisória que se paga, e que se paga seis meses depois, que o ano passado terminou.

Então a receita quando chega, chega defasada, parcelada e não significa nada. Bom, quem produz muito, que vive só para isso: escrevendo, muitas editoras; talvez possa sobreviver de literatura e possa dar um depoimento melhor que o meu. Eu torço por um sim, para que os meus cheguem nesse momento, na esperança de que mais pessoas possam compartilhar. As estórias, elas são tão singelas, mas elas são realmente ternecedoras.

4- Como a senhora avalia a concorrência do livro infantil com os outros meios midiáticos, principalmente os programas de TV, a internet e o videogame?

Não é o livro que concorre, são os outros que concorrem porque o livro é anterior. A produção, quer dizer, essa arte gráfica e o livro, que é uma conquista muito sofrida e demorada da humanidade; imagina o tempo da pedra: gravar em pedra. Eu me lembro de ter visto na “Via Ápia”, quando visitei Roma, e fiquei muito emocionada de ver: eu vi uma lápide fúnebre com o nome da rodovia onde se enterravam as pessoas mais importantes do Império Romano; imagina, porque quanto texto, uma pedra talhada com o símbolo assim: “*I quí dorme Núlia, que vive citibunda com biro sule*”. Aquilo queria dizer: “Aqui jaz Júlia, que viveu fiel ao seu marido”. Eu fiquei pensando não só na mensagem de fidelidade que o marido achou que houve, porque foi ele que mandou fazer; mas o trabalho de lapidar aquela pedra, de fazer aquilo perene para a humanidade saber que um dia existiu uma Júlia, que depois de morta mereceu esta homenagem, que linda deve ter sido a vida dela com esse marido; mas que esforço para deixar esse recadinho. E da pedra, do papiro para cá, a humanidade pelejou muito.

A internet, que maravilha! Você digita, clica e chegou... Então eu acho que nós temos que fazer desse limão, uma limonada. Deixar tudo dito e impresso para todo mundo saber, se tem que jogar fora, que jogue, não tem importância. E acho que, a informatização, ela tem que ser disponibilizada ao alcance da humanidade como um todo, servido antes da sobremesa, porque o conhecimento..se a globalização não fizer isso, pode acabar com a globalização! Então, quando eu, hoje, acesso o Museu do Louvre”, junto os meus netos, e a gente vai passear pelo “Louvre”, pela telinha, pela internet...a minha geração, há cinquenta anos atrás, teve que comprar uma passagem, teve que ir lá, viajar, caríssimo,visitar, dia por dia, ficar em pé, não dava para fotografar, não podia voltar para ver porque não dava tempo... Não, hoje, quantas vezes eu quiser ver a “Monalisa”, eu trago a “Monalisa” para mim. Ela me pertence naquele momento.

Então, quando isto estiver disponível para todos, nós vamos sair do terceiro mundo, claro! E eu vejo assim, com uma grande ansiedade, o fato de que as crianças japonesas, quando completam oito anos, elas ganham um presente do governo japonês. A natalidade do Japão é pequena, eles têm um absoluto controle disto aí porque nem cabe...lá é um arquipélago cheio de vulcão... mas aos oito anos, no dia do aniversário, o governo japonês presenteia cada japonês com um *site* na internet. Este é um presente de cidadania. O menino passa a desfrutar de tudo que o mundo adulto tem, se ele quiser. E eu fico pensando:

quando que o Brasil, hein... quando que nós vamos ter isto daí? não vai ter... vai ter isto aqui lógico, um dia vai ter... mas tomara que seja assim, o mais breve possível, não é?! Mas está andando...rápido até. Podia ser pior.

Eu vejo as escolas se movimentando, o governo, tentando equipar as escolas, o governo federal dizendo que vai fazer um computador de R\$100,00, eu estou louca para ver como é que é esse computador aí, não é?! Porque o meu custou muitos mil e ele vive quebrando, dando vírus, e eu preciso chamar o técnico, mas; que bom! Tudo acima de zero é positivo. Então, hoje, o livro está em desvantagem, porque a internet traz para o menino aquilo que a família não traz; ela traz companhia, lazer, erotismo. As crianças estão disponíveis para serem envolvidas, seduzidas, deturpadas, estupradas intelectualmente, pelo que há de pior na internet. Porque é prazeroso... o sexo que a internet mostra, ele interessa para a criança pré-adolescente, para a criança pequena, a mãe saiu de casa e só vai voltar mais tarde, o pai também e a avó também e todo mundo. O menino só tem aquela companhia; primeiro como uma babá, depois como um companheiro e depois porque ele não tem mesmo outra opção, então ele se arreventa sentando mal, comendo porcaria e entrando num mundo virtual que pode ter seriíssimas conseqüências.

Eu vi, há pouco tempo, num programa de internet, uma medida, não sei se posso acreditar, mas acho que sim, de que psicólogos japoneses já estão se disponibilizando para atender crianças doentes já; com sério compromisso intelectual pelo excesso de exposição aos raios ultra-violetas que são emitidos para formar a imagem. E também a dosagem excessiva, uma overdose de informação, que de uma formação que desperta nele um sentido de perversidade, de egoísmo, de poderio, de super-herói, de luta corporal, de uso de qualquer meio para sobreviver, para sobressair, para comandar o grupo, então, esse momento, eu acho que é muito ruim; em que a internet vai para o banco dos réus e nós vamos botar de castigo, e vamos botar também o pai e a mãe que não estão prestando atenção no filho, no que está acontecendo. A livraria Siciliano ao dar o meu nome à loja de Uberlândia, uma gentileza muito grande, me pediu um pensamento para colocar em uma placa. Naquele momento eu não queria falar de livro, eu queria falar de limite: “Limite, essa é a palavra de ordem da educação contemporânea, os pais responsáveis que quiserem ajudar os filhos a se preparar para o futuro, deverão estabelecer limites: de tempo para os estudos, para o lazer, para os amigos, para a internet e para a leitura”.

Ler é fundamental, e as crianças não estão lendo. Elas têm preguiça de ler, não têm acesso a livros interessantes, a escola se equivoca muito, quando a escola propõe um livro, ela não é bem sucedida porque muitas vezes propõe livros de páginas muito numerosas,

a criança fica cansada, desanimada, não lê. Livros de temas complexos, que não interessam; livros que não dizem nada ao cotidiano da criança; então, elas não querem transpor aquela dificuldade de compreender um universo completamente diferente do dela. Eu imagino que muitas vezes a professora não lê o livro que ela indica; ela vê os mais vendidos, ou gostou do título, não sei, e a criança fica com uma certa carga de obrigatoriedade a cumprir e ler aqueles títulos, e ela pode depois fazer resumo por capítulos, muitas vezes é a mãe que faz a noite na véspera de entregar, de qualquer maneira, ou o menino cata uma frasesinha em cada capítulo e põe ali, mas ele não leu. E isso é uma doença que se alastra, porque os próprios livros do vestibular; os cursinhos fornecem a resenha dos livros indicados, contam a estória, resumem, dão os macetes, as perguntas mais prováveis que poderão cair, com as respostas. Então todo mundo é responsável por essa geração que não lê, que não sabe falar, que não se expressa com facilidade e nem se expressa de jeito nenhum.

Você está vendo aí, o código linguístico que a internet criou. Você ensina o português para o menino, desde a pré-escola até a oitava série, ele é incapaz de escrever uma frase sem erro, por menor que ela seja, ele erra na concordância, na sintaxe, na colocação, ele erra tudo. E agora vem um código abreviado, cheio de novidades, que é uma escrita gutural, fonética, e ele abreviou tudo, e todo mundo aprendeu rapidamente. De repente, a comunidade infanto-juvenil brasileira aprendeu, se comunica, e menino do Brasil inteiro fala a mesma coisa, pelas metades, e acha aquilo um grande prazer. Aí, a vírgula, a reticências, os dois pontos, o travessão, a letra maiúscula, todo o discurso direto, tudo foi pelo ralo. Beleza! Eu mando o recado para os meus netos, para alguém na internet, de três linhas, eles me respondem: um “t”, que cansa, que me irrita profundamente, e um “azinho” sem acento “ta”, pronto! E está respondido. É uma pena, porque ao vivo também ele não fala nada. Mas isso é passageiro, eu imagino, que todo mundo vai crescer, assim como vai aposentar a calça curta, o topete, o gel no “cabelinho”, a “cristinha de galo”, é claro que vai passar; e um dia todo mundo vai ter que escrever um bilhete, mandar uma cartinha para o namorado(a), pedir um emprego, escrever um curriculum, e receber um recado. As pessoas vão ter que falar e escrever no código aceito, concedido e consagrado; porque todo mundo se quiser ter um mínimo de oportunidade vai ter que se inserir e se enquadrar na normalidade, só que eu como avó, na minha contagem já regressiva, fico muito ansiosa, mas eu me repito o tempo todo: “Calma Martha, vai passar. Vai ter que passar!”. Mas nesse momento eu acho uma tragédia.

E a escola não está fazendo o seu papel à norma culta, e tem que fazer. O menino não faz mais ditado, menino pega uma composição de três ou quatro linhas e fica por isso mesmo, eles não passam a limpo, eles não consultam o dicionário, eles não consultam a

gramática, mas estudam inglês... o Brasil está cheio de escolas de inglês, como se essa fosse a nossa língua pátria. É preciso cessar essa coisa, porque nós temos que dar ênfase a nossa língua, que é a garantia de soberania nacional, e é uma língua lindíssima!

Nós somos um país continental, extenso demais, que tem muito paralelo e trópico; e manter a integridade nacional através da língua; porque cantar o hino nacional já não se sabe mesmo, as cores da bandeira ninguém usa, porque não curte; qualquer biquíni tem uma bandeira estrangeira, americana, quer dizer, ninguém está percebendo isso? Por que há esse consumo exacerbado, esse modismo, essa macaquice de estar copiando uma cultura importada? Por que... porque poderia cair na mão de um país insolente, predador, escravocrata, que tem uma moeda forte e eu tenho um mundo inteiro, um presidente que não assina um contrato internacional de proteção ambiental e fica por isso mesmo; que joga bomba num país porque quer, sem nenhum motivo, porque quer destruir a possibilidade de sobrevivência com o petróleo, e a humanidade consente isso, eu fico apavorada!

Então olha, a mídia toda disponível, ela é e espera só o que quer. O que não pode é deixar o menino escravo da internet como ele está agora, porque esse menino vai ter problema de coluna, problema de cultura e problema de convívio; quanto mais ele se fecha sozinho na salinha, no computador, mais ele está cortando os caminhos de possibilidades de ser uma pessoa que se relaciona fácil, e esse dano, depois não tem mais jeito. Eu vejo, por exemplo, os meus netos, eles dizem: “Vó, mas do que a gente vai brincar agora?”, e quinze minutos depois: “E agora, o que é que a gente vai fazer?”; como se eu tivesse um condão, a responsabilidade de fornecer ectoplasma para o lazer deles, eles não tem fixação de meia hora com nada, e eles não conseguem elaborar uma brincadeira ao sol, no grupo; não conseguem... eles não sabem, ficam perdidos; e a culpa é de todos nós, não é culpa deles não. Precisamos recuperar canção, a brincadeira, o espaço aberto, o grupo, o quarteirão, conviver com os coleguinhas da rua: um te ajuda, um te atrapalha, um te bate, o outro você bate nele, e vamos crescer assim, com muita saudade depois.

5- Escrever para crianças é mais difícil que escrever para adultos?

Por quê?

Então; eu escrevo para adulto (risos), mas a crítica e a editora me colocam na sessão infanto-juvenil, no catálogo deles. E... eu não sei como é escrever para adulto e escrever para criança, não sei. Mas, eu sei que toda vez que eu escrevo, eu escrevo a respeito de criança e de adolescente. Porque eu tenho um convívio muito grande com criança e

adolescente; eu nasci numa família que tinha muitos primos na casa de todo os tios tinha muito menino, a gente conviveu ali curiando, cozinhando, brincando, pulando corda, e depois, na minha casa também nós éramos cinco filhos, eu fui mãe de cinco; e quando os meus filhos estavam entrando na vida escolar, a escola inventou essa coisa que eu acho cretina: a tarefa em grupo. E aí, na tarefa em grupo, eu tinha cinco filhos, e cada um numa idade seqüencial, e meu marido não gostava de filho na rua ou na casa dos outros, então, nós abrimos a nossa casa para que os colegas viessem. Então, cinco meninos, vezes, mais quatro ou cinco colegas, todo dia eu tinha que assar dois bolos para o lanche, porque era muito menino.

Então, eu me preparei, era professora, e sei a importância das coisas. Eu comprei tudo o que era preciso; do tesouro da juventude até todas as enciclopédias científicas e de conhecimento geral, bastante papel, lápis de cor, tinta guache, pincel de todas as espessuras. Minha casa era uma oficina de produção de conhecimento; porque era um investimento que meu marido e eu fazíamos. A gente tinha certeza de que o que a gente podia deixar pronto para esses meninos, era possibilitar para eles beber nessa fonte maravilhosa que é o conhecimento. Então, vieram os amigos, foi uma brincadeira muito grande; porque claro que eles se dispersavam muitas vezes. E eu acho que os meus filhos se lembram de mim como aquela mãe bem megera, bem bravona e de chinelo em punho, porque eu botava preceito mesmo nos grupos de trabalho. E enquanto eles não terminavam, não lanchavam. E só depois de lancharem eles podiam jogar bola no quintal, pular corda, balancinho, o que quisessem; mas primeiro, deixar pronto: folhas e folhas de papel almaço.

E ainda percebendo que eu ajudava pouco, eu me matriculei na Faculdade de Artes; na terceira turma. Eu fui porque eu não tinha esse conhecimento de artes plásticas, essa aptidão; aptidão nenhuma; mas eu tinha muito traquejo para isso. E eu queria que o trabalho deles fosse mais sedutor, diversificado. Então, eu cursei uma Faculdade de Artes baseando enquanto os meus meninos estavam entrando na escola, para poder ajudá-los a confeccionar. E aí, descobria sucata, que foi para nós um ponto de partida maravilhoso! Hoje, todos nós somos sucateiros, a gente gosta muito. E a gente descobriu antes de todo mundo, a importância de cuidar do lixo, porque o lixo é uma fonte de beleza, talvez; de riqueza... isso é muito interessante.

Eu censuro até hoje o trabalho em grupo; acho que é uma bobagem; porque um pesquisa e todo mundo assina. Todo mundo vai passando de ano, vai conquistando diploma de mentira; porque não se esforçou por nada, não adquiriu aquele conhecimento. Mas como naqueles grupos os meus meninos estavam sempre linha de frente na pesquisa, na leitura, nos livros, desenhando, recortando, colando, encapando tudo; eles lucraram muito. E se saíram e

estão se saindo muito bem na vida; só não sei se estão fazendo isso com os filhos... Não adianta ter um carro bonito na garagem e um sofá na sala, onde ninguém possa se sentar, e o menino não ter um dicionário em casa. Eu pergunto para esses meninos que me visitam: “Como chama seu avô?” ele diz: “Tião”. De que? “Ah... não sei não!”. Ele não sabe quem foi o seu bisavô (pai do seu avô). Nem a própria origem, a família não está explicando para a criança. Até menino de aldeamento indígena sabe. Essa geração é imediatista, eu vejo isto com bastante restrição. É muito preocupante; o Brasil não sabe nada do Brasil. Ninguém sabe por que na rua puseram aquele nome. Quem é aquela pessoa que nomeia a rua que a gente mora. Ninguém tem curiosidade.

6- A vida adulta e a adolescência chegam cada vez mais cedo para as crianças de hoje. De que forma isso se reflete na literatura infantil?

Eu acho que há uma oferta cada vez maior de livros muito erotizantes. E... os adolescentes preferem livros que tenham ingredientes que tangenciem experiências sexuais, com droga, de meninos rebeldes, que fogem de casa. Eles acham isso muito interessante. Eles preferem... é mais provável que eles leiam isto aí do que um livro com outra formatação. Mas isso tudo também, é natural até, que o jovem queira saber mais a respeito do que se faz silêncio na família. Mas... eu vejo hoje, nas bancas de revista, as chamadas são só para o erotismo. Escândalos e escândalos sexuais, conjugais, tudo revelado. E a venda que está escrita: “Proibida para menores”; aquilo não vigora, menores compram e gostam. Então, eu nem censuro mulher pelada. É lindo! Uma mulher, linda, nua, tomara que todos tirassem a roupa mesmo não é?! O corpo é uma coisa muito linda. Mas, quando a revista deixa isso veicular na mão de todo mundo, ela só quer vender. Ela quer esvaziar a prateleira. E a editora que fez; ela sabe que este produto se vende bem.

Maurício de Souza, que faz a série da “Turma da Mônica”, ele que é o que mais vende no Brasil, ele diz: “A concorrência, que eu, com os meus personagens infantis e ingênuos é enorme com as revistas de sacanagem. Porque amenizada pode comprar aquilo. E aí passa de mão em mão no empréstimo assim escondidinho, pra ler no banheiro, na escola, pra ler de noite escondido da mãe, no banheiro da casa, pra mostrar para o irmão pequeno...isso tem uma força muito grande”. Então, eu sou contra a literatura moralizante, mas a literatura que mente, também ela é muito criminosa.

7- Qual a melhor técnica para elaborar um livro infantil de sucesso/prazer para as crianças?

O sucesso de venda, com uma máquina de fazer publicidade e bastante dinheiro, você faz. Veja por exemplo, essas produções européias, dessa série: “Harry Potter”, que menino espera o próximo livro. A autora nem cogitou ainda, e já estão na lista de espera... isso é uma loucura internacional, uma coisa desta. Por quê? Porque a mídia produz aquela ansiedade, aquela expectativa, e a criança cai naquela armadilha, e ela quer. É sorte do autor, que tem essa máquina funcionando. Mas ela é profundamente desonesta, porque ela pode estar ensinando alguma coisa, que depois vai se ver que não tem mesmo grande importância. Mas, eu não sei o que faz sucesso. Neste momento as coisas chegam e caem no gosto popular. E, sem publicidade, elas dificilmente cairão.

O livro brasileiro tem muita dificuldade de ser conhecido ou adotado, porque o professor tem um salário tão ruim, que não sobra pra ele comprar livro. E a editora não tem suporte financeiro para presentear os professores, com o livro que eles poderiam conhecer, gostar ou não. Então, quando o livro brasileiro, ele sobrevive, e sai da primeira edição, isso já é um milagre editorial, porque ele tem que sair sozinho.

Nós temos alguns escritores consagrados: Monteiro Lobato, Ruth Rocha, maravilhosa, que tem uma Editora Abril junto com ela. Ela trabalhava na Editora Abril, Editora poderosa, que faz revistinha de tudo quanto é coisa, inclusive revistinhas infantis com os ilustradores charmosos, simpáticos; e é São Paulo... São Paulo é o pilar da literatura cultural brasileira. Ana Maria Machado, inteligentíssima, uma mulher politizada, que transporta para os seus temas uma vivência elitizada, o livro dela é politizante, menino gosta muito de ler... nós temos muitos escritores bons...e temos aquela doçura também, de Cecília Meireles, aquela coisa maravilhosa que a criança ama, teatraliza e musicaliza... muito bom. Mas nesse momento, no Brasil, a produção literária está muito desatualizada e muito distrital. Por exemplo, os escritores de Belo Horizonte, que têm à sua disposição, uma grande oferta de mão de obra muito qualificada para produzir ilustração; eles fazem de qualquer nada, de qualquer poema, um livro lindíssimo. Os ilustradores estão lá, a escola “Guinhard” vem de Belo Horizonte, e concentra o interesse de pelo menos os mineiros mais talentosos. Então, há uma efervescência. E um rasga seda, eu adoto o seu, você adota o meu, e fica naquela...então, a literatura mineira, em Belo Horizonte, nesse momento está muito viva.

Se nosso trabalho cai no gosto da grande crítica, e no conceito da Fundação Nacional do livro infanto-juvenil, nos organismos de crítica literária, se o seu posto é

apreciado e premiado pela Câmara Brasileira do Livro – São Paulo, pelo Circuito Nacional do Livro – Brasília, então, você também fica com portas abertas. Por exemplo Ziraldo, ele é um furacão de produção, mas ele ilustra, ele vai para a televisão, para passeatas, ele briga com o Presidente da República; ele é um intelectual diferenciado. Fala alto, fala grosso... então, Ziraldo para nós, é uma locomotiva, ele puxa a composição inteira, não é?! Que bom que ele está vivo neste tempo... E o livro do Ziraldo, “O Menino Maluquinho”, gerou uma porção de maluquinhos, a professora maluquinha e outros. Ziraldo vai longe! Como ele ilustra com muita graça, muita vivacidade, e escreve de forma hilariante e inteligente; o menino adora ler. Pela capa, o prefácio, ele se comunica imediatamente com a criança, e é rapidinho, um recado só!

Acho que Ziraldo tem a receita do bolo que dá certo. Porque ele é publicitário, editor, jornalista, crítico literário, partidário, filiado a partido político, e tem uma história de contestação. Então ele produz um livro pragmático; não desperdiça tema. Ele vai direto ao assunto e convoca o menino a tomar atitude. Então, alguns escritores rompem o ambiente distrital onde estão inseridos, e são de grande aceitação no país.

Eu tenho uma sorte enorme, porque o meu primeiro livro “Veludinho”, nasceu assim: premiado com maior prêmio de literatura nacional. Então, “Veludinho” chegou no primeiro concurso literário na década de setenta, em Brasília; o governo federal decidiu que era preciso ser mais do que Monteiro Lobato e Cecília Meireles... Alguém sabe fazer alguma coisa que possa ser interessante; para o governo bancara edição e divulgar? Então, “Veludinho”, num concurso onde participaram 76 escritores, e onde pretendia-se conferir 5 prêmios, a comissão julgadora ficou tão emocionada com o livro, porque é um livro que falava de morte de uma maneira simples, verdadeira; e de que um grupo de meninos que provocou a morte de um passarinho e foram capazes de sobreviver àquela tragédia, e prosseguir, usando a espingarda, se divertindo, sem matar passarinho. Uma mudança de comportamento a partir da tragédia.

Acho que foi isso que sensibilizou, porque esse é o ponto de apoio deles; pois era uma literatura que não tinha rei, não tinha fada, não tinha poção mágica, varinha, vassoura, nada disso! Não era erótico, escandaloso, nada! E de repente trazia uma mensagem forte que vinha de onde? da Província... Gente, de onde que é essa cidade? Quem é essa pessoa? De onde que ela apareceu? E emocionado naquele momento; eles deram todos os prêmios para “Veludinho”... Ele ganhou sozinho todas as colocações! Foi um prêmio único naquele momento, que eu nem sei se foi certo ou se foi errado. Mas eles acharam que a distância entre o “Veludinho” e o resto, era completamente desaconselhador. E aí, esse livro já nasce ungido

de graça, porque ele trouxe o aplauso, o publique-se e a premiação dos professores das Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, assim, dez com louvor! Ele já nasceu pronto! A primeira edição teve dez mil exemplares e se esgotou num minuto. Fez badalação de jornal, de coluna, dos melhores... eu na época, fiquei tão assustada, porque eu pensei: “Gente, o que é isso?!” Levei um susto. Porque o que é “Veludinho”? Não é nada... é só umas horas passadas com aquelas crianças do meu convívio, no meu quintal, e eu nem sabia que uma experiência desta podia ser prazerosamente recebida.

E fui recebida no Brasil inteiro e “Veludinho” é uma surpresa atrás da outra; as crianças não se cansam de ler, os professores não se cansam de adotar! Só que agora, quando a legislação ambiental em vigor no Brasil, que cada vez vai ficando mais rígida; o que é “Veludinho”? A estória de meninos que matam passarinho. Mas ele gera e provoca uma discussão sobre a importância da vida: você tem o direito de matar o outro? Não... mas é só um passarinho... Mas eu tenho direito de matar, mesmo que seja só um passarinho? Esse passarinho faz falta! Ele precisa ser respeitado, sobreviver e continuar no ecossistema. A minha atitude prejudica o ecossistema? Se prejudica, prejudica o planeta. Então, os desdobramentos que a leitura do “Veludinho” traz, são muito saudáveis. Eles constroem naquilo que era um leitor, um menino que foi ler só por prazer, e que ficou tristonho, que fica torcendo para o passarinho não morrer, ele não quer que morra! Aquele menino, depois, na sala de aula, ele se torna um cidadão de primeira grandeza, porque ele se coloca ao lado do passarinho, ele vai ajudar, ele não vai nunca mais dar uma pedrada ou uma estilingada num passarinho, na vida dele.

Então, isso é uma força que a arte tem, que eu não sabia, eu fiquei sabendo depois, e fiquei sabendo agora, nesses vinte e cinco anos depois, quando isso perdura, e os professores continuam fiéis à importância de “Veludinho”. E por isso, nós vamos tentar fazer com ele, o que nós fizemos com “Era uma vez um rio”: a peça teatral para as crianças de Uberlândia.

8) Qual a avaliação que a senhora faz da literatura infantil brasileira em relação a outros países?

Olha, eu acho que no Brasil se escreve muito bem. Eu sou suspeita para dizer, porque eu acho que a língua portuguesa é lindíssima; e o brasileiro, sendo produto de uma miscigenação étnica muito grande; tem componentes emocionais que são surpreendentemente bons. Ao mesmo tempo que a gente é de uma franqueza explosiva e inconveniente, também a

gente é de uma ternura comovente. O brasileiro é corajoso, sobrevive em qualquer circunstância, é amistoso, solidário. Então, esses ingredientes, eles são muito bons. Acriança é curiosa, é inventiva.

Nós temos uma população muito pobre; o Brasil é um país de pobres... a renda per capita está na cabeça de poucos, a massa é falida. E a criança inventa o seu brinquedinho, ela cria... então, a nossa literatura brasileira tem que estar majoritária, porque está no período da era! Se o assunto é, por exemplo, a copa do mundo, vai e faz; quinhentos anos do Brasil, todo mundo vai escrever, então esse modismo, essa urgência de se aproveitar de qualquer iniciativa para produzir. Mas existe uma produção literária muito solene, muito bem verde-amarelo, que o regionalismo traz e que se preocupa em preservar. Nós ainda não mergulhamos no nosso universo ficcional do medo, o Brasil ainda não devassou, a literatura também não registrou. Porque saci-pererê de uma perna só, vivendo na mata, fazendo estripulia, ele ainda não caiu no gosto. Nós não compartilhamos do mundo afro, do mundo da selva e do mundo branco... a gente não trouxe isso para o conhecimento, agente não sabe nada do menininho lá da aldeia de não sei aonde... com o que brinca, sei lá, os índios xavantes? Recentemente, alguém me chamou a atenção: “Onde é que você pôs os negros na sua literatura?” Ué, aí eu fui reler, realmente, eles não estão, e deveriam estar, assim como eles deveriam estar na minha vida também.. Mas eu fui criada numa família muito grande que tinha muitos primos, e a gente se bastava ali naquele convívio. Mas, pelo carinho e pelo respeito que eu tenho por eles, e pelo quanto eu gosto da contribuição que eles deram, eu vou me dedicar a produzir alguma coisa que seja em homenagem a eles. Pode ser que demore, eu levei dez anos para escrever “Era uma vez um rio”, porque eu queria homenagear o rio.

9) Quantos livros de literatura infantil de sua autoria já foram vendidos?

“**Veludinho**” (35ª edição) — as primeiras edições eram de dez mil exemplares, agora a editora faz edição de três a cinco mil, e eu estou um pouco perdida nisso (mais ou menos 100 mil exemplares em 25 anos; fora as edições institucionais, que o governo faz para distribuição gratuita — o escritor abre mão dos direitos autorais).

“**Os três capetinhas**” (12ª edição) — integrou uma coleção que se chama ciranda do livro, que teve um a edição de quarenta mil exemplares, que foram distribuídos amplamente no Brasil (mais ou menos 20 ou 30 mil exemplares).

“**Bicho do Mato**” (6ª edição) — é um livro que seria ideal para alunos da 8ª série, porque ele é fora da norma culta. É uma linguagem regionalista, um triângulo amoroso de gente jovem,

uma estória com a escrita enfocando uma realidade de 100 anos atrás. Porque eu queria contar dos pagodes; os pagodes estão muito prostituídos hoje... não é mais o pagode que eu conheci: que era uma “peça” com sanfona, com viola...isso foi se perdendo, e eu queria resgatar todo o tempo do pagode roceiro mesmo; que se dançava na cocheira, rezava terço, tinha mutirão, todo mundo vinha companheiro ajudar o dia inteiro trabalhar e a noite comemorar alguma coisa.

Então eu resgatei uma estória de época, que remonta o Brasil de 100 anos; intrito (sic) com toda a coragem que eu pude ter na minha vida, fora da norma culta. Foi um produto de gravação; eu coletei informação numas nove fitas, que posteriormente, doeí até para o museu da imagem e do som; e precisei pensar um milhão de vezes para frente e para trás, para ver se eu publicava ou não; porque como professora de português, eu também tinha assim, um certo escrúpulo de veicular uma linguagem tão rural, que agride um pouco o que está definido hoje como gramática de língua portuguesa. Mas falou mais forte, e eu mandei para a editora assim mesmo. É um livro muito premiado e pouco lido. Os professores tem muito cuidado em adotar, porque é preciso revelar para o menino que existe um outro Brasil, que é rural, onde as pessoas só sabem aquele tanto, se comunicam com aquele vocabulário. Então, eu escrevi **“Bicho do Mato”** assim, fiel ao que a fita me contava, uma viagem bastante oral, e esse livro tem umas premiações incríveis porque ele ganhou um ótimo concurso, na câmara brasileira de livro, uma bienal do livro em São Paulo, e ele muito premiado em Portugal, porque ele ilustra e confirma as transformações que a língua portuguesa sofreu nos países de fala ultramarina (mais ou menos dez mil exemplares).

“Era uma vez um rio” (6ª edição) — chega numa hora boa, ele chegou quando esta preocupação não tinha começado, mas começou explosivamente: a defesa ambiental. Então, há no Brasil inteiro, por aí, acho que, levantando mais adeptos para o engajamento nesta luta de conscientização, da qualidade de vida, dos nossos mananciais hídricos, da coleta seletiva do lixo e do interesse das pessoas por isso aí (mais ou menos doze a quinze mil exemplares).

“Bruxa de Pano” (2ª edição) — é um livro mais denso, uma estória mais complexa, a personagem é a uma menina; tudo são complicadores para a adoção. Os meninos dificilmente pegam o livro cujo personagem principal é uma menina, eles são ainda bem machistas, eles gostam de estórias de menino. Mas isso não tem importância, porque quando a escola indica, eles acabam lendo. Mas, é um livro que trata da menina, da alma da menina, do desenvolvimento, do sofrimento, do convívio familiar; as famílias são constituídas para serem mais benevolentes com os meninos, ainda, no Brasil. Infelizmente, mas é verdade. E se coloca

então no centro do universo de preocupação, psicológico: menina (mais ou menos cinco a seis mil exemplares).

“Você já viu gata parir?” (1ª edição) — é uma publicação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que fez dois mil exemplares na primeira edição, e tomara que faça mais, porque mil exemplares se esgotaram na semana que ele foi publicado. Então, esse é o livro que eu escrevi com menos esforço, não deu trabalho nenhum, é o produto de uma gravação que eu fiz na minha fazenda com netos. É um momento que uma neta de cinco anos que está beijando um gatinho insistentemente, e é advertida pela priminha de sete anos que ela não deve fazer isso porque gato é um animal sujo, que dá doença na gente, que pode desenvolver alergia e que ela não deve beijar o gato. Especialmente porque gato é muito nojento, quando ele nasce, ele nasce cheio de tripa, cheio de sangue, todo melado, e a mãe dele muito porca, lambe e come tudo aquilo.

Então, o que mais chocou essas crianças foi esse fato de ter sido testemunha de um parto de uma gata... a mais velha ficou muito chocada com aquilo, porque ela assistiu. O que ela conseguiu ver naquele momento, é que era sujo, sem higiene, era nojento... No momento, ela não quis o gatinho dela, porque nasceu naquelas condições que ela julgou terríveis. Mas ao relatar esse fato posteriormente para a prima pequena em outras férias, ela concluiu que mesmo sendo nojento... é lindo! E o pai e a mãe, então contam pra ela que todo o bichinho que mama nasceu do mesmo jeito; inclusive ela. Ela fica horrorizada: “Eu não! Eu nasci linda. Eu vi as fotos; eu estou vestida, bonita e arrumada”. Mas na foto, na verdade você nasceu igualzinho esse gatinho.

Então, por que eu deixei que isso passasse de um texto da minha gaveta, um original só, para um livro? Porque acho que nós temos que fazer elogio do parto normal. As mulheres hoje são reféns de médicos que estão muito ocupados ou com pressa, e que para resolver um atendimento mais amplo a mais clientes, eles interferem com o parto científico e cheio de anestésias e tudo que é o parto cirúrgico; a cesariana. Então aqui; eu que sou mãe de cinco filhos, nasceram todos por parto normal, não tenho sido avó de menino que nasceu de parto normal; quase todos os meus netos nasceram com intervenção. E é uma pena, porque o parto normal tem que ser praticado. A mãe está aí para ser mãe, dentro da naturalidade que isso pode ter, e que toda mulher, ou quase toda, seja capaz de produzir a sua cria, num ambiente de normalidade, de calma, de paciência para esperar que a natureza cumpra o seu papel. Então, a gatinha Pérola para mim, depois de escrito, hoje, agora e sempre fica o meu elogio para as mães que tiveram paciência coragem para enfrentar um parto normal. A gatinha

aqui é só uma parábola; na verdade a mamãe. E o carinho da gata pelo filho, a amamentação, a paciência com aquela situação: tantas crias ao mesmo tempo (dois mil exemplares).

10) Quando começou a escrever para o público mirim?

Quando eu comecei a escrever, eu não comecei escrevendo literatura, eu comecei a escrever artigos para jornal; coisas que me incomodavam muito, eu levava para o jornal e dizia: “Será que dá para publicar isso aqui?”. E ainda era na linotipo, a caldeira fervendo, letra por letra sendo produzida naquela linhazinha, e se saísse errado tinha que fundir de novo, fazer outra linha, e convivi muito com redação de jornal produzindo assim, alguma poesia, dia do professor, dia das mães, é Natal; essas contribuições que a gente fica emocionada e participa... Daí, a participar trazendo uma discussão política da cidade foi um pulo. Coisa que me incomodava muito na cidade... Tomei muita bordoadá por conta disso; porque é claro, quem fala o que quer, escuta o que não quer. Eu escrevo com todo o prazer, escrevo pouco, mas eu escrevo como diz a minha professorinha de “Era uma vez um rio”, temos que escrever com a alma... Eu não quero ensinar ninguém a fazer nada, nem corrigir como ela faz, nem censurar. Eu quero deixar a minha experiência devida, que é muito pequena, é incompleta, claro; mas é a que eu tenho. Não escrevo; eu nunca escrevi um livro. Eu escrevo para mim uma confiança. Já queimei dois textos, que eu achei que estava uma bobagem; não me interessava; queimei e não tenho nenhum remorso disso, e o que está aí, está aí... e é para quem quiser compartilhar.

“**Veludinho**” — porque essas crianças praticaram esse ato e se transformaram muito.

“**Os três capetinhas**” — porque eu tinha um sobrinho que mudou do terreiro para um apartamento e um dia saltou a janela, porque ele precisava de um espaço.

“**Bicho do Mato**” — porque as mulheres faveladas de Uberlândia, elas se encontravam sempre maltratadas, machucadas pelos companheiros, submissas e humildes.

“**Era uma vez um rio**” — quinze anos depois, como uma agricultora que joga veneno no cerrado; vendo o meu rio Uberabinha, onde tanta gente morreu afogada de tanta água que tinha, agora ele está com as pedras afloradas como a gente vê! Esse é até um pedido de desculpa para o cerrado.

“**Bruxa de Pano**” — foi um encontro meu com um paninho; bordado no ano 1900... e veio toda essa avalanche de lembranças e de saudade; de um momento em que criança e velhinho podem muito bem, trilhar por um tempo juntos.

“Você já viu gata parir?” — é uma brincadeira; eu tinha isso gravado... e transcrevi em homenagem ao parto normal, à vida na luz do sol, na natureza, gente e bicho é tudo a mesma coisa, é uno... uma brincadeira de criança.

ANEXO 3

ANEXO 3

Entrevista com Martha Azevedo – Janeiro de 2006

Por Jaqueline Lopes Magalhães. Disponível em : jack_unesp@yahoo.com.br

1) Como, quando e por que você começou a escrever?

M: Eu só me lembro que eu escrevia desde os 7 anos. Agora, eu sempre tive muito repertório, porque pergunto muito, falo muito. E daí quem muito pergunta, quem muito ouve, quem muito fala, acaba escrevendo também com facilidade. Eu sempre ... me relacionei bem com as pessoas. Meu contato com o ser humano é muito simples, muito descomplicado, então o acesso pra mim é fácil com criança, com adulto, com idoso. Nunca vi barreiras para me aproximar das pessoas.

J: E quando começou?

M: Eu sempre gostei de escrever, lógico que quando eu era menina a gente fazia composições. E eu sempre fui assim, cheia de criatividade, cheia de referência, fui criada no meio de uma família muito numerosa e onde criança era muito querida, muito bem vinda. Os adultos davam muita atenção. E isso fez com que eu tivesse uma infância muito feliz, muito fortalecida de carinho, de tudo e a conversa da família circulava assim à disposição das crianças. Então a gente pertencia a aquele universo. Todo mundo detinha muitas informações e tinha a vida da fazenda, os empregados da fazenda com os quais a gente convivia, com os filhos deles, nas casas deles. Então isso me abasteceu de informações de vida. E a respeito de qualquer coisa eu era capaz de dizer muitas coisas e acho que essa capacidade de fabulação vem de uma infância vivida com largueza, com liberdade. Eu acho que é isso. Eu sei que desde os 8 anos eu já me lembro da professora dizer que eu tinha jeito pra escrever, que eu escrevia bonito, com certo charme. Eu me destacava entre as meninas da minha idade na vida escolar. [...] Então eu sempre fui falante e “escrevente”...bem animada (risos) Acho que é isso!

2) Você acredita que alguns autores e obras tenham exercido influência marcante em sua produção? Que autores e obras? Que tipo de influências?

M: No Brasil? Brasileiros?

J: Pode ser no Brasil ou estrangeiros.

M: Não, eu sou assim bem encantada com a produção literária, por exemplo, de Coelho Neto, que infelizmente é um autor que ninguém mais lê né? Olavo Bilac, que poeta maravilhoso, você lê, lê de novo e não se cansa. Machado de Assis, aquela inteligência, aquele refinamento literário. Gosto muito de ler todo escritor regionalista brasileiro e aí já é minha parte politizante, politizada de ser de esquerda. Eu faço uma leitura de Brasil, assim pelo olhar crítico dos escritores do realismo. Gosto muito de ler Bernardo Elis, gosto muito de ler Graciliano Ramos. Graciliano com histórias maravilhosas, instigantes. José de Alencar eu leio e releio feliz... Aquela narrativa poética de José de Alencar me fascina completamente, então, Clarice Lispector que leitura inteligente! Mas era uma russa no Brasil, é quase uma cultura de importação, mas ela compreendeu muito bem a alma brasileira, né?

Enfim, eu sou bem produto de leitura sim! Eu fiz meu curso de Artes, de Letras aos 19 anos eu fui pra Universidade Mackenzie e tive a sorte de ter professores que me marcaram muito porque me disseram “Você não sabe nada, vai começar do zero, abaixa o “faixo”!” (risos) E acho que aquela formação ali no curso de Letras, lendo no original literatura francesa, italiana, portuguesa e espanhola, isso é, consolidou no meu espírito um apuro pela produção de texto. Eu tinha certeza que eu seria escritora um dia, isso eu tenho desde pequena, eu sabia porque o Chico Xavier disse ao meu pai que eu seria uma escritora médium, psicografa (risos), mas não sou, claro, mas eu sabendo que eu seria uma escritora, eu já me preparei pra isso com muita serenidade, sabe? Eu li tudo que foi possível num tempo mais curto possível pra acumular uma bagagem.

E depois eu fui uma menina assim, pouco namoradeira, sobrou bastante tempo, não tinha essa concorrência de hoje com a televisão, com a internet, então era possível tirar muitas horas de cada dia pra leitura. Na minha casa isso era muito estimulado. A gente tinha uma biblioteca com o carimbo do nosso nome que acho que foi um divisor de águas na minha vida. Leio 3 ou 4 livros de cada vez.

J: Nossa!

M: É...porque se não também a gente não tem muito tempo. De manhã se eu puder ler, eu gosto de ler um tipo de literatura, na hora de dormir eu gosto de ler outro tipo de literatura, então a minha casa é cheia de livros que eu comecei a ler e estão em vários lugares. Gosto muito de ler, mas também gosto muito de pensar, sou uma pessoa que vai cozinhando e vai

pensando, vai plantando a horta e vai pensando. Eu me dou a tarefa de estar sempre revendo conceitos, formulando imagens, criando situações e na hora de escrever isso tudo vem, né? Toda essa bagagem acumulada eu acho que é uma dedicação muito boa que eu faço, sabe? [...] Mas sempre gostei de pensar muito, pensar o mundo, repensar o que eu disse. Me policio bastante, tanto que na minha literatura, as vezes eu escrevo 11 vezes a mesma coisa. É um absurdo, parece uma bobagem, mas eu sou assim purista no que eu tenho que fazer, sabe? Me policio, sou brava comigo mesma, nunca acho que ficou bom. Então faço e refaço e torno a fazer exaustivamente até chegar num limite que me satisfaça, sempre buscando simplificar. O meu pensamento é um pensamento que vai simplificando a cada momento, a frase cada dia mais curta, a idéia cada vez mais una e eu quero trabalhar assim, tema por tema, momento por momento, página por página, capítulo por capítulo, dia-a-dia da minha vida pra esgotar até o fundo...todas as possibilidades. Acho que eu sou uma pessoa muito estranha! (risos).

3) Como escritora de literatura infantil, sua produção se inicia nos anos 70, com *Veludinho* (1976), num período considerado como o “boom” do gênero no Brasil, particularmente com a expansão da vertente do aspecto verista, realista. Isso influenciou diretamente o seu trabalho?

M: Não, de jeito nenhum. Eu nem soube que estava acontecendo....(risos). Eu não estando no eixo Rio - SP, eu não percebi esse “boom”, nem fiquei sabendo. Eu soube muito depois. É claro, Uberlândia é uma cidade do interior, do interior de Minas. E não me interessava, nem sabia que existia, que estava surgindo esses órgãos...de centro de interesse pela literatura. Eu não comecei escrevendo livros, eu comecei mandando algum artigo pra jornal daqui mesmo, algum poema. Quando alguma coisa me aborrecia e me convocava pra alguma discussão eu ia até a imprensa, uma coisa bem provinciana abria espaço e as pessoas começavam a me abordar. E eu me assustava, né? Porque era tão singelo tudo o que eu fazia e bem, bem assim extemporâneo de um artigo pra outro se passavam meses, nada me interessava. Mas sempre acompanhando o momento de criar filhos, eu tinha 5 filhos pequenos e lecionava dois turnos no colégio estadual. Não dava pra muito lazer ocioso, cultural, não. E o meu primeiro livro publicado, nem é um livro, *Veludinho* eram anotações de mãe.

4) Você poderia comentar, de modo geral, como se dá o processo de criação literária?

M: Eu sou uma escritora de efeito retardado! (risos). Eu fico matutando uma idéia, às vezes anos e eu sou preguiçosa pra começar a escrever, como eu me emociono muito, eu quero evitar esse sofrimento que é deixar que as coisas venham à tona. Me revelar. Não sou criativa para inventar situações novas, eu só trabalho sobre o que foi vivenciado e me coloco assim até por deliberação minha. Não quero trabalhar com o real, o imaginário, o fantasioso, não. É a vida mesmo que já é bastante fantasiosa, né? Então pra mim, a coragem de começar a escrever, ela precisa passar por um longo processo de preguiça, de desânimo e de achar que não faz falta se eu não fizer que alguém vai fazer um dia ou não também, né? Que eu sou só um elo de uma corrente, a humanidade vai numa seqüência, um dia alguém vai dizer melhor, talvez, não sei.

Então eu tenho que arrumar as prateleiras do roupeiro, eu tenho que fazer goiabada, porque é tempo da goiaba madura. Eu sempre tenho um pretexto pra deixar pra depois. Eu sou como aquela pessoa gorda que fala assim: “Na próxima segunda-feira, sem falta, eu vou começar a fazer regime”...(risos). Eu sou desse jeito.

Em *Era uma vez um rio*, por exemplo, eu levei dez anos querendo escrever, sem coragem pra começar, porque aí eu não sabia nada a respeito de rio, era uma incompetência da minha má, ou da minha formação cultural. Então eu levei dez anos querendo, mas não ousando, porque eu não sabia...e *Veludinho* eu escrevi assim, numa sentada e *Bruxa de Pano*, eu nunca pensei que eu escreveria. Eu escrevi assim nos dois meses, porque nesse meio eu tive que viajar e...e cada um tem um ritmo, né?

Não dá pra dizer uma receita disso. Mas o meu processo pessoal é muito doloroso, porque em todos os meus livros tem muito de mim e eu sou perversa comigo porque fico me desnudando assim, emocionalmente perto de todo mundo. Mas isto é um assunto que me faz muito bem. Se eu pratiquei um ato feio, eu declaro isso no livro. Aquele personagem vai fazer uma coisa censurável, sabe? Eu me assumo publicamente assim. Então, meu processo é difícil, é travadíssimo e eu sou insegura, eu sei o que quero dizer, mas eu não sei a hora de parar...eu refaço um milhão de vezes tudo e...e aí quando eu ponho um texto meu no correio, pra mim é um alívio.

E agora com o computador ficou ainda mais fácil mexer no texto, então a gente mexe todo dia, né? Mas eu gosto de produzir o trabalho assim manuscrito. Acho que é um belíssimo encontro de toda a minha musculatura, meu esqueleto, meu aparelho respiratório, minhas memórias, minha emoção trabalhando junto ali na produção do texto manuscrito.

Amo escrever assim à mão. E é isso aí, cada umnão sei a receita mas é bem sofrida. E muitas vezes eu me arrependo, jogo fora, queimo, volto atrás....fico assim, naquela canseira.

5) Quando você escreve, imagina como será a ilustração do livro? Dá orientações ao ilustrador ou deixa totalmente por conta dele o caminho a seguir?

M: Olha, eu sempre acho que os meus livros não precisam de ilustração. É a crítica que diz que meus livros são infantis ou juvenis. Eu escrevo pra mim. Poxa, faz muito tempo que eu deixei de ser infantil...juvenil, né? (risos). Eles têm crianças como personagens, mas eu não acho nunca que seja uma literatura.....nem sei o que é literatura infantil, porque uma criança é capaz de absorver mensagens de adulto. Ela é sempre muito capaz. Eu considero a criança um leitor muito exigente, muito inteligente...que ou você conquista desde o início ou você não conquistará nem com 200 páginas.

Ela não se esforça pra gostar. Ou gosta ou não gosta. E aí lerá ou não. Então eu não escrevo livro pra criança. E eu escrevo pra mim, intuitivamente, nem me preocupo com quem ou o que está em moda. Não quero nem saber. Freqüente pouquíssimo Bienal de Livros, Salão do livro...Já freqüentei mais, mas hoje não. Eu já sei tudo o que vai acontecer lá e eu fico quieta no meu canto.

Se me chamam pra contar histórias, aí eu vou. Se tem um momento pra eu me apresentar, pra eu falar do meu trabalho, pra fazer um intercâmbio, eu vou. Eu sou bem provinciana (risos) e gosto muito de ficar quieta no meu canto, mas tenho laços de amizade com pessoas que eu respeito muito, que são da crítica literária brasileira, cito entre eles: Maria Antonieta Antunes, Nelly Novaes Coelho, Bartolomeu Campos Queiroz, Laura Sandroni, Terezinha Alvarenga. Pra esse pessoal eu tiro o chapéu. A palavra deles me dá bastante força e todo texto meu, eu faço chegar primeiro nas mãos deles...porque escrever é um momento muito solitário, né? Você está sozinha com aquela emoção toda. Então será que isso é útil? Será que isso vale a pena?...Eu sou um pouco insegura. Então a palavra deles me dá aquela decisão de fazer um texto virar livro. A gente não escreve um livro. A gente vai costurando idéias e vai...vai...

6) Você já escreveu para adultos? O que lhe fez pensar em ser escritora de literatura infantil e juvenil?

M: Pois é, isso é um engano da crítica e você está entrando nele. A crítica que diz que o meu livro é infantil ou juvenil. Eu não vou contestar a crítica. Mas o meu texto...eu produzi pra mim, pra um alívio meu. Uma coisa que me faz bem é meditar, refletir e escrever. E para a minha surpresa, o leitor adulto, o pai do menino que leu o livro também gostou muito. É, ele cai nas mãos de um leitor adulto. E ele serve. Não é aquele livro “nhe-nhe-nhem” do menininho da bolinha, do cachorrinho, não é aquela bobagem que considera o leitor retardado, não. É um livro que serve, que envolve, que pede pelo trabalho da memória que cada um tem, ele pode levar o leitor adulto a um reencontro consigo próprio do tempo em que ele era menino. É um texto emocionante, meus livros são enternecedores, eu sei. Quando falo neles, se eu não me segurar eu choro...aquela emoção vem de novo assim, vivíssima. Acho que eu falo com uma certa leveza... Mas na rua eu sou uma comunista brava! (risos).

J: O lado político vem à tona?

M: É, deixa eu voltar atrás que eu acabei não respondendo a sua pergunta.

J: Sobre escrever para adultos?

M: É, eu só escrevi uma vez....um texto onde estavam gravitando pessoas adultas, já idosas, da minha família, claro, porque eu não vou ficar cutucando a família dos outros, né? (risos). E a minha família é bem interessante, é bem plural, nós temos aquela diversidade maravilhosa. E eu escrevi sim... e o meu livro se chama *As três mortes do Coronel*. Eu acho esse trabalho muito sério, muito maduro. Eu quis homenagear a minha avó materna que é pra nós assim como um ícone na família. Queria resgatar a verdade da vida dela, uma vida de atitudes, de muita dignidade, mas eu sempre esbarrava com marido dela, o meu avô. Um avô que quando eu nasci já era bem idoso, que pouquíssimas vezes falou comigo, a gente não falava com avô. Avô era uma figura importante, longe, autoritária e tal. E esse avô caía na minha frente e eu queria escrever sobre minha avó, mas ele tomou conta de tal maneira que eu acabei me submetendo a força da presença, da lembrança do trabalho dele e escrevi um livro sobre ele. Ainda não posso publicar *As três mortes do Coronel* porque meu avô, assim como todos os homens do século XIX, era dono da vida dele e dos outros. Eles tinham plenos poderes do patriarcalismo, do coronelismo, né? E eu acho isso muito interessante, poder desfrutar disso tudo no seio da família, então escrevi. Espero um dia poder publicá-lo sem magoar ninguém. Mas para isso eu tenho que dar um tempo pro tempo, né? Ficar sem o puxão de orelha dos tios

que ainda estão vivos. É, porque eles ficam magoados, eu sei que não devo publicar, mas um dia inda vou. Eu tenho certeza, é uma história de época.

7) Quais são os seus desafios, motivações ou desmotivações como escritora de literatura infantil?

M: Olha, é o seguinte, dentro de mim mora uma professora de língua portuguesa, de literatura. E mesmo sendo já aposentada, eu acho que trabalho mais a cada dia pela educação, pela língua portuguesa, pela literatura... mais até do que quando eu tinha aquele compromisso de sala de aula. Por quê? Porque eu sou uma pessoa que sente uma aflição enorme em ver que a gente continua um país de terceiro mundo, né? Com risco de ir pro quarto mundo, que no Brasil se dá pouquíssima importância a língua portuguesa, as cidades estão lotadas de cursos de inglês, de língua estrangeira e eu não vejo nenhuma sala que se abre pra aula de português. Ninguém quer saber português, todo mundo fala mal, usa mal, desrespeita e isso me deixa aflita e mais a concorrência da mídia toda, né? E Agora a mídia eletrônica que chegou e arrebatou a atenção da criança, do jovem. Então eu me coloquei à disposição do trabalho de incentivo à leitura. Porque quem não ler, não adianta, não vai chegar a lugar nenhum.

A população brasileira está caminhando para ser substituída por uma massa de comando importada, porque o Brasil desrespeita tudo, não considera, não valoriza. O livro é inacessível, é caro...e a família não tem como comprar livros, levar o menino à biblioteca, pegar um livro de empréstimo, se reunir pra ler, ler uma revista, um jornal. A família tem poder aquisitivo muito baixo no Brasil e a classe média está muito ocupada pra sobreviver: pai trabalha, mãe trabalha...menino está bem abandonadinho! Então, o que eu sei é que a escola tem lutado desesperadamente para motivar o aluno pelo gosto da leitura. Mas o aluno não lê! Ele tem preguiça de ler. E por causa disso, por causa dessa linguagem na internet, por causa desse intercâmbio monossilábico que a infância e a adolescência estão praticando, eu dei mais ênfase e destinei mais o meu tempo para atender, claro, na medida do possível a minha cidade e as cidades vizinhas.

8) Você acredita numa literatura especificamente feminina? Em que termos?

M: Não, acho isso uma bobagem das bobagens. Vejo com bastante reserva os movimentos feministas...nunca me engajei nesta luta, acho isso um tempo perdido. Eu fui uma mulher

muito bem casada, sou uma mãe bem resolvida e eu acho que o melhor é quando a gente está junto, né? Então por que literatura feminina? Não sei. Tantos homens usaram pseudônimos femininos pra escrever, né? Os homens sabem tanto da alma feminina, Machado de Assis, (Guy de Maupassant) na literatura francesa, ele decodificava a alma da mulher com uma beleza, com uma convicção plena e conhecia mesmo. Melhor que qualquer mulher. Mas eu acho muito bom que as mulheres escrevam... porque mulheres pensam, não é? Então, estamos conquistando nosso espaço, mas não que a gente vá competir. Pra quê? Bom mesmo é a pluralidade. Por que a gente vai fazer o clube da “luluzinha” e deixar o clube do “bolinha” pra lá? Bobagem, vamos juntos... Acho muito saudável e vejo com muita reserva isso aí.

9) Em que medida você acredita que o mercado afete a sua produção literária? No caso da literatura para crianças e jovens, essa influência assume características diferenciadas da produção adulta? Por quê?

M: Nenhuma, eu ignoro essa coisa de mercado porque eu sou movida só a emoção. Tanto que os meus livros fazem assim muito sucesso de mercado de venda, são edições sucessivas e isso nem me interessa, acho bom saber que está acontecendo isso, mas não corro atrás de espaço na imprensa de badalação. Isso não me influi em nada. Eu conheci vários escritores que produziam uma literatura encomendada. Nada me sensibiliza a não ser o momento político, a minha postura perante a comunidade, de disponibilidade, de capacidade de pegar o microfone e de fazer um discurso, propor idéias novas. Eu só escrevo movida à paixão, sou uma pessoa apaixonada, aquariana, sabe? (risos). Mas o meu compromisso é somente com a emoção. Não negocio, não tenho esse espírito pragmático. Eu escrevi *Bicho do Mato* quando era vereadora, porque a cidade estava começando um processo de surgimento de favelas... e aquilo deixava a comunidade muito assustada. A cidade (Uberlândia) dormia de um tamanho e amanhecia de outro. Assim, eu escrevi *Bicho do mato*, pressionada. Eu era vereadora e ficava impressionada de ver aqueles “guetos” populacionais pobres. Aquelas mulheres eram muito submissas e eu as encontrava machucadas, chorando, infelizes, doentes, abortando, é...muito fragilizadas. E aquilo me agredia pessoalmente...Como aquelas mulheres toleravam a grosseria, o desrespeito? O desacato que os companheiros faziam. E o tanto que elas trocavam de companheiros também...(risos). As meninas já muito cedo entrando na vida sexual e já grávidas. E aquilo me convocava para uma reflexão. Quero tanto que a mulher levante a cabeça. Não é pra disputar não, é só pra conquistar o espaço dela, não é?

J: Com certeza...

M: E aí eu escrevi *Bicho do Mato* pressionada pelo meu momento político que era o momento político de uma cidade que ia começar a crescer doente, equivocada, né? Mas não que fosse nada da moda e do mercado. É porque o meu discurso era pequeno demais pra acordar a minha câmara, o meu prefeito, os deputados...Então foi um livro bem engajado politicamente naquela época, mas ao escrevê-lo, eu joguei a ação para um certo passado. Não sei porque fiz isso. Podia ter dito: “É hoje mesmo!”, mas não, os meus personagens estão na zona rural e têm uma vida do século XIX. Total machismo. Menina nasceu pra obedecer, obedece ao pai, ao tio, ao irmão, ao padrinho, ao vizinho, enfim, todo mundo! Então foi isso, mas não foi nada com “marketing”, não! Não tem nada a ver.

10) E sua relação com o universo editorial, como é?

M: Editorial? Ah, eu sou super paparicada...(risos)...pelo mundo editorial, as editoras sempre comparecem, escrevem, telefonam. Manda um livro pra gente. Mas eu tenho dentro de mim uma fidelidade que é fora de moda. Eu conheci o velho José Olympio e tive grande admiração por ele, porque a editora José Olympio foi um ministério da cultura no Brasil durante décadas. Era ali que a direita e a esquerda produziam seus trabalhos, divulgavam, ele era muito liberal...muito moderno, bancava as edições e eu via tudo aquilo e tinha fascinação pela figura do José Olympio. Então quando o meu livro foi premiado em Brasília, eu recebi várias propostas de editoras, mas quando a José Olympio me telefonou, eu não acreditei, porque era muita novidade na minha vida. Aí eu falei se for mesmo a editora José Olympio, cadê o José Olympio? Eu quero ouvir dele esse convite. E aí eles disseram que o José não estava, mas que na hora que ele chegasse ele me telefonaria. Então não saí de casa e aí de tardezinha falei com uma voz rouca, cansada. Então eu fui ao Rio conhecê-lo. Eu tinha fascinação pelo José Olympio porque ele era uma pessoa importantíssima para o Brasil e eu me lembro que quando eu cheguei na frente da mesa dele ali...eu não consegui nem falar nada. (com emoção)

J: Nossa Martha! Você ficou emocionada!

M: É...

11) Por que escrever literatura infantil? Por que escrever literatura juvenil?

M: Eu não escrevo literatura infantil ou juvenil. É a crítica que fala que meus livros são infanto-juvenis. Eu escrevo para mim! Pra minha recreação, pro meu alívio, pro meu consolo! Pra minha leitura de mundo! Eu não sou criança mais. A crítica acha que os meus textos servem para crianças porque os meus personagens são crianças. E isso não faz da minha produção literária uma literatura somente para crianças, né? Estou pagando caro esse preço aí. Mas eu fico feliz que seja também.

12) Então você não acredita numa especificidade desse subgênero?

M: Não, primeiro porque eu não considero a literatura para criança um subgênero. É um gênero da maior importância, da maior seriedade que tem que ser levado assim a sério por todos os que se propõe a trabalhar com crianças. Por que? Porque o leitor pequeno, criança, jovem ou adolescente é muito seletivo, é muito inteligente, ele é muito interessado numa recreação que satisfaça. Então lidar com essa clientela é uma preocupação que todo escritor devia ter. De responsabilidade, não é subgênero, é gênero maior. Porque se quem não adquirir o hábito da leitura lendo textos prazerosos quando crianças, não será leitor quando for adulto. Então os produtores de literatura têm que fazer um vínculo, uma cumplicidade com o leitor de amanhã... dando a esse leitor quando pequeno a oportunidade de se emocionar com o texto que chega as suas mãos. É uma atividade muito séria. Respeito muito quem faz e não tenho nenhum respeito por quem faz bobagem pensando que está escrevendo para débil mental, né? E, sobretudo, o leitor brasileiro, brasileiro é produto de uma miscigenação de muitas etnias, né? Então, a nossa criança é muito inteligente, muito curiosa. Ela precisa ser vista com todo respeito numa oferta de lazer literário da melhor qualidade. Qualquer texto bem trabalhado, bem oferecido é um banquete espiritual pra qualquer leitor. Eu fico feliz demais quando a crítica indica o meu texto para crianças, eu só não gosto quando a crítica me insere apenas na categoria infanto-juvenil, porque não é verdade. O meu texto emocionou adulto também, né?

13) Diferentemente de muitos outros autores da literatura infanto-juvenil brasileira, que produzem “em série”, cada obra sua é lançada com um bom espaçamento temporal em relação à anterior. Você pode comentar esse aspecto?

M: Bom, tenho que ser muito compreendida porque eu vou fazer uma crítica.(risos). O seriado, a produção em série, ela significa uma porção de coisas: Primeiro uma preguiça

mental declarada do autor. Ele descobriu um filão, ele vai por ele, né? Pode ser que ele se dê bem, que ele produza trabalhos interessantes, mas o que pode acontecer e quase sempre acontece é que ele cai numa armadilha da mesmice. Porque ele dá sempre com o mesmo...um feito heróico, uma graça artística não é capaz de criar a segunda? Por que? Eu sou versátil. A vida assim me envolve várias vezes em rede e mares muito diferentes. Eu estou pronta pra qualquer experiência nova que vem. Não sou melhor que ninguém, mas desconfio de gente que fica “gigolando” a mesma idéia. É muito feio isso aí, né? Eu não, eu sou muito criativa e convivo com gente muito inteligente que suscita muito debate, muita polêmica nova. Cada dia é um dia e é por isso que a minha literatura é assim, bem diversificada. Eu só sei fazer assim!

14) Quando fazemos um trabalho que nos liga diretamente ao público, esperamos um retorno. Sendo escritora de literatura infantil, é possível ter essa resposta?

M: Eu, então sou muito diferente de quem você conhece, porque eu não escrevo pra público nenhum e nem espero retorno nenhum. Quando há um retorno de compreensão, de apoio, de aplauso, isso sempre me surpreende prazerosamente. Eu escrevo para mim. Quando o que eu escrevo vira livro, já foi um grande ganho, um presente que eu ganhei. E quando esse livro traz aliados, cúmplices novos, gente que gostou de tudo... eu fico tão feliz e tão recompensada... por um momento que era só meu (...) Eu nunca escrevo livro, né? Eu escrevo texto e nunca sei onde vai parar, se vai pro fogo, se vai pro lixo, se eu vou continuar, né? Eu deixo assim. Pago pra ver o que vira. Então quando vira, bem-vindo! Mas não que eu seja obstinadamente uma escritora que vai fazer um livro que vai dar certo. Não! Eu fico feliz quando dá. Mas não vou lutar para que isso aconteça. Sabe? De jeito nenhum. Tem acontecido, né? É bom! Mas não que eu trabalhe por isso. Eu deixo assim ao sabor da humanidade.

15) O que levou você a escrever Era uma vez um rio, após um longo “silêncio”, de quinze anos sem publicar?

M: Foi mesmo. Não, é a vida que leva a gente, né? Eu tive outras prioridades. Eu tinha uma convocação política na minha região, na minha cidade e eu fui atender a esse chamado. Eu era militante de uma categoria muito sofrida, que é professor de escola pública e eu tenho a fala fácil, era companheira nas greves, na organização do movimento sindical isso, é claro, que ia

desaguar em águas muito profundas da militância político-partidária e eu fui ser vereadora e me joguei inteira nisso aí. Foram 10 anos, dois mandatos de vereadora, lutando contra uma sociedade preconceituosa e de direita que é o da minha cidade. Eu conheço a maioria da população, estou inserida, sou filha, produto disso aí. Mas o meu sentido político é diferente, o meu fazer político é diferente. Então, eu deixei em segundo plano isso aí, porque eu precisava todo dia produzir vários discursos para dizê-los na tribuna, para dar entrevista, para falar em outros ambientes, outros plenários, então a literatura ficou pra um dia. Pra depois...não tinha pressa nenhuma. E quando eu perdi a eleição, dez anos depois (isso aconteceu junto com um momento terrível da minha vida que foi a morte do meu marido, amado, querido) o que eu pensei...a minha aposentadoria. A delegacia de ensino me chamou e disse que eu teria que sair e deixar o lugar para outro. Disseram que eu já tinha ultrapassado um ano e onze meses do que eu deveria. Então eu me senti aposentada assim, de repente, e isso foi um tapete que me puxaram...pois eu fui sempre uma professora apaixonada, interessada na minha sala de aula e 31 anos não me cansaram. Tanto que afora 14 anos depois da minha aposentadoria eu sou muito mais professora do que eu fui a vida inteira. E hoje é uma doação total, e é de graça mesmo recebendo e é trocando e é divulgando e incentivando a meninada a ler. A minha sala de aula hoje é em céu aberto na minha fazenda, maravilha! Eu conto histórias nas praças da minha cidade, em abrigos de idosos, de crianças, em creches, em qualquer lugar. Virou pra mim espaço de atuação. E é uma atuação política, é uma atuação literária também, né?

J: Mudou só o ambiente?

M: É, eu não tenho que dar provas, bombas, nada!!!(risos)

16) A maioria de seus livros possui uma temática comum, isto é, apresenta o ambiente rural como pano de fundo para suas histórias. Para escrevê-los você tomou como referência a sua própria infância?

M: Não, a minha vida familiar foi assim: eu sou neta de fazendeiro, filha de fazendeiro, viúva de fazendeiro, mãe de fazendeiro e eu mesma sou produtora rural. Eu moro na fazenda porque eu optei por isso. As minhas raízes estão lá. É lá que eu gosto de ficar, que eu gosto de morar,

que eu gosto de trabalhar. Eu me sinto bem assim, me sinto calma, inteligente, as idéias vêm. Tudo na fazenda pra mim é uma festa, um presente. Então, isso são as minhas origens, o meu DNA tem no meio a roça. Eu sou uma roceira assumida e que eu procuro a cada dia mais me identificar com a minha realidade, com aquela gente que está lá, sofrida, esquecida, humilhada, tão abandonada que eu circulo entre eles com muita facilidade...sou amiga deles, a gente tem um bom relacionamento de vizinhança, de prestar serviço um ao outro. Acho muito bom! O cerrado todo dia é uma descoberta, uma festa!

17) O livro *Era uma vez um rio* revela uma linguagem extremamente poética. Que relação você mantém com a linguagem, o estilo?

M: Bom, todo mundo é poeta, né? Todo mundo é cantor, todo mundo é compositor. Mas eu não sou poeta não. Eu invejo profundamente quem é capaz de fazer verso. Mas na verdade, apesar de eu ser uma guerrilheira urbana (risos), uma comunista brava (risos), reivindicante assumida, respeitada até como tal. Mas quando eu me afasto de tudo para escrever realmente tem uma outra Martha que é meiga, delicada, introspectiva e às vezes triste. Então essa Martha convive comigo, mas bem quietinha. Ela vem à tona quando eu escrevo. É por isso que eu choro demais quando eu escrevo. Meu processo é sofrido, por isso que eu escrevo pouco. Eu gostaria de escrever mais. O momento em que eu escrevi o *Era uma vez um rio* era um momento de agudíssima crise de depressão. Eu imaginei que tudo que me interessava tinha acabado. Nada mais me interessava. Então conviver com o cerrado, com o rio que também estão acabando foi uma identificação minha com o meio ambiente e eu considero este trabalho aí de salvação. Me ajudou muito porque constatar que os rios quando caem nas cachoeiras se desaceleram, se acabam, eles urram de desespero e dor porque as águas se desmancham na queda foi chegar a reflexão do meu momento naquela hora. A minha vida era um rio que estava caindo na cachoeira e ao me lembrar das cachoeiras eu vi nitidamente as cachoeiras enquanto é hora de luz solar. Elas emitem um feixe de luz na forma de um arco-íris. Uma gota d'água se transforma no arco-íris. E me lembrar daquilo e da beleza do arco-íris... o tanto que ele seduz as pessoas, desperta reflexão, raciocínio, coragem. O arco-íris é sempre encorajador porque você nunca tem como ultrapassá-lo. Ele é desafiado. E isso me fez pensar que eu estava vivendo o momento da cachoeira. O momento da queda, esse arco-íris que o rio lança era o livro que eu estava escrevendo. Eu senti com toda convicção que este

texto podia ser um bálsamo, não só para mim, mas para todas as pessoas que pudessem ter acesso a ele se ele virasse um livro. E foi preciso escrever este livro até o fim para descobrir que eu tinha escrito esse livro para me salvar daquela tristeza profunda que me dominava. Depois de *Era uma vez um rio* eu me senti mais animada, mais responsável por tudo, pela minha família, minha fazenda, minha cidade. Então, ter tido a coragem de produzir esse trabalho sem saber geografia e sem me preocupar com isso, embora isso não tenha sido muito importante porque o meu personagem era um menino e não sabia nada sobre geografia, mas ele amava o rio, eu descobri que o ingrediente mais importante da vida é essa dose de amor. Não importa se a gente ama um rio, não importa se a gente ama uma pessoa, a humanidade, o futuro... Mas tem que ter esse componente...Então, eu acho que foi um presente que eu recebi nem sei de quem, a coragem de produzir esse texto. E ele é poético, eu sinto. Eu não sou poeta, mas ele é de uma doçura narrativa que me surpreende porque eu sou uma mulher crescida que vou para imprensa, faço discurso... e aí eu paro para escrever e tenho essa coisa bonita. Mas eu tenho que dizer que eu demorei meses a admitir que eu tinha escrito este livro. Havia uma dúvida na minha cabeça que eu não tinha competência para fazer isso e como é que eu fiz? E tem aquela história do “menino” que estava sempre perto de mim e aquele que não estava. Era uma loucura da minha cabeça, mas que me convocava “vamos, vamos” e eu acho que foi importante aquele comando... era só um menino e eu fui. Vamos para onde? “Vamos para a produção”. *Bruxa de Pano* também foi a mesma surpresa, depois de escrito, publicado, eu releio e me pergunto onde tudo isso estava guardado. É uma doçura de narrativa. A gente tem momentos de agressividade, rebeldia, mas as pessoas foram feitas para serem doces, para amenizar o convívio.

18) Há alguma obra que misture poesia e prosa, seja na literatura nacional, seja na estrangeira, que tenha marcado especialmente você?

M: Não, assim não, porque eu sou intuitiva, apesar de eu ter uma graduação universitária, de ter cursado Letras e posteriormente Artes Plásticas, não me sinto influenciada pela moda de agora, como “fulano” escreve, até porque não adianta eu ficar querendo copiar, ia ficar muito feio, eu nessa idade, ficar “macaqueando” os outros (risos). Mas cada um tem o seu jeito de escrever...o meu obedece a um processo de depuração que vem depois que o meu texto está pronto, eu tenho dificuldade de colocar o ponto final. Porque eu volto, corrijo, volto e refaço. Já cheguei a refazer onze vezes o mesmo trabalho e é exaustivo porque eu tenho uma

responsabilidade muito grande com o meu trabalho. E então isso é bem cansativo. Mas se é uma linguagem poética, uma prosa poética...mas eu nem sei fazer poema, poesia.

J: E quando você escreve, qual é o seu ritmo? Você escreve todo dia, ou só a noite, ou você se dedica uma semana ou um mês?

M: Eu sou a pessoa mais desorganizada do planeta Terra (risos). Primeiro porque eu não consigo escrever todo dia porque eu paro para fazer bolo, fazer visitas, pagar contas, “campear” o meu gado. E eu não posso, até porque me cansa se eu pensar que eu tenho uma obrigação. Então, quando eu estou escrevendo alguma coisa é porque já derramou o meu cálice (risos). Porque eu me recuso a escrever, não quero, não sei, até que um dia a idéia daquilo está tão pronta, tão madura... até que eu escrevo para ficar livre daquele transtorno mental que me ocupa o tempo todo. Mas eu escrevo quando eu estou com vontade. Às vezes eu passo a noite inteira escrevendo e nada acontece. Mas eu não estabeleço prazo para mim, se eu marcar como tarefa produzir textos... aí é uma bobagem...As vezes eu escrevo tudo de uma só vez e as vezes eu não escrevo nada. E quando eu parar de produzir eu vou ver isso com naturalidade. Eu parei para ser vereadora e isso levou muitos anos. Eu não produzia nada... Isso me perturbou!

19) *Era uma vez um rio* apóia-se em alguma experiência concreta sua ou de alguém que conheça? Ou é pura ficção?

M: Ficção é Harry Potter, menino que voa, vassoura que não sei o que...é interessante, pode ser bonito mas é completamente fantasioso. O que decide para mim a tarefa de escrever é que eu sou uma mulher de esquerda, eu não quero que o Brasil fique pior depois que eu tiver passado. Eu quero dar a minha contribuição para que alguma coisa melhore. Então, os meus personagens, os meus temas são da vivência, do cotidiano. *Veludinho*, eu escrevi porque houve um momento em que todos os meus filhos que matavam passarinho pararam de matar. Foi um grande salto de maturidade. E isso teve um motivo. O que foi que provocou esse terremoto que alterou a vida de 17 meninos ao mesmo tempo num mesmo quarteirão? Eu tinha que ligar tudo nesta questão, pois eles tinham a convivência dos pais. Então quando eles decidem não matar mais e soltam os passarinhos das gaiolas, tinha que ter tido um motivo muito forte. E eu fui tentar entender esse motivo e acabei escrevendo este livro. Anos depois,

o meu sobrinho que morava num quintal grande mudou-se para um apartamento bonito, confortável. Meu sobrinho tinha 3 anos, mas tudo o que ele queria na vida era um quintal com terra para brincar com minhoca tartaruga, cachorrinho e tal. E o universo de infelicidade dele se resumia em estar confinado num apartamento. Esse sofrimento de uma criança é o mesmo sofrimento de um adulto que está preso, ou que está equivocado com a sua profissão, que está infeliz no casamento. Tudo o que oprime a humanidade tem que ser selecionado. No caso dessa criança, meu sobrinho, encontrando a janela aberta... ele foi. Mas ele não queria suicidar, ele nem sabia o que era isso. Ele queria encontrar um amigo que estava no sudoeste (risos). Isso aconteceu de verdade. Não tem nada de invenção minha. E eu escrevi. Quando eu vi mulheres oprimidas nas favelas da minha cidade na década de 80, isso me agrediu profundamente... eu vereadora, professora, casada, mãe de família, eu com meu carro na porta e aquelas mulheres com nada, tomando pancada de homem bêbado. Eu escrevi *Bicho do Mato*, claro. Então é a vida que me leva para alguma coisa. O meu rio onde eu aprendi a nadar, onde o meu primo morreu afogado, o meu colega morreu afogado. E o meu rio não mata mais ninguém afogado porque ele não molha nem a canela da gente hoje. Ele está morrendo e eu me sinto responsável porque como agricultora eu joga veneno na lavoura e esse veneno mata o peixe, mata o passarinho e certamente está matando o meu rio. Eu sou uma predadora do meu ambiente e eu fico num conflito louco. A cachoeira que eu tinha do Canal São Simão ficou submersa numa barragem hidrelétrica. O meu rio estava secando, morrendo. E o que eu podia fazer? Nada? Nada eu não aceito. Eu posso fazer alguma coisa. Eu posso trazer de dentro de mim um menino que se compromete com o rio. E que vai se preparar para ajudar o rio se um dia ele precisar. Aí eu escrevi o *Era uma vez um rio*. E as coisas vão acontecendo.... *Você já viu gata parir?* é uma conversinha de primas que eu achei bonitinha, assim jocoso, interessante onde duas meninas uma de 7 e outra de 5 anos conversam sobre o parto normal da gatinha...É a vida...sou cronista do cotidiano. Acho o cotidiano lindo, relato de experiências. Agora todos os meus personagens não se reconhecem no meu texto. As pessoas que foram para mim motivo de dedicação para produzir um texto não se identificam e não gostam de estarem sendo retratadas ali. Elas acham que não foi bem assim. Mas eu só lido com o cotidiano.

20) Do ponto de vista pessoal da maioria dos alunos participantes do projeto “De mãos dadas: leitura e produção de textos no Ensino Fundamental”, o livro *Era uma vez um rio* é muito fantasioso. A que você atribui essa impressão de leitura?

M: Olha, eu não conheço Ourinhos, não sei que crianças são essas, não conheço aquela realidade, não sei qual rio que passa lá perto. Bom, se o professor propõe um texto para leitura e ele não fornece subsídio que é necessário e não leva o menino para conhecer o rio da sua cidade, se ele não propõe um encontro com esse rio, uma reflexão sobre isso...fica difícil. Jogar isso numa sociedade brasileira altamente consumista que quer tudo pronto e já, bem bonito, bem feito...refletir dá uma preguiça louca. O menino não quer saber porque se ele for lá tomar conhecimento ele tem que se comprometer com aquilo, ele tem que se filiar com aquela luta, com aquela bandeira e se ele não for, ele não sabe e não tem nada a ver com isso. Então deve ter sido uma proposta equivocada que gerou uma opinião dessa. O Brasil inteiro que está lendo o *Era uma vez um rio* propõe tarefas que devem ser executadas de auxílio a nascentes, mananciais, rios, cabeceiras, lagos. Eu não entendo isso aí e eu lamento profundamente porque isso significa que eles leram e não gostaram porque leram mal ou porque eles não gostaram mesmo.

J: Ou talvez a abordagem não tenha sido correta, pois o livro estava inserido numa grade, então, além do *Era uma vez um rio*, os alunos leram um conjunto de outros livros e outros autores.

M: Eram estudantes de que idade?

J: Da 5^o série entre 11 e 12 anos.

M: Da idade do personagem Guto, né?

J: Pois é, houve uma identificação. Por exemplo, os meninos se identificaram com o futebol, com a vontade de estudar. Mas o que foi bastante questionado foi o fato do menino conversar com o rio, dele ser muito sensível a ponto de conversar com um rio.

M: Mas esse Gutinho é um menino especial, porque ele é um bom filho, um bom irmão, um bom amigo. Ele auxilia nas tarefas de casa, ele é o filho mais velho. Ele está próximo do avô, da avó, da tia. A vida dele é uma vida da porta de casa para dentro. Uma vida familiar. Qual é o lazer desse menino? Esse é um livro de 1960. Eu não escrevi um livro de agora, de menino na internet e mulher pelada. É um menino da década de 60 quando Yuri Gagarin viu pela

primeira vez a Terra e disse que ela era azul. Esse foi um momento muito importante para a humanidade. Então esse menino que varre o terreiro, que coleciona lápis, bolinha de gude se for jogado para o menino do ano 2000 ele fica assim até meio gay, fruta, né? (risos). Esquisito, não! Você tem que trabalhar como uma história de época. Vamos pegar o professor de ciências, de história, geografia e trabalhar todo mundo junto. O livro é multidisciplinar. Se a gente não souber quem foi Yuri Gagarin e a importância que teve a descoberta de que a Terra era azul...e que isso foi o que desencadeou todas as campanhas ambientalistas. Agora..será que Ourinhos possui famílias organizadas? Será que estes meninos têm pai, mãe, avó, tia...esse referencial? Uma família inteira....uma avó rezadeira? Então a organização da família, tudo isso deveria ter sido discutido porque é um retrato do Brasil e é uma pena que o Brasil esteja caminhando no sentido contrário. Em *Era uma vez um rio* fala-se do cerrado. Como é a vegetação lá em Ourinhos? O que se tem de nativo e o que está em extinção? A fauna, a flora.... Era uma discussão tão boa que o que menos importa é saber quem é o Gutinho. Falar com o rio não tinha importância nenhuma. O rio para ele era personificado, era confidente dele! Ao invés de se ligar em idéias faraônicas de super-heróis, de bobagens, ele se ligou ao rio, se comprometeu com o rio. Tem muito Gutinho por aí, não a maioria porque a maioria é indiferente. A partir da década de 60, as questões ambientalistas se corporificaram. Então o salto que a humanidade deu da década de 60 para cá foi gigantesco.

21) Seu primeiro livro *Veludinho* teve uma significativa repercussão literária e foi ganhador de alguns prêmios. Você esperava que seu primeiro livro fosse tão reconhecido?

M: Olha, eu não escrevi um livro, foram anotações minhas. Eu não tive tempo nem bagagem de conhecimento para transformar aquelas informações mal alinhavadas em livro. Eu não saberia fazer *Veludinho* se alguém tivesse cobrado isso. E eu escrevi sem preocupação com nada e esse livro foi parar num concurso literário, ganhou prêmios e eu não pude mais ter acesso nem para modificar os nomes dos personagens. Ficou a minha família inteira revelada aí. Eles ficaram todos para sempre lá. Eu nunca imaginei sucesso. *Veludinho* entrou para a 1ª edição condenado pelo dono da editora. Eu fui leitora de Monteiro Lobato e do *Tesouro da Juventude* a vida inteira. Mas eu não sabia há quantas andava o mercado editorial e eu não pude participar de nada daquilo. Mas eu não escrevi preocupada, porque se eu tiver a preocupação de escrever um “Best-seller” eu não escrevo. Não navego nessa correnteza. Eu

escrevo para o meu prazer, para o meu consolo e depois o que acontecer, aconteceu. E tenho tido a felicidade de ver que meus livros têm sido úteis para alguém, em algum momento e fico contente porque quando você é útil para seu tempo...isso é um prêmio. O *Veludinho* foi escrito num caderno, imagina? Eu fui juntando...Este livro tem um detalhe que me instiga até hoje depois de 25 anos publicado. As crianças lêem, não se detém no começo do livro quando eu digo “Não deu para salvar o Veludinho”, eles saltam isso aí, não absorvem essa informação e ficam torcendo até o fim para o passarinho se salvar. E a resposta já estava lá e a capa conta tudo. A capa é um menino com a espingarda com uma carinha aborrecida e com um passarinho de pena para o ar que já estava morto.

22) Martha, você iniciou o projeto “Cerrado e Letras”, no qual seus leitores têm a oportunidade de conhecer o seu sítio e ao mesmo tempo ter contato direto com você. Como funciona este seu projeto? E como você se sente diante dessa integração entre escritor e leitor?

M: Bom, isso é uma proposta minha, faz 4 anos que eu me pus a serviço dessa idéia. Eu abri a porta da minha casa. Abrindo o meu coração para esses meninos eu poderia tê-los comigo no meu ambiente. A idéia é boa, mas é uma idéia cara para as escolas porque elas têm que viabilizar os ônibus. É um jogo aberto, limpo, quem quiser se encontrar comigo tem que ter lido um livro meu porque eu não vou abrir minha fazenda, perder o meu tempo com gente que vai para a Disneylândia, ali mesmo na fazenda da Martha. Então a minha fazenda tem piscina, mas eles não vão nadar, tem cavalos, mas eles não vão andar, eles vão para lá para um encontro literário. É um dia de campo, de incentivo a leitura, eles já leram, são seis títulos, então a escola decide quais livros eles lerão e eu recebo as mesmas séries ou 5º, 6º, 7º ou 8º, mas eles devem ter lido o meu livro, eles têm que saber, porque eu faço uma sabatina lá! Pra muitos deles é um dia de matar aula e de passear numa fazenda. Mas é preciso juntar todo mundo num mesmo espírito de produção de texto. Os meninos das escolas brasileiras até a 8º série não sabem ler, eles mastigam a leitura em voz alta, é uma tragédia, um horror porque eles gaguejam, param, fungam, repetem palavras e quando acabam de ler não sabem o que leram. Então comigo na fazenda eles chegam, colocam o questionário e eu respondo as perguntas (esse é o primeiro momento). Eles ficam assustados porque eu sou uma pessoa que está viva e isso é um choque para a meninada. Então, passado este primeiro momento, eu vou ler para eles ou eles mesmos lêem. É uma leitura dura, gaguejada, repetida, sem graça... e aí

eu vou ler para eles. E “fotografando” a história, vou colocando pausa e discutindo a pontuação e a própria emoção do texto. E aí nós fazemos um ditado para ver quem sabe escrever (um trecho de qualquer livro meu) e nós vamos brincando de fazer um ditado a céu aberto. 120 meninos numa aula de português que ninguém reclamou, aprendendo a respirar, a ler e a escrever comigo. Então, peço para eles escreverem e fazer uns 5 minutinhos de silêncio. Aí quando eles acabam, eles se levantam e pegam um prendedor de roupa e penduram seus textos num varal. Aí eu tenho 100 papéis de produção e alguns deles lêem. E aí eu vou ler o meu e aí a gente vai comer, vai lancha. Depois eu mostro troncos, folhas e eu vou falando algumas características do cerrado e depois nós saímos para eles conhecerem o cerrado. E eles nem vêm a hora passar. Ah, e eu tenho algumas exigências: calça comprida, sapato fechado e professor de português, ciências e geografia. Eu atendo com o maior prazer e lamento que outros escritores não façam a mesma coisa. Tem que abrir a casa, até para a criança saber que escritor não é nenhum mito, nenhum superdotado, é uma pessoa comum que está pertinho de mim e eu posso conviver com ela, ser amigo dela e ela está disponível. Acho isso muito bom porque desmancha essa idéia errada de que o escritor está num pedestal. Eu conheci um escritor, o Monteiro Lobato, e eu achava que ele era tão feio e eu tinha medo dele. Ele fazia a campanha do petróleo e para mim nunca deu certo pensar que era aquela pessoa com sobrelha de taturana, aquele homem nervoso, magrinho tinha escrito *Narizinho*, *Sítio do Pica-pau*. Não podia ser aquela pessoa. Mas eu vi Monteiro Lobato passando por Uberlândia, divulgando suas idéias. Ele era uma pessoa de esquerda como o meu pai. Foi o único escritor que eu conheci quando era menina e foi importante saber que o Monteiro Lobato era de carne e osso, que ele era feio, era esquisito...estava sempre com pressa.

23) E sobre o teatro? Como foi ver a história do seu livro sendo encenada para 36.000 crianças?

M: *Era uma vez um rio* foi um grande desafio para mim e para minha filha Lavínia que adaptou para a cidade de Uberlândia, pois era um grande desafio levar 36.000 crianças ao teatro. Eu tive apoio financeiro para fretar essas 36.000 crianças durante 3 meses. Nem todos os estudantes que foram ao teatro haviam lido o livro antes, mas as escolas receberam. E de cada 10 meninos que entravam ali, nós tínhamos a impressão que 7 ou 8 nunca tinham estado numa sala de teatro. E os meninos de Uberlândia, da zona rural, da periferia urbana, do colégio particular, criança rica, criança carente, criança doente do hospital do câncer, da

APAE, todos tiveram a oportunidade de estar lá e compartilhar daquela festa linda. O ministério da cultura exigiu uma contrapartida e era uma continuação dessa discussão na sala de aula e as escolas tiveram que fazer desde o dia em que assistiram a peça até 5 de Junho um movimento permanente de conscientização ambiental que virou depois um relatório confirmado por amostragem dos trabalhos que os alunos fizeram. Eles fizeram coleta seletiva no pátio, na rua, no quarteirão, na escola, convidaram os funcionários do IBAMA, do Instituto Estadual de Florestas, da Secretaria do Meio Ambiente para ir às escolas. E o cerrado foi amplamente divulgado, discutido e fotografado. Se o nosso rio Uberabinha que nasce em Uberaba e passa sinuosamente por Uberlândia secar, a culpa será exclusivamente nossa. E nós achamos que o vetor melhor de consolidar esse respeito pelo rio, seria trazer essas crianças e transformá-las em vetor de conscientização. Daí a idéia de se oferecer esse espetáculo gigantesco, essa temporada enorme de 100 espetáculos para um público de 400 meninos por vez. Foi entrada franca. Ele ganhava o transporte e ainda não pagava nada. É só nisso que a gente acredita, numa educação de massa. E é claro que uma experiência desse tamanho deixa um gosto de quero mais. Então foi por isso que o grupo de patrocinadores, o Grupo Martins, sugeriu que nós fizéssemos sobre o *Veludinho*. E nós sugerimos a Lavínia que fizesse a roteirização e a adaptação de *Veludinho* e ela fez e nós estamos já autorizados a captar recursos. (...) E eu acho essa idéia do teatro muito boa porque você polemiza rapidamente o seu interlocutor que fica pronto para entrar nessa discussão, porque todo mundo viu e pelos olhos e depoimento do filho, o pai e a mãe também viram e o avô e avó e o vizinho também viu. E isso deu muita visibilidade para o livro que cresceu duas edições depois dessa peça. Então foi um ano bastante feliz em que eu consegui ver um livro meu transformado em uma outra linguagem com bastante êxito e provocando muita alegria nessas milhares de crianças e deixando uma marca muito boa nessa cidade, porque desta iniciativa surgiram desdobramentos impensados. Nós tivemos produções de outros livros, de produção de legislação ambiental da zona rural, formação de grupos de corais que só cantam músicas folclóricas em homenagem ao cerrado e foi um despertar coletivo para essa questão. E tem um momento em que as comunidades estão maduras para uma idéia arrojada. E acho que este momento foi esse do *Era uma vez um rio* e ele te trouxe aqui, né Jaqueline?

J: É verdade....e eu vim de tão longe! (risos)

M: É um dos milagres da multiplicação dos pães da cultura. (risos) Seja bem vinda!

J: Obrigada...e eu estou sendo muito bem recebida! (risos)

24) No conjunto de sua produção, qual livro foi mais marcante para você?

M: *Veludinho* eu não escrevi, foi acontecendo e eu fui anotando. Não parei para escrever um livro. *Era uma vez, um rio* eu levei 10 anos tentando criar coragem para escrever. Demorou muito e me chegou num momento em que eu estava muito mal emocionalmente e acabou me fazendo muito bem. *Bruxa de Pano* acordou lembranças mortas, mas não sepultadas. Mas o meu livro mais maduro, mais polêmico, mais politizante é *Bicho do Mato* que tem uma linguagem rural, regionalista e as professoras “correm léguas” desse livro porque ele é fora da norma culta. Mas é também uma leitura do Brasil, um Brasil machista, inconveniente que a gente tem que superar o mais rápido possível. A sociedade brasileira tem que dar espaço adiante...de considerar a mulher como uma companheira de trajetória. *Bicho do Mato* é o livro mais intencional que eu tenho. Ele traz um recado, um protesto.

25) Tem alguma obra nova sendo preparada?

M: Então, eu escrevi um texto muito bom que se chama *Diário dos Desatinos* e num assalto na minha fazenda os ladrões levaram o computador com o livro que estava inteiro lá dentro e eu não pude tirar, copiar, nada. Lamento profundamente porque eu não estou conseguindo reescrever este texto. Mas não vou dar o caso por encerrado, vou continuar tentando. No momento estou escrevendo um texto que vou chamar de *Biografia de Bichos* ou *Bio Bichografias*, ainda não sei quando eu vou terminar, mas tomara que eu termine logo!

26) Você tem lido bastante? O que? Tem escritor ou escritora preferida na literatura contemporânea, tanto estrangeira, nacional, adulta ou infanto-juvenil?

M: Olha, os meus escritores preferidos não são muitos não. Mas eu gosto muito de ler Gabriel Garcia Marques. Eu acho um monumento de escritor, fantástico! Um livro que eu gostaria de ter escrito era *Cem anos de solidão* (risos). Eu me sentiria muito feliz se eu tivesse sido autora desse livro. E eu leio desordenadamente 3 livros de cada vez. Tem livro na cozinha, na sala, por todo lado. E brasileiros eu gosto muito de ler (Nélida Pinhon), Alfonso Comandó de Santana, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Coelho Neto. De vez em quando releio

Monteiro Lobato para criança e para adulto. Nós produtores de livros que são bons para crianças temos que manter um espaço de honra para Monteiro Lobato que foi muito importante. Mas eu leio todo mundo com curiosidade, João Ubaldo, muito inteligente, divertido. Vou lendo assim aqui e ali porque não tenho muito tempo com essa visita das escolas. Isso toma bastante o meu tempo e eu quero acompanhar a TV Senado, a CPI, aquela coisa toda que me interessa muito, mas não tenho lido tanto quanto eu desejava. Mas sempre que posso eu leio Chico Buarque, escritor maravilhoso que está aí.

27) Pra você, qual é o papel da literatura hoje?

M: Olha, eu não tenho medo de que o objeto livro desapareça. A competição com a internet é uma competição que nós já perdemos mesmo. A criança e o adulto ficam horas e horas ali. É muito convidativa a facilidade da internet, aquela diversidade, a rapidez, a irresponsabilidade porque você vai lá escreve e escreve e depois deleta tudo. Isso é um fator de complicação para nós porque ao abandonar a leitura, a criança opta por um código lingüístico novo, ele inventou a língua dele porque a língua portuguesa ele não domina, mas essa linguagem truncada, esquisita da internet todo mundo aprendeu rapidinho. Acabaram os analfabetos porque todo mundo sabe escrever daquele jeito. Mas eu não fico ansiosa não, porque um dia todo mundo vai precisar dizer alguma coisa, se defender, se apresentar, aí vai ter que usar a palavra bem usada. Mais que vai haver uma desaceleração do processo de aculturação, vai. A internet veio para embolar o meio de campo mesmo. É o efeito da globalização. Mas eu tenho certeza que por trás de qualquer veículo de comunicação, sempre existirá um texto que vai balizar o conhecimento, que vai abrir a porta do entendimento, e este texto é o texto escrito. Nós usamos um código lingüístico complicado, que é a língua Portuguesa, que tem uma regra e duzentas exceções (...) Mas eu acredito firmemente que o texto escrito sobreviverá sim, porque ele é a base de tudo. Não existe televisão sem texto escrito, não existe cinema, rádio, não existe política, não existe ciência. Agora, os muito bons é que vão usar esse código, porque os meninos vão para escola entediados, cansados, mal dormidos e acham a escola enfadonha. Disso eu tenho medo! Medo de que eles depreciem a importância da escola. Aí eles vão sofrer uma desaceleração no seu processo pessoal. Mas o texto escrito vai sobreviver e as pessoas vão buscar um refúgio de tranquilidade, de refrigério, numa leitura silenciosa, vão buscar sua identidade num documento escrito. E a literatura é um canal muito bom para você discutir o que é sério, o que é verdadeiro e o que é importante. Acredito que o nosso

trabalho vai sobreviver íntegro e o espírito humano vai produzir cada vez mais, até porque a competição da oferta de mão-de-obra é tão grande que cada vez mais as sociedades sofisticadas vão reduzir mais as horas de trabalho e vai sobrar mais tempo para o lazer. E você pode passar um dia na internet, dois, dez, um mês... Mas você não passa a vida inteira porque aquilo te arreventa a coluna, te deixa meio imbecil. Há um momento em que o espírito humano se sofisticava e quer alguma coisa a mais. E eu acho que a literatura sempre será uma possibilidade de escape para humanidade. Muito boa, aliás. Creio firmemente nisso.

28) O que você está achando de ser o objeto central da minha pesquisa de iniciação científica e futuramente pós-graduação? Já passou por experiência parecida?

M: Não, nem sabia que em algum lugar do Brasil alguém estava se debruçando sobre isso aí. Para mim é uma honra e uma boa surpresa. São 3 pessoas agora que me encontraram, porque eu sou meio escondida...(risos). E eu fico super feliz que isso tenha acontecido. E quero mandar os parabéns para a sua unidade, a sua universidade por propor trabalhos assim e ao CNPq por ser sensível a isso e endossar essa idéia. E tomara que mais pessoas saibam que é possível mergulhar numa produção científica assim com gente que está viva. Eu imagino que para você seja até prazeroso, não sei. Mas quando eu analiso que você veio de uma viagem longa, comprometendo suas férias para esse tipo de complementação de trabalho...Eu só tenho que te receber muito bem e dizer para você que conte isso para os outros porque assim como eu estou disponível todos escritores brasileiros tem que estar também. Vejo isso com bons olhos, a gente é tudo uma corrente só, cada um é um elo. Mas eu acho muito interessante.

J: E é enriquecedor tanto para o leitor como para o escritor. Imagine eu como leitora isso está sendo inédito na minha vida. Eu estou tendo contato com você, estou na sua casa, conhecendo sua família. Então qualquer contato com a sua obra vai ter uma outra perspectiva para mim.

M: E você viu o tanto que eu sou falante? (risos) Mas eu fico feliz em saber que o mercado editorial está aberto para o nosso assunto. O Brasil tem muita responsabilidade na América do Sul, enfim, na nação toda. E não há uma oferta de muita qualidade para nossas crianças. A novela deseduca muitas vezes, a música também agride um pouco, a internet deseduca demais, aparta as crianças, cria um silêncio entre as pessoas. Cada um fica mergulhado no seu mundinho. Mas a leitura vai te acompanhar sempre. Você sempre vai lembrar de alguma coisa

que aconteceu, que você viu em algum lugar...Então é isso que constrói a humanidade, é a experiência multiplicada. E como é que ela vai cair na alma de cada um não se sabe. (...) Eu gostaria de ser uma escritora mais atenta, mais produtiva. Eu quero, mas é daqui a pouco! Agora tem outra coisa para fazer. E aí quando eu começo, eu vou fundo na questão, mergulho completamente. E eu só queria te dizer que depois que o meu trabalho está pronto eu vou “depurar” esse trabalho, quero “faxinar” os meus textos. Eu não quero que o meu texto tenha nenhum momento de pedantismo, de sofisticação, de uma construção estranha da frase, de um pensamento que possa não ter ocorrido ao personagem, ver uma criança como se fosse um adulto, colocar o meu pensamento para que aquele personagem diga. Então eu tenho buscado com todo empenho fazer a frase cada vez mais curta. Eu só acredito na frase curta. É preciso “depilar”, tirar tudo quanto é acessório, tirar toda palavra que é do dicionário... Eu preciso ler em voz alta várias vezes o que eu escrevi até que eu consiga fazer as trocas, palavras rebuscadas, não quero, palavras antigas, quero. Amo o discurso indireto.

29) É provável que essa entrevista venha a ser lida por especialistas em literatura infanto-juvenil, professores, e mesmo alunos de ensino fundamental e médio. Há algo especial que você gostaria de dizer a esses leitores? Gostaria de dar depoimento sobre algum outro tópico não contemplado pelas questões anteriores?

M: Eu gostaria de dizer a esses ilustres integrantes de banca de mestrado, doutorado...que eles não rotulassem o escritor de livro infantil ou juvenil. Isso é um equívoco enorme. Nós somos escritores e ponto. E criança gosta de ler livro da gente e ponto. A mim me incomoda quando me chamam de escritora infanto-juvenil. Eu não sou. Eu nem sou uma escritora (risos). Mas eu acho que fica muito limitado e acho ainda que apesar de ser uma atividade da maior importância, eu vejo assim a produção de literatura para crianças e esse título prejudica. Agora vai um “puxão de orelha” para aqueles que viram escritores de repente e escrevem qualquer historinha... de ursinho imbecil e põe uma ilustração bem interessante e uma capa bem produzida e sai vendendo bobagem por aí. Eu acho isso um desrespeito porque a criança tem direito a ter acesso ao que há de melhor. E a criança precisa ser alimentada de comidinha de sal, comidinha doce e de histórias. As histórias fazem um bem enorme para a alma das crianças. Elas crescem forte, elas têm idéias fortes. E por favor, gente, deixem as crianças falarem, porque a criança não tem mais hora para falar, não é? Olha, obrigada pela visita. Eu fico muito feliz em saber que você veio de tão longe. Eu quero que você leve um beijo para o

Ceccantini. Ele tem sido uma ponta de lança abrindo caminhos para mim lá em São Paulo. Eu sei que ele é um estimulador da leitura dos meus textos e eu gostaria muito de um dia me encontrar com ele, porque a gente só se conhece por correspondência. Quero que você saiba, Ceccantini, que mesmo fora da sala de aula, eu tenho trabalhado muito, eu acho que isso para mim é mais que uma tarefa, é uma missão. Eu sou uma contadora de histórias. Eu quero contar histórias de brasileiros para brasileiros. Meu compromisso é só esse. E vamos ver se a vida me dá oportunidade, tempo e saúde para produzir mais desse jeito que você conhece.

J: Se Deus quiser. Muito obrigada pela entrevista e por me receber com tanto carinho em sua casa.

M: Muito obrigada por todo apoio!

ANEXO 4

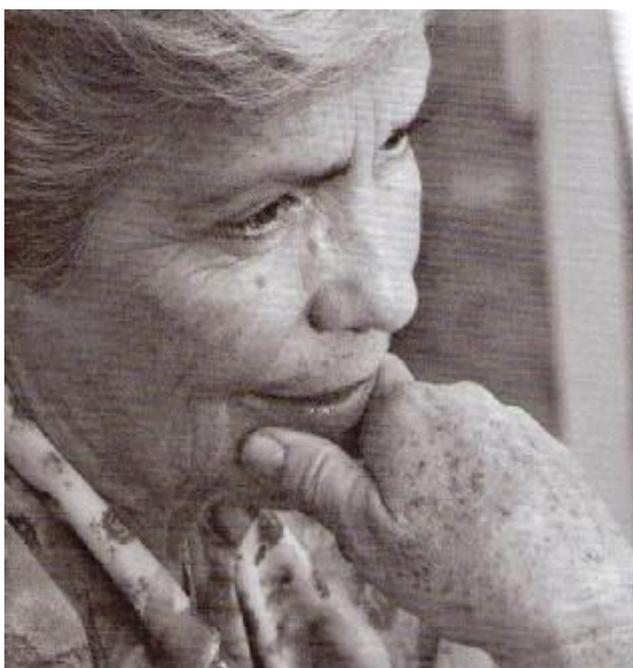
ANEXO 4

Entrevista



Martha Pannunzio

Martha Pannunzio, mairara de Oberlândia, é uma mulher aguerrida e de firmes convicções. Sua biografia traz a marca da iniciativa, da determinação e da perseverança. Militante política, assim como seu pai e seus irmãos, Martha sofreu as agruras da ditadura militar e o preconceito derivado de todo o obscurantismo daquele triste período da história brasileira. Mas deu a volta por cima, eleita que foi como vereadora em sua cidade. Hontou seu mandato, promovendo lutas e obtendo importantes conquistas em projetos de nítida relevância para os mais pobres. Professora, daquelas que fazem da profissão uma missão efetivamente transformadora, até hoje organiza palestras para alunos da rede de ensino em sua fazenda. Escritora premiada, dedica-se à literatura infantil com a mesma paixão que imprregna em tudo o que faz.



REVISTA – *Onde você nasceu?*

MARTHA – Em Uberlândia. Mas de 1950 a 1956 minha família morou em Goiânia, meu pai tinha uma fazenda lá. Goiânia, para mim, era uma cidade estranha, não havia nenhum tio, nenhum primo. Eu saí de um quarteirão de família e cheguei a uma cidade, tive a noção do que é uma capital: era uma efervescência política. Eram recentes as mágoas dos Caiados com os Borges, bem incandescentes. Eu era jovem, 12 anos, fiquei até os 17 anos. E, naquele tempo, já tínhamos uma militância política muito forte. Na vida estudantil, na minha casa sempre houve a definição de que seríamos pessoas politizadas, iríamos participar de tudo que fosse possível. Então foi uma sina, já estava traçado para ser assim. Optei pelo magistério, queria ter contato permanente com a juventude. Todos os meus quatro irmãos são homens, são médicos, resolvi ser professora.

REVISTA – *Como foi a sua formação escolar?*

MARTHA – Aos 17 anos iniciei uma faculdade na qual eu podia morar. Precisava residir na universidade, então fui para o Mackenzie, em São Paulo. Fiz Letras Neolatinas no Mackenzie.

O meu diploma é de lá, mas todo o meu aprendizado político e científico adquiri na famosa rua Maria Antônia, em frente à USP. Morei em um internato em que todas as meninas eram alunas da USP. E aí vai junto. Houve um intenso confronto entre o Mackenzie e a USP em 68. Eu já estava fora, mas o prenúncio disso, a preparação disso, me pegou em cheio.

REVISTA – *Já sentia o clima de confronto? Do que se lembra?*

MARTHA – Eu me lembro de tudo. Era um aprendizado de sobrevivência. Eu me lembro do dia em que aprendi que era preciso sempre carregar um quilo de bolinha de gude, para espalhar na rua quando a cavalaria chegasse. Você joga as bolinhas e aí os cavalos escorregam. Eu dizia: “Mas que bobagem, que dia eu vou precisar disso?”. Em todo esse clima de preparação da resistência, convivi com os quadros que hoje são de políticos atuantes, da Politécnica ou da São Francisco. Participávamos dos pequenos comitês de discussão, um bando de gente sonhadora. Pensávamos assim: “Como vamos construir o país, quando ele chegar às nossas mãos?”. E já havíamos decidido que seria uma república socialista, olha só...!

REVISTA – *Sua família a apoiou nesses momentos de efervescência política?*

MARTHA – A minha avó chorou muito na plataforma do trem, quando passei no vestibular e vim para São Paulo. Chorava e dizia: “Mas você não fez nem um pano de prato ainda, nem um biquinho de crochê, não vai arranjar marido, minha filha! Porque mulher que estuda demais é ruim!”! Eu me lembro dela ali,

inconsolável. E eu falei: “Não, vó, eu não vou pra guerra não, uai. Eu vou estudar, eu quero”. Da minha família, fui a primeira a sair. Todas estavam destinadas a um casamento com um primo, ou com um rapaz da cidade, aquela coisa bem de um Brasil que já ficou para trás. E as coisas acontecem, porque um dia nos casamos também, começamos uma família. Casei-me em 1962. Em 1964 já era professora em Uberlândia e vivi toda a insegurança: quando o Jânio renunciou percebemos que estava muito perto de um transtorno muito grave. A posse do Jango foi tumultuadíssima. E quando o Jango assumiu, tínhamos a clareza de entender que não seria um governo fácil. Aí surgiu o Francisco Julião. O meu pai era comunista e simpatizante da reforma agrária, louco para que a reforma agrária acontecesse porque ele próprio era proprietário de terras em Goiás, e fez a reforma agrária dele mesmo. Ele entregou as terras para o governo do Jango. Francisco Julião fez uma campanha enorme pelo Brasil, dizendo: “Quem tem terra, e não usa, e não quer, não vai trabalhar a terra, entrega para o governo”. Foi uma transação correta. Eu dei a minha terra porque quis. Não houve invasão, nada dessa desordem que está hoje. Não era nada disso que pretendíamos. Era entregar a terra para quem quer a terra, mas por meio do governo, uma ocupação pacífica.

REVISTA – *O seu pai teve contato com o líder camponês Francisco Julião?*

MARTHA – Sim, ele andou pelo Brasil inteiro. Ele foi à nossa cidade também, armamos um palanque importantíssimo, para que ele explicasse o que era reforma agrária, e que não era nenhum bicho de sete cabeças. Mas o interior

é muito conservador. O interior tinha pavor daquelas idéias, mas falávamos abertamente. O meu padrinho de casamento foi o Luiz Carlos Prestes, quando ele voltou do exílio.

REVISTA – *De casamento?! Como?*

MARTHA – Sim, foi. Ele foi ao casamento, eu me casei em São Paulo, a imprensa compareceu maciçamente. Um casamento simples, em casa; mas a imprensa compareceu. Eles me diziam, eu toda vestida de noiva: “Moça, será que você podia chegar para lá um pouquinho, que a gente precisa fotografar o Prestes?”. Ele era a estrela da festa. Naquela época, ele, o Marighella, o Joaquim Câmara, eram as estrelas. Eu era um estorvo ali, atrapalhando a festa! Nesse convívio muito próximo com o comando partidário, foi possível perceber o Partido Comunista fragilizado demais. O Prestes era cauteloso, prudente, esteve muito tempo fora do Brasil, ele consultava o pessoal: “Mas vocês acham que tem prontidão para a luta armada?” Meu pai dizia: “De jeito nenhum”! O pessoal: “Lógico! O campesinato vai descer inteiro, porque o Sul vai conseguir”! Meu pai falava: “Não vai. Nós vamos quebrar a cara, vamos sacrificar esses meninos que estão aí”. Mas ganharam os que defendiam a luta armada. E nós fomos para a luta armada, e foi aquela tragédia horrorosa. Bom, eu tenho quatro irmãos que são médicos: dois foram presos imediatamente, torturados, foi um horror. Meu pai se exilou.

REVISTA – *Como foi sua viagem à Rússia em 1957? Qual a importância dessa viagem?*

MARTHA – Nós ficamos apaixonados pela causa. Eu fui a um festival da juventude. Mas eu vi

nada da Rússia. Eu vi bailes, festas. Além dos russos, vi italianos, sucos e chineses. Fiquei encantada com a rapaziada. Eu tinha 18 anos, imagine se não ficaria entusiasmada com tudo aquilo. Mas nós soubemos, desde cedo, que ia acabar mal essa coisa, e não deu outra. Um dos meus irmãos era cirurgião plástico, e ele operou o Lamarca. Essa intervenção custou muito caro para ele, para todo mundo, porque ficou pesado demais aquilo.

REVISTA – *Fale mais sobre isso. Ele operou o Lamarca?!*

MARTHA – Sim, pois o Lamarca precisava de uma cirurgia plástica para um disfarce. Os companheiros decidiram. Ele já estava vivendo um cerco perigoso. E aí, era tarefa de partido, meu irmão fez a cirurgia. Mas tudo se descobre, não é? E o preço que se pagou por isso foi muito alto. Meus irmãos foram presos e meu pai foi exilado, logo após o golpe de 64. O gado nosso foi solto pela estrada e a casa da fazenda foi incendiada. No interior houve muita perseguição. Todas as desavenças entre vizinhos vieram à tona. O 4º Exército armou um processo inquisitório contra minha família. A gente não teve direito à defesa. Eu fugi, não fiquei. Eu tinha filhos pequenos e estava grávida.

REVISTA – *Como essa perseguição política refletiu-se em sua vida profissional?*

MARTHA – Eu me lembro que no meu processo - anos depois o Exército me entregou tudo - uma coisa que pesou foi a minha conduta em sala de aula. Segundo constava, era uma conduta “nociva, perniciososa, perigosa, inconveniente para a família mineira”. E sobretudo porque eu

adotava livros para crianças que eram formadores de um “caráter inconveniente”. Por exemplo, eu tinha adotado A Reforma da Natureza, do Monteiro Lobato. O Monteiro Lobato não servia! E imagine, eu não estava satisfeita nem com a natureza! Até com a natureza eu queria mexer! Eram denúncias tão cretinas quando são analisadas hoje... Passei anos fora da sala de aula. Assinei um documento enorme, que me foi levado na fazenda, em dez vias, que dizia assim: “Eu, Marta e tal, professora formada etc, declaro que, por minha livre e espontânea vontade, não exercerei mais o magistério na rede pública ou particular, nem em meu domicílio, por um prazo mínimo de dez anos, sujeito à benevolência do governo federal”. Eu disse: “Eu não vou assinar isso!” Responderam: “Ou assina ou vai conosco”. “Vou para onde?!”. “Não interessa”. Quem me levou esse documento foi o pessoal da delegacia de polícia. Eu insisti: “Eu não posso assinar isso, como eu vou assinar? Eu me formei professora porque eu quero ser professora. Vocês acham que vão durar dez anos no poder? Não vão!”. Em represália atearam fogo na sede da minha fazenda. Aí eu fugi. Meu diploma foi queimado na diretoria do colégio onde eu lecionava. E levou anos para o Brasil sair disso. Não foi fácil não. São profundas as seqüelas que tudo isso deixou.

REVISTA – *Em que momento você começou a produzir, a se preocupar com o trabalho em educação, de formação de crianças?*

MARTHA – Eu procurei me habilitar em Letras porque queria ser professora. Sempre quis ser uma pessoa que tivesse contato com a juventude. Isso era muito claro. Eu queria lidar com o público permanentemente, ser uma educadora.

E, quatro anos depois de todo esse transtorno, voltei para a sala de aula, porque Brasília não tinha registrado o cancelamento do meu diploma. Não houve unanimidade no golpe militar, não houve. Havia a consciência da população brasileira que resistia, ou silenciosamente ou com um pouco mais de coragem. Houve um espanto, uma não aceitação do golpe. Então, quando retornei à sala de aula foi ótimo. Sempre fui uma professora muito enérgica, muito estudiosa, muito pontual, muito próxima, disponível para o aluno: nosso relacionamento foi muito bom!

REVISTA – *Qual a idade dos alunos? Qual a faixa etária?*

MARTHA – Ensino médio e fundamental. Eu gosto de trabalhar com meninos de 14 a 16 anos, adolescentes. Porque ao adolescente se propõe, ele aceita ou não, mas se doa inteiro à nova causa. Sempre gostei porque eles eram meus companheiros na sala de aula e fora da sala de aula. Fui uma professora que fazia plantão de domingo, realizava tarefas: “Vamos ver, visitar, vamos construir, entrevistar, fotografar, documentar, conhecer as pessoas”. Por isso, daí para ser vereadora foi um salto muito fácil de acontecer. Acho que estava marcado.

REVISTA – *E a experiência como vereadora? Em 1991, você criou a lei que concede passe gratuito aos idosos?*

MARTHA – Sim, fui ao Rio, que estava se movimentando para isso. Uma celeuma, diziam que, como há muitos idosos, daria prejuízo às empresas de ônibus. Gostei muito daquilo, fui à Câmara Municipal conhecer o vereador que

propunha a gratuidade no transporte, achei uma maravilha. Retornei a Uberlândia e, embora o vereador não tenha autonomia para propor uma lei que dá prejuízo para alguém, consegui grande adesão na Câmara. As empresas de transporte e as concessionárias ficaram muito contrariadas: “A senhora está louca?! Mas o que é isso? Quem vai pagar o preço? Essa velharada vai ficar só na vagabundagem, querendo passear de ônibus!”. Foi difícil, mas conseguimos aprovar a lei. Foi muito bom! E o prefeito disse: “Olha, se for preciso a Prefeitura vai subsidiar esse passe”. No início foi assim, a Prefeitura bancou a diferença. Nossa, me senti muito feliz, disse para mim mesma: “Posso ser derrotada daqui para frente, mas já deixei uma coisa importante”.

REVISTA – *Você participou ativamente de uma lei que deu direito às mulheres de serem submetidas à laqueadura para não terem mais filhos?*

MARTHA – Foi iniciativa de um ginecologista, suplente de vereador, que assumiu o mandato por alguns meses. Ele apresentou à Câmara de Cascavel um projeto de lei que dava direito a toda mulher que tivesse três filhos, e que já tivesse 35 anos de idade, de ter o benefício da laqueadura, sem o consentimento do companheiro. Fui conhecer esse médico, ele falou: “Olha, é uma luta ‘braba’, porque útero de mulher pobre é uma maravilha para gerar pobre para eleger os mesmos sempre. Então, a pobreza é uma indústria boa, que dá lucro. Você dá uma camiseta, um sanduíche, uma mortadela com pão amanhecido, o pessoal fica agradecido, vota. Então, é difícil aprovar esse tipo de benefício para a camada de população carente, mas vamos juntos”. Ele me ajudou

muito. A Universidade Federal de Uberlândia também me ajudou, porque vivia atendendo a meninas que faziam aborto, chegavam morrendo. Levei três anos para conseguir aprovar a lei em Uberlândia. Diziam: “Ah, mas você quer passar na frente de Brasília?”. Mas Brasília está demorando demais, falei. Cascavel conseguiu e a cidade aplaudiu. Então, vamos em frente. Todas as Igrejas vieram contra mim: espíritas, evangélicos, católicos. Fui detonada nessa época. Eu estava propondo “gandaia”! Queria que o pessoal vivesse só por conta de cama, prazer, erotismo, sexo! Falei: “Não, gostaria muito que mulher pobre também tivesse direito de ser feliz. Só gente rica pode?”. Acho que essa lei contribuiu muito para eu perder a eleição seguinte, porque houve um desgaste muito grande com os religiosos, e eu sou materialista. Bati frontalmente com todas as Igrejas. Eu mesma fiz laqueadura com 27 anos! Cheguei para o meu médico e falei: “Não quero mais filhos, eu já tenho cinco. Eu quero ir para a cama com o meu marido, quero ser feliz, e depois não quero ficar vomitando, não quero engravidar mais. A gente tem direito ao prazer também”. Mas a lei proibia. Só se o companheiro permitisse. Mas o útero está dentro do meu corpo, por que meu companheiro tem direito de dizer ‘sim’ ou ‘não’? Errado! Quanto ao meu futuro político eu pensei: “Bom, Marta, você vai para a ruína, mas a lei vai passar”. Quando perdi a eleição, a minha lei ainda não estava votada. Aí chamei a Câmara, numa conversa calma, disse: “Olha, estou derrotada, não tenho futuro político, não vou ficar dando murro em ponta de lança. Tudo bem, não me deram o voto antes porque teria algum dividendo. Então não deram, não tive, perdi a eleição, vou para casa. Mas vamos deixar a lei, porque no momento que vocês

votarem, o prefeito sancionar, a lei é da cidade, não é minha! É de todos, em benefício de todas as mulheres de condição difícil.” E aí, em um gesto de generosidade, falaram: “Ah, então vamos votar. Ela vai embora mesmo.” E aí foram 21 votos a 0. Cascavel foi a primeira cidade, e Uberlândia a segunda a ter essa lei aprovada. Hoje é lei! E o SUS logo depois assumiu.

REVISTA – *Como surgiu esse talento para escrever para criança?*

MARTHA – Sou contadora de histórias desde pequena. Adoro contar histórias. Como não tinha irmã, contava para as bonecas. Começa contando para a boneca, mas ela é uma interlocutora muito ruim, pois não pergunta nada, não reage, não fala! Então, acho que aí se formou em mim a semente do magistério. Queria ser professora. Cantar para alguém, tocar para alguém, eu tocava acordeon. Hoje nem sei mais, mas naquele tempo ainda sabia. E consegui o reconhecimento familiar. Tinha muito repertório para brincar com as crianças. Acho que isso nasceu comigo. Já nasceu comigo essa coisa de gostar de ouvir, falar, inventar, fabular. E as histórias que eu conto são todas da realidade. E daí, de tanto contar, contar, um dia resolvi escrever o que sabia que tinha acontecido. Os meus seis livros são calcados em fatos que para muita gente passaram despercebidos, mas fui fundo para saber o que era aquilo.

REVISTA – *E como transportou a sua ideologia, as convicções, desejos, fantasias e utopias para as histórias, para as crianças, para o adolescente? Quais valores você procura transmitir nesses escritos?*

MARTHA – O professor é fonte de referência. Eu indico livros que o aluno deverá escolher dentro do que ele gosta mais. Quando seleciono alguns livros, já li uns 30 para tirar aqueles dez. Escolho os mais solenes, mais comprometidos com uma verdade, um movimento, uma intenção, um comportamento social. Essa responsabilidade fica dentro de cada pessoa. O compromisso com a verdade é muito saudável: ele forma gente muito forte, posicionada. E a sala de aula, e esse exercício de leitura... Sou uma leitora permanente, voraz. Leio muito, sou muito crítica com os outros, e mais ainda comigo mesma. Não tenho dúvida em queimar um livro meu se o achar uma bobagem, um diletantismo. A humanidade não tem que perder tempo com bobagem. É melhor ter uma mensagem pequena, mas contundente, consistente, do que ficar inventando moda com bobagem. Tive professores que me estimularam muito. Fui aluna do Bernardo Élis, escritor maravilhoso, no meu curso científico. A gente lá, perdida naquele Goiás, fim de mundo, mas ele dizia: “Escreva uma vez, escreva mais nove vezes. Depois você lê todos os textos e daí escreve a décima primeira vez. É aquela que vai valer”. Mas o que me fez decidir escrever foi quando entendi que sou uma mulher comprometida com o cerrado. O meu habitat natural é o cerrado! Cerrado que ajudo a destruir como agricultora, infelizmente. Mas sou a árvore do cerrado: vem a seca, dou uma entortada, depois vem a primavera e me refaço. Vem o golpe, quase morro, mas depois me recupero. Então o cerrado tem energia e vitalidade muito grandes. Porque o cerrado entra em combustão espontânea. A Mata Atlântica não, porque ela é toda verde. Mas o cerrado, que seca totalmente, quase a metade do ano ele está seco,

entra em combustão espontânea. Ele queima sozinho, mas tem capacidade de regeneração muito rápida. Então, somos produto do meio também. Fico analisando o ipê: perde todas as folhas, não fica nenhuma! E ele busca aquela energia lá do fundo do chão seco, e tinge o mundo com a florada maravilhosa, um amarelo esplendoroso, uma festa! Hoje, a minha cidade me reverencia, mas como uma anciã. Eles falam: “Ah, a dona Marta...”. A cidade tem toda a complacência comigo. Uma cidade minha, eu nasci lá, mas conquistei aquela cidade no dia-a-dia da minha vida.

REVISTA – *Em decorrência do sucesso de seu trabalho e do reconhecimento de seus conterrâneos, sente-se redimida, vamos dizer assim, das injustiças sofridas por toda a perseguição política, principalmente em Uberlândia?*

MARTHA – Não, não vejo assim. Já lavei a minha alma, acho que foi uma luta de Tom e Jerry. Então, a mágoa da prima que denunciou, do vizinho... Tudo passou, tudo é piada, bobagem. Mas fica a certeza de que tudo que queria de mim foi isso mesmo que fiz. Tenho tranquilidade. Houve um certo sacrifício porque os filhos foram sacrificados, a vida estacionou por um tempo. Mas depois prosseguiu. Temos apenas que ter paciência, um exercício de paciência. O que a minha família perdeu no momento recuperou depois. Hoje temos credibilidade. Em uma cidade de direita como a minha, tenho o respeito da comunidade. Eles sabem que nós, os comunistas, não comemos criancinhas. E continuamos, cada um no seu setor: um em seu consultório, eu na sala de aula, cada um fez sua obrigação, o dever de casa, com toda a honestidade.

REVISTA – *Como recebeu a notícia dos prêmios que ganhou? Foram três prêmios literários para o livro “Veludinho”...*

MARTHA – Esses prêmios estão vindo há 30 anos, eles vêm devagarzinho. Com o primeiro me assustei muito, um Prêmio Jabuti! É um prêmio muito importante. A justificativa da comissão julgadora para a premiação para o Veludinho foi essa: pela primeira vez a morte é abordada com toda a naturalidade, e sem a luta do bem e do mal, não tem o castigo eterno, não tem a condenação do grupo, nada. Uma criança assume a responsabilidade pelo que fez, e ela vai prosseguir atirando, não mais naquele alvo, que eram os pardais, os passarinhos, mas em lata de goiabada, e pronto, e a gente vai seguir. E a vida é assim, no aprendizado: dor é muito bom, perda é muito importante, não dá para viver sem perda, mas é preciso que saíamos íntegros. A comissão julgadora viu tanto mérito em “Veludinho” que me surpreendeu. Eu havia escrito sobre um fato que aconteceu na minha casa, era só isso! Mas os críticos, gente de longe, nunca me viram, gente metropolitana, literatos importantes, vida acadêmica, eles viram profundidade no meu trabalho. O livro trata da questão ambiental e nem pensávamos ainda, década de 70, que haveria todo esse risco planetário, extermínio, espécies em extinção, nada disso. E eu nem fui à festa, porque não entendi o telegrama que me chamava para receber um prêmio no Palácio dos Buritis, em Brasília. Alguns meses depois, fui a Brasília, e o Herbert Sales, que era o presidente do Instituto Nacional do Livro, zangou muito comigo: “Mas como?! A gente fez uma festa, comprei até flores para pôr na mesa, a senhora não veio?” Falei: “Olha, não acreditei naquilo, não acreditei mesmo”.

REVISTA – *Depois da experiência como vereadora, a militância continuou?*

MARTHA – Saí derrotada no segundo mandato, e continuei trabalhando como professora. Algum tempo depois, o pessoal da Delegacia de Ensino me chamou e disse: “Dona Marta, a senhora se esqueceu de se aposentar, porque faz 31 anos e 11 meses que a senhora dá aula.” Eu disse: “Não acredito! Trinta e um anos! Não vi passar esse tempo! Como pôde acontecer isso?” E me disseram: “Pois é, e têm outros para virem para o seu lugar, tem uma fila de espera, o pessoal jovem que está chegando.” Eu não podia ficar mesmo. Então, em 1991 meu marido faleceu, resolvi morar na fazenda. Tinha muita dívida para pagar. Eu estava completamente fragilizada pela viuvez, pela confusão. E pela aposentadoria, que me abalou muito. Eu me senti péssima ao saber que o sistema não precisava mais de mim.

REVISTA – *Duas perdas: o marido e a aposentadoria?*

MARTHA – Na verdade, três grandes perdas. Percebi que voltava para uma casa cheia de quarto, cheia de camas, mas sem filhos. Os cinco filhos tinham saído para a faculdade. Cinco filhos e a casa vazia. E me perguntei: “E agora?!”. Foi péssimo! E aí o Banco do Brasil mandou dizer que o leilão dos meus bens seria no mês seguinte, eram muitas as dívidas rurais. Fiquei louca! Fui para a fazenda. Rapidamente me mudei para a fazenda para ver o que era possível fazer. Só um filho, que mora a 30 quilômetros, trabalha na fazenda. Decidimos não perder a terra. Continuo lá, há 16 anos. Olha, estava inspirada quando

tomei a decisão, que preocupou a família toda, porque moro em um lugar violento, sou muito assaltada, não tenho segurança nenhuma, há uma estrada de terra para se chegar até lá. Eu sofri assaltos sucessivos: 13! E com gente encapuzada, assalto à mão armada. Mas nem chamo mais a polícia, porque não adianta fazer um B.O., dois B.O., dez, não adianta, a polícia não vai atrás de nada. E ainda fui para a televisão dar entrevista, acabo chorando as coisas. Mas não tenho medo nenhum. Moro só com os funcionários da fazenda.

REVISTA – *Na fazenda há encontros literários?*

MARTHA – A cidade vai à minha fazenda. Recebo alunos que vão conhecer meus livros. É muito bom, porque durante a semana inteira há escolas chegando. O meu limite é de 90 meninos de cada vez, às vezes passa um pouquinho, o equivalente a três salas de aula. A primeira atividade é a literatura, porque tenho ansiedade ao pensar que a leitura está perdendo espaço para a internet. O menino não lê, não quer ler, tem preguiça de ler. Aí, então, se ele ler, tem um presente: vai passear um dia na fazenda. Eles inicialmente acham: “Estamos matando aula, que bom! Hoje a gente vai passear na fazenda”. E ele vai para lá, um encontro de leitura e de literatura. Nós lemos juntos, escrevemos juntos. A escola leva o lanche. Nós discutimos literatura, eles encenam algum trecho de algum trabalho meu. E querem me abraçar e perguntam: “Mas a senhora não é morta mesmo?! Todo escritor é morto!”. Eles falam, é tão bonitinho, eu digo: “Sou morta não”. Daí fazemos uma trilha pelo cerrado. Tenho tudo o que preciso: casca de árvore, grossa, rasgada, machucada; casa

de abelha, flores com espinho, frutas. Digo: “Gente, o cerrado é isso. A gente vai dar um passeinho, e vamos fazer um minuto de silêncio lá no meio do mato, para vocês sentirem, respirarem”. Eles ficam maravilhados, coletam pedras. Aí falo dos dinossauros. Em Peirópolis, onde há fósseis, é perto de mim, a 100 quilômetros. Eles gostam de dinossauro. Digo: “Os dinossauros que morreram lá passeavam por aqui, neste chão”. Eles ficam surpresos. E sou boa para contar histórias.

REVISTA – *Você conta as histórias dos seus livros?*

MARTHA – Eu vou contando a história e digo: “E depois, o que aconteceu?”. Eles falam rapidinho, rapidinho, todo mundo conta o que houve. Uma interação muito boa. E eles lêem para mim. Quando eles lêem mal, eu falo: “Não, eu não escrevi assim não!”. Porque escrevo enquanto vejo um teatro acontecendo. Se eu pintasse colocaria vermelho, mais cor-de-rosa, mais branquinho. Eu invento, não é? Mas com as palavras não! Tenho somente 26 letras para fazer uma palavra, que não quer dizer nada! Preciso formar um conjunto de palavras para ter um sentido! E tenho dez símbolos para me ajudar: ponto final, reticências, dois pontos, travessão, pingüinho, interrogação etc. Há uma religião de respiração, o budismo. Se não respirar estou morta, não é? Então digo às crianças: “Vamos ler juntos, respirando, prestem atenção: a gente é fotógrafo. Vamos ver quantas fotos é possível fazer com o que eu digo: ‘O menino viu o passarinho. Armou a espingarda, fez pontaria e atirou. Os passarinhos levantaram vôo, mas um caiu.’ Quantas fotos um fotógrafo vai bater aí, para contar

esse fato com fotografia? O menino viu o passarinho, armou... Então, para eu escrever essa linha e meia, eu levei 15 minutos imaginando a seqüência do que eu quero escrever, não é?”. Eu faço esse exercício de leitura com eles, e depois faço um ditado, e eles acertam direitinho. Pergunto a eles: “Como escrevo isso aqui?”. Eles fazem direitinho! É bom demais! Sou uma professora aposentada, uma educadora aposentada, mas não aceito ficar ociosa! E me considero uma pessoa revolucionária, de plantão permanentemente. Ser revolucionário é isso, é você acordar a criança, não é?”

REVISTA – *Muita gente critica as escolas modernas por serem “liberais demais”, deixando para a criança descobrir sozinha. Consideram que a educação implica mesmo uma transmissão: o educador deve ter uma proposta clara e exigir disciplina do aluno. Como se posiciona nessa discussão?*

MARTHA – Olha, primeiramente tenho que agradecer a todos os diretores que conheci e que nunca me atrapalharam. Sempre fui uma professora de redação. Eu acho fundamental a professora de redação ser lúcida, esclarecida, politizada. E, na aula de redação, nunca fiquei na sala de aula, mesmo se chovesse. No dia da minha aula de redação, semanalmente, convidava a turma: “Vamos sair do colégio”. A gente dava uma volta no quarteirão, ia à pracinha: “Vamos ver pessoas, falar com gente é bom, não é? Vamos fazer um exercício de cidadania”. Toda a vida foi assim. Os meus alunos foram sempre muito prontos para redigir, abordar pessoas. E fico muito feliz com o tanto de aluno meu que hoje é jornalista, advogado. Eu tive um tempo de magistério muito feliz e muito fácil, porque

gostava da profissão, demais da conta. E editava um jornal no qual os alunos davam notícias da cidade, do estado, do país, do mundo.

REVISTA – *Você teve problemas disciplinares com os alunos? Hoje os professores se sentem ameaçados pelos alunos, até na sua integridade física.*

MARTHA – Nunca na minha vida! Em 31 anos nunca tive problemas de disciplina. Acho que esses não são professores talhados para o magistério.

REVISTA – *Você acha que o principal problema é a postura do professor?*

MARTHA – Não, não sei. O professor tem que ser competente. Se o aluno percebe que você não domina a matéria, ele toma conta. Mas se domina, se tem prontidão. Ninguém ouve mais o aluno! O professor diz: “Cala a boca, senão te dou um zero! Saia da sala de aula”. No meu caso não. Eu tinha tanta paixão pela minha profissão que o aluno, para mim, era “sua excelência”. Todo aluno meu era senhor e senhora. Falavam assim: “Mas, dona Marta, eu tenho só 14 anos!”. “É, então, tem isso mesmo. E eu sou dona Marta também, eu gosto”. E o aluno quer falar, ele quer falar só naquele minuto. Daqui a dez minutos não quer mais falar. Ele precisa dizer uma coisa. Ele tem que dizer! Quando ele diz, ele se acalma. Se ele não pode falar, fica irritado, chuta o outro. O magistério era atividade aquecida, carinhosa, boa! O aluno sabia que eu entrava feliz na sala de aula, e estava pronta para ele, para aquela sala, aquele encontro. Eu não sinto assim... E 31 anos se passaram, como não vi?! Foi fácil porque foi leve! Nascemos para uma coisa, não é?”

REVISTA – *E como foi o início dessa nova fase de vida, como aposentada?*

MARTHA – Eu me mudei para a fazenda e lá tive uma grande depressão: a viuvez, a execução do Banco do Brasil. Lutei bravamente contra o Banco do Brasil para salvar a minha terra. Os financiamentos que o meu marido deixou eram pesadíssimos. O Banco do Brasil não brinca em serviço. Aconteceu muita coisa, a morte do marido, os filhos crescidos e longe de casa, e eu sabia que eles não voltariam. Cada um foi para uma profissão, se casou, filho não volta para a casa de pai, não volta. E aí, sumiu o meu chão, de uma vez. Tudo de uma vez! Mas é claro que foi uma grande ruína para mim. Eu passei sete anos na fazenda, não ia à cidade, não recebia ninguém. Não queria saber, não tinha entusiasmo. Sete anos são muita coisa para uma pessoa que tinha a minha vitalidade. Mas dei esse tempo também, porque eu não conseguia... Não queria tomar remédio, não queria ficar dependente de psiquiatra, psicólogo, nada disso. Eu disse: “Tenho que sair dessa...”. Isso é um parafuso horrível. E me joguei no trabalho. Trabalho muito, aprendi até a pilotar os tratores da fazenda. Fui à luta, assisti a palestras, fui ver coisa moderna, aprender fazendo. Não sabia nada, junto com o meu filho. Ele trabalha, o cabeça da fazenda, ainda bem que ele está lá. Mas fui aprender, fazer a contabilidade da fazenda, a faxina que precisava, reciclar os funcionários, levá-los para a cidade fazer curso de tratorista, agricultura, pecuária e laticínio! Tinha que tirar mais leite da fazenda para atender à cooperativa de laticínio. Fui me ligar no mundo, pois meu marido cuidava disso tudo. Acabei indo a um psiquiatra: “Se a senhora quer se suicidar, se suicida. Se não quer se suicidar, escreva”. Falei: “Eu não vou escrever,

não gosto mais de escrever. Não sei, não quero”. Disse ele: “Então, para se suicidar, tem que ser um tiro, revólver no céu da boca, senão pode errar o rumo, e vai para o fraldão. Fica pior”. Ele me assustou. E eu disse: “Devolve o meu cheque! O que é isso?!”.
 ...

REVISTA – *Mas ele lhe prestou uma grande ajuda...*

MARTHA – Uma grande ajuda. Mas na hora foi um choque! Paguei tão caro pela consulta para cair na mão de um maluco?! Ele chegou a tirar um revólver da gaveta e rodar o tambor! Mas em seguida me aliviou: “Não se preocupe, esse aqui não faz mal nenhum, é só para fazer efeito”. Hoje acho graça quando me lembro da cena, mas na hora fiquei assombrada com aquilo. Ele falou: “Escreva. A senhora não tem saída: ou escreve, ou escreve, ou escreve”.

REVISTA – *Como foi a história que a inspirou a escrever o livro “Era uma vez um rio”?*

MARTHA – Eu jogo muito veneno na lavoura, porque o Banco do Brasil exige uma planilha que prevê aquelas toneladas de veneno. A praga estraga a lavoura, tem que jogar veneno, senão o banco não me empresta o dinheiro. E daí é assim: jogo veneno e não durmo. Fico com aquele remorso: “Gente, como eu posso?! Defendo este planeta, como posso prejudicá-lo dessa maneira? Como posso me curvar a uma estrutura de Banco do Brasil para fazer uma produção? Para quê? Quero que o mundo exploda”. Mas não, você fez um compromisso, tem que fazer. Aí passei pelo meu riozinho lá, onde um primo morreu afogado, colegas morreram afogados. Um rio caudaloso, perigoso. E, como vereadora,

no último momento do meu mandato, por um problema de tratamento de esgoto, eu precisei descer. Aí, tirei o sapato, arregacei a perna, a barra da calça, e fui atravessar o rio. Meu Deus! Aquele rio que foi tudo de pânico na vida da minha mãe, quando a gente era pequena, eu atravessei para a margem de lá, e não molhei nem o joelho! Disse: “Mas cadê a água desse rio?”. Fiquei horrorizada com aquilo... As pedras aparecendo. Os rios estão morrendo. Decidi que tinha que fazer uma homenagem aos rios. Como? Parar de jogar veneno não posso, o Banco do Brasil exige. O que eu posso fazer? Eu não sei nada de geografia, não sei nada de rio. Mas me dei essa tarefa. Quando me dou uma tarefa, fico doidinha, tenho que cumpri-la. E aí escrevi o livro.

REVISTA – *E como foi a repercussão dessa obra?*

MARTHA – Caiu no agrado dos professores de Geografia, dos congressos de Geografia e da Associação de Geógrafos. Tudo o que um professor PhD de Geografia publica vai para os anais da academia, da universidade, e morre lá, porque só aluno de pós-graduação vai lá pesquisar. A massa não desfruta. Mas um livro literário, que o menino lê por prazer, na escola, acorda essa criança, convoca a criança para uma lealdade, uma atitude.

REVISTA – *E, então, sua filha resolveu montar uma peça de teatro a partir desse livro?*

MARTHA – Sim, a Lavínia me disse: “Mãe, nesse livro que você escreveu eu estou enxergando uma peça de teatro muito boa”. E fizemos um projeto... Aí, hum... Lá vem a Martha comunis-

ta de novo, não é? “Bom”, pensei “tem que ser para a sexta, sétima série, cujos alunos ainda têm calma para assistir a uma peça e gostar. Porque menino de oitava já está na “mão boba”, aproveitando o escurinho, namorando as meninas, os hormônios já entraram em ação... Com meninos mais novos, o professor ainda tem uma certa ascendência. Então, fizemos um projeto muito ambicioso. O pessoal do Ministério da Cultura nos disse: “Mas o que é isso?! Uma cidade do interior... Querem esse mundo de dinheiro para fazer o quê? Cem espetáculos numa cidade de interior? Cem?! Mas como vocês vão levar gente a esse teatro?”. De fato, o projeto era grandioso, R\$ 300 mil, fretamento de 600 ônibus para transportar 35 mil crianças ao teatro. E conseguimos levar a quarta, quinta e sexta séries de estudantes, gente do acampamento dos sem-terra, a cidade inteira, todo mundo. Foi uma avalanche, porque fizemos 100 espetáculos em três meses! Foi uma coisa linda na cidade. A cidade ficou emocionada! Foram 35 mil estudantes sendo deslocados para ir ao teatro! Nenhum acidente aconteceu, não aconteceu nada. Uma movimentação tão grande, o Ministério fez a conta: para cada menino, correspondia um irmão, ou a mãe, um pai, quatro pessoas, foram 120 mil pessoas tomando consciência dessa discussão boa de salvar o rio. Esse projeto recebeu em Brasília uma chancela de “projeto exemplar”, porque foi grandioso! Eu nem sei se em capital alguém faz isso aí. Mas há empresários poderosos em Uberlândia, e eles nos apoiaram. Então, essa energia boa eu tenho, poder de convencimento. Reúno empresários na Fiemg, na Câmara. Vou lá, amolo vereador... E tem essa coisa boa, sou carinhosamente tratada na cidade.

REVISTA – *Seu exemplo de vida é muito eloqüente, mas gostaríamos que nos dissesse como se deve viver na terceira idade. Quais os desafios, as dificuldades? O que é desejável, o que é importante, o que dizer para as novas gerações?*

MARTHA – Olha, primeiramente esse rótulo de terceira idade me agride profundamente. Eu acho péssimo isso aí! Eu não sabia que estava na segunda idade. Você sabe que eu estava na segunda idade? Ninguém nunca me disse isso. Então, de repente cai na terceira idade, assim... Acho o seguinte: por sorte tenho ótima saúde física, que não é comum nas pessoas da minha idade. Daqui a quatro, cinco meses vou completar 70 anos. Quer dizer, já tenho 70 anos, só vou completá-los, não é? Mas não tenho nenhuma das perturbações de saúde que vejo em muitos da minha idade. Sou uma pessoa saudável, dirijo bem, cuido dos meus negócios, participo da imprensa da cidade, sou sempre solicitada para escrever artigo sobre política da cidade, do mundo. E sou intrometida, gosto também de botar minha colher de pau nas coisas. Então, não percebo isso aí. Sou autora da lei que criou o privilégio da fila especial para gestantes e idosos. Eu não me sinto, de maneira nenhuma, precisando desses privilégios, mas acho que é bom garantirmos esses direitos.

REVISTA – *Mas no modo de ver o mundo, perceber as coisas, as pessoas, o que muda com o passar dos anos?*

MARTHA – Nada. Bem, para mim nada. Muita gente precisa que você estimule, a convoque, que lhe dê tarefas para desempenhar. Mas as pessoas se fazem assim. Não posso falar pelos

outros, sou muito lúcida. O mundo me interessa permanentemente, sabe? Eu continuo a mesma pessoa atenta! E me ofereço para tarefas, e acho que todo mundo deveria se oferecer. O que preocupa, lógico, é que a pessoa mais idosa se aposenta, e acho a aposentadoria uma tragédia, porque doenças que estavam talvez ainda, por se manifestar, vêm à tona rapidamente. E o salário da aposentadoria, irrelevante, marginaliza as pessoas. E fica aquele idoso no desamparo, sem um atendimento médico, uma medicação mais sofisticada, e ele vai ficando humilhado, quieto. E aí tudo acontece: alcoolismo, depressão... E as pessoas que já estão livres do compromisso de trabalho têm um potencial criativo muito bom. Se você consegue seduzi-las para uma produção de arte... A arte é muito boa para isso. Você cria um coral e alguém aparece para cantar; uma mostra de pintura e um mundo de gente pinta; lança um livro, muita gente participa do evento. Então, convocar as pessoas maiores, com mais de 50 anos, para virem a um trabalho de produção de arte, acho isso benéfico, respeitoso, é cidadania. E aí, a história de que sou idoso, sou aposentado, isso fica... Porque em casa o neto fala: "Vô, depois a gente conversa, tá? Eu vou ali, agora mesmo eu venho, aí você me conta o caso, tá, vô? Tá, vô?". O neto tem mais o que fazer do que dar atenção para o idoso, para a avó, a tia, seja quem for. E o que o idoso tem para contar também não tem graça nenhuma, porque o processo civilizatório é tão violento que ele precisa muita emoção para entreter o jovem. Então, ele liga a televisão, liga o videogame e se diverte. Então, as histórias que a gente tem para contar, história para boi dormir, meu Deus! O jovem não tem paciência.

REVISTA – *Mas essas histórias todas, a participação tão intensa na vida política da sua cidade, do nosso país, você acha que não são interessantes para os jovens? Eles não se interessariam pelas suas histórias?*

MARTHA – Olhe, pelas minhas eles se interessam, tanto que eles me visitam na fazenda. Pertencço a um instituto, criamos um grupo de produção de arte na cidade, ao qual todos são bem-vindos. Mas a maioria é gente que já se aposentou. No nosso grupo há tarefas demais, e cumprimos todas. Só vejo porta aberta: a imprensa abre porta, a televisão abre debate, o jornal libera as páginas mais importantes para os nossos artigos, para o nosso noticiário. Então, se há um grupo produtivo, existe o retorno da sociedade. Mas quem quer? Eu já vi até gente jovem que ficou velha de repente. Mas o idoso tem que aprender que não é privilégio que dão a ele, para ele ocupar espaço. Ele tem que ocupar esse espaço também. Ele tem que se colocar. Se ele tem verdade para dizer, vai ter espaço. Mas se vier enganando e choramingando, aí acabou, não tem público. Não tem relacionamento familiar que tenha prazer no convívio com gente que se lamenta permanentemente, que chora, que reclama.

REVISTA – *Então, a continuidade da sua vida, da sua história de vida, se dá pela manutenção do compromisso com a verdade?*

MARTHA – Sem dúvida. Não o negócio por nada, mesmo quando isso representa sofrimento: sofrimento financeiro ou outra coisa. Sou uma pessoa assumida, mas nascemos assim. Às vezes, se eu tivesse mentido, teria tido um resultado melhor em algum momento, mas foi

muito bom não mentir. Isso é fundamental, isso dá sentido ao que eu faço. Velho choramingas não tem futuro. Ninguém o quer! Ninguém é obrigado a ouvir lamentação. Então, o velho tem que ser produtivo. Isso que é o melhor de tudo. E aí os jovens se sentem atraídos, porque cria-se um clima de aplauso, de reverência, as pessoas querem estar junto dele. Por exemplo, nós criamos um núcleo de contadores de história na minha cidade, e eu chamei a Nelly Novaes Coelho, uma autoridade na USP. E a Nelly foi minha contemporânea de faculdade. Eu a chamei, e ela premiou o livro “Veludinho”, ela é a prefaciadora de “Era uma vez um rio”, e ela foi a Uberlândia. Então, nós organizamos uma recepção, a Fiemg me deu o coquetel, e disse: “Dona Marta, é um coquetel para quantas pessoas?”. Eu falei: “Ah, umas 50 pessoas. Não, vamos botar para 100”. E alguém disse: “Vamos fazer um coquetel para 150 pessoas?”. Eu falei: “Gente, contador de história... Para 150 pessoas? Em Uberlândia?! Uberlândia tem quatro contadores de história”. Assinaram a lista de presença 312 pessoas. Foi aquele alvoroço! Nós criamos, naquela noite, um núcleo de contadores de histórias, que se multiplicou em contação de história, e hoje a gente conta história em todo lugar! Nós estamos treinando pessoas para contar história. Eles cobram para isso, um cobra R\$ 100, outro cobra R\$ 500. Um deles conta e toca. O outro canta, toca e dança, lá sei eu o que vai acontecer! Uberlândia é uma cidade que tem contadores de história em todos os eventos. Então, vamos contar histórias!

REVISTA – *E que histórias são essas?*

MARTHA – Olha, a gente combina pela clientela que está disponível. O nosso grupo tem dez

peças: tem quem toca flauta doce, outro toca acordeon, violão, e todas as nossas histórias são recheadas de cantos do folclore brasileiro. A gente vai entremeando a história, e vai espichando. Eu conto história do Chapeuzinho Vermelho para um público de mil pessoas do grupo da CTBC, mas é uma história erótica e divertidíssima. Se o público responde, se ri, se gosta, se participa, a gente vai levando a história por aquele caminho, de acordo com a platéia. E é tudo um happening muito bom, no fim vamos para um canto onde dá para dançar, o pessoal gosta. Contamos história no hospital do câncer. Às vezes a gente erra. Eu já fui contar história em véspera do Dia das Mães para mães de presidiários. Aí o delegado não permitiu que a gente contasse para os presos. Era um convite para os presidiários e as mães lá estariam. Mas ia ter uma grade, gente algemada, não sei como seria, era tudo tão confuso, não tínhamos proximidade com os presos. A família estaria conosco fora, e eles lá. Achei aquilo horrível, não sei contar história para gente que está encarcerada. No fim, eles levaram as famílias para a Câmara Municipal e a gente foi contar. Eu fui contar a história. Uma das histórias que eu tinha definido era O Patinho Feio, eu adoro aquela história. Mas ficou tão triste naquele momento, sabe? O patinho foi embora, e ninguém queria, rejeitaram. As mães começaram a chorar, perdi a ponta da meada. Que erro que a gente fez, não é? Se elas esperassem até o fim, o patinho ia ficar bonito. Ia voltar, ia ser o rei da lagoa, mas foi difícil chegar ao fim dessa história, porque cada uma foi incorporando para si: “O patinho

feio é o meu filho, que está preso, o meu marido, que está lá, é o meu pai...”. Caiu o clima. Todos erramos. Mas geralmente conto a história do meu jeito, estabonada como eu sou: “Vamos contar história de quê?”. “Conta do lobo mau?”. “Quem quer ser o lobo?” Dez lobos de uma vez. Tudo bem! Haja árvore para esconder lobo! “Vamos embora, na minha fazenda tem muito espaço”. “Quem quer ser Chapeuzinho?” Todo mundo quer. “Quem quer ser a bruxa?”. Todo mundo quer. “E quem quer ser a fada?”. Pouca gente, ninguém quer ser a fada. O mal tem uma força tão grande, a meninada gosta de fazer o papel daquele ali.

REVISTA – *Em Uberlândia há um grupo de teatro da terceira idade muito ativo, não?*

MARTHA – Tem sim, o SESC de Uberlândia mantém um grupo de teatro da “melhor idade”, como alguns chamam. Muito bom, muito interessante, trabalha muito, pesquisa o teatro brasileiro. O trabalho que fazem é maravilhoso. Mas numa cidade desse tamanho, tudo que se faz é pouco. Precisava muito mais. Nós estamos a 500 quilômetros do centro econômico e cultural mais próximo, então temos que ser auto-suficientes, fazer com que as coisas aconteçam lá.

REVISTA – *Agradecemos a sua disponibilidade e a sua atenção. O SESC está à sua disposição.*

MARTHA – Agradeço ao SESC pela abertura. Muito obrigada.

ANEXO 5

Anexo 5:**A) Correspondências com a escritora Martha Azevedo Pannunzio****1º Contato:** Telefonema para a escritora passando e-mail.

Resposta:

FW: p.soniamarta-ilhasolteira

Terça-feira, 10 de Julho de 2007 1:27

From: "Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>

To: soniamartat@yahoo.com.br

Subject: p.soniamarta-ilhasolteira

Date: Tue, 10 Jul 2007 04:26:11 +0000

Sonia Marta, boa noite!

Se este e-mail chegar, que bom, começamos aqui um bom entendimento. Vou tentar soniamartad@yahoo.com.br

Retornarei de viagem dia 13/julho.

Meus tel.: (34) 3234-4279 9119-6698

Quanta honra para mim, que alguém escolha meus livros. Terei muito prazer em atendê-la. Nos falamos depois.

Att., Martha

2º contato:

Terça-feira, 17 de Julho de 2007 23:41

De: Sonia Marta Dantas dos Santos <soniamartad@yahoo.com.br>

Assunto: Re: contato

Para: "Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>

Data: Terça-feira, 17 de Julho de 2007, 23:41

Olá, Martha!

Você não imagina o quanto fiquei surpresa com o seu e-mail e feliz ao mesmo tempo. Não sei se você recebeu meu outro e-mail, eu penso que não. Sou professora da rede pública de Língua Portuguesa há 20 anos. Sempre tive paixão por Literatura. Este ano, resolvi ingressar no mestrado, na UFMS (Campus de Três Lagoas). Conversando com meu

orientador prof. José Batista de Sales, resolvemos que iríamos trabalhar a leitura de suas obras, incluindo recepção, crítica e interpretação da obra "Era uma vez um rio" (belíssima, por sinal).

Já li quase todas os seus livros, inclusive vou apresentar um seminário agora em Agosto em Três Lagoas do seu outro livro : Os três capetinhas". e por aí vai.

Bem, para terminar, gostaria de saber de você da possibilidade de uma entrevista, se você tem algum material que possa acrescentar ou me auxiliar em minhas pesquisas e análises, ou até mesmo sugestão, fotos etc. (porque não?). Seria uma honra pra mim!

Desde já, agradeço.

Aguardo ansiosa por uma resposta sua.

Abraços!

Sonia Marta

3º Contato:

Sun, 4 Feb 2008 23:03:01 -0300

From: soniamartad@yahoo.com.br

Subject: contato

To: marthapannunzio@hotmail.com

Olá, Martha! Como vai? Espero que esteja bem.

Eu sou a Sonia Marta da cidade de Ilha Solteira- SP. Havia entrado em contato com você ano passado, porém você estava viajando.

Estou fazendo mestrado na federal de Três Lagoas - MS e minha pesquisa é sobre você e sua obra *Era uma vez um rio*. Por isso, gostaria muito de poder me comunicar com você, se não se importar. Se concordar, gostaria de saber se tem conhecimento de outros estudos sobre suas obras, ou críticas etc. e me indicasse as fontes de tudo que foi escrito sobre você ou sobre suas obras. E, por último, quero lhe propor uma entrevista via internet ou pessoalmente, quem sabe...

Por favor, não deixe de retornar. É muito importante para mim.

Desde já agradeço.

E aguardo resposta.

ABRAÇOS.

Sonia Marta.

Resposta:

Terça-feira, 5 de Fevereiro de 2008 8:58

De: Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com>
Assunto: RE: contato
Para: "Sonia Marta Dantas dos Santos"
<soniamartad@yahoo.com.br>, jack_unesp@hotmail.com,
"Jane" <jane-fatima@uniminas.br>, ceccantini@uol.com.br
Data: Terça-feira, 5 de Fevereiro de 2008, 8:58

Oi, Sônia Marta, bom dia!

Tenho exatos 70 anos, completados ontem, dia 4 de fevereiro. Nasci em Uberlândia, MG.
Pais - Afrânio Francisco Azevedo e Joaninha de Freitas Azevedo.
Nasci gêmea de Mário Augusto, médico, falecido há dois anos. Tenho três irmãos médicos.
Viúva de José Gilberto Pannunzio, falecido em 1991.
Meus filhos: Fábio, (46 anos) repórter político da TV BAND.
Adriana - (45) socióloga, consultora de projetos incentivados.
Pedro Paulo - (44) zootecnista e advogado.
Eduardo - (44) agricultor, professor de geografia
Lavínia - (41) atriz.
Netos - 13.
Profissão - professora de francês, literatura infantil, redação e contadora de histórias. Vereadora em Uberlândia (1986-1992).
Agnóstica e socialista.
Moro na fazenda Água Limpa, a 30 km. de Uberlândia. Sou produtora rural moderna, irrigante. Eduardo, meu filho, toma conta de tudo, ele é um craque.

Há seis anos desenvolvo o Programa CERRADO & LETRAS na minha fazenda, que é um encontro leitor-autor para estímulo à leitura e visita ao cerrado. A maior ênfase é para o ensino fundamental. Os alunos lêem algum dos meus 6 livros e vão me conhecer. Sempre em caravanas de 90/100 alunos. A dinâmica é: discutir o livro lido, ler junto, escrever a respeito, e fazer uma pequena trilha pelo cerrado para conhecer o desenvolvimento sustentável numa propriedade de 1.000 hectares. Como a estrada é de terra e perigosa em alguns trechos, este encontro só é possível entre março e novembro.

Com o apoio da Lei ROUANET e através do IAT (Instituto de Artes, Cultura e Ciências do Triângulo) temos conseguido captar recursos substanciais e realizar um grande projeto de artes cênicas a partir da dramatização de dois livros meus:
ERA UMA VEZ UM RIO, em 2005, que levou ao teatro 1.700 professores e 53.000 estudantes de ensino fundamental
VELUDINHO, em 2007, 1.100 professores e 21.000 estudantes.
Meu patrocinador master é o Grupo MARTINS e a cidade inteira me ajuda a executar o trabalho, orgulho de Uberlândia.

Já captamos mais R\$75.000,00 para realizar este ano a 2ª Etapa de Veludinho, para 8.000 estudantes que no ano passado cursaram a 3ª série fundamental e ficaram fora do projeto.

Tantos assaltos na minha fazenda, com destruição da minha biblioteca e roubo de computadores, deixaram minhas coisas bagunçadas. Os professores JANE e CECCANTINI, cujos e-mails estão no cabeçalho desta carta, podem lhe informar a respeito de alunos deles que se ocuparam de mim e dos meus livros, como você está fazendo agora. Uma destas pessoas é Jack, Jaqueline, que me visitou em 2006. Comunique-se com ela.

Mande endereço e telefone. Vou lhe enviar algum material.
Vamos nos falando. Obrigada pela escolha.
Grande abraço, Martha

4º Contato:

Sábado, 22 de Março de 2008 1:22

De:

"Sônia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

[Exibir informações de contato](#)

Para:

"Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Prezada, Martha!

Como tem passado?

Martha, da última vez que nos comunicamos, você pediu que eu te enviasse meu endereço e telefone porque talvez você me enviaria algum material e eu mandei. Será que não chegou?

Martha mandei e-mail para Jane e para Jack e até agora não obtive resposta.

Também já enviei e-mail para a editora José Olympio e até agora nada.

Estive pensando. Será que enquanto eu aguardo resposta e continuo as buscas pela internet, você não poderia me adiantar algumas informações?

Se não for incômodo para você, gostaria que me respondesse as seguintes perguntas:

1) Além de *Os três Capetinhas*, *Veludinho*, *Bruxa de Pano*, *Era uma vez um rio*, *Bicho do Mato* quais outros títulos foram publicados pela José Olympio? O que mais você publicou, além de Você já viu gata parir?

2) Quantas edições tiveram cada um e qual a tiragem de cada edição ?

3) Algumas dessas obras foram vendidas para governos estaduais ou federal ? Qual (is)?

4) Algumas dessas obras foram premiadas no Brasil?

5) Você poderia me informar o que exatamente Ceccantini, Jane e Jack escreveram sobre você ou sua obra? Se for dissertação, tese, artigo e como posso adquirir esse material?

Obs.: Qualquer outra informação será bem-vinda.

Martha, espero que eu não esteja a aborrecendo com minha insistência. É que preciso fazer um rastreamento de tudo que escreveram sobre você. Esse material será o suporte da primeira parte da minha dissertação e tenho que cumprir prazo, por isso estou um pouco ansiosa, porque estou encontrando dificuldade pela internet.

Agora, se você tiver algum material e está encontrando dificuldade em me enviar, pode me dizer que dou um jeito e peço para pessoas amigas minhas que moram em Uberlândia pegarem aí em sua fazenda ou então eu vou pessoalmente aí. Esse não será o problema.

E o que você puder adiantar por e-mail, eu estarei aguardando.

Abraços e meus melhores agradecimentos.

Sonia Marta.

Resposta:
p.soniamarta-informações
deMarthapanunzio

Terça-feira, 22 de Abril de 2008 18:46

De: "Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>

Para: soniamartad@yahoo.com.br

A mensagem contém anexos

[curriculum MARTHA.doc \(91 KB\)](#), [QUEM CONTA.jpg \(51 KB\)](#)

 Sônia Marta, depois, com mais tempo, me explico e peço desculpas. Por ora lhe envio em anexo um currículo chatérrimo e um convite inútil para depois de amanhã. São 18h31. Ainda hoje volto a sua presença.

Grande abraço, Martha



[QUEM CONTA.jpg](#)

5º Contato:

Quinta-feira, 24 de Abril de 2008 9:56

De:

"Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

[Exibir informações de contato](#)

Para:

"Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Martha,

Foi muito bom receber sua resposta. Peço desculpas pelo incômodo.

Fiquei tentada a comparecer no evento hoje, mas não foi possível, estava muito em cima da hora.

Eu estou já há algum tempo pesquisando sobre sua obras na internet, enviei e-mail para uma porção de pessoas e outros, mas, infelizmente, não tenho tido muita sorte, poucos respondem. Até agora só a editora José Olympio me respondeu me passando as edições de seus livros. Ficou faltando a tiragem. (Eu enviei outro e-mail pedindo esclarecimento sobre diferença entre tiragem e edições).

E agora que reatamos a comunicação, agradeço enormemente sua colaboração.

Por ora é só. Estou no intervalo de aula. Em outro momento retomamos.

Um grande abraço

Sonia Marta

Resposta:

Quinta-feira, 24 de Abril de 2008

--- Em **quinta-feira, 24/4/08**, Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com> escreveu:

De: Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com>

Assunto: p.Sonia-ArtigosdeMartha-2

Para: soniamartad@yahoo.com.br

Data: Quinta-feira, 24 de Abril de 2008, 5:52



Bom dia, Sônia, vamos nos falando. Favor acusar recebimento. Grande abraço, Martha

6º Contato:

Sábado, 26 de Abril de 2008 12:00

De:

"Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

[Exibir informações de contato](#)

Para:

"Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>

Oi, Martha!

Obrigada pelos artigos. É sempre muito bom receber e-mail seu.
Já passei meu endereço para a Sra.Soraya.

Martha, gostaria que você me esclarecesse uma dúvida:

Além da Nely Novaes Coelho, você tem conhecimento de registro de críticas literárias a respeito de você ou de qualquer uma de suas obras em livros etc. Se há, você poderia me passar a fonte.

Por enquanto, é só. Muito obrigada!

Abraços

Sonia Marta

Resposta:

Quinta-Feira, 24 de Abril de 2008

--- Em **qui, 24/4/08, Martha Pannunzio** <marthapannunzio@hotmail.com> escreveu:

De: Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com>

Assunto: ArtigosdeMartha-3

Para: soniamartad@yahoo.com.br, "Celina Dias Azevedo" <celinadias@sescsp.org.br>

Cc: "Maria Amélia Mello - Editorial - ED. J.Olympio" <mmello@record.com.br>, "Soraya Araújo" <saraujo@record.com.br>

Data: Quinta-feira, 24 de Abril de 2008, 18:31

- Sônia, em anexo, alguns artigos meus veiculados na imprensa daqui. Eu estou sempre botando a colher de pau em vários assuntos que (não) me dizem respeito.

A Sra. Celina Dias Azevedo talvez possa lhe enviar um exemplar da revista A TERCEIRA IDADE, Vol. 19 - Nº 41 - Fevereiro 2008, que traz uma entrevista feita comigo, quando estive em Bertiooga com minha peça ERA UMA VEZ UM RIO.

🌸 Oi, Celina, será que você pode atender este pedido meu? Esta professora elegeu meus livros para sua tese de conclusão da faculdade. A revista ajudaria a esclarecer alguns pontos.

🌸 Sônia, quero seu endereço completo para lhe enviar um exemplar de cada um dos meus livros. Vou solicitá-los às minhas Casas editoras, a José Olympio, RJ, e a EDUFU - Edit. da Universidade F. Uberlândia.

🌸 Maria Amélia e Soraya - seria possível atender a universitária mato-grossense, Sônia, que teve o bom gosto e o bom senso de prestigiar meus seis livros na sua tese de conclusão de curso? Um exemplar de cada título. Me dá até vontade de estar lá no dia da defesa.

Vamos ver se este e-mail chega.

Grande abraço da contadora de histórias,

Martha

Um bate-papo assim, redondo, é muito interessante. Gostei.

Por favor, acusem recebimento e encaminhamento dos meus pedidos que eu espero possam ser atendidos.

Resposta:

-- Em **qui, 24/4/08**,

Celina Dias Azevedo <celinadias@sescsp.org.br> escreveu:

De: Celina Dias Azevedo <celinadias@sescsp.org.br>

Assunto: Re: ArtigosdeMartha-3

Para: "Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>, soniamartad@yahoo.com.br

Cc: "Maria Amelia Mello - Editorial - ED. J.Olympio" <mmello@record.com.br>, "Soraya Araújo" <saraujo@record.com.br>

Data: Quinta-feira, 24 de Abril de 2008, 19:09

Claro que sim, será um prazer, me informe, por favor, endereço para que possa enviar um exemplar.

Abraços

7º Contato:

Domingo, 27 de Abril de 2008 15:47

De:

"Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: "Celina Dias Azevedo" <celinadias@sescsp.org.br>

Olá Celina.

Eu sou a Sonia Marta, professora da rede estadual do Estado de São Paulo, e estou matriculada no Programa de pós - graduação em Letras da UFMS- Centro de Três Lagoas. E como você deve estar sabendo, minha pesquisa se volta para a escritora Martha Azevedo Pannunzio. A princípio preciso reunir todas as publicações realizadas por ela e sobre ela. Por isso, entrei em contato com ela e fiquei muito feliz que vou poder contar com sua colaboração também. Estarei aguardando qualquer material por e-mail ou via correio ou (na impossibilidade disso) até mesmo indicações de fontes.

Desde já agradeço.

Um grande abraço.

Sonia Marta.

PS: Meu endereço Sonia Marta Dantas dos Santos
Passeio Cristalina, 206- Zona Norte- Ilha Solteira-SP
CEP: 15.385.000-
e-mail: soniamartad@yahoo.com.br

8º Contato: Re: ArtigosdeMartha-3

Segunda-feira, 28 de Abril de 2008 12:29

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>
Para: "Celina Dias Azevedo" celinadias@sescsp.org.br

Olá Celina.

Agradeço pela revista .

Abraços

Sonia Marta

Resposta::

De: Celina Dias Azevedo <celinadias@sescsp.org.br>
Assunto: Re: ArtigosdeMartha-3

Para: soniamartad@yahoo.com.br

Data: Segunda-feira, 28 de Abril de 2008, 10:44

Olá Sonia,

estamos postando hoje, dia 28 de abril, a revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento, que contém a entrevista com Martha Pannunzio. Sinto não poder ajudá-la não conheço outras publicações que tragam informações sobre ela.

Um forte abraço

9º Contato:

Em segunda-feira, 12/5/08,

Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com> escreveu:

De: Martha Pannunzio <marthapannunzio@hotmail.com>

Assunto: RE: sobre os índios

Para: analuiza_franco@hotmail.com

Cc: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Data: Segunda-feira, 12 de Maio de 2008, 14:07



Bom dia, Ana Luiza,

Você deve estar cursando a 4ª série.

Neste ano nosso 8º Concurso Literário Estudantil vai focalizar questões relacionadas à etnia negra. Faz 120 anos que a Lei Áurea libertou os escravos e isto adiantou o quê? Como estão os negros hoje, depois de tantos anos?

Nós, brancos, fomos justos e respeitosos com eles?

Eles tiveram as mesmas oportunidade que os brancos?

No seu caso, o tema UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA vai contar exatamente uma história vivida de verdade por qualquer família negra que você conheça.

Eles estão por toda parte. Em Uberlândia a metade da população é negra, você sabia disto?

Os estudantes de 4ª série deverão visitar, conhecer, entrevistar, anotar os relatos de alguma família, suas alegrias, tristezas, sucessos, mortes, mudanças, trabalho, festas, recalques (se houver), lembranças antigas, e fazer disto uma redação verdadeira.

Eles estão por toda parte, mais perto de nós do que parece. São uma gente boníssima. Você vai lucrar ao descobrir estes novos amigos, talvez vizinhos.

Esta ano nós não vamos cuidar de índios. Apenas de negros, ou afro-descendentes, como eles gostam de ser chamados agora.

Se você não conseguir, baixe o anexo, imprima-o e para mostrar este e-mail para sua professora, para esclarecer a dúvida.

Desejo que você tenha sucesso no concurso.

Você já foi assistir à peça VELUDINHO?

Parabéns pela iniciativa de falar comigo. Gosto de crianças assim, destemidas. Em que escola você estuda?

Um beijo da Martha

RECADO PARA A Profª SÔNIA MARTA: Favor me enviar urgente seu endereço postal. Preparei um mundo de material para você.

Resposta: sobre os índios

Segunda-feira, 12 de Maio de 2008 15:20

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: "Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Olá Martha!

Já recebi a revista, foi muito bom!
Quanto ao endereço, já havia enviado para você.

De qualquer forma está aqui:

Passeio Cristalina, 206- Zona Norte, Ilha Solteira- SP
CEP: 15.385.000- Sonia Marta Dantas dos Santos.

Martha, muito obrigada mais uma vez e estarei aguardando ansiosa.

Um abraço.
Sonia Marta

PS. Você havia mencionado de me enviar seus livros . Eu só não tenho o último: **Você já viu gata parir?** Agora, se você for enviá-los, eu gostaria de tê-los autografados. Se não der, não tem problema.

10º contato:

Segunda-feira, 2 de Junho de 2008 23:23

De:"Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: "Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Olá Martha!

Como vai? O que aconteceu que você não mais me respondeu? Da última vez você me pediu o endereço para me mandar um montão de material e eu fiquei aguardando.Você nunca mais entrou em contato. Estou aguardando o restante do material conforme me prometeu. OK?

Se o problema for o endereço, vai de novo: Passeio Cristalina, 206- Zona Norte, Ilha Solteira- SP- CEP: 15385000.

Qualquer impedimento, por favor, entre em contato comigo.

Um grande abraço

Sonia Marta

PS. Seus livros já chegaram da editora. Muito obrigada.

11º Contato : RE: Celebração da Primavera-1ªreunião-CONVITE

Terça-feira, 29 de Julho de 2008 9:06

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: "Martha Pannunzio" <marthapannunzio@hotmail.com>

Olá Martha!

Infelizmente ainda não deu para eu ir aí, em nenhum desses eventos que você promoveu ou participou. Tive alguns problemas familiares. Além do mais estou envolvida na escrita da dissertação de mestrado que está com prazo apertado. Mas estou programando uma data para estar com você pessoalmente,

Martha, mas antes disso, preciso muito que você me responda algumas perguntas:

1) As capas de seus livros são as mesmas desde a primeira edição? Se não, diga-me qual mudou, em que edição e se você tem todos os exemplares com você, porque a secretária da editora José Olympio não soube me responder com certeza, disse que você saberia.

2) Você já disse em uma das suas entrevistas que não se importa com a ilustração. Mesmo assim seus três primeiros livros têm algumas. Por que *Era uma vez um rio* e *Bruxa de pano* não têm? Há algum motivo?

3) Por que a data da publicação de *Veludinho* aparece ora em 1978, ora em 1976?

Observei que no seu currículo está 1978, na capa do livro, 1976, e na tabela que a editora me enviou, 1978.

Por favor, me responda breve.

Por enquanto é só. Obrigada.

Um abraço.

Sonia Marta.

RE: desculpas

Quinta-feira, 28 de Maio de 2009 7:08

De: "Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Para: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

A mensagem contém anexos

[CONTAR-CARTAZ-Dioigo.jpg \(873 KB\)](#)

Sonia,

Imaginei que você havia se cansado da escolha de uma escritora roceira, desconectada do mundo. Pegue um ônibus esta noite e passe o dia de amanhã, dia 29/ sexta-feira, em Uberlândia, para me ajudar a realizar um trabalho inusitado: contar histórias no Parque para 10.000 crianças do 4º ano fundamental de todas as escolas. Baixe o arquivo anexo. Já descobrimos 14 contadores de histórias e vamos descobrir mais. Eu faço a consultoria deste evento que vai se tornar um projeto de ação continuada, patrocinado e tudo mais. A peça VELUDINHO já foi vista por 71.000 estudantes de 4º e 5º ano fundamental de Uberlândia, com o apoio da Lei Rouanet, o único caminho para se fazer arte no Brasil. Depois a gente continua o papo. Você já defendeu sua tese?

Grande abraço da Martha.

12º Contato:

Date: Fri, 29 May 2009 14:05:55 -0700

From: soniamartad@yahoo.com.br

Subject: RE: desculpas

To: marthapannunzio@hotmail.com

Martha,

Bom voltar a falar com você!!

Que pena! Não foi possível ir a esse encontro. Lamento muito. Mas um dia eu vou! Agora, estou finalizando a dissertação e preparando a qualificação, então está muito corrido, porque o prazo vence já em agosto. Houve um pouco de atraso devido à dificuldade de conseguir

material e ao fato de alguns textos publicados a teu respeito ainda não estarem disponíveis para análise. E, além disso, o contato com os pesquisadores tem sido muito penoso, o que me ajudou muito foram as entrevistas, inclusive uma delas você me enviou.

Mas ainda há algumas perguntas sem respostas, como por exemplo:

1) A capa de seus livros sempre foi a mesma, desde a publicação?

RESPOSTA - SIM. Não gosto que mexam. Uma delas me desagradou: BICHO DO

MATO, porque o capista, muito importante, RuY de Oliveira, nortista/nordestino, fez diversas capas para uma coletânea de textos infantis entre os quais incluíram o meu, e o desenho dele não tem nada a ver com a xilogravura requintada de Henrique Lemes, meu conterrâneo, que trabalhou o miolo.

2) É possível saber quais foram os livros que concorreram com Veludinho em seu primeiro prêmio?

RESPOSTA - Isto nunca foi divulgado, porém, pela celeuma causada pelo resultado, que deu todos os prêmios para VELUDINHO "porque ele guardava uma enorme distância dos demais concorrentes"... presumo que muita gente ótima deve ter ficado de fora. Não me lembro bem, mas parece que mais de 70 títulos foram inscritos naquele concurso. Talvez Nelly Novaes Coelho, da USP, membro da Comissão Julgadora, pudesse esclerecer. Acho que a Comissão se apaixonou pelo texto, foi isto. Tão seivoso. Tão estuante de vida. Tão bem trabalhado que até parecia verdade. Pergunte à professora Nelly. Ela responde. Apenas não lhe cobre porque isto aconteceu em 1976, há 33 anos.

nellync@terra.com.br

3)Penso que não seja seu caso, mas você acredita que um escritor possa viver só de seu ofício, hoje, no Brasil?

RESPOSTA - Sim, alguns conseguem, com dedicação exclusiva. E produzem tanto, pressionados pelas editoras, pela crítica, pelas universidades onde estão lotados, pressionados pelos editores, reféns da própria vaidade, que chegam a comprometer a qualidade do trabalho. No meu caso isto nunca acontecerá porque eu sou dispersiva, faço um milhão de coisas, administro minha fazenda, resido nela, produzo eventos de estímulo à leitura, concursos literários, projetos teatrais, prefacio livros, executo sozinha o Projeto CERRADO e LETRAS de estímulo à leitura e visita ao cerrado recebendo 100 alunos de cada vez, desde que tenham lido algum dos meus livros. Sou fundadora e consultora do NCH - Núcleo de Contadores de Histórias, proponente e realizador deste projeto CONTAR... CANTAR... BRINCAR... Parei 10 anos para fazer política (seis deles como vereadora). Parei oito anos para lutar contra uma depressão de viuvez, e porque, sendo preguiçosa e perfeccionista, sempre adio o momento de escrever. Também porque choro muito quando escrevo. Como se fosse um processo de auto-flagelação.

Que tenho eu de contar tudo a meu respeito? Não deveria, mas conto. Deixo que a história se desenrole, sem pressa, nos mínimos detalhes. E me descubro, maravilhada pelo exercício de honestidade. Depois é só encontrar a palavra justa, sem rebuscados.

VELUDINHO -Exponho a mãe geniosa, que se recusa a costurar o papo do passarinho... EU.

BICHO DO MATO - Falo de Sinhaninha, oprimida por uma família machista, roceira, destinada a se casar com o filho do vizinho... Todas nós, desde a geração da minha avó.

ERA UMA VEZ UM RIO - O menino Guto, que ama o rio, sou eu, mal resolvida até hoje com a submersão do Canal de São Simão, bem no barranco da minha fazenda goiana.

BRUXA DE PANO - Exponho a menina que queria muito ter uma irmã e vivia pressionada por três irmãos. Talvez por isto ela mijava na cama e era confusa e infeliz. EU.

Depois de publicados, eu sinto um alívio enorme. Uma paz interior.

Por que você não publicou *Você já viu Gata parir?* na editora José Olympio, como os outros livros?

RESPOSTA - Porque a Univ. Fed. de Uberlândia solicitou um original meu, para com ele abrir um catálogo infantil e diversificar o repertório. Mas ela distribui muito mal este livro, apenas em livrarias de outras universidades federais. Coitado, tão fininho, sumido entre os volumes obesos das teses de doutorado! Para adotar este livro, o professor tem que descobrir que ele existe. Já pensou! Meu compromisso com eles é só para a 1ª edição. É lerdeza minha não levá-lo para a JO (que, aliás, também anda muito devagar). Recebo convites de outras editoras, mais competentes, mais marqueteiras, mas sempre deixo para resolver outra hora, e o tempo vai passando.

5) Talvez seja bobagem, ..qual influência esse seu lado esquerdista, socialista tem em sua literatura, tanto quanto ao trato com a linguagem , com o tema, com a criança etc.?

RESPOSTA - Eu não tenho "um lado esquerdista". Eu sou inteiramente de esquerda. Socialista, marxista convicta, materialista evolucionista, darwinista, atualmente identificada com Richard DAWKINS, "Deus um delírio", Companhia das Letras. Você já leu? Um espetáculo! A forma para meus pés! O tom coloquial dos meus textos é intencional. Eu faço questão de ser porta-voz do meu tempo. Rejeito a banalização do vocabulário e sempre procuro encontrar a palavra mais próxima do exato. Detesto floreios. Eu me rotulo de preguiçosa para escrever, porém, quando escrevo, sou incansável na lapidação do texto. É possível extrair beleza até mesmo do singelo e do óbvio. Meu raciocínio é tão claro e minha fala tão comovente, que, sem modéstia, o conceito de oradora que a cidade me atribui é justo. Seis anos como vereadora, atuando numa câmara machista, reacionária e inculta, eu acabei aprendendo a defender meus pontos de vista com serenidade e competência. Uma verdadeira luta pela sobrevivência. "Struggle for life", como disse Charles Darwin Para isto me ajudaram a cultura humanística, o berço politizado e o marido apaixonado, entusiasta. E porque os obstáculos sempre foram muito grandes, mesmo. A longevidade (71 anos completados dia 4 de fevereiro) e a ótima saúde física, me deram condição de provar que eu sou comunista mas não como criancinha. Sou brava, boto minha colher-de-pau em tudo que é da minha conta, não sou bandida nem delinquente, sou do bem. Educadora com 31 anos, 11 meses e 12 dias de magistério na rede estadual. Escrevo histórias verdadeiras, brasileiras, cerradianas, que as crianças do Brasil inteiro amam ler. Estou disponível para a humanidade

em tempo integral, ajudando a descobrir talentos e futuras lideranças políticas que possam conduzir este País e esta gente.

Tenho cinco filhos e 13 netos, esparramados por este Brasil imenso. Eles prefeririam que eu não morasse na fazenda, por todos os perigos, violência etc. Mas eu gosto muito, a vida na fazenda me enche de energia e saúde.

Os filhos são:

Fábio - repórter político da TV BANDEIRANTES.

Adriana - socióloga, consultora de planejamento cultural da SEPlanejamento de SP.

Pedro Paulo - zootecnista e consultor jurídico da UNILEVER e da Souza CRUZ.

Eduardo - geógrafo, agricultor irrigante em Uberlândia.

Lavínia - atriz, diretora, roteirista e dramaturga em SP.

6) Você acha que sua linguagem segue alguma tendência? Qual? Há algum escritor que te influenciou diretamente?

ESPOSTA - Claro! Eu sou produto do meu tempo. Especialmente gosto dos regionalistas. Guimarães passa da conta, com sua ourivesaria regionalista. Amo Suassuna, José Lins do Rego, Bernardo Élis, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Monteiro Lobato, Mário Quintana, Castro Alves, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Cecília Meireles, Walcyr Carrasco e Ricardo Azevedo, Zélia Gatai (mais do que Jorge Amado), e seja quem for que tenha escrito Vila dos Confins e Chapadão do Bugre, atribuídos a Mário Palmério., Zélia Gatai (mais do que Jorge Amado). Da América hispânica eu seleciono Jorge Luís Borges, Pablo Neruda e o insuperável Gabriel Garcia Marques, de CEM ANOS DE SOLIDÃO.

Nossa! Já está parecendo uma entrevista. Agora, se você puder me responder por e-mail, ficaria muito grata. Estarei aguardando.

Um abraço.

Sonia Marta.

Se você me convidar, dependendo dos compromissos, irei assistir sua defesa de tese. Posso? Se isto te constrange e compromete a exposição, não irei. Ficarei daqui torcendo pelo DEZ COM LOUVOR. Depois você me manda uma cópia da tese.

Grande abraço,

Martha Pannunzio

13º contato:

Quinta-feira, 4 de Junho de 2009 0:05

De: "Martha Pannunzio" marthapannunzio@hotmail.com

Para: "Sonia Marta Dantas dos Santos" [<soniamartad@yahoo.com.br>](mailto:soniamartad@yahoo.com.br)

Segue um depoimento espontâneo, meu, a respeito de ERA UMA VEZ UM RIO.

Um abraço, Martha

From: marthapannunzio@hotmail.com

To: augustomartini@gmail.com

Subject: RE: Era uma vez um rio...

Date: Fri, 1 May 2009 21:58:05 +0000



Professor Martini,

como se não bastassem tantas semelhanças, você se chama AUGUSTO?!?!?! Pois então aceite o meu presente: considere que este GUTO é você, e que eu tentei escrever a sua biografia. Assim, sem conhecê-lo, quase em transporte mediúnico. Para seu consolo, talvez. Para amenizar a distância do seu Rio Claro, a saudade da infância...

Incrível esta coisa complexa chamada VIDA. EMOÇÃO. SENSIBILIDADE. SINTONIA. ARTE. Apenas informo que tenho tentado ser materialista e recentemente encontrei em DAWKINS, "Deus um Delírio", a explicação que me faltava para algumas pequeninas/enormes coisas. Informo, também, que, não sei de onde saiu este dom, aprendi com minha avó a benzer mal-olhado com algum sucesso e conto histórias de assombração. Resumindo: sou um ser contraditório.

Augusto, um geógrafo é tudo que me assusta e intimida, quando se trata de ERA UMA VEZ UM RIO. Porque eu não sei geografia. Eu só queria escrever uma história de amor de um menino por um rio. Não tive culpa se o cerrado e o planetinha azul desabaram sobre meu coração, sobre minhas perdas reais, sobre minha depressão. O mais incrível é que nada disto prejudicou a história, ou pelo menos eu acho que não prejudicou., não ficou evidenciado. A história tomou conta de mim, foi isto que aconteceu.

Chorei demais ao escrever este texto. Interrompi várias vezes o trabalho. Eu me sentia tão pequena, tão impotente, tão incapaz de decodificar aquela gigantesca fauna e flora, tão desarmada para entender Augusto e seu rio. Eu ouvia as conversas de ambos, elas estavam dentro dos meus ouvidos, da minha cabeça, na vigília, na insônia, na inapetência, no distanciamento de tudo. Foram meses de mutismo absoluto mas eu não tive força para desistir. Nunca um livro me sugou tanto. Só depois de pronto, de meses guardado na gaveta, eu li aquele manuscrito rabiscado e aceitei que Guto era eu o seu amado rio eram os meus dois amados rios da infância. Não os nomeei porque eles não exigiram isto de mim. Acho que eles queriam ser o rio de qualquer um, conforme atesta a repercussão literária do livro e as centenas de cartas que recebo do Brasil inteiro.

No ano passado o PNBE Programa Nacional de Incentivo às Bibliotecas Escolares (ou coisa que o valha), do ME, do FNDE e da Biblioteca Nacional, incluiu ERA UMA VEZ UM RIO entre os mais importantes do País e fez uma edição de 40.000 exemplares para distribuição gratuita às escolas da rede pública estadual e federal. Por mais que eu insistisse, a Editora não incluiu meu e-mail nos dados biográficos e teve a extrema indelicadeza de me mandar apenas um exemplar para arquivo. São terríveis esses inimigos do Autor!

Transformado em peça teatral em 2005 e com o incentivo da Lei Rouanet, este texto levou 35.000 estudantes de ensino fundamental do teatro, em Uberlândia, numa temporada de 100 sessões. Em São Paulo ele e Lavínia, minha filha atriz/diretora/dramaturga, ganharam quase todos os prêmios APCA e FEMSA em 2006. Este RIO tem dado o que falar, Augusto. Um dia destes ele volta em cartaz em São Paulo, você não pode perder.

Terei prazer em presentear-lo com um exemplar e conhecê-lo pessoalmente. Estarei aí entre 3 e 11 de maio, quem sabe dá certo?

Obrigada pelo carinho da sua mensagem. Por se comprometer com um CIENTE e DE ACORDO.

A gente se vê em São Paulo.

Um abraço carinhoso, cheio de água cristalina.

Martha

Não vou reler nem corrigir. Não tenho tempo agora. Desculpe.

Date: Fri, 24 Apr 2009 14:31:16 -0300

Subject: Era uma vez um rio...

From: augustomartini@gmail.com

To: marthapannunzio@hotmail.com

Prezada Martha,

Meu nome é Augusto Jeronimo Martini, tenho graduação em Geografia pela Unesp de Rio Claro/SP, mestrado em História Social pela USP, onde hoje faço meu doutoramento.

Atualmente trabalho na Escola Fazendária de São Paulo, mesmo lugar onde exerce funções sua filha Adriana. E foi por meio de um livro presenteado por ela para uma amiga de trabalho que tive contato com o sua magnífica obra "Era uma vez um rio". Adorei a leitura e quero parabenizá-la. Me trouxe lembranças da minha infância, vivida no interior de São Paulo (Rio Claro, que fica 178km da capital).

A forma como você (permita-me chamá-la assim) demonstra a paixão pelo rio que guia a vida do Augusto, me fez sentir novamente uma criança. Assim como ele, eu também saí da minha terra natal, mas as lembranças continuam vivas na minha memória.

Conversando com Adriana, soube também que é uma defensora da natureza e do nosso Cerrado, tão magnífico. O meu mestrado buscou o resgate documental de um cientista que no início do século passado foi um dos precursores no reflorestamento - Edmundo Navarro de Andrade. É claro que naquela época ele não estava preocupado somente com o ato de reflorestar, mas sim, de achar uma espécie - nativa ou exótica - para solucionar o problema da falta de madeira para a ferrovia. Depois falamos mais sobre isso.

Eu também sou um saudosista. Quando tenho tempo, escrevo artigos aqui <http://www.canalrioclaro.com.br/colunas?colunista=12>

Em Rio Claro, quando posso, participo das atividades de preservação do Horto Florestal, um dos motes da minha dissertação que acaba de virar livro.

Tenha certeza que vou pedir para todos os meus amigos professores das disciplinas de Geografia, História, Literatura, etc., que recomendem aos alunos a leitura de sua obra.

Parabéns.

Um abraço,

Augusto Jeronimo Martini

B) Correspondências com pesquisadores, bibliotecas e outros:

1º contato: Para Editora José Olympio

Quinta-feira, 3 de Abril de 2008 21:00

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: mmello@record.com.br

Prezados Senhores:

Sou professora de Português da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo e aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas.

Como minha dissertação é sobre a obra de Martha Azevedo Pannunzio, peço a Vossas Senhorias a gentileza de me fornecer algumas informações, que serão de extrema importância para minha pesquisa.

Gostaria de obter os seguintes dados:

- 1) Além de *Os três Capetinhas*, *Veludinho*, *Bicho do mato*, *Bruxa de Pano*, *Era uma vez um rio*, quais outros títulos da autora foram publicados pela José Olympio?
- 2) Quantas edições tiveram cada um e qual a tiragem de cada edição ?
- 3) Algumas dessas obras foram vendidas para governos estaduais ou federal ? Qual (is)?
- 4) Algumas dessas obras foram premiadas no Brasil?

Enfatizo a relevância da contribuição de Vossas Senhorias e antecipo meus melhores agradecimentos.

Cordialmente ,
Sonia Marta Dantas dos Santos

2º contato: Para Jaqueline Magalhães Lopes-Unesp- Assis

Quinta-feira, 3 de Abril de 2008 21:11

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>
Para: jack_unesp@hotmail.com

Olá, Jack!

> Meu nome é Sonia Marta Dantas dos Santos, estou matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas e minha dissertação é sobre a obra Era uma vez um rio, de Martha Azevedo Pannunzio.

A princípio ,pretendo fazer um levantamento bibliográfico de toda a sua produção, seguido de estudo crítico da recepção das obras publicadas, edições, tiragens, assim como artigos, dissertações e teses.

Recentemente, entrei em contato com a escritora e ela me informou que você (juntamente com Jane e Ceccantini) tem realizado trabalhos e pesquisas sobre ela e que teria maiores informações.

Desejaria, portanto, saber se você faria a gentileza de me pôr a par de seu trabalho e posteriormente trocarmos alguns pontos de vista sobre nosso trabalho.

Desde já agradeço e aguardo sua resposta.
Sonia Marta

3º Contato: Para Jane Fátima – UniMinas – MG

Domingo, 16 de Março de 2008 15:58
De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>
Para: jane fatima@uniminas.br

Olá, Jane!

Meu nome é Sonia Marta Dantas dos Santos, estou matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas e minha dissertação é sobre a obra Era uma vez um rio, de Martha Azevedo Pannunzio.

A princípio ,pretendo fazer um levantamento bibliográfico de toda a sua produção, seguido de estudo crítico da recepção das obras publicadas, edições, tiragens, assim como artigos, dissertações e teses.

Recentemente, entrei em contato com a escritora e ela me informou que você (juntamente com Jack e Ceccantini) tem realizado trabalhos e pesquisas sobre ela e que teria maiores informações.

Desejaria, portanto, saber se você faria a gentileza de me pôr a par do seu trabalho e posteriormente trocarmos alguns pontos de vista sobre nosso trabalho.

Desde já agradeço e aguardo sua resposta.

Sonia Marta

4º Contato: Para Livraria UFU

Domingo, 16 de Março de 2008 17:24

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: livraria@ufu.br

Boa tarde!

Meu nome é Sonia Marta Dantas dos Santos, estou matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas e minha dissertação é sobre a obra Era uma vez um rio, de Martha Azevedo Pannunzio.

A princípio, pretendo fazer um levantamento bibliográfico de toda a sua produção, seguido de estudo crítico da recepção das obras publicadas, edições, tiragens, assim como artigos, dissertações e teses.

Desejaria, portanto, saber o que esta editora tem publicado sobre a essa escritora : como livros, artigos, teses , dissertações e outros, enfim, tudo que for publicado sobre ou por ela me interessa.

Se fizer a gentileza de me colocar a par disso, posteriormente , entrarei em contato para adquirir esse material via postal ou mesmo por e-mail.

Desde já agradeço e aguardo retorno breve.

Sonia Marta

5º Contato: Secretaria do GEL

Domingo, 16 de Março de 2008 18:08

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: secretaria@gel.org.br

Boa tarde!

Meu nome é Sonia Marta Dantas dos Santos, estou matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas e minha dissertação é sobre a obra *Era uma vez um rio*, de Martha Azevedo Pannunzio.

A princípio, pretendo fazer um levantamento bibliográfico de toda a sua produção, seguido de estudo crítico da recepção das obras publicadas, edições, tiragens, assim como artigos, dissertações e teses.

Recentemente, pesquisando na internet, descobri que no Gel 2005 foi publicado o texto : **"Era uma vez um rio" de Martha Azevedo Pannunzio: um estudo introdutório- de Jaqueline Magalhães Lopes** em Literatura infanto-juvenil.

Desejaria, portanto, saber o que devo fazer para ter acesso a esse texto ou , até mesmo a qualquer outro material sobre esse livro **Era uma vez um rio** ou sobre a própria autora: **Martha Azevedo Pannunzio**.

Desde já agradeço e aguardo resposta breve.

Sonia Marta

6º contato: Livraria Pró Século – Uberlândia - MG

Segunda-feira, 7 de Abril de 2008 14:06

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: proseculo@proseculo.com.br

Prezados senhores

Sou professora de Português da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo e aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Três Lagoas.

Minha dissertação é sobre a obra de Martha Azevedo Pannunzio.

A princípio, pretendo fazer um levantamento bibliográfico de toda a sua produção, seguido de estudo crítico da recepção das obras publicadas, edições, tiragens, assim como artigos, dissertações e teses. Em seguida farei um estudo analítico de seu livro "Era uma vez um rio".

Sabendo que essa escritora foi professora da UFU, vereadora (1986-1992) em Uberlândia, escritora de diversos livros infanto-juvenis, enfim um orgulho para a cidade, gostaria de saber o que há publicado a seu respeito (tanto como escritora vereadora,

professora, cidadã, ou sobre qualquer de seus livros- não importa a data) e como faço para adquirir esse material.

Essas informações serão de extrema importância para minha pesquisa. Por isso, enfatizo a relevância da contribuição de Vossas Senhorias e antecipo meus melhores agradecimentos.

Cordialmente,
Sonia Marta Dantas dos Santos

7º Contato: Biblioteca da Unesp – Ilha Solteira-SP

Sexta-feira, 18 de Abril de 2008 17:11

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: comut@adm.feis.unesp.br

A mensagem contém anexos

[pesquisa CNPQ 3.doc \(41 KB\)](#)

Olá, Elaine.

Só agora consegui reunir os trabalhos. Fiz a pesquisa no site : lattes.cnpq com o nome “Martha Azevedo Pannunzio” como "Assunto" e apareceram esses 5 pesquisadores que vou te mandar em anexo.

Veja o que você pode conseguir, pois é muito importante para mim.

Desde já agradeço.

Sonia Marta

Resposta da Editora José Olympio

Em qua, 9/4/08

Clarissa Peixoto <clarissa@record.com.br> escreveu:

De: Clarissa Peixoto <clarissa@record.com.br>

Assunto: RES: pesquisa

Para: soniamartad@yahoo.com.br

Data: Quarta-feira, 9 de Abril de 2008, 10:41

Bom dia, cara Sonia,

Que bom saber que a obra de Martha Pannunzio está sendo estudada! Abaixo, repassamos as informações pedidas, e aproveito também para deixar o contato da autora, caso você queira entrar em contato diretamente com ela.

Esperamos ter ajudado... e boa pesquisa!

marthapannunzio@hotmail.com

- 1) Além de *Os três Capetinhas*, *Veludinho*, *Bicho do mato*, *Bruxa de Pano*, *Era uma vez um rio*, quais outros títulos da autora foram publicados pela José Olympio?

R: A José Olympio não publica outros títulos da autora além desses cinco.

- 2) Quantas edições tiveram cada um e qual a tiragem de cada edição ?

R:Segue tabela em anexo

- 3) Algumas dessas obras foram vendidas para governos estaduais ou federal ?
Qual (is)?

R: Segue na tabela em anexo

- 4) Algumas dessas obras foram premiadas no Brasil?

R: **Veludinho** - 1979 - Prêmio da Literatura Infantil, INL

Bicho do mato - 1986 - Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte/APCA

- 5) Há outras publicações sobre a escritora ou qualquer um de seus livros?

R: Não que tenham sido publicadas pela Editora José Olympio.

Clarissa Peixoto

Editora José Olympio

Tel.: (21) 2585-2060 ramal 3

Resposta:

Em sex, 25/4/08,

Jaqueline Magalhães <jack_unesp@yahoo.com.br> escreveu:

De: Jaqueline Magalhães <jack_unesp@yahoo.com.br>
Assunto: Re: pesquisa- Martha Azevedo Pannunzio
Para: soniamartad@yahoo.com.br
Data: Sexta-feira, 25 de Abril de 2008, 10:19

Olá Sonia!
Fico feliz em saber do seu trabalho sobre a Martha!

Era uma vez um rio é mesmo um livro apaixonante!

Infelizmente não há nada que eu possa lhe enviar no momento. uma vez que todos os meus arquivos referentes a faculdade estão na casa dos meus pais em Minas..e deve haver alguma coisa no computador da minha irmã e tb no meu e-mail...o qual eu preciso checar! Me desculpe, .mas eh que eu acabei de chegar dos EUA e ainda estou um tanto perdida com as coisas ligadas a faculdade!

Mas assim que encontrar alguma coisa..principalmente referente a entrevista eu lhe envio!

Boa sorte! e um grande abraço!

P.S. Há alguma data limite? me deixe saber!

8º Contato:CELLIP – Ponta Grossa – PR

Sexta-feira, 20 de Junho de 2008 21:59

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>
Para: oliveira_silvana@hotmail.com

Olá Silvana!

Eu me chamo **Sonia Marta Dantas dos Santos**, faço mestrado na UFMS, Três Lagoas. Minha pesquisa é sobre a escritora Martha Azevedo Pannunzio. Então como combinamos por telefone, vou te passar meu endereço para receber o caderno de resumos do CELLIP.

Desde já agradeço sua gentileza.

Abraços.

Sonia Marta

Endereço:

Rua: Passeio Cristalina , nº 206- Zona Norte

ILha Solteira- SP

CEP: 15.385.000

9º Contato:

Em dom, 29/6/08

daniellesantim@bol.com.br <**daniellesantim@bol.com.br**> escreveu:De: **daniellesantim@bol.com.br** <**daniellesantim@bol.com.br**>

Assunto: Re: pesquisa sobre Martha Pannunzio

Para: **soniamartad@yahoo.com.br**

Data: Domingo, 29 de Junho de 2008, 16:57

Sonia,

Encaminharam seu e-mail alguns dias atrás, mas por estar em época de aplicar prova e corrigi-las, nem abri meu correio eletrônico.

Tenho um artigo publicado no livro *Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem*, organizado por Vânia Maria Lescano Guerra, professora do programa do Mestrado da UFMS, 2005, V.1, P. 94-101. Na biblioteca de Três Lagoas deve ter alguns dos exemplares.

Espero que o texto possa contribuir e trocar informações com o seu estudo!

Danielle.

10º Contato:

Domingo, 29 de Junho de 2008 23:33

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <**soniamartad@yahoo.com.br**>Para: "**daniellesantim@bol.com.br**" <**daniellesantim@bol.com.br**>

Danielle

Obrigada por responder.

Por acaso eu tenho esse livro, mas não sabia desse artigo. Comprei ano passado no Congresso, só que ainda não tive tempo de lê-lo todo. Que bom que você me informou!

Mas e a respeito do outro trabalho cujo título é :> *Entre as margens : construindo uma prática de leitura de Era uma vez um rio*, que você apresentou em Presidente Prudente?

Você deve ter uma cópia em seu micro, não é mesmo? O prof. Sales me disse que talvez eu poderia conseguir uma cópia com você, por isso te procurei.

Bem Danielle, se puder me enviar o resumo ou o trabalho completo seria muito bom. Mas, se não, agradeço de qualquer forma sua dica e atenção. E fico aguardando resposta.

Um abraço

Sonia Marta

11º Contato:

Terça-feira, 29 de Julho de 2008 9:34

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: jack_unesp@yahoo.com.br

Olá Jack!

Lembra de mim? como vai?

Você me enviou outro dia a cópia de uma entrevista que fez com Martha Pannunzio. Ficou de me enviar os demais trabalhos. Gostaria que soubesse que estou aguardando.

Abraços

Sônia Marta

12º Contato:

Sexta-feira, 26 de Dezembro de 2008 23:55

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: oliveira_silvana@hotmail.com

Olá ,Silvana.

Entrei em contato com você no início do ano para obter um texto para minha pesquisa de mestrado na UFMS- campus de três Lagoas. Na ocasião, você me pediu o endereço para me enviar o caderno de resumos do XVIII Seminário do CELLIP-2007.

Eu preciso exatamente do texto: *Um diálogo entre a prosa poética de Martha AZevedo Pannunzio e a narrativa de Ricardo Azevedo de SILVA, V.R.F. - p.412-413.*

Silvana, se você puder me enviar esse texto, seja por correio ou até mesmo por e-mail, eu lhe ficaria muito grata.

Meu endereço é: Sonia Marta Dantas dos Santos

Passeio Cristalina, 206- Zona Norte
Ilha solteira-SP
Cep:15385000

Sem mais

Abraço

Sonia Marta

13º Contato: Biblioteca da UNESP – Assis

Sexta-feira, 27 de Março de 2009 19:09

De: "Sonia Marta Dantas dos Santos" <soniamartad@yahoo.com.br>

Para: dirbib@assis.unesp.br

A mensagem contém anexos

[Pesquisadoras.doc \(37 KB\)](#)

Olá , Ivanilda!

Eu sou a Sonia de Ilha Solteira.

Conforme combinamos por telefone, vou te enviar os dados da publicação que te pedi

São duas pesquisadoras: Vanessa Regina Ferreira da Silva e

Jaqueline Magalhães Lopes

Ivanilda, a minha pesquisa é sobre a escritora Martha Azevedo Pannunzio. O que você encontrar sobre ela, pode me enviar que eu lhe ficarei muito grata.

Qualquer coisa entre em contato comigo, ok

Abraço

Sonia Marta

14º Contato: Lucelena Alevato – UNESP - Assis

Em ter, 31/3/09,

Lucelena Alevato <lucelena@assis.unesp.br> escreveu:

De: Lucelena Alevato <lucelena@assis.unesp.br>

Assunto: Textos

Para: soniamartad@yahoo.com.br

Data: Terça-feira, 31 de Março de 2009, 9:28

Marta, Bom dia!

Conseguimos o Caderno de Resumos do III Colóquio Internacional Centro-Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos..., estaremos enviando o por e-mail. Quanto aos outros textos, sugerimos que entre em contato com as Bibliotecas das outras cidades. Também verificamos em nosso acervo e não consta nenhum trabalho sobre a escritora Martha Azevedo Pannunzio.

atenciosamente,

Lucelena Alevato

Bibliotecária – STRAUD

UNESP/FCL-Assis